

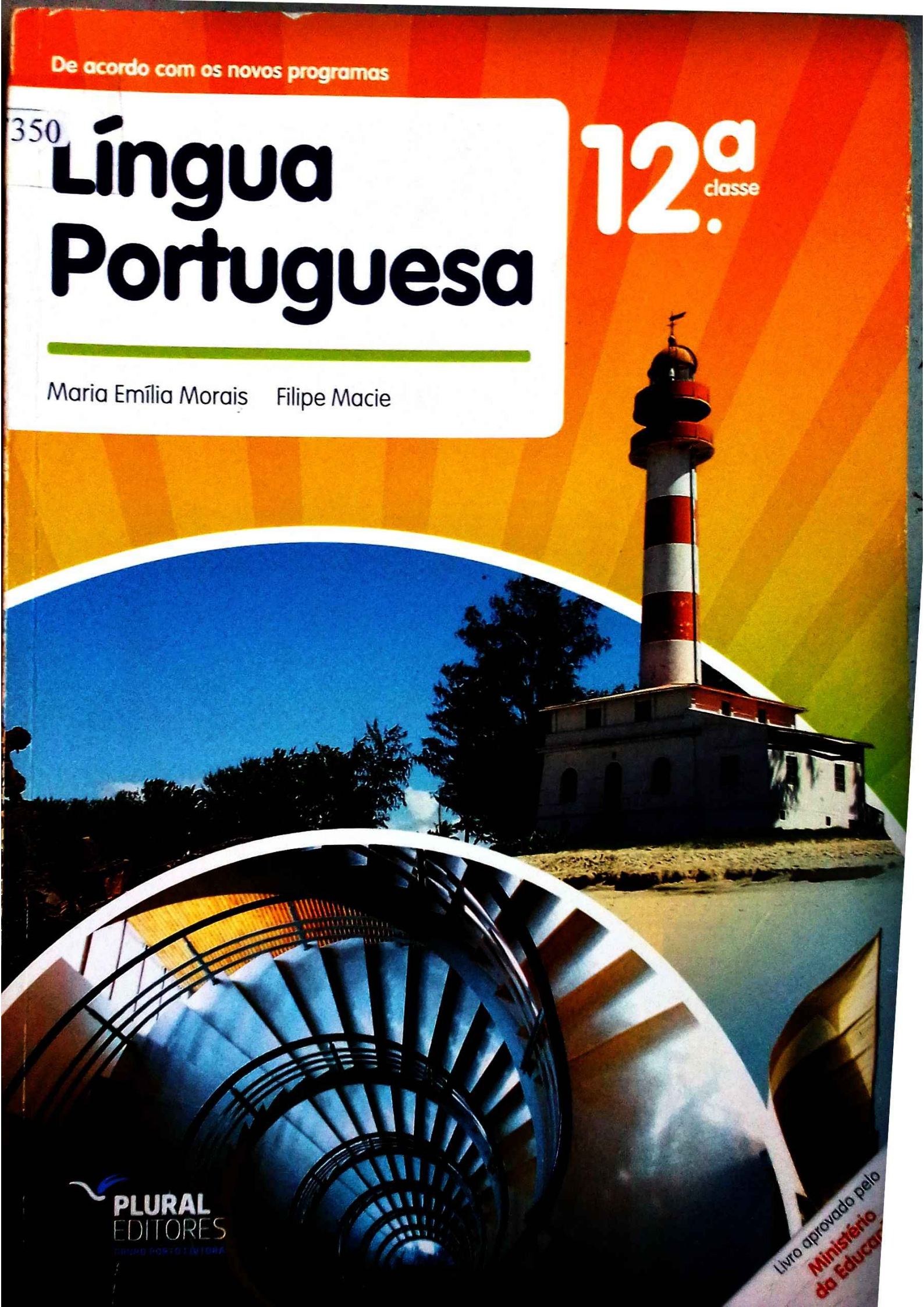
De acordo com os novos programas

350

Língua Portuguesa

12^a classe

Maria Emília Morais Filipe Macie



 **PLURAL**
EDITORES
GRUPO EDITORIAL DE 1992

Livro aprovado pelo
Ministério
da Educação

12.^a
classe

Língua Portuguesa

Maria Emília Morais
Filipe Macie



Apresentação

Inaugurámos já a palavra amigo. Começámos juntos a percorrer o caminho do conhecimento e aprofundamento da Língua Portuguesa no ano passado.

Com este manual, pretendemos fortalecer ainda mais esses laços de amizade.

Recordamos-te, portanto, a organização do manual.

O livro encontra-se organizado em 15 unidades didácticas. Cada uma delas tem um título correspondente ao tema que nela vai ser desenvolvido.

As unidades estão organizadas à volta de textos e estruturadas em secções:

- **Ler – Compreender** – para ajudar a compreender melhor os textos, onde deverás responder a questões de compreensão textual;
- **Falar** – em que são sugeridas actividades que ajudam a melhorar a expressão oral;
- **Funcionamento da Língua** – para comunicar em português é preciso conhecer muito bem as regras da língua, isto é, a gramática. São essas regras que os exercícios desta secção te ajudarão a conhecer;
- **Escrever** – onde são apresentadas diversas propostas de exercícios para a prática da escrita.

Ao escrever não te esqueças de:

- ordenar bem as ideias;
- dar uma boa apresentação aos trabalhos;
- escrever com caligrafia legível;
- assinalar os parágrafos de forma clara;
- usar correctamente os sinais de pontuação;
- evitar erros ortográficos;
- usar um vocabulário variado;

- **Saber Mais** – são fornecidas informações complementares que te permitem ir além dos saberes contidos no manual;
- **Falar – Escrever** – exercita-se a escrita e a fala praticando e seguindo bons modelos;
- **Pesquisar** – nesta secção, terás de mostrar que consegues ir além dos materiais que te fornecemos.

Amigo, vamos continuar, de mãos dadas, percorrendo este caminho maravilhoso do conhecimento.

Esperamos responder às tuas aspirações.

Estrutura do livro

O livro de Língua Portuguesa, 12.ª classe, está dividido em 15 unidades que apresentam a seguinte estrutura:

Identificação das unidades

Ler - Compreender:
Exercícios de compreensão do texto

Saber mais: Informações complementares

Texto

TEXTOS DE PESQUISA DE DADOS

SISTEMATIZAÇÃO

Objetivos

Atividade

Saber mais

Escrever

Funcionamento da língua:
Sistematização gramatical

Aplicar

Pesquisar - Escrever

Saber mais: Informações complementares

Objetivos

Atividade

Saber mais

Falar - Escrever

Pesquisar

Objetivos

Atividade

Saber mais

Índice

7

1 Textos Normativos

Texto específico: Lei n.º 18/2002 de 10 de Outubro de 2002: artigos 1 a 18	13
- recenseamento eleitoral	16
Saber mais: Lei Eleitoral	16
Funcionamento da língua: Formação de palavras - derivações irregulares	18
Tema transversal: DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E DEMOCRACIA	

2 Textos Multiusos

21

Texto específico: Textos argumentativos expositivos	22
Saber Mais: Texto expositivo-argumentativo	24
Funcionamento da língua: Conjunções e locuções subordinativas comparativas e consecutivas	30
Tema transversal: DESASTRES NATURAIS: MAREMOTOS	31

3 Textos Jornalísticos

35

Texto específico: Artigo de fundo/editorial	37
Saber mais: Editorial	39
Funcionamento da língua: Variação da língua portuguesa no espaço: Brasil e Moçambique	41
Tema transversal: SAÚDE E NUTRIÇÃO	46
Saber mais: Notícia, estrutura da notícia	48

4 Textos Literários

51

Texto específico: Textos narrativos	53
Saber mais: Textos narrativos	55 e 65
Funcionamento da língua: Concordância do nome predicativo do sujeito com o sujeito	68
Saber mais: Narrativas de viagens	69
Tema transversal: COMBATE À ESTIGMATIZAÇÃO DE PESSOAS VIVENDO COM HIV/SIDA	80

5 Textos de Pesquisa de Dados

83

Tema transversal: BIBLIOTECA	84
Texto específico: Ficha de leitura	84
Saber mais: Ficha de leitura	85
Funcionamento da língua: Orações subordinadas adjectivas relativas	91

6 Textos Normativos

99

Funcionamento da língua: Formação de palavras: derivações irregulares.....	98
Texto específico: Lei eleitoral: lei n.º 18/2002 de 10 de Outubro Eleições dos órgãos das autarquias locais	99
Tema transversal: DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E DEMOCRACIA A DIVISÃO OU SEPARAÇÃO DE PODERES NUM ESTADO DE DIREITO	100

7 Textos Jornalísticos

105

Tema transversal: SAÚDE E NUTRIÇÃO/SANEAMENTO DO MEIO	108
Texto específico: Artigo de opinião.....	108
Funcionamento da língua: Regência verbal: complementos de verbos de separação.....	111

8 Textos Multiusos

117

Texto específico: Textos didáticos e/ou científicos	118
Funcionamento da língua: Orações consecutivas.....	122
Saber mais: Técnicas de comunicação – A exposição oral	123
Tema transversal: DESASTRES NATURAIS: MAREMOTOS	125

9 Textos Literários

127

Texto específico: Texto lírico	128
Saber mais: Texto lírico	130
Funcionamento da língua: Figuras de pensamento	132 e 136
Saber mais: As marcas da oralidade na literatura africana.....	143
Tema transversal: COMBATE À ESTIGMATIZAÇÃO DE PESSOAS VIVENDO COM HIV/SIDA	154
Saber mais: Apresentação de autores	155

10 Textos de Pesquisa de Dados

159

Texto específico: Inquérito	160
Saber mais: Pesquisa, pesquisa de opinião, inquérito, questionários, organização, tipo de linguagem	161
Funcionamento da língua: Uso dos pronomes <i>cujo</i> e <i>onde</i>	166
Tema transversal: BIBLIOTECA	167

11 Textos Normativos

Texto específico: Lei eleitoral: lei n.º 19/2002 de 10 de Outubro; Capítulo V – Votação; Artigo 57 a 79	171
Funcionamento da língua: Formação de palavras: derivações irregulares.....	173
Tema transversal: DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E DEMOCRACIA FUNÇÃO DA POLÍCIA NUM ESTADO DE DIREITO E DEMOCRÁTICO	174
Saber mais: Política e Democracia	176

12 Textos Jornalísticos

179

Texto específico: Artigo de opinião; Artigo de fundo/editorial	180
Funcionamento da língua: Regência de orações integrantes	188
Saber mais: Artigo de opinião.....	189
Tema transversal: SAÚDE E NUTRIÇÃO; PLANTIO DE ÁRVORES; SAÚDE PÚBLICA	191

13 Textos Multiusos

197

Texto específico: Textos didáticos e/ou científicos; Textos expositivo-explicativos; Textos expositivo-argumentativos.....	198
Funcionamento da língua: Orações subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas.....	213
Tema transversal: DESASTRES NATURAIS: MAREMOTOS	215

14 Textos Literários

219

Texto específico: Texto dramático.....	220
Funcionamento da língua: Figuras de sintaxe.....	223
Saber mais: Modo dramático – caracterização.....	228
Tema transversal: COMBATE À ESTIGMATIZAÇÃO DE PESSOAS VIVENDO COM HIV/SIDA	230
Saber mais: Apresentação de autores	244

15 Textos de Pesquisa de Dados

245

Saber mais: Pré-leitura, fichas de leitura	247 e 248
Texto específico: Ficha de leitura	248
Tema transversal: BIBLIOTECA	251
Funcionamento da língua: Orações relativas e orações completivas	253

1 Textos Normativos

Objectivos Específicos

- Interpretar os artigos dos Capítulos I e II da Lei N.º 18/2002 de 10 de Outubro (recenseamento eleitoral)
- Analisar os artigos 1 a 18 da Lei N.º 18/2002 de 10 de Outubro
- Reconhecer as palavras formadas por derivação
- Caracterizar a democracia participativa moçambicana

Carrocel na Feira Popular de Maputo



TEXTOS NORMATIVOS

Texto A

A PRENDER A ESTUDAR

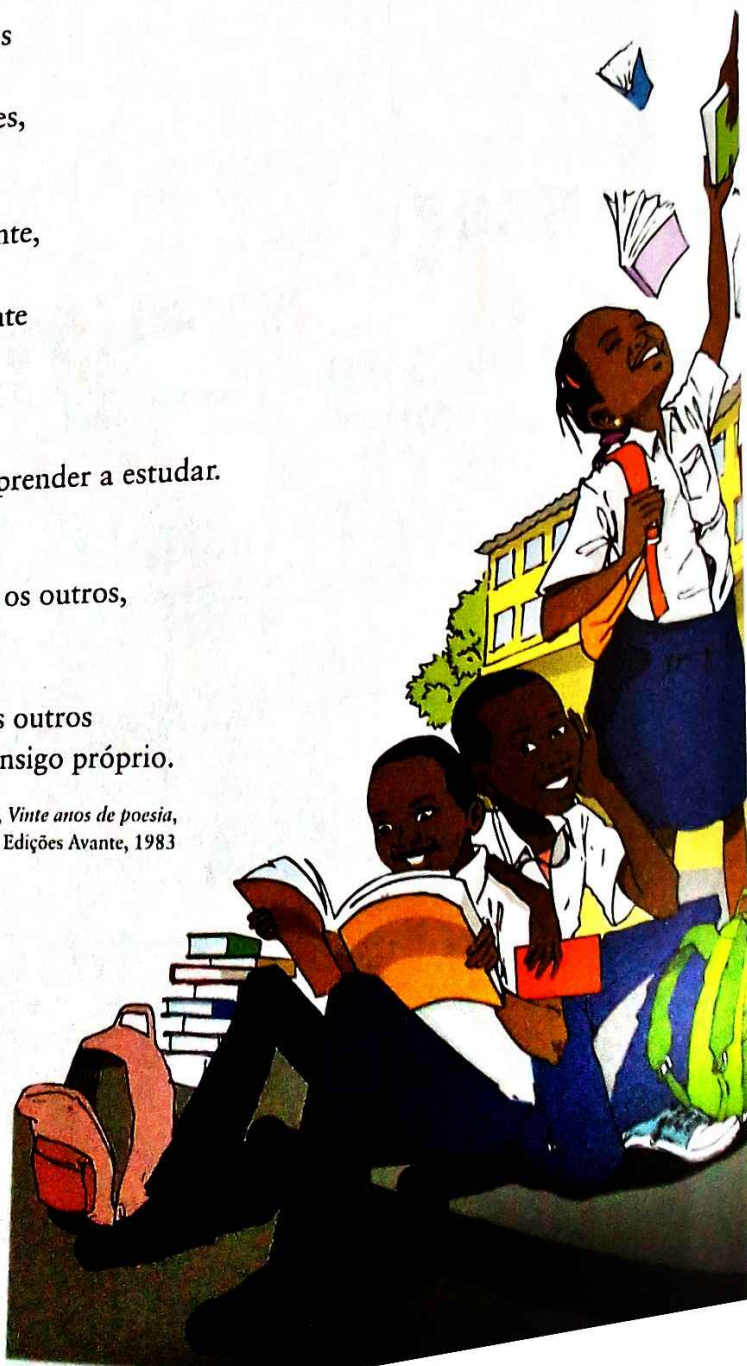
Estudar é muito importante,
mas pode-se estudar de várias maneiras...
Muitas vezes estudar não é só aprender
o que vem nos livros.

- 5 Estudar não é só ler nos livros
que há nas escolas.
É também aprender a ser livres,
sem ideias tolas.

- Ler um livro é muito importante,
10 às vezes, urgente,
mas os livros não são o bastante
para a gente ser gente.
É preciso aprender a escrever,
mas também a sonhar.
15 É preciso aprender a crescer, aprender a estudar.

- Aprender a crescer quer dizer:
aprender a estudar, a conhecer os outros,
a ajudar os outros,
a viver com os outros.
20 É quem aprende a viver com os outros
aprende sempre a viver bem consigo próprio.

SANTOS, Ary dos, *Vinte anos de poesia*,
Lisboa, Edições Avante, 1983



A ELEIÇÃO DE UM ALFABETIZADOR

Sentado em improvisados bancos de bambu alinhados debaixo da grande mafurreira, o povo de Mubalo discutia os seus problemas.

Havia então uma situação preocupante: procurava-se a todo o custo um alfabetizador entre a população daquela localidade.

5 Em vão olhavam todos uns para os outros, preocupados e silenciosos. De repente ouviu-se lá do meio uma voz de criança. Era o Pedrito. Levantou-se, tossiu, compôs os calções e ajeitou a sacola dos livros.

– Bem, eu... é pena, que sou pequeno. Mas essa tarefa... sim... talvez possa dar um jeito... e os seus olhos, redondinhos como bolinhas, olhavam
10 mamã Rosalina. Esta sorriu...

Armando, secretário, chamou o garoto para junto de si. E aquelas duas pernitas, débeis e esguias que, todos os dias, faziam 10 km até à escola secundária, avançaram decididas e firmes até à frente do povo.

Num momento, toda a gente se desfez em aplausos.

15 Os homens batiam as palmas, as mulheres soltavam gritos, enquanto mamã Rosalina deixava cair na velha capulana duas lágrimas de orgulho materno.

COUTO, Mia, "O alfabetizador de palmo e meio",
Antologia de Textos, Maputo, MINED-DINEA, INLD, 1987

LER – COMPREENDER

1. "Acabaste de ler dois textos: um em verso e outro em prosa. Em ambos encontramos uma mensagem de solidariedade. Explica-a, por palavras tuas.

Texto B

2. "... o povo de Mubalo discutia os seus problemas" (l. 2)
 - 2.1. Que assunto era discutido?
3. Durante a reunião, "ouviu-se lá do meio uma voz de criança. Era o Pedrito." (l. 6)
 - 3.1. Com base no texto, caracteriza física e psicologicamente esta personagem.
 - 3.2. Seria o Pedrito a escolha inicial para a "tarefa"? Porquê?
 - 3.3. O menino acabou por ser eleito. O que terá levado a esta decisão?
 - 3.4. Que tipo de eleição foi realizada? Assinala a resposta correcta:
 - a. eleição por votação.
 - b. eleição por decisão de um júri.
 - c. eleição por aclamação.

PRATICAR

1. "Sentados em improvisados bancos de bambu o povo de Mubalo discutia os seus problemas."
 - 1.1. Divide e classifica as orações desta frase.
 - 1.2. Identifica a função sintáctica dos elementos sublinhados.
2. "Armando, o secretário, chamou o garoto para junto de si."
 - 2.1. Analisa, sintacticamente, a frase.

FALAR - ESCREVER

Pedrito pretende ser o "alfabetizador" do povo de Mubalo. De facto, a alfabetização é muito importante para a educação de um país. No nosso país, embora haja uma realidade linguística diversificada, grande parte da população analfabeta desconhece a língua portuguesa - a nossa língua de instrução.

Em grupo, discute propostas que possibilitem a alfabetização de grande número da população.

Texto C

O NOVO CHEFE

Sob a lua, num velho trapiche¹ abandonado, as crianças dormem.

Hoje a noite é alva² em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do cais³ do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros músculos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção, um marinheiro nostálgico. A areia estendeu-se muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na bran-
cura do cais.

Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos (...).

Nesse tempo a porta caíra para um lado e um do grupo, certo dia em que passeava na extensão dos seus domínios (...), entrou no trapiche.

Seria bem melhor dormida que a pura areia, que as pontes dos demais trapiches onde por vezes a água subia tanto que ameaçava levá-los. E desde essa noite uma grande parte dos Capitães da Areia dormia no velho trapiche

abandonado, em companhia dos fatos, sob a lua amarela. Na frente, a vastidão da areia, uma brancura sem fim. Ao longe, o mar que arrebentava no cais. Pela porta viam as luzes dos navios que entravam e saíam. Pelo tecto viam o céu das estrelas, a lua que os iluminava.

Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objectos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entram então para o trapiche.

Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades mais variadas desde os nove aos dezasseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por baixo da ponte dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando⁴, indiferentes à chuva, que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem quinze anos. Há dez que vagabundeia nas ruas da Baía. Nunca soube de sua mãe, seu pai morrera de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade. Hoje sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Não há venda⁵, quitanda⁶, botequim⁷ que ele não conheça. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cais recém construído atraía para as suas areias todas as crianças abandonadas da cidade) o chefe era Raimundo, o Caboclo⁸, mulato avermelhado e forte.

Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. Pedro Bala era muito mais activo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe. (...) Uma noite, quando Raimundo quis surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional a que as areias do mar jamais assistiram. Raimundo era mais alto e mais velho. Porém, Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa que desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia, como o próprio areal. (...)

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia e foi dessa época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exacto de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche.

Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavras e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.

AMADO, Jorge, *Capitães da Areia*, s.e (texto com supressões)



Fotografia do filme "Capitães da Areia", de Cecília Amado e Guy Gonçalves

Vocabulário: ¹ trapiche: grande armazém, à frente de um cais; ² alva: a primeira luz do dia, alvor, alvorada; ³ cais: parte de um porto para carregamento e descarregamento de mercadorias e passageiros; ⁴ uivando: relativo a uivar (berro produzido por alguns animais, como cão e lobo); ⁵ venda: loja em que se vende, taberna, bar; ⁶ quitanda: loja de negócio, mercado; lugar onde se vendem frutas, ovos...; ⁷ botequim: café, estabelecimento onde se vendem bebidas; ⁸ caboclo: da cor de cobre.

LER - COMPREENDER

Após a leitura do texto, responde, de forma clara e completa, às questões.

1. Caracteriza o espaço onde o trapiche se situa.
2. "A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche" (ll. 4-8)
 - 2.1. Identifica a figura de estilo predominante neste excerto textual, justificando a tua escolha:
 - a. metáfora;
 - b. animismo;
 - c. hipérbole.
3. "Seria bem melhor dormida que a pura areia, que as pontes dos demais trapiches" (ll. 15-16). Explica a comparação presente nesta frase.
4. Quem eram os Capitães da Areia?
5. Pedro Bala alcançou a chefia do grupo através de:
 - a. um processo de votação;
 - b. uma briga com o antigo líder;
 - c. uma imposição forçada porque ele tinha qualidades de liderança.

PRATICAR

1. "Nesse tempo a porta caíra para um lado..."
 - 1.1. Identifica o modo, tempo e pessoa da forma verbal "caíra".
 - 1.2. Indica a forma composta correspondente ao verbo "caíra" na frase:
 - a. tinha caído;
 - b. houvera caído;
 - c. terá caído.
2. Classifica as seguintes palavras quanto à sua formação. Consulta a página 16.
- lentamente, escravatura, nostálgico, marinheiro, brancura, areal, semi-esfomeados, recém-chegados.

FALAR - ESCREVER

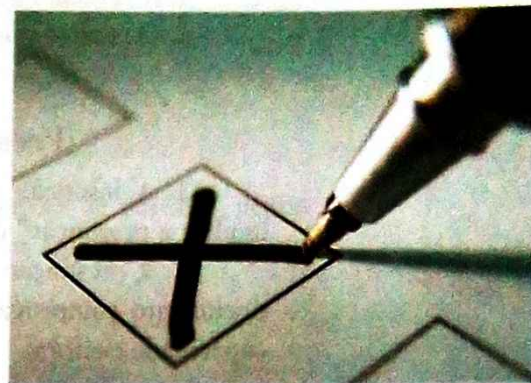
No excerto que acabaste de ler, Pedro Bala tornou-se líder do grupo de uma forma pouco democrática. No entanto, no mundo contemporâneo, o acesso ao poder é feito pelo sistema democrático e não pela lei do mais forte.

Num pequeno texto bem estruturado, expõe a tua opinião sobre este tema.

Texto **D**

Assembleia da República Lei n.º 18/2002 de 10 de Outubro de 2002

Havendo necessidade de introduzir alterações às Leis n.º 5/97, de 28 de Maio, e n.º 9/99, de 14 de Abril, relativas à institucionalização do recenseamento eleitoral sistemático para a realização de eleições e referendos¹, a Assembleia da República determina:



CAPÍTULO I

Disposições gerais

(...)

Artigo 2

(Regra geral)

O recenseamento eleitoral é oficioso², obrigatório e único para todas as eleições por sufrágio³ universal, directo, igual, secreto, pessoal e periódico, bem como para os referendos.

Artigo 3

(Universalidade)

É dever de todos os cidadãos moçambicanos, residentes no país ou no estrangeiro, com dezoito anos de idade completos ou a completar à data da realização de eleições, promover a sua inscrição no recenseamento eleitoral.

(...)

Artigo 5

(Obrigatoriedade e oficiosidade)

1. Todo o cidadão que se encontre na situação do artigo 2 tem o dever de promover a sua inscrição no recenseamento eleitoral, de verificar se está devidamente inscrito e de solicitar a respectiva rectificação, em caso de erro ou omissão.

2. A inscrição dos eleitores no recenseamento eleitoral é feita obrigatoriamente pela respectiva entidade recenseadora.

Artigo 6

(Unicidade da inscrição)

Ninguém pode estar inscrito mais do que uma vez no recenseamento eleitoral.

Artigo 7
(Âmbito temporal)

1. A validade do recenseamento eleitoral é permanente.
2. O recenseamento eleitoral é actualizado anualmente.

Artigo 8
(Presunção de capacidade eleitoral)

1. A inscrição de um cidadão no caderno de recenseamento eleitoral implica a presunção⁴ de que tem capacidade eleitoral.
2. A presunção referida no número precedente só pode ser ilidida⁵ por documento comprovativo da morte do eleitor ou da alteração da respectiva capacidade eleitoral.

Artigo 9
(Âmbito territorial)

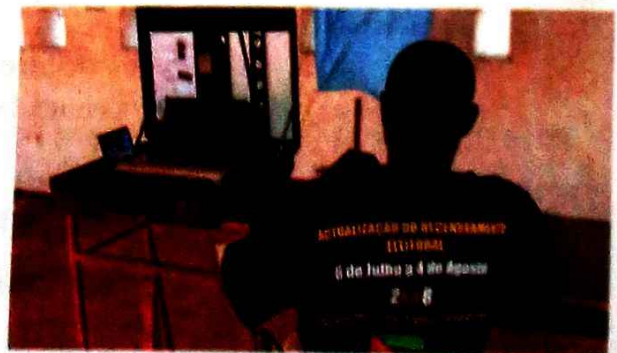
1. O recenseamento eleitoral tem lugar em todo o território nacional e no estrangeiro.
 2. As unidades geográficas de realização do recenseamento eleitoral são:
 - a) no território nacional, os distritos e a cidade de Maputo;
 - b) no estrangeiro, a área correspondente à jurisdição da missão consular ou da missão diplomática.
- (...)

Artigo 10
(Criação de brigadas de recenseamento eleitoral)

1. Para a realização do recenseamento eleitoral, o Secretariado Técnico da Administração Eleitoral cria brigadas fixas.
2. Quando a dispersão geográfica dos eleitores ou outras circunstâncias especiais o justificarem, o Secretariado Técnico da Administração Eleitoral pode criar brigadas móveis com cobertura de um raio de aproximadamente dez quilómetros.
3. As brigadas de recenseamento eleitoral são constituídas por cidadãos maiores de dezoito anos de idade, tecnicamente habilitados para o efeito, recrutados pelo Secretariado Técnico da administração eleitoral, mediante concurso público de avaliação curricular.

Artigo 11
(Posto de recenseamento eleitoral)

1. O cidadão eleitor inscreve-se no posto de recenseamento eleitoral mais próximo da sua residência habitual.
2. O local de funcionamento da assembleia de voto coincide, sempre que possível, com o posto de recenseamento eleitoral.



3. O recenseamento eleitoral de cidadãos militares ou membros das forças de manutenção da lei e ordem tem lugar na entidade recenseadora mais próxima da sua unidade.

4. Não é permitida a constituição e funcionamento de postos de recenseamento eleitoral em:

- a) unidades policiais;
- b) unidades militares;
- c) residências de ministros de cultos;
- d) edifícios de qualquer partido político, coligações de partidos, grupo de cidadãos proponentes e associações filiadas a partidos políticos;
- e) locais onde se vendam bebidas alcoólicas;
- f) locais de culto ou destinados ao culto;
- g) unidades sanitárias.

Boletim da República, I SÉRIE - Número 41, 10 de Outubro de 2002

Vocabulário: ¹ referendos: consultas a um conjunto da população sobre um assunto importante para um país; ² oficioso: qualidade do que é oficial, de carácter oficial; ³ sufrágio: voto, votação; ⁴ presunção (acto de presumir): suposição, suspeita; ⁵ ilídida: destruída, refutada.

LER - COMPREENDER

1. De acordo com o texto, por que motivo foi elaborada e promulgada a lei em estudo?
2. Caso a emissão do cartão de eleitor contenha algum erro de dados, o que deve o indivíduo visado fazer?
 - 2.1. Indica o artigo em que esta situação está prevista.
3. Assinala com um X as afirmações correctas:

De acordo com a Lei...

 - a. o recenseamento eleitoral é obrigatório;
 - b. o recenseamento eleitoral é um dever do cidadão;
 - c. só têm o direito de votar os cidadãos moçambicanos residentes em Moçambique ou em países de língua portuguesa;
 - d. o voto é secreto quando assim o eleitor o entender;
 - e. as brigadas de recenseamento eleitoral são criadas pelos partidos políticos envolvidos no sufrágio;
 - f. a criação das brigadas de recenseamento eleitoral são da responsabilidade do STAE.
4. Relê as informações dos números 1 e 2 do Artigo 7.
 - 4.1. Parecem-te contraditórias? Justifica a tua resposta.
5. Será que todos os cidadãos moçambicanos (incluindo os doentes mentais) com idade de votação têm o dever de o fazer? Justifica a tua resposta fazendo uso da lei eleitoral.
6. Explica claramente o número 2 do Artigo 10, apresentando um exemplo de uma situação que justifique a existência de uma brigada móvel.
7. Explica o número 2 do Artigo 11.

SABER MAIS**LEI ELEITORAL**

A lei eleitoral em estudo já regulou alguns processos de eleições no nosso país. Hoje, a Comissão de Administração Pública, Poder Local e Comunicação Social viu necessidade de proceder à sua verificação de modo a responder a todos os desafios constatados aquando da sua materialização. Assim, aquela comissão está a considerar uma revisão completa das leis eleitorais. Em Setembro de 2010, dois grupos da sociedade civil e os principais partidos apresentaram propostas detalhadas de alteração que serão, posteriormente, analisadas no Boletim do Processo Político em Moçambique.

FUNCIONAMENTO DA LINGUA**FORMAÇÃO DE PALAVRAS – DERIVAÇÕES IRREGULARES****Derivação regressiva**

Este processo consiste na formação de nomes a partir de verbos por redução da palavra primitiva, ou seja, é um processo contrário à prefixação e sufixação, já que nestas se amplia a palavra primitiva, enquanto na derivação regressiva há a redução da palavra derivante (cantar – canto; buscar – busca; alcançar – alcance).

Derivação imprópria

É um processo que consiste na mudança de classe ou subclasse gramatical de uma palavra, sem que exista qualquer modificação na sua forma. Basta antepor-se um artigo a qualquer palavra para que ela se torne num substantivo.

Exemplos:

Esperei de ti *um sim*.

Estás com *um olhar* de poucos amigos.

Nota As palavras **homónimas** (com igual grafia e pronúncia) constituem um caso de derivação imprópria.

Exemplos:

Peguei a faca pelo *cabo*. (material)

Fui *cabo* nas FADM. (posto)

PRATICAR

1. "O recenseamento eleitoral é actualizado anualmente."
Analisa sintacticamente a frase anterior.
2. Analisa as seguintes palavras quanto à sua formação: *ilegalmente*, *recenseamento*, *coligação*, *apartidário*, *imparcial*, *administrar*, *eleitor*.

3. Preenche a tabela abaixo:

Palavra primitiva	Derivação por prefixação	Derivação por sufixação	Derivação por prefixação e sufixação	Derivação parassintética
capaz	incapaz	capacidade	incapacidade	incapacitar
carinho				
			infelizmente	
rico				
		legalidade		

4. Completa a seguinte tabela:

Verbo	Nome	Adjectivo
		nivelado
perder		
limar		
dialogar		
morrer		
	negligência	
ênfatizar		
	eleição	
		desejável
	presidente	

4.1. Identifica, no quadro acima apresentado, as classes gramaticais que apresentam uma redução.

5. Elabora cinco frases em que as palavras *dialogar*, *porquê*, *querer*, *sim* e *orar* ocorram numa categoria gramatical diferente.

PESQUISAR

Relembra o poema com que iniciámos esta unidade. Nele encontramos uma mensagem de solidariedade e de liberdade, valores fundamentais na vida de todos os homens.

Procura o significado destes conceitos e, num pequeno texto, para discussão no teu grupo de trabalho, emite a tua opinião sobre este tema.



Convidamos-te agora a ler um excerto da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

Adoptada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de Dezembro de 1948

A Assembleia Geral proclama

A presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objectivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adopção de medidas progressivas de carácter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efectivos, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.

Artigo I

10 Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

Artigo II

15 Toda a pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Artigo III

Toda a pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo IV

20 Ninguém será mantido em escravidão ou servidão. A escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo V

25 Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo VI

Toda a pessoa tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecida como pessoa perante a lei.

(...)

<http://www.mj.gov.br>, consultado a 29 de Setembro de 2011
(com supressões)

LER - COMPREENDER

1. Qual é o objectivo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)?
2. "Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos."
 - 2.1. Apresenta uma situação que exemplifique este artigo.
3. Achas que a DUDH promove um sistema democrático? Justifica a tua resposta, apoiando-te no texto.

1. "Ninguém será mantido em escravidão ou servidão. A escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas."
 - 1.1. Achas que este artigo se encontra desenquadrado nos dias de hoje? Apresenta razões que justifiquem a tua opinião.
2. Consideras que o mundo dos nossos dias respeita os Direitos Humanos? E no caso particular de Moçambique?

Texto E

T ENHO UM SONHO

A 28 de Agosto de 1963, organizou-se uma marcha sobre Washington, para comemorar o centésimo aniversário da abolição da escravatura nos EUA.



5 Martin Luther King esperava que umas cem mil pessoas viessem à concentração, mas os relatos nessa manhã falavam de 25 mil. Se viessem tão poucas pessoas, ninguém iria acreditar na importância dos direitos civis.

Ao serem conduzidos de carro para o local da manifestação, King e a mulher sentiram "o coração parar" – havia uma multidão à sua frente, gente
10 branca e negra. Não 25, mas 250 mil.

Muita gente falou à multidão nesse dia em frente do monumento de Lincoln, o advogado da liberdade.

King tinha então 34 anos. Tinha preparado o seu discurso com cuidado. Começou por falar na promessa da igualdade, como uma dívida que o governo
15 devia saldar. A multidão ficou surpreendida com as suas palavras. Levado pela onda da assistência, pôs de lado as notas que havia preparado e deixou falar o coração.

"Digo-vos, meus amigos, que, apesar das dificuldades, ainda **tenho um sonho**. Eu sonho que um dia os filhos dos primeiros escravos e os filhos dos
20 primeiros donos de escravos serão capazes de se sentar juntos à mesa da fraternidade. Eu sonho que um dia os meus quatro pequeninos vão viver numa nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas pelo seu carácter. Este será o dia em que todos os filhos de Deus cantarão: "o meu país é teu..."

Nesse dia, muitos jornais tinham noticiado que King se tornara, embora
25 não oficialmente, o "Presidente da América Negra". Agora era reconhecido e respeitado em qualquer parte. Aquele tinha sido um grande dia na sua vida e na História dos EUA.

LER - COMPREENDER

1. "Ao serem conduzidos de carro para o local da manifestação, King e a mulher sentiram "o coração parar" – havia uma multidão à sua frente, gente branca e negra." (ll. 8-10)
 - 1.1. Explica, por palavras tuas, este segmento textual.
2. "... deixou falar o coração." (ll. 16-17)
 - 2.1. O que levou King a abandonar os papéis que levava?
 - 2.2. Identifica a figura de estilo presente na expressão, analisando o seu valor expressivo.

PRATICAR

1. "A 28 de Agosto organizou-se uma marcha sobre Washington, para comemorar o centésimo aniversário da abolição da escravatura nos EUA." (ll. 1-4)
 - 1.1. Analisa, sintacticamente, a frase dada.
2. "Levado pela onda da assistência, pôs de lado as notas que havia preparado e deixou falar o coração." (ll. 15-17)
 - 2.1. Divide e classifica a oração sublinhada.

FALAR - ESCREVER

O texto "I have a dream" traz à memória um dia histórico para a nação dos EUA e do mundo em geral, que tornou Martin L. King num herói universal.

Comenta a acção ousada desse homem, referindo os seguintes pontos:

- O sonho de Luther King foi ou não concretizado?
- A escravatura ainda persiste em África?

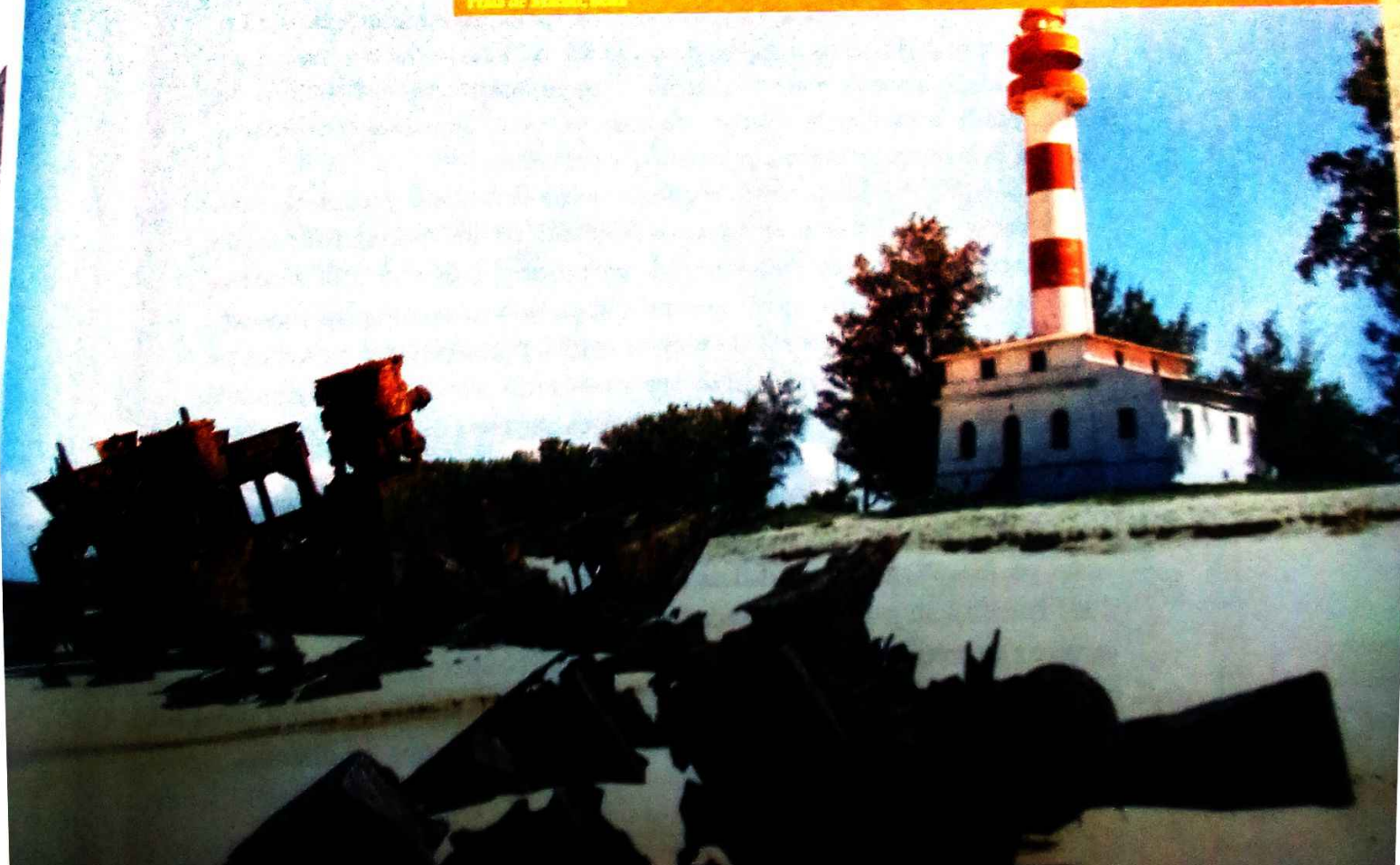


2 Textos Multiusos

Objectivos Específicos

- Analisar e interpretar textos expositivo-argumentativos orais e escritos
- Identificar as ideias essenciais e os articuladores discursivos de um texto expositivo-argumentativo
- Caracterizar os componentes e os processos de exposição e argumentação de um texto expositivo-argumentativo e a sua linguagem
- Identificar as relações de subordinação constantes dos textos expositivo-argumentativos
- Usar nas produções orais e escritas conjunções/locuções subordinativas e orações subordinadas comparativas
- Produzir oralmente e por escrito textos expositivo-argumentativos sobre maremotos
- Divulgar na escola e na comunidade mensagens sobre maremotos

Praia de Machil, Beira



Texto A

FALAR EM PÚBLICO

Seduzir uma plateia, prender a atenção dos ouvintes, fazer um discurso assertivo, encontrar as palavras certas, ter a noção do tempo e atender à qualidade dos interlocutores, para não falar nem acima nem abaixo das suas expectativas, é uma arte.

Num país tomado pela mania das conferências, debates, encontros, seminários e colóquios mais ou menos substantivos, é arrepiante assistir a certas preleções¹ de certos oradores. Alongam-se sempre mais do que devem, perdem-se no raciocínio, usam palavras caras,

abusam de uma suposta erudição própria, intelectualizam o discurso e conseguem enfadar todos os presentes. Pior do que o bocejo que provocam é a nulidade da sua presença, tantas vezes preparada ao detalhe.

Muitas vezes o investimento que este tipo de oradores faz na preparação da sua intervenção revela-se completamente desproporcionado e desajustado. Escrupulosos, dão-se ao trabalho de organizar o discurso, de o escrever, de juntar acetatos, vídeos e outro material de apoio, numa tentativa genuína de fazer passar a mensagem e serem eficazes. Na teoria está tudo certo mas a prática nem sempre confere com aquilo que pretendem.

Um discurso lido perante uma plateia torna-se facilmente maçador; uma intervenção feita com base em acetatos onde está escrito exactamente aquilo que o orador vai dizendo é impossível de acompanhar, pois a atenção divide-se entre o que é dito e aquilo que é mostrado; uma elaboração demasiado conceptualizada e centrada na ciência do próprio orador pode revelar-se perversa, na medida em que soa a presunção de superioridade, e uma teoria apresentada com excessivo pormenor é ineficaz porque os ouvintes não têm capacidade para reter tanta informação.

Assim sendo, por mais eloquente que seja o conteúdo ou a forma das intervenções públicas, elas só serão efectivas se forem "traduzidas" e simplificadas em função das características da plateia. Com simplificação não quero dizer banalização ou superficialidade, muito pelo contrário, trata-se de ser incisivo e de tentar centrar o discurso no essencial, poupar os ouvintes a longos e fastidiosos² monólogos e perceber que tudo se perde quando o orador passa a ser ouvinte de si próprio e se deixa encantar com aquilo que vai dizendo.



Tenho participado e assistido a muitas palestras e conferências nos últimos dez anos e verifico que os verdadeiros conferencistas são aqueles que conseguem ser simples e articulados, que mantêm um discurso claro e uma pose atenta a quem os ouve. Falam em vez de ler e abstêm-se de enunciar a informação que vai aparecendo reflectida atrás, em ecrãs gigantes. Mais, os bons oradores são capazes de improvisar sobre o momento e, até, de serem divertidos, tudo em função da atenção e expectativas dos presentes. Em resumo, são especialistas que conseguem passar a sua mensagem de forma mais afectiva e menos cerebral, que fazem questão de adequar o discurso à realidade real e, por isso mesmo, deixam sempre boas ideias para pensar. Felizmente conheço vários.

ALVES, Laurinda, "À luz do dia", in revista *Xis*, 23 de Novembro de 2002

Vocabulário: ¹ preleção: conferência, discurso didáctico; ² fastidioso: enfadonho.

LER - COMPREENDER

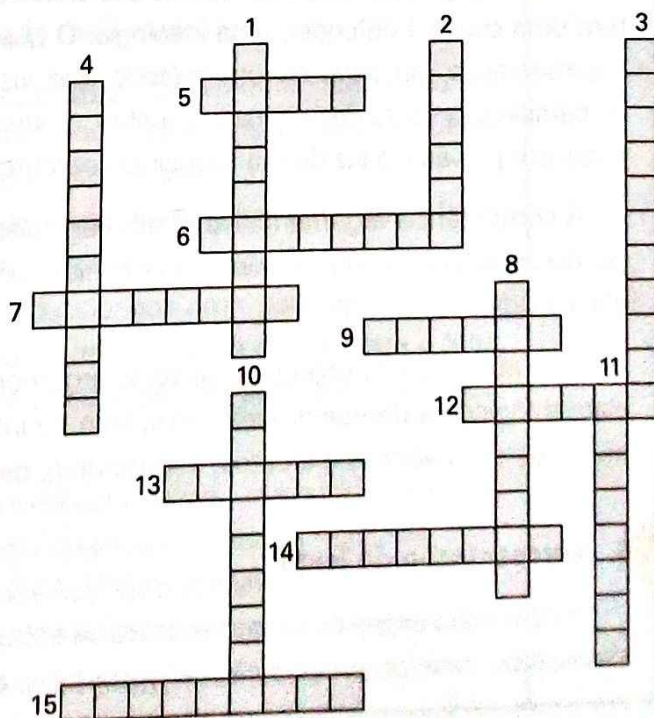
1. Procura, no dicionário, o sentido das palavras: *conferência, debate, seminário, colóquio*. (ll. 20-21)
2. "Na teoria está tudo certo mas a prática nem sempre confere com aquilo que pretendem".
 - 2.1. Explica a teoria exposta pela autora na frase anterior.
 - 2.2. Indica os problemas mais comuns nas comunicações orais, segundo a autora.
3. Palavras cruzadas.
Encontra alguns verbos que se relacionam com os diversos modos de falar.

Verticais

1. Falar muito, sobre temas fúteis ou assuntos superficiais;
2. Falar em voz muito alta;
3. Cortar a palavra a alguém;
4. Cantar a meia voz, sem preocupação de rigor na música ou na letra;
8. Falar como um papagaio;
10. Trocar palavras duras com alguém;
11. Anunciar publicamente.

Horizontais

5. O contrário de falar;
6. Contar segredos;
7. Pronunciar letra a letra ou sílaba a sílaba;
9. Falar em voz muito alta, com cólera ou raiva;
12. Falar muito e de forma animada;
13. Falar muito baixinho;
14. Expressar-se de forma hesitante;
15. Fazer uma exposição perante uma audiência.



4. Refere o efeito que uma má preleção pode ter sobre o público.
5. Da lista de palavras, que te apresentamos, assinala as qualidades indispensáveis a um bom comunicador:

- a. assertividade;
- b. clareza;
- c. minúcia;
- d. eficácia;
- e. eloquência;
- f. presunção;
- g. simplicidade;
- h. erudição;
- i. superficialidade.

SABER MAIS

TEXTO EXPOSITIVO-ARGUMENTATIVO

1. Texto Expositivo

Texto que, a partir de um tema, de uma situação ou de um problema, desenvolve uma reflexão, apresentando razões a favor ou contra determinado ponto de vista.

2. Texto Argumentativo

Texto que defende uma tese, com o objectivo de convencer o destinatário da validade ou fundamento da posição defendida, persuadindo-o a adoptá-la como sua.

As estratégias persuasivas não são exclusivas do texto argumentativo, pois todo o texto tem uma causa a defender, uma ideologia. O que distingue este tipo de texto é o uso da argumentação, ou seja, de um método que visa levar o outro a adoptar uma opinião ou perspectiva sobre determinada questão, mediante a apresentação de razões, fundamentadas em provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente.

A competência argumentativa é, em particular nas sociedades democráticas, uma exigência social com grande realce para domínios como a política, a lei, a publicidade, os media e a actividade académica.

Para atingir o seu objectivo, ao texto argumentativo não basta demonstrar, isto é, ser claro e lógico na defesa de uma tese, tem de interagir com o mundo do destinatário, ao nível dos seus valores e afectos, seduzindo-o, desde logo pela beleza formal do discurso.

3. Apresentação do Texto

Todo o texto expositivo-argumentativo se estrutura, de uma maneira geral, nos seguintes momentos: tese ou proposição, argumentos, exemplos e conclusão.

Tese é uma proposição, uma ideia que se pretende defender. Um discurso argumentativo pode conter, para além da tese principal, outras secundárias que se subordinam à principal.

A tese é uma asserção, afirmação. A ela se seguirão os argumentos.

Argumento é a prova utilizada para defender uma tese ou, no caso do contra-argumento, invalidá-la. Um argumento tem de ser evidente por si próprio.

O argumento é sustentado por exemplos que constituem a informação, a garantia daquilo que se está a defender.

Exemplo – é um caso concreto que ilustra o argumento, uma realidade incontestável que documenta o argumento.

Na construção de exemplos, descrevem-se e narram-se situações vividas ou lidas. Recorre-se, pois, a parágrafos narrativos e descritivos.

O argumento permite demonstrar um aspecto da tese, de modo abstracto, enquanto o exemplo ilustra, de modo concreto, o argumento através de um caso particular.

4. Organização do texto

A elaboração de um texto expositivo-argumentativo exige preparação e um trabalho cuidadoso que não é compatível com o simples passar para o papel o que nos ocorre. É fundamental adquirir uma metodologia que integre as fases que a seguir se indicam:

- definir o registo de língua adequado (familiar, corrente, cuidado), tendo em atenção a situação de comunicação (formal ou informal) e o público a quem se dirige;
- empregar frases curtas, moderar o recurso à subordinação; utilizar recursos expressivos (ex: uma exclamação, uma interrogação, uma imagem, uma inversão da ordem da frase, repetições etc);
- redigir uma introdução curta, mas que contenha a apresentação do tema ou assunto e o anúncio do plano (enunciado através de questões, por exemplo); o tema pode ser apresentado de forma genérica (uma definição, uma constatação) ou através da narrativa de uma situação, tornando a introdução mais verosímil;
- redigir o desenvolvimento que contém a argumentação, geralmente subdividida em duas ou três partes, tendo cada parte entre dois a quatro parágrafos, cada um deles apresentando e demonstrando um argumento a favor da tese.
Cada parágrafo argumentativo abre com a apresentação de um argumento, numa frase curta e clara, desenvolvido depois através de uma explicação, seguida do anúncio do exemplo enunciado de modo preciso e introduzido por uma palavra de ligação (*assim, é o caso de, por exemplo...*). A passagem de uma parte para a outra é feita através de frases de transição constituídas pelo balanço de uma parte e o anúncio da ideia da seguinte;
- redigir a conclusão: curta, clara, utilizando fórmulas conclusivas, sem argumentos ou exemplos novos, compondo-se de duas partes – balanço da reflexão realizada, com um rápido resumo das teses defendidas e estabelecendo a ligação com a introdução (por exemplo, respondendo às questões nela enunciadas), podendo ser acrescentadas uma ou duas frases referindo que o assunto não fica esgotado no texto redigido.

5. Articuladores Argumentativos

Introdução
Transição
Exemplificação
Refutação/oposição
Conexões de tempo
Conexões de causa
Condições, hipóteses
Conclusão

Conhecemos por, analisemos primeiro, recordemo-nos de...

• a seguir, vejamos, agora vejamos, consideremos o caso de...

• em primeiro lugar... em seguida,...

• tais como... a saber...

• tal é o caso de...

• como acontece com/em...

• por exemplo...

No entanto, mas, todavia, contudo, porém, apesar de, ao contrário, por outro lado...

Então, após, depois, antes, anteriormente, em seguida...

Porque, visto que, dado que, uma vez que...

Se, a menos que, a não ser que, desde que, supondo que, se por hipótese, admitindo que, excepto se...

Finalmente, enfim, em conclusão, para terminar, por conseguinte, por consequência, portanto, acreditamos, estamos convictos de que, pode-se concluir que...

6. Actos de Fala

Consistem na produção de um enunciado num determinado contexto de interacção comunicativa, através do qual o emissor realiza (ou tenta realizar) uma acção mediante a produção de um enunciado.

No caso do texto expositivo-argumentativo, o emissor pretende persuadir, convencer, aceitar, refutar a ideia, justificar uma ideia, formular objecções e hipóteses.

Para o sucesso do acto de comunicação, o locutor deverá produzir enunciados marcados pela força ilocutória expressa pelo modo do verbo, pela ordem das palavras, pela entoação, por sinais de pontuação e por articuladores do discurso argumentativo.

7. Processos de Argumentação

Para além do contexto escolar, no qual os alunos devem elaborar dissertações, comentários ou artigos de opinião, há muitas outras situações que exigem a construção de um texto argumentativo.

Os principais tipos de discurso argumentativo são:

- o discurso epidictico, que elogia ou reprova, e que é utilizado, por exemplo, na crítica literária;
- o deliberativo, que procura dar um conselho, sendo disso exemplo os sermões religiosos;
- o judiciário, que julga, acusa ou defende, e que é usado nos tribunais.

Lê atentamente o seguinte texto.

UM DISCURSO FORTE E EMOTIVO

“Majestades, altezas reais, senhoras e senhores.

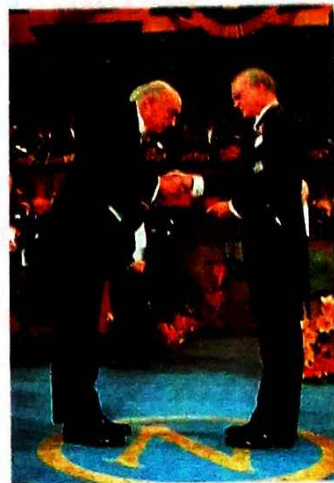
Cumpriram-se hoje exactamente 50 anos sobre a assinatura da Declaração Universal de Direitos Humanos. Não têm faltado comemorações à efeméride. Sabendo-se, porém, como a
5 atenção se cansa quando as circunstâncias lhe pedem que se ocupe de assuntos sérios, não é arriscado prever que o interesse público por esta questão comece a diminuir já a partir de amanhã.

Nada tenho contra esses actos comemorativos, eu próprio contribuí para eles, modestamente, com algumas palavras. É uma
10 vez que a data o pede e a ocasião não o desaconselha, permita-se-me que diga aqui umas quantas mais.

Neste meio século não parece que os Governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que moralmente estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a
15 miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante.

Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumpri-lo os
20 Governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. Ou porque não lho permitem aqueles que efectivamente governam o mundo, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava do ideal da democracia. Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Pensamos
25 que nenhuns direitos humanos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem e que não é de esperar que os Governos façam nos próximos 50 anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres.
30 Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor.

Não esqueci os agradecimentos. Em Frankfurt, no dia 8 de Outubro*, as primeiras palavras que pronunciei foram para agradecer à Academia Sueca a atribuição do Prémio Nobel de Literatura. Agradei igualmente aos meus editores, aos meus tradutores e aos escritores portugueses e de língua portuguesa,
35 aos do passado e aos de hoje: é por eles que as nossas literaturas existem, eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar. Disse naquele dia que não nasci para isto, mas isto foi-me dado. Bem hajam, portanto.”



(Discurso integral de José Saramago, Nobel da Literatura 1998, proferido no Salão Azul da Câmara Municipal de Estocolmo, na Suécia, em 10 de Dezembro de 1998, por ocasião do banquete real)

* Data de atribuição do Prémio Nobel

1. O discurso de José Saramago, que acabaste de ler, encontra-se devidamente estruturado nas três partes que constituem um texto expositivo-argumentativo. Indica-as.
2. Na introdução deste breve discurso, Saramago anuncia o tema sobre o qual vai falar.
 - 2.1. Identifica-o.
 - 2.2. Indica o pretexto que esteve na base da escolha deste tema.
3. Os parágrafos que constituem o desenvolvimento apresentam argumentos e exemplos que sustentam a tese.
 - 3.1. Transcreve-os.
 - 3.2. Comenta o valor:
 - das gradações;
 - das repetições;
 - das enumerações;
 - dos tempos e modos verbais.

Texto C

Lê o texto que se segue.

EU TENHO UM SONHO



Sinto-me feliz por estar hoje aqui convosco naquela que irá ficar na história da nossa nação como a maior manifestação pela liberdade. Há um século, um grande Americano, a cuja sombra simbólica nos acolhemos hoje, assinou a Proclamação de Emancipação¹. Essa proclamação de extraordinária importância foi como um grande farol que veio iluminar a esperança de milhões de escravos negros, que ardiam nas chamas da asfixiante injustiça.

Foi como uma aurora jubilosa que vinha pôr fim à longa noite do seu cativeiro.

Mas, cem anos volvidos, o Negro ainda não é livre. Cem anos volvidos, a vida do Negro continua a ser desgraçadamente tolhida pelas algemas da segregação² e pelas grilhetas da discriminação. Cem anos volvidos, o Negro vive numa ilha deserta de pobreza no meio dum vasto oceano de prosperidade material. Cem anos volvidos, o Negro continua confinado aos cantos da sociedade americana e sente-se exilado na sua própria terra.

15 (...)

Há quem pergunte aos militantes dos direitos civis: “Quando é que vós ireis dar por satisfeitos?” Não iremos dar-nos por satisfeitos enquanto o Negro

for vítima dos horrores inenarráveis da brutalidade policial. Não iremos dar-nos por satisfeitos enquanto os nossos corpos, pesados da fadiga e da viagem, não puderem encontrar pousada nos motéis das estradas e nos hotéis das cidades. Não podemos dar-nos por satisfeitos enquanto o essencial da mobilidade do Negro for de um gueto³ pequeno para outro maior. Não iremos dar-nos por satisfeitos enquanto os nossos filhos se virem espoliados⁴ da sua identidade e privados da sua dignidade por tabuletas em que se lê "Só Para Brancos". Não podemos dar-nos por satisfeitos enquanto um Negro do Mississippi não puder votar e um Negro de Nova Iorque achar que não tem razões para votar. Não, não, não nos damos nem daremos por satisfeitos enquanto a equidade⁵ não jorrar como uma fonte e a justiça como corrente que não seca.

(...)

30 Tenho um sonho de que um dia esta nação se irá erguer e viver o significado autêntico do seu credo – temos por verdades evidentes que todos os homens foram criados iguais.

35 Tenho um sonho de que um dia, nas vermelhas encostas da Geórgia, os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos donos de escravos conseguirão sentar-se juntos à mesa da fraternidade.

40 Tenho o sonho de que até o Estado do Mississippi, um Estado asfixiado pelo calor da injustiça, asfixiado pelo calor da opressão, se irá transformar num oásis de liberdade e justiça.

40 Tenho um sonho de que os meus quatro filhos pequenos irão um dia viver num país em que não serão julgados pela cor da sua pele mas sim pelo conteúdo do seu carácter.

Eu hoje tenho um sonho!

45 Tenho um sonho de que um dia, no longínquo Alabama, com os seus tenebrosos racistas, com o seu governador de cujos lábios brotam palavras de interposição e de aniquilação⁶; um dia, precisamente no Alabama, os meninos pretos e as meninas pretas irão poder dar irmãmente as mãos aos meninos brancos e às meninas brancas.

Eu hoje tenho um sonho!

50 Tenho um sonho de que um dia todo o vale será exaltado, e todo o monte e todo o outeiro serão abatidos: e o que está torcido se endireitará, e o que é áspero se aplainará, (...)

55 E quando tal acontecer, quando todos fizermos soar o sino da liberdade, quando o fizermos soar por todas as aldeias e lugarejos, por todos os Estados e todas as cidades, então sim, iremos poder apressar a chegada do dia em que todos os filhos de Deus, pretos e brancos, serão capazes de se dar as mãos e cantar a letra do velho espiritual negro: "Finalmente livres, finalmente livres. Obrigado, Deus Todo-poderoso, somos finalmente livres."

KING, Martin L., "Eu tenho um sonho", in CARSON, C., *Eu tenho um sonho, A Autobiografia de Martin Luther King*, Ed. Bizâncio, 2003 (texto com supressões)

Vocabulário: ¹ Proclamação de Emancipação promulgada pelo Presidente Abraham Lincoln, a 1 de Janeiro de 1863, que libertou todos os escravos nos estados que se haviam separado da União; ² segregação: exclusão, pôr de parte; ³ gueto: bairro onde uma minoria da população está separada do resto da sociedade; ⁴ espoliados: vb. espoliar – tirar algo a alguém de forma violenta; ⁵ equidade: igualdade; ⁶ aniquilação: destruição.

LER - COMPREENDER

O texto que acabaste de ler é um exemplo de um texto expositivo-argumentativo muito famoso, no qual estão presentes os tópicos apresentados na página 24. Faz, agora, uma ficha de leitura, indicando os aspectos que se seguem:

1. Identifica:
 - a. o autor;
 - b. o contexto;
 - c. a situação comunicativa (sermão, discurso político, artigo de opinião, diário etc.);
 - d. o destinatário;
 - e. a tese e os argumentos;
 - f. a articulação dos argumentos (conectores que indicam relações de adição, disjunção, oposição, causa-efeito...);
 - g. a apresentação de provas e efeitos;
 - h. a construção frásica, relações sintácticas (presença de frases curtas, presença de frases coordenadas);
 - i. o vocabulário utilizado (registos de língua, figuras de estilo, etc.).

FUNCIONAMENTO DA LINGUA

CONJUNÇÕES E LOCUÇÕES SUBORDINATIVAS COMPARATIVAS E CONSECUTIVAS

1. Definição

As conjunções e locuções são palavras invariáveis que servem para relacionar orações ou elementos semelhantes da mesma oração. As conjunções subordinativas estabelecem uma relação de dependência entre orações.

2. Tipos de Conjunções/Locuções subordinativas

2.1. Conjunções/Locuções subordinativas comparativas

Uma oração subordinada adverbial comparativa exprime uma **comparação** no plano da quantidade ou da qualidade:

Exemplo: *Ele é alto como o seu pai.*

(oração subordinada adverbial comparativa)

Conjunções subordinativas comparativas: *como, que, segundo, conforme, consoante...*

Locuções subordinativas comparativas: *assim como... assim, assim como... assim também, bem como, como... assim, mais... do que..., menos... do que..., ao passo que..., tão (tanto)... como.*

2.2. Conjunções/Locuções subordinativas consecutivas

Uma oração subordinada adverbial consecutiva exprime um facto que é **consequência** de outro:

Exemplo: *Ela é tão distraída que está sempre a cair.*

(oração subordinada adverbial consecutiva).

Conjunções subordinativas consecutivas: *que* (antecedida de tal, tanto, tão, de tal maneira, de tal modo).

Locuções subordinativas consecutivas: *de maneira que, de modo que, de forma que, de sorte que*

1. Nas orações que se seguem, sublinha as conjunções/locuções subordinativas.
 - a. Luther King elaborou o discurso de tal forma que nada falhou.
 - b. O discurso teve mais impacto do que todas as acções anteriores.
 - c. A ouvir o discurso estava tanta gente que já não havia espaço.
 - d. Assim como entrou assim saiu.
2. Classifica as orações subordinadas.
3. Constrói duas frases que apresentem orações subordinadas adverbiais comparativas e outras duas frases com orações subordinadas adverbiais consecutivas.

Texto D

Lê os textos informativos que se seguem.

Tsunami – o que é?

O termo tsunami provém do japonês *tsunami* [de *tsu*, “porto, ancoradouro” + *nami*, “onda, mar”]. Com frequência, utiliza-se o termo *maremoto* [do latim *mare* + *motus* “movimento”]. Por vezes, utiliza-se a designação “onda de maré”, tradução literal do inglês *tidal wave*, o que é de evitar por constituir um anglicismo desnecessário e, além do mais, enganador. A designação de maré é, neste caso, imprópria.

Num tsunami, distinguem-se três fases:

1. Formação – A primeira fase que dá origem a este fenómeno pode ter origem no movimento tectónico de placas (como é o caso das falhas), em derrocadas de grandes dimensões, por actividade vulcânica ou até mesmo por impacto de meteoritos, que provoca a elevação da massa de água no local onde ocorrem.

2. Propagação – Nesta segunda fase, a passagem da água, que, tal como uma massa de água, se iria comportar em oceano profundo, é quase imperceptível. Isto acontece, porque a onda apresenta um elevado comprimento de onda e altura baixa.



3. Empolamento – Quando a onda começa a atingir águas pouco profundas, a altura da coluna de água diminui e a onda é obrigada a diminuir de comprimento de onda e a aumentar de altura.

A profundidade de 5000 metros (frequente nas bacias oceânicas), a onda tem velocidade da ordem de 800 km/h, isto é, a velocidade normal dos aviões comerciais. Ao encontrar o bordo da plataforma continental, a uns 160 metros de profundidade, a velocidade será já de aproximadamente 140 km/h, e continuará a diminuir à medida que se aproxima da costa.

As ondas de tsunami, em mar alto, têm pequena altura (tipicamente menos de um

metro), sendo quase indetectáveis pelos métodos normais, mas, ao atingirem a zona costeira, por vezes, apresentam-se com grande altura (esporadicamente bastante mais de uma dezena de metros).

O tsunami que ocorreu no Oceano Índico, na sequência do sismo de 26 de Dezembro de 2004, e que provocou mais de 300 000 vítimas mortais, atingiu em alguns locais cerca de 50 metros de altura. Porém, a grande maioria dos tsunamis apresentam, ao chegar à costa,

altura infra-métrica, sendo felizmente muito raros os que adquirem expressão decamétrica. Com recurso a sensores submarinos, à telemetria por rádio e por satélite e a bóias à superfície, pode-se localizar os maremotos, medir com precisão o seu tamanho e prever o seu comportamento. Desta maneira, as zonas costeiras em risco de serem atingidas podem ser determinadas e evacuadas evitando a perda de vidas.

Canal de Moçambique, 16 de Março de 2011

LER - COMPREENDER

Depois de teres lido o texto, apresenta-o à turma em forma de organograma.

Texto E

Terramoto, a pior catástrofe no Japão desde a Segunda Guerra Mundial

Um homem de 29 anos contou ao jornal *Asahi Shimbun* que depois do terramoto começou a ouvir a polícia a mandar os residentes fugir porque vinha aí um *tsunami*. Quando olhou para o oceano, viu uma coisa que lhe parecia fumo e depois ouviu um barulho horrível. Um homem que ia a correr na sua direcção foi engolido pela água. Conseguiu pôr a mulher, o filho de 6 meses, os pais e a avó no carro e arrancar. De repente, sentiu o veículo a ser levantado pela água e a ser projectado 300 metros, até cair num arrozal. A família ficou lá até à manhã de sábado.

Já Masashi Imai não conseguiu sair de casa, em Sendai. Quando a terra tremeu, agarrou com força a cadeira de rodas onde a



mulher estava sentada até o abalo passar. Quando ligou o rádio, ouviu o alerta de *tsunami*. Pegou na mulher ao colo e levou-a para o segundo andar. Ainda ouviu uma rapariga gritar na rua "pai, pai". A voz desapareceu com o passar da água.

25 Ao todo, na terça-feira, estavam dadas como mortas 3373 pessoas em 12 províncias. Mas o número não parava de subir – e pela primeira vez as autoridades admitiam “dezenas de milhares” de mortos. A quantidade de vítimas esgotou os sacos para cadáveres e os caixões em muitas localidades. “Não temos os suficientes”, disse Hajime Sato, porta-voz da Câmara de Myiako. Ao mesmo tempo, os crematórios não conseguiam satisfazer os pedidos. “Estamos assoberbados, só conseguimos lidar com 18 corpos por dia”, disse Katsuhiko Abe, de Soma, à *Associated Press*. Para acelerar os funerais, o Governo anulou a lei que tornava obrigatória a autorização municipal para realizar uma cremação. “É uma medida de emergência”, justificou Yukio Okuda, do Ministério da Saúde.

45 Alguns dos corpos já encontrados pertencerão a funcionários estatais de Rizuken Takata. Como em outras localidades, após o tremor de terra, a população começou a ouvir um aviso pelos altifalantes: “Vem aí um grande *tsunami*. É preciso deixar a cidade.” Pouco depois, os habitantes ouviram um grito: “Corram!” De súbito, o som foi cortado e aqueles que escaparam nunca mais ouviram nenhum aviso. “Estavam no centro de prevenção de desastres que está agora sob a lama trazida pelo *tsunami*”, escreveu no Twitter a jornalista Chie Matsumoto. “Eles sacrificaram a vida para enviar todos os outros para um local seguro.” Tal como os trabalhadores da central nuclear de Fukushima Daiichi.

Revista, n.º 359, de 17 a 23 de Março de 2011

Texto F

Como eles se preparam...

Aprendem nas escolas a atirar-se para debaixo das mesas, usam lanternas-sirene e telemóveis com alarme

KEN NISHIKAWA

5 Todos os anos, o dia 1 de Setembro marca o aniversário do Grande Terramoto de Kanto, no qual morreram mais de 140 mil pessoas, em 1923, no Japão. E a data é sempre assinalada com exercícios nas escolas. Quando era estudante, lembro-me de que, durante o que parecia ser uma aula normal, tocava uma sirene, nós atirávamo-nos para baixo das secretárias e protegíamos as cabeças com a almofada da cadeira.

10 Estas simulações fazem parte do dia-a-dia. As grandes companhias também as praticam. As próprias famílias guardam sempre comida



15 suplementar para situações de emergência (normalmente massa chinesa e aperitivos), bem como uma pequena lanterna ao lado da cama. Nas casas, os móveis estão sempre firmemente fixos às paredes, de forma a não caírem durante os abalos.

20 Os que viveram o sismo de Kobe, em 1995, costumam também lembrar como é importante reservar água – por exemplo deixando a banheira cheia de um banho para o outro.

25 Depois, comercializa-se todo o tipo de aparelhos para sismos. Um dos mais arrepiantes é uma lanterna equipada com rádio, sirene (para o caso de se ficar soterrado) e

30 uma bateria de telemóvel. O telemóvel pode, aliás, ser usado como alarme. O sistema japonês de detecção de sismos, além de travar automaticamente todos os comboios, tem contratos com várias operadoras, que emitem alertas para os telemóveis pessoais 35 10 segundos, ou mais, antes do abalo.

As máquinas de venda de bebidas (o Japão tem mais do que o resto do mundo) são outro exemplo da forma como encaramos estas situações. As da Suntory têm mesmo uma função de emergência: providenciam 35 bebidas gratuitamente após os terremotos.

Revista *Sábado*, n.º 359, de 17 a 23 de Março de 2011

LER – COMPREENDER

1. Acabaste de ler três textos que se referem a “desastres naturais”; no entanto, a abordagem e os objectivos de cada um são diferentes.

1.1. Explica e justifica essa afirmação.

FALAR – ESCREVER

Uma das preocupações da humanidade está ligada aos desastres naturais que assolam todo o Mundo. Em Moçambique, também sofremos as consequências de sismos, cheias, secas e outras calamidades.

Num mundo ideal, os desastres naturais não existiriam, contudo, e infelizmente, eles são uma realidade e o ser humano, com a sua actividade e vontade de avançar, vai destruindo o meio ambiente, criando, muitas vezes, as condições propícias a desastres naturais.

Que fazer, então, para minimizar o impacto do ser humano no ecossistema?

A turma deve dividir-se em grupos e discutir este tema. Deve, igualmente, ser escolhido um porta-voz para apresentar as sugestões do grupo aos restantes grupos.

Após a apresentação de todos os grupos, deve ser redigido um texto expositivo-argumentativo, seguindo as indicações dadas na página 24.

3 Textos Jornalísticos

Objectivos Específicos

- Caracterizar a mancha gráfica e a estrutura do artigo de fundo/editorial
- Interpretar o artigo de fundo/editorial
- Identificar as partes do editorial
- Identificar o tipo de linguagem usada em artigos de fundo
- Identificar as variações linguísticas no espaço
- Distinguir o dialecto da variante padrão
- Promover práticas saudáveis (higiene, alimentação, desporto, etc.) na escola e na comunidade

Massaleira com frutos (massala)



O JORNAL

O jornal nasceu há pouco, nasceu agora.
Nasceu na máquina de escrever,
nasceu na caneta, na fotografia,
na composição, na gravura,
5 nasceu na revisão, na impressão.
Nasceu no grito do ardina¹
que vende o mundo
em retalho de notícias.

Passou um dia.
10 O jornal é d'ontem.
Está morto.
Jornal é maravilhoso fenómeno de papel
que nasce e morre
de 24 em 24 horas.

FERREIRA, Paulo Trindade

Vocabulário: ¹ ardina: nome que se dá ao vendedor de jornal.



LER - COMPREENDER

1. O texto A faz alusão aos diversos elementos presentes no processo de produção de um jornal. Enumera-os.
2. Atenta nos versos 6-8: "...ardina / que vende o mundo / em retalho de notícias".
 - 2.1. Explica o sentido destes versos.
3. "O jornal é d'ontem / Está morto". (vv. 10-11)
 - 3.1. Identifica a figura de estilo presente nestes versos e analisa a sua expressividade.
4. Nos versos 13 e 14, podemos ler que "(o jornal)... nasce e morre / de 24 em 24 horas".
 - 4.1. Atendendo ao aspecto de periodicidade, indica o nome que se dá ao jornal produzido...
 - a. todos os dias;
 - b. todas as semanas;
 - c. todos os meses.

Aqueles que vão morrer sorriem-te

“Deixai vir a mim as criancinhas e não as impeçais, pois a elas é que pertence o Reino de Deus”. Este trecho faz parte do Evangelho de São Lucas e, de acordo com ele, Jesus Cristo terá proferido esta frase quando alguns crescidos afastavam as crianças que o rodeavam, julgando que a presença dos petizes o perturbava. Cristo surpreende-os ao ter uma reacção contrária: chamou-as, respondeu às suas perguntas, brincou com elas, acarinhou-as, ouviu as suas histórias.

A nossa legislação, em relação às leis de protecção à criança e aos seus direitos, é quase tão elevada como os sentimentos de Cristo nesta matéria. Mas nunca um calhamaço – são 352 páginas – esteve (está) tão longe da realidade como este.

Na Declaração dos Direitos da Criança adoptada em Moçambique em 1979 (...) lê-se a dada altura: “Tens o direito [criança] de crescer rodeada de amor e compreensão, num ambiente de segurança e de paz. Tens o direito de viver numa família. Quando não tiveres família, tens o direito a passar a viver numa família que te ame como um filho. A escola deve ensinar-te a compreender o mundo onde vives e como transformá-lo, de conhecer a história do teu povo e a sua cultura, de aprender a dominar a ciência e a técnica. Cada vez mais vamos multiplicar para acolher todas as crianças do nosso País. Tens o direito à protecção da tua saúde, a viver num ambiente saudável, a ter uma boa alimentação, a seres ensinada a defender-te contra a doença. Quando estiveres doente, tens o direito de ser tratada com todos os cuidados, com todo o afecto e carinho”.

Esta declaração completa 30 anos em Dezembro próximo e parece, a avaliar pela realidade, que cada vez caminhamos mais no sentido contrário ao que está no papel. Nunca como aqui o adágio popular “de boas intenções está o inferno cheio” se aplicou tão bem como no caso das nossas crianças.

Aqui, efectivamente, o papel e a prática estão a anos-luz. Basta percorrer as ruas das nossas cidades, e em Maputo a realidade é ainda mais dura, para perceber o quão violamos diariamente os direitos mais básicos das nossas crianças. Quantas não têm família? Muitas. Quantas têm uma habitação condigna? Muito poucas. A quantas proporcionamos uma saúde e uma educação dignas? A muito poucas. A quantas damos uma alimentação apropriada? A muito poucas. A quantas transmitimos o nosso carinho? A muito poucas. E o mais grave de tudo: ao desprezarmos as crianças estamos a desprezar metade dos moçambicanos porque, como é sabido, estas constituem cerca de 50% da população do país.

É particularmente visível este nosso alheamento em relação às “flores que nunca murcham”.

O Estado – há processos de adopção que chegam a arrastar-se mais de três anos! – e nós, cidadãos deste país, há muito que as deixámos de regar. E as crianças, como as flores, sem água (ternura, carinho, preocupação, desvelo¹) murcham. Logo elas que deviam, devido à idade, ser as mais viçosas² do nosso jardim. (...)

Jornal A Verdade, 29 de Maio de 2009 (texto com supressões)

Vocabulário: ¹ desvelo: cuidado, zelo, atenção, vigilância;

² viçosas: tenras, inexperientes.



© Shutterstock.com

LER - COMPREENDER

1. O texto estabelece uma dicotomia (uma relação) entre a nossa legislação relativa à protecção da criança e os sentimentos de Cristo.
 - 1.1. Estabelece essa comparação, justificando com expressões textuais.
2. Segundo a Declaração dos Direitos da Criança, que direito de instrução tem a criança?
3. O que defende o autor em relação à materialização da Declaração dos Direitos da Criança?
 - 3.1. Retira do texto duas frases que provem a sua tese.
 - 3.2. Identifica os argumentos a que o autor recorre para justificar a sua tese.
4. "de boas intenções está o inferno cheio" (ll. 44-45)
 - 4.1. O autor proferiu estas palavras para demonstrar...
 - a. que não há boas intenções em relação às crianças;
 - b. que não se elaboram leis que defendam a criança;
 - c. os direitos da criança não são cumpridos na prática.
 - 4.2. Que figura de estilo ocorre na frase acima transcrita e que consiste na inversão sintáctica dos constituintes da frase?
5. "...ao desprezarmos as crianças estamos a desprezar metade dos moçambicanos." (ll. 60-61)
 - 5.1. Na tua opinião, o que leva o autor a proferir tal frase?
6. No texto, o autor compara as crianças a elementos naturais, nomeadamente a flores - "E as crianças, como as flores, sem água". (ll. 70-71)
 - 6.1. Explica, por palavras tuas, a importância da "água" para as crianças.

FALAR

Atenta neste excerto retirado do texto B:

"Basta percorrer as ruas das nossas cidades, e em Maputo a realidade é ainda mais dura, para perceber o quão violamos diariamente os direitos mais básicos das nossas crianças" (ll. 49-53)

Actualmente, ainda há quem considere que dar apoio às "crianças de rua" é alimentar este cenário e atrair outras crianças para as ruas.

Em grupo, discute com os teus colegas este tema, reflectindo sobre alguns dos tópicos abaixo apresentados:

- a. Vale a pena oferecer esmolas (dinheiro, alimentos, roupas...) às crianças de rua?
- b. Serão os "meninos de rua" marginalizados ou será que eles próprios se marginalizam?
- c. Como acabar com os meninos marginalizados?

SABER MAIS

EDITORIAL

Os editoriais são textos em que o conteúdo expressa a opinião da equipa de redacção, sem a obrigação de ter alguma imparcialidade ou objectividade.

Geralmente, grandes jornais reservam um espaço predeterminado para os editoriais em duas ou mais colunas, logo nas primeiras páginas internas. Os *boxes* (quadros) dos editoriais são normalmente demarcados com uma borda ou tipografia diferente para marcar claramente que aquele texto é opinativo, e não informativo.

Editoriais maiores e mais analíticos são chamados de **artigos de fundo**.

O profissional da redacção encarregado de redigir os editoriais é o **editorialista**.

Estrutura do editorial

- 1) Situação da realidade (factos)
- 2) Posição do autor perante a realidade (tese/proposição)
- 3) Defesa da posição (argumentos)
- 4) Apelo para uma acção futura (solicitação)

Texto C

D

DESCUBRO QUE ESTOU NUMA ILHA



O sol ainda alto e eu cansadíssimo. Mas, apesar de tudo, não pensei em descansar. Tentei, mas foi de saber em que lugar me achava. Seria um continente? Seria uma ilha?

A meia milha daquele ponto havia um morro alto donde talvez pudesse
5 ver longe e melhor o problema. Meti as duas pistolas na cintura e, com uma espingarda ao ombro, lá fui explorar o morro.

Em menos de meia hora alcancei o cimo, donde se gozava uma vista maravilhosa. De todos os lados, sempre a mesma coisa – terra e depois mar. Não havia dúvida. Eu me achava numa ilha.

10 Não vi vestígios de habitação nenhuma, nem sinal de vida... isso deixou-me profundamente triste. Eu daria tudo para ver um ser humano, ainda que fosse de selvagem bravo.

Não pude ficar muito tempo no topo do morro porque a tarde ia caindo e eu tinha que cuidar dos meus salvados. Ao descer, encontrei o primeiro ser
15 vivente – um grande pássaro, pousado numa árvore.

O sol já ia quase desaparecendo quando cheguei ao ponto onde estava a jangada, onde guardava meu material nuns caixões. E agora? Não tinha para onde ir, nem onde dormir. Mas tinha de resolver sem demora essas questões porque a noite não tardava.

Texto D

XICUEMBO

Eu bebeu suruma
dos teus ólho Ana Maria
eu bebeu suruma
e ficou mesmo maluco

5 agora eu quer dormir quer comer
mas não pode mais dormir
não pode mais comer

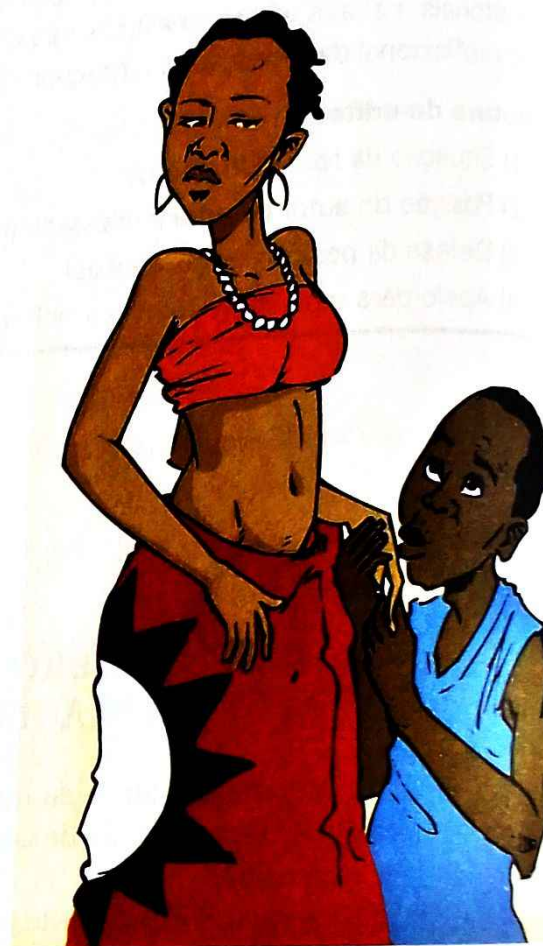
suruma dos teus olhos Ana Maria
matou sossego no meu coração
10 oh matou sossego no meu coração

eu bebeu suruma oh suruma suruma
dos teus ólho Ana Maria
com meu todo vontade
com meu todo coração

15 e agora Ana Maria minhamor
eu não pode mais viver
eu não pode mais saber

que meu Ana Maria minhamor
é mulher de todo gente
20 é mulher de todo gente
todo gente todo gente

menos meu minhamor.



NOGAR, Rui

APLICAR

Após a leitura atenta dos textos C e D, responde às seguintes questões.

1. Identifica as realidades linguísticas a que pertence a linguagem destes textos, justificando através de transcrições textuais.
 - 1.1. Algumas das passagens presentes nos textos estão incorrectas. Reescreve-as correctamente.

2. De certeza que conheces algumas palavras/expressões ou construções fráscas comuns na linguagem popular brasileira e moçambicana, mas que constituem um desvio à norma da língua portuguesa. Escreve-as e explica as irregularidades.
3. O português falado em Moçambique é uma variante do português europeu.
 - 3.1. Aponta uma razão que concorre para a existência de variedades do português em Moçambique.
4. Aponta alguns empréstimos linguísticos no português moçambicano.
5. Das frases abaixo, assinala com um X as incorrectas.
 - a. Este livro fui dado pela minha mãe.
 - b. Fui desprezado com as minhas irmãs.
 - c. Nem na praia nem no baile estiveram.
 - d. A gente somos acolhedoras.
 - e. Por acaso desconsogui de levar toda a encomenda.
 - f. Foi-me emprestado um manual.
 - g. Quando fores ao campo, passa da minha casa.
 - h. Os aniversariantes tem muita sorte.
 - i. A população fez parte do filme.
 - j. A população de Nangade e de Chiúre fizeram parte das filmagens.
- 5.1. Escreve correctamente as frases assinaladas.
6. De que aspectos históricos comungam o português moçambicano e o português brasileiro?

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

VARIAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ESPAÇO: BRASIL E MOÇAMBIQUE

O Português falado em Moçambique

A língua portuguesa chegou a Moçambique com a expansão marítima portuguesa do século XV. Quando o português europeu (PE) entrou em contacto com as línguas nativas (de origem bantu) do nosso país, ganhou novas propriedades. Surgiram, assim, falares típicos do português em Moçambique, influenciados pelas várias línguas autóctones faladas nativamente (*ki-mwani, shi-makonde, ci-yao, cinyanja, e-makhua, e-chuabo, ci-nyungue, ci-sena, ci-balke, ci-shona, gitonga, ci-copi, xi-ronga, xitswa, xi-xangana*, e vários outros dialectos destas línguas).

É legítimo falar-se de *falares locais do português* em Moçambique. Os *chopes*, por exemplo, irão expressar-se em português diferentemente dos *xanganas, nyugues* ou *macuas*, no que respeita aos vários níveis da gramática. Vejamos a seguir as diferentes mudanças da língua portuguesa falada em algumas regiões de Moçambique.

De acordo com os estudos realizados, os verbos concordam com os sujeitos no número, gênero e pessoa.

- **Classe lexical** (pronomes, artigos, preposições, conjunções, advérbios, interjeições).
Ex.: O meu pai agarrou ele (agarrou-o). Tinha cortado o cabelo curto.
- **Concordância** (número, gênero, pessoa, tempo, modo, voz)
Ex.: Os donos da mala viu (viram). Esta senhora é amigo (amiga).
- **Tipo de estrutura sintáctica** (subordinação, coordenação)
Ex.: Para que as coisas crecer melhor (cresçam melhor).
tens vergonha (que ele não tinha vergonha).
- **Escolha lexical dos verbos, nomes e adjectivos**
Ex.: Indivíduos passageiros (que estão de passagem).
- **Semântica** (atribuição de novo significado a palavras do português).
Existem também os casos: *calamidade* = roupa de segunda mão; *pasta* = mala (saco) de mão; *situação* = problema, *crise* = guerra.

Outros casos são os de ajustar palavras do português aos falares locais: *agorinha* = agora mesmo; *bichar* = formar fila; *cronicar* = fazer/escrever crónicas; *desconseguir* = não conseguir; *descamisar* = despir uma camisa; *depressar* = ir depressa; *matabicho* = pequeno-almoço (PE), café da manhã (PB); *estilar* (de estilo) = exhibir-se.

- **Empréstimos das línguas bantu**

Ex.: Vamos ter banja (reunião); *babalaza* = ressaca; *chima* = papa de farinha de milho; *mapira*, *mexoeira*, *mandioca*, *machamba* = campo agrícola; *machimbombo* = autocarro, *ônibus* (PB); *madala* = pessoa idosa, pessoa prestigiada; *kanimambo* = obrigado.

- **Regência verbal**

Ex.: Despediu-se os pais à saída (despediu-se dos).

- **Léxico-Sintaxe**

(1) Casos de verbos que exigem uma certa preposição (regência verbal)

Eu concordo disso (com isso); Eu tinha de ir participar um curso na Suécia (num); Ensina os filhos a respeitar aos pais (os); Tem que passar da cidade (na); Fico admirado naquilo que estou a ver (com aquilo); Foi na altura que eu me separei com os amigos (dos); Os alunos também abusam a eles (deles); Saí nas Forças Armadas (das); Era muito mimada com os pais (pelos); Tenta trabalhar fim-de-semana (no fim-de-semana).

(2) Casos de construções passivas que resultam da transitivização de verbos

(Nós) fomos atribuídos os sítios (Atribuíram-nos); (Eu) fui nascido em casa (Nasci).

- **Fonética**

(1) Pronúncia de consoantes líquidas

areia (arreia); reembolsar (reemborsar)

(2) Queda da vogal inicial

aguentar (guentar)

(3) Nasalização de vogais

Exame (enzame); até (anté)

Mudança linguística do Português

De acordo com Albarran, citado por Stroud e Gonçalves, 1998, os dados aqui apresentados não definem o português de Moçambique; são apenas falares regionais do país.

- **Classe lexical** (pronomes, artigos, preposições)
Ex.: O meu pai agarrou ele (agarrou-o). Tinha cortado cabelos (cortado os cabelos).
- **Concordância** (número, género, pessoa, tempo, modo, voz)
Ex.: Os donos da mala viu (viram). Esta senhora é amigo (amiga).
- **Tipo de estrutura sintáctica** (subordinação, coordenação)
Ex.: Para que as coisas crescer melhor (cresçam melhor). Chegou a dizer que não tens vergonha (que ele não tinha vergonha).
- **Escolha lexical dos verbos, nomes e adjetivos**
Ex.: Indivíduos passageiros (que estão de passagem).
- **Semântica** (atribuição de novo significado a palavras do português).
Ex.: Chegaram as estruturas (responsáveis do governo).
Existem também os casos: *calamidade* = roupa de segunda mão; *pasta* = mala (saco) de mão; *situação* = problema, *crise* = guerra.

Outros casos são os de ajustar palavras do português aos falares locais: *agorinha* = agora mesmo; *bichar* = formar fila; *cronicar* = fazer/escrever crónicas; *desconseguir* = não conseguir; *descamisar* = despir uma camisa; *depressar* = ir depressa; *matabicho* = pequeno-almoço (PE), café da manhã (PB); *estilar* (de estilo) = exhibir-se.

- **Empréstimos das línguas bantu**
Ex.: Vamos ter banja (reunião); *babalaza* = ressaca; *chima* = papa de farinha de milho; *mapira*, *mexoeira*, *mandioca*, *machamba* = campo agrícola; *machimombo* = autocarro, ônibus (PB); *madala* = pessoa idosa, pessoa prestigiada; *kanimambo* = obrigado.
- **Regência verbal**
Ex.: Despediu-se os pais à saída (despediu-se dos).
- **Léxico-Sintaxe**
 - (1) Casos de verbos que exigem uma certa preposição (regência verbal)
Eu concordo disso (com isso); Eu tinha de ir participar um curso na Suécia (num); Ensina os filhos a respeitar aos pais (os); Tem que passar da cidade (na); Fico admirado naquilo que estou a ver (com aquilo); Foi na altura que eu me separei com os amigos (dos); Os alunos também abusam a eles (deles); Saí nas Forças Armadas (das); Era muito mimada com os pais (pelos); Tenta trabalhar fim-de-semana (no fim-de-semana).
 - (2) Casos de construções passivas que resultam da transitivização de verbos
(Nós) fomos atribuídos os sítios (Atribuíram-nos); (Eu) fui nascido em casa (Nasci).
- **Fonética**
 - (1) Pronúncia de consoantes líquidas
areia (arreia); reembolsar (reemborsar)
 - (2) Queda da vogal inicial
aguentar (guentar)
 - (3) Nasalização de vogais
Exame (enzame); até (anté)

O Português falado no Brasil

O enorme contingente populacional do Brasil, quando comparado com os demais países lusófonos, implica que o português brasileiro seja a variante do português mais falada, lida e escrita do mundo.

No território onde actualmente é o Brasil, falavam-se primitivamente várias línguas indígenas americanas por diferentes grupos étnicos que habitavam aquela região. No decorrer da história, com a chegada dos portugueses, comandados por Pedro Álvares Cabral, o português falado no Brasil (PB) incorporou empréstimos de termos não só das línguas nativas americanas (tupi, guaikaru, pano...), como também das línguas levadas pelos escravos africanos (quimbundo, loruba...) e de outros povos que ali estiveram: franceses, espanhóis, italianos e ingleses.

Com a saída dos povos europeus (até 1654), o português passa a ser a única "Língua de Estado" do Brasil e, em 1758, é instituída como a língua oficial do Brasil. Nesta altura, devido à evolução natural da língua, o português falado no Brasil já tinha características próprias, que foram intensificadas com a ida de escravos africanos (no século XVII).

A diferenciação do português do Brasil foi também marcante a partir do momento em que o país chegou à independência (em 1822): o tráfico de escravos diminuiu, mas deu-se uma entrada massiva de estrangeiros europeus, principalmente italianos e alemães. Os italianos formaram a maior corrente imigratória no país. Deste modo, as especificidades linguísticas dos imigrantes italianos interferiram nas transformações da língua portuguesa no Brasil.

Mais tarde, o Modernismo brasileiro, introduzido pela Semana de Arte Moderna em 1922, representou uma verdadeira renovação da linguagem – a linguagem brasileira –, que constituiu uma busca e valorização do léxico dos falares locais, ex.: *tupinólogos* (termos provenientes do tupi). Os escritores, jornalistas e demais artistas foram decisivos nessa revolução linguística, como se pode comprovar com este texto de Oswald de Andrade:

"Dá-me um cigarro"
diz a gramática
do professor e do aluno
e do mulato sabido
mas o bom do negro e o bom do branco
da nação brasileira
dizem todos os dias
"Deixa-te disso camarada
Me dá um cigarro".

Assim, o português brasileiro passou a constituir uma variedade distinta do português europeu (PE) e, conseqüentemente, do português dos demais países de África e Ásia lusófona.

Algumas características particulares do português brasileiro

Uma dessas características é o uso excessivo da construção *estar + gerúndio* contrariamente a *estar + a + infinitivo* que é dominante no português de Moçambique regido pela norma europeia.

No Brasil, pode utilizar-se o pronome possessivo sem ser precedido de artigo (ex.: "meu livro" ao invés de "o meu computador").

A colocação dos pronomes átonos é diferente no Brasil, na fala apenas (ex.: "Te amo"; "Me entrega a pasta" ao invés de "amo-te", "entrega-me a pasta").

Na escrita, as regras são as mesmas. No entanto, prefere-se sempre o uso da próclise (pronome antes do verbo); ênclise (depois do verbo), apenas em formalidades; e mesóclise (no meio, como "construir-te-ia"), quase nunca usada.

No Brasil, o pronome de tratamento *você* ganhou estatuto de pronome pessoal e nessas áreas houve uma quase extinção do uso do *tu* e do *vós*; é a forma mais comum de se dirigir a qualquer pessoa, exceptuando-se pessoas mais velhas ou, em situações formais, superiores hierárquicos ou autoridades (neste caso é empregada a forma de tratamento *o senhor* ou *a senhora*).

No Brasil, muitas palavras enriqueceram o seu significado, originando uma ou mais acepções novas, como é o caso da palavras *virar*, que também significa *transformar-se em*, e a palavra *prosa*, que também significa *conversar*, portanto, *prosador* é o *conversador*, o *loquaz*.

Alguns fenómenos de pronúncia

- ensurdecimento e queda do *r* final.
- alteração do som *lh* por *i* (*muier* por *mulher* ou *trabaio* por *trabalho*);
- redução de *nd* a *n* nos gerúndios (*andano* em vez de *andando*);
- queda ou vocalização do *l* final (*finaw* em vez de *final*)

No Português do Brasil (PB), devido à enunciação de palavras proparoxítonas, estas, na escrita, recebem acento circunflexo, por terem a vogal tónica fechada (gênio, tônico) nos restantes países lusófonos recebem acento agudo, por terem a vogal tónica aberta (génio, tónico). Essa pronúncia fechada das proparoxítonas ocorre também em alguns falares do norte e centro de Moçambique.

Tupinismos

No PB, existem alguns sufixos derivados directamente da língua tupi que funcionam como desinências para o grau de alguns adjectivos, contudo, não alteram a constituição morfológica e fonética da palavra a que se ligam. São exemplos destes sufixos o *-açu* e *-mirim* (grande) e *-mirim* (pequeno) nas palavras *arapaçu* (pássaro de bico grande), *babaçu* (palmeira grande), *mandiguaçu* (peixe grande), *abatimirim* (arroz miúdo) ou *mesa-mirim* (mesa pequena).

Outros exemplos de tupinismos são:

- nome de lugares (*Ipanema, Tijuca, Ceará, Taquara Pará...*)
- nomes de pessoas (*Araci, Jandaia e Iara...*)
- nomes da área da flora e fauna (*mandioca, jacarandá, abacaxi, cupim...*)
- nomes de utensílios (*urupema* – peneira pequena)
- nomes do campo de culinária (*mingau* – papas de farinha de mandioca; *sarapatel* – iguaria preparada com sangue, fígado, rim, bofe e coração de porco ou carneiro; *moqueca* – guisado de peixe ou marisco)
- nomes relacionados com pessoas (*guri* – criança, menino; *xará* – pessoa que tem o mesmo nome de outra)
- nomes do campo da saúde (*catapora* – varicela)

DIAS, Gonçalves. *Diccionario da lingua Tupy, chamada Lingua Geral dos indigenas do Brazil* (1858). disponível na internet via: <http://biblio.etnolinguistica.org/dias>, consultado no dia 13 de Março de 2010

Ortografia – O Acordo Ortográfico

Desde 1945, existem duas normas ortográficas para o português: uma em vigor no Brasil e outra nos restantes países lusófonos. A maior parte das diferenças diz respeito às consoantes mudas, que foram eliminadas da escrita no Brasil. Por exemplo, as palavras *ação*, *atual*, *batismo*, *ótimo* que nos restantes países lusófonos são grafadas *acção*, *actual*, *baptismo*, *óptimo* embora pronunciadas como no Brasil.

O estabelecimento do Acordo Ortográfico de 1990, já em vigor no Brasil desde 1 de Janeiro de 2009, visa unificar a grafia da variante brasileira e dos restantes países lusófonos, criando uma ortografia comum para a língua portuguesa, reduzindo em cerca de 98% as divergências ortográficas entre o português brasileiro e o português euro-africano e asiático.

Com a implementação do Acordo Ortográfico de 1990, já aprovado pela Assembleia da República Portuguesa, a maioria das consoantes mudas serão também eliminadas da ortografia oficial do português europeu (a norma que rege o português dos países africanos lusófonos), restando apenas um número pequeno de palavras que admitirão ortografia dupla, geralmente quando a consoante é muda no português europeu, mas pronunciada no português brasileiro (por exemplo, em *recepção*), ou vice-versa (por exemplo, em *facto*).

Com a entrada em vigor do Acordo Ortográfico, poderá deixar de existir o trema em *ü*, que era usado no português brasileiro para assinalar que a letra u nas combinações *que*, *qui*, *gue* e *gui*, normalmente muda, deve ser pronunciada – por exemplo, em *sangüíneo* e *conseqüência* as sílabas destacadas devem pronunciar-se [gwi] e [kwã], respectivamente.

Algumas diferenças lexicais entre o PB e o PM:

PB	PM
aeromoça, comissária de bordo	hospedeira
aterrissagem	aterragem
banheiro, toailete, toilettes	casa de banho, lavabos, quarto-de-banho, sanitários
carona	boleia
câncer	cancro
carteira de identidade ou Registro Geral/RG	bilhete de identidade/BI
roça	machamba, (PE = farma)
muito	maningue
estrada de ferro, ferrovia	caminho de ferro, ferrovia, via férrea
favela	subúrbio, bairro de caniço (PE = bairro de lata)
freio, breque	travão (PE= freio)
legal	fixe, porreiro (calão)
maiô	fato-de-banho
mamadeira	biberão
grampeador	agrafador
ônibus	machimbombo, carreira (PE = autocarro)

PB	PM
privada sanitária, vaso sanitário ou privada	retrete ou sanita
descarga	autoclismo
tela	ecrã
terno	fato
meia	seis
esporte	desporto
gol	golo
time, equipe	equipa, equipe
torcida	claque
escanteio	pontapé de canto
goleiro	guarda-redes
zagueiro	avançado
israelense, israelita	israelita
nadadeiras, pé-de-pato	barbatanas
canadense	canadiano
polonês, polaco	polaco

PESQUISAR

Investiga o conteúdo do Acordo Ortográfico da língua portuguesa de 1990 e identifica algumas das alterações introduzidas por este acordo.

FALAR – ESCREVER

A implementação do novo acordo ortográfico da língua portuguesa, que falta apenas ser aprovado pela Assembleia da República, em Moçambique, é um assunto que levanta discussões entre linguistas conservadores e puristas da língua.

Qual é a tua opinião acerca deste acordo? Achas melhor que o nosso país adopte a nova ortografia? Faz uma lista de argumentos a favor da tua tese para posteriormente discutires em contexto de sala de aula.

Texto **E**

Municípios revoltados barricam estrada com lixo

Residentes dos quarteirões 11 e 12 no bairro de Fomento, município da Matola, em Maputo, recorreram, nas primeiras horas de ontem, a actos de vandalismo para protestar contra as deficiências verificadas no processo de recolha de lixo na zona.

Para o efeito, colocaram nas ruas quantidades consideráveis de resíduos sólidos como forma de chamar a atenção das autoridades municipais.

É que, segundo alguns deles, desde o mês de Setembro do ano passado que o Município não recolhia o lixo, facto que deixou os residentes daquele bairro com os nervos à flor da pele, sobretudo porque nunca deixaram de pagar a taxa cobrada para o efeito.

A Reportagem do *Notícias* soube no local que os residentes começaram a obstruir as vias de acesso logo às primeiras horas da manhã, como forma de demonstrar o seu descontentamento.

Os residentes consideram que algumas doenças como cólera e malária entre outras



são causadas pelo lixo que fica acumulado nas suas residências e que, nos últimos tempos, não tem sido recolhido, desde que as novas autoridades municipais tomaram conta dos destinos da Matola.

“Nós estamos cansados de conviver com o lixo nas nossas casas, enquanto pagamos taxa de lixo todos os meses”, disse Geraldo Maciel, acrescentando que “nós como residentes estamos prontos para colaborar com o Conselho Municipal no processo de limpeza.”

(...)

Entretanto, o vereador da área da Salubridade e Cemitérios do Conselho Municipal da Matola desmente tal falta de recolha de lixo, afirmando que a sua instituição tem vindo a removê-lo em todos os bairros da Matola, pese embora com algumas dificuldades por avaria de alguns camiões.

Por seu turno, Albino Matsinhe, do Conselho Municipal da Matola, acrescentou que os residentes não precisavam de praticar actos de

vandalismo como forma de protesto perante a deficiente recolha de lixo. “O município está a fazer esse trabalho, semanalmente, apesar de enfrentar algumas dificuldades devido à avaria de alguns camiões, contudo, estamos a preparar-nos para colocar um camião no bairro de Fomento, como forma de resolver, em definitivo, o problema de saneamento do meio naquela zona”.

Jornal *Notícias*, 19 de Janeiro de 2010 (adaptado)

Texto F

‘NTHO-NTHO-NTHO’: UM MAL AMADO

Produzido e vendido em quintais e indiscriminadamente, o ‘ntho-ntho-ntho’ – bebida tradicional – mata os que a ele recorrem para “fintarem” a fome. Mas o caso da Kandza Kaya, do Infulene “A”, na Matola, é apenas um exemplo de que há compatriotas que já não sabem distinguir o bem do mal, a vida da morte!... Sentado debaixo duma frondosa mafurreira e de olhos cerrados, o tio Tindjombo sorve, goela abaixo, o que ainda resta da sua terceira garrafa de ‘ntho-ntho-ntho’.

Ao abrir os olhos, berrou: “Mais uma!...” Sábado, 10h00! Enquanto da mão esquerda da Julieta, a dona da Kandza Kaya, Tindjombo arranca a encomenda, o tilintar dos cinco metcais em moedas metálicas caem na mão direita. Como Tindjombo, há outros que bebem mais do que precisam, até se tornarem escravos. Se um dia tiver de ser escrita a triste biografia de Tindjombo – jovem de 29 anos de idade com aspecto de um sexagenário –, o autor, certamente, limitar-se-á ao que a personagem resumiu, na primeira pessoa, ao @VERDADE: (...) “Comecei com bebidas alcoólicas fracas como a cerveja”.

Mas ele confessa que muito cedo se sentiu impelido a desejar alguma coisa mais forte: “Passei ao vinho...” Mas, mais tarde, afirmam que bebem a aguardente caseira porque lhes cai muito bem; que doenças não os chateiam. “Não é preciso gastar muito dinheiro, mas é bom e faz esquecer o azar e a pobreza”!

UM NEGÓCIO DE DUPLO RISCO

A tia Julieta – como é carinhosamente chamada a dona da Kandza Kaya – atesta que abraçou esse ramo da indústria caseira de bebidas depois de ver, sucessivamente, fracassadas inúmeras tentativas de viver de outras fontes consideradas decentes.

Será em 1998 que decide instalar a Kandza Kaya com que, desde lá, tenta sustentar a família e colocar os filhos na escola. Ninguém deve negar que, quando se faz um pequeno, médio ou grande investimento, se espera um lucro. Boa capitalista ou não, a fabricante de ‘ntho-ntho-ntho’

25 sempre enxerga nesta bebida uma fonte para manter acesa a chama da vida. Mas é no reverso deste negócio que se esconde uma tragédia: muitos dos seus clientes já morreram, supostamente por excesso de dosagem e/ou mal nutrição: “Muitos bebem sem comer”, acusa Julieta, atestando que, por causa disso, muitos já morreram nas suas mãos. “Já enterrei muitos”, confessa. Mesmo assim, muitos jovens acabam ganhando o gosto pelo ‘ntho-ntho-ntho’.

30 Mas também Julieta reclama que é desde 1998 que não sabe o que é ter sequer um minuto de sossego na sua própria casa. Sem outra alternativa, diz que tenta suportar as constantes intrusões e rixas dos seus fregueses, numa prova de cumprimento à risca do velho adágio popular, segundo o qual “um pobre nunca se zanga”.

TITOS, Anselmo, A Verdade on-line, consultado a 11 de Dezembro de 2009 (adaptado)

Vocabulário: ¹ sorve: bebe lentamente, aspirando.

LER – COMPREENDER

1. Associa os temas abaixo indicados com os textos E e F:
 - a. “Saúde e Nutrição”;
 - b. “Saneamento do Meio”
2. “Estamos perante dois textos jornalísticos”
 - 2.1. Justifica esta afirmação, apoiando-te nos textos em evidência.

SABER MAIS

NOTÍCIA

É uma narrativa curta (relata apenas o essencial) de um acontecimento actual (o que acontece num espaço de 24h) com interesse geral (o que desperta a curiosidade e atenção do público a que se dirige). Acima de tudo, a notícia deve relatar os factos com objectividade e não veicular qualquer opinião. O registo é cuidado, mas a linguagem simples e clara, conhecida do grande público. Deve preferir-se a frase curta, usar a 3.ª pessoa e preferir formas verbais no modo indicativo.

Estrutura da notícia

- Título: pode ter antetítulo e/ou subtítulo
- Lead: primeiro parágrafo, graficamente destacado ou não, que contém as informações essenciais, respondendo às perguntas: quem?, o quê?, onde?, quando?
- Corpo da notícia: desenvolvimento da notícia, no qual se responde às perguntas porquê? e como?

O TABAGISMO E O ALCOOLISMO

O tabaco e álcool são dois dos maiores inimigos de uma vida saudável. Nos últimos anos, o consumo de tabaco e de álcool tem sido inequivocamente associado a um vasto leque de doenças. Perdem-se, anualmente, muitos dias de trabalho em consequência de doenças relacionadas com os hábitos de fumar e de ingestão de álcool, os quais aumentam o risco de cancro, de doenças cardíacas e, por conseguinte, de morte prematura.

As mulheres que bebem ou fumam durante a gravidez arriscam-se a causar prejuízos irreparáveis à saúde dos filhos.

TABAGISMO E CANCRO

É bem conhecida a relação entre tabagismo e cancro do pulmão: 90% das mortes causadas por cancro do pulmão podem ser atribuídas aos efeitos do tabaco. O cancro do pulmão é, no entanto, apenas um dos tumores malignos que podem ser causados ou agravados pelo tabagismo.

Muitas pessoas não se dão conta de que o tabagismo contribui igualmente, de forma significativa, para numerosas outras doenças e infecções.

O efeito irritante do fumo do tabaco faz com que se verifique, nas vias respiratórias, um excesso de produção e retenção do muco (da expectoração), o que conduz à clássica tosse, ou catarro, do fumador.

O fumo do tabaco leva também a que os alvéolos pulmonares percam elasticidade e acabem por se romper. Muitos fumadores inveterados morrem de insuficiência respiratória causada por bronquite e/ou enfisema pulmonar.

Os fumadores têm ainda riscos acrescidos de sofrerem de doenças das artérias e da ocorrência de acidentes vasculares cerebrais (AVC). Também é maior o risco de contraírem úlceras gástricas e duodenais.

Ao deixar de fumar, reduzem-se, imediatamente, as probabilidades de contrair doenças relacionadas com o tabagismo. Quantos mais anos passarem sem que se volte a fumar, menor é o risco que se corre. Passados mais de 16 anos sem fumar, considera-se que se passou a estar numa situação equivalente à dos não fumadores.



MALEFÍCIOS DO ALCOOLISMO

40 Os perigos decorrentes do alcoolismo são
 vários. Entre eles podemos enumerar as doenças
 hepáticas: hepatites de origem alcoólica, cirrose e
 cancro do fígado. Existe, igualmente, um risco
 45 acrescido de doenças cardiovasculares, como
 hipertensão arterial (pressão arterial elevada),
 doença coronária e acidente vascular cerebral
 (AVC).

Muitos alcoólicos sofrem de distúrbios do
 tubo digestivo, em parte devido ao constante
 50 efeito irritante do álcool. São, também muito sus-
 ceptíveis a gastrites, cancros da boca, língua,
 faringe, laringe, esófago e estômago.

Os problemas sociais associados ao alcoo-
 lismo são muitos. Ele representa um factor impor-
 55 tante no absentismo, nos acidentes de viação, nos
 óbitos por afogamento, na violência doméstica,
 nas crises conjugais, nos maus tratos infligidos às
 crianças, nos crimes sexuais e outros de natureza
 violenta. Além disso, há provas claras de que os
 60 jovens que bebem descontroladamente têm mais
 probabilidades de experimentar outras drogas.

Para o próprio bem-estar e dos outros, é aconselhável mantermo-nos dentro dos limites
 seguros de consumo de álcool.



© Shutterstock.com

<http://www.selecco.es.pt/otabagismo> e o alcoolismo 15.04.2013 (texto adaptado)

PRATICAR

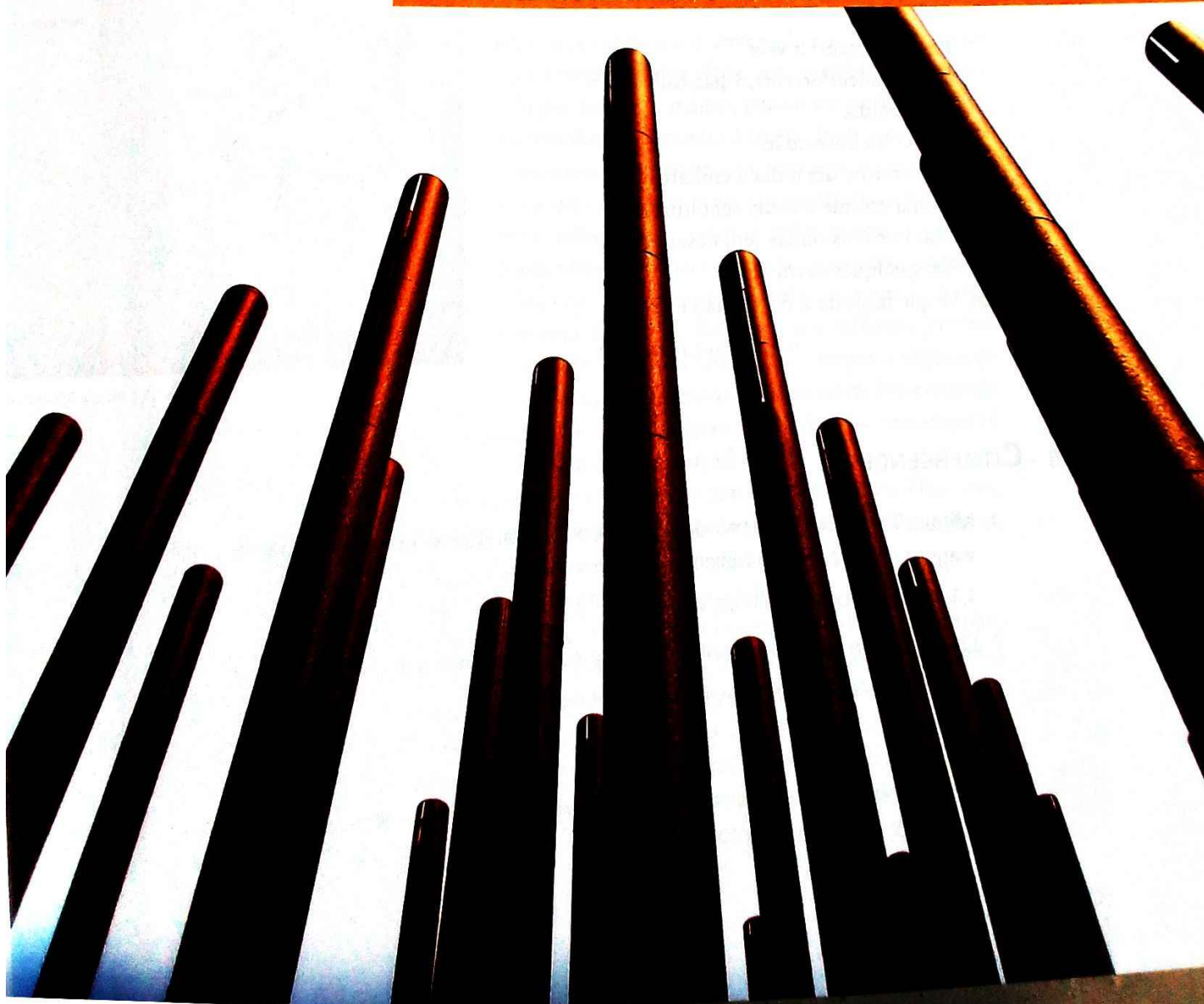
Depois de teres lido os textos F e G, e servindo-te do que aprendeste sobre Textos Jornalísticos, escreve um editorial para o jornal da tua escola alertando para o abuso do álcool e do tabaco.

4 Textos Literários

Objectivos Específicos

- Interpretar o texto narrativo
- Identificar os elementos da narrativa (narrador, personagens, acções, autor)
- Analisar a organização discursiva do texto
- Identificar os recursos expressivos usados no texto
- Produzir textos narrativos, usando uma sequência lógica, com correcção ortográfica e pontuação adequada

Monumento em memória de Samora Machel, Mbuzini, África do Sul



TEXTOS LITERÁRIOS

Lê o poema de Miguel Torga.

P OEMA

- Aparelhei o barco da ilusão
E reforcei a fé de marinheiro.
Era longe o meu sonho, e traiçoeiro
O mar...
- 5 (Só nos é concedida
Esta vida
Que temos;
E é nela que é preciso
Procurar
- 10 O velho paraíso
Que perdemos...)
- Prestes, larguei a vela
E disse adeus ao cais, à paz tolhida.
Desmedida.
- 15 A revolta imensidão
Transforma dia a dia a embarcação
Numa errante e alada sepultura...
Mas corto as ondas sem desanimar.
Em qualquer aventura,
- 20 O que importa é partir, não é chegar.

TORGA, Miguel, *Poemas*, 1962



Barco chow na água

LER - COMPREENDER

1. Miguel Torga, pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha, faz, neste poema, uma viagem de carácter simbólico.
 - 1.1. O que representa essa viagem?
2. O importante não é o caminho por onde andamos, mas sim o caminhar.
 - 2.1. Comenta esta expressão com base no texto.

Iniciemos, pois, uma viagem através de vários discursos, narrativas de viagens, extractos de romances, contos e crónicas.

Lê, atentamente, os textos seguintes:

E STRADA MORTA



Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas
5 pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.

A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância. Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. Na savana
10 em volta, apenas os embondeiros¹ contemplam o mundo a desflorir.

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos² como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais
15 além, haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho. O velho se chama Tuahir. É magro, parece ter perdido toda a substância. O jovem se chama Muidinga. Caminha à frente desde que saíra do campo de refugiados. Se nota nele um leve coxear, uma perna demorando mais que o passo. Vestígio da doença que, ainda há pouco, o arrastara quase até à
20 morte. Quem o recolhera fora o velho Tuahir, quando todos outros o haviam abandonado. O menino estava já sem estado, os ranhos lhe saíam não do nariz mas de toda a cabeça. O velho teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. Muidinga se meninou outra vez. Esta segunda infância, porém, fora apressada pelos ditados da sobrevivência. Quando iniciaram a viagem já
25 ele se acostumava de cantar, dando vaga a distraídas brincadeiras. No convívio com a solidão, porém, o canto acabou por migrar de si. Os dois caminheiros condiziam com a estrada, murchos e desesperançados.

Muidinga e Tuahir param agora frente a um autocarro queimado. Discutem, discordando-se. O jovem lança o saco no chão, acordando poeira. O velho ralha:

30 – Estou-lhe a dizer, miúdo: vamos instalar casa aqui mesmo.

– Mas aqui? Num machimbombo³ todo incendiado?

– Você não sabe nada miúdo. O que já está queimado não volta a arder. Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece
35 desmaiado. Naquele território, tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade. Por isso ele não insiste. Roda à volta do machimbombo. O veículo se despistara, ficara meio atravessado na rodovia. A dianteira estava amassada de encontro a um imenso embondeiro. Muidinga se encosta ao tronco da árvore e pergunta:

– Mas na estrada não é mais perigoso, Tuahir? Não é melhor esconder
40 no mato?

– Nada. Aqui podemos ver os passantes. Está-me a compreender?

– Você sempre sabe, Tuahir.

– Não vale a pena queixar. Culpa é sua: não é você que quer procurar
seus pais?

45 – Quero. Mas na estrada quem passa são os bandos⁴.

– Os bandos se vierem, nós fingimos que estamos mortos. Faz conta
falecemos junto com o machimbombo.

Entram no autocarro. O corredor e os bancos estão ainda cobertos de
50 corpos carbonizados. Muidinga se recusa a entrar. O velho avança pelo corredor,
vai espreitando os cantos da viatura.

– Estes arderam bem. Veja como todos ficaram pequenitos. Parece que o
fogo gosta de nos ver crianças.

Tuahir se instala no banco traseiro, onde o fogo não chegara. O miúdo
continua receoso, hesitando entrar. O velho encoraja:

55 – Venha, são mortos limpos pelas chamas.

Muidinga vai avançando, pisando com mil cautelas. Aquele recinto está
contaminado pela morte. Seriam precisas mil cerimónias para purificar o autocarro.

– Não faça essa cara, miúdo. Os falecidos se ofendem se lhes mostramos
nojo.

60 Muidinga arruma o saco num banco. Senta-se e observa o recanto conser-
vado. Há tecto, assentos, encostos. O velho, impávido, já se deitou a repousar.
De olhos fechados, espreguiça a voz:

– Sabe bem uma sombrinha assim. Não descanso desde que fugimos do
campo. Você não quer sombrear?

65 – Tuahir, vamos tirar esses corpos daqui.

– E porquê? Cheiram-lhe mal?

O miúdo não responde logo. Está virado para a janela quebrada. O velho
insiste que descanse. Desde que saíram do campo de deslocados eles não tinham
tido pausa. Muidinga permanece de costas viradas. Se escuta apenas o seu respirar,
70 quase resvalando em soluço. Então, ele repete a sussurrante súplica: que se limpe
aquele refúgio.

– Lhe peço, tio Tuahir. É que estou farto de viver entre mortos.

COUTO, Mia, *Terra sonâmbula*, Maputo, Ndjira, 1996

Vocabulário: ¹ embondeiro: grande árvore bombacácea das regiões tropicais; ² bambolento: que bamboleia, menear-se; ³ machimbombo: autocarro; ⁴ bandos: designação popular de bandidos armados.



António Emílio Leite Couto, conhecido como Mia Couto, nasceu na cidade da Beira, em 1955. É biólogo e escritor traduzido em mais de vinte e três línguas. O seu romance *Terra Sonâmbula* foi distinguido como um dos doze melhores livros africanos do século XX e foi já adaptado ao cinema. Mia Couto publicou mais de 20 obras, entre poemas, crónicas e romances. É actualmente o escritor moçambicano mais traduzido e divulgado no estrangeiro.

LER – COMPREENDER

1. Retira do texto expressões referentes ao espaço e ao tempo.
2. Faz o levantamento de expressões elucidativas dos modos de representação do discurso (narração, descrição e diálogo).
3. Caracteriza física e psicologicamente Muidinga e Tuahir.
4. Faz o levantamento de neologismos criados pelo autor.
5. Estabelece a relação entre o título e o texto.

FALAR – ESCREVER

Como pudeste ler no excerto do romance de Mia Couto, a guerra é um flagelo mundial. Na turma, promove um debate acerca das guerras que assolam o mundo. Apresenta os teus argumentos e discute formas de evitá-las.

SABER MAIS

TEXTOS NARRATIVOS

1. Definição

O texto narrativo conta acontecimentos ou experiências conhecidas ou imaginadas. Contar uma história, ou seja, construir uma narrativa, implica uma **acção**, desenvolvida num determinado **espaço** e num determinado **tempo**, praticada por **personagens**, e que nos é transmitida por um **narrador**.

Normalmente, o texto narrativo é constituído por **narração** (a acção evolui), **descrição** (das personagens e do espaço) **diálogo** (as personagens falam entre si) e **monólogo** (uma personagem fala consigo mesma).

2. Estrutura do texto narrativo

A estrutura de um texto narrativo pressupõe as seguintes fases:

- **Introdução** (situação inicial) – apresentação do herói;
- **Desenvolvimento** – projectos e desejos do herói; obstáculos levantados à concretização dos desejos; auxílios prestados para a realização dos desejos; sucessos ou insucessos do herói;
- **Conclusão** (situação final) – desenlace.

3. Categorias da Narrativa

3.1. Acção (ou diegese)

É a relevância dos acontecimentos.

Divide-se em acontecimentos principais e secundários: **acção principal** e **acção secundária**.

3.1.2. Final da acção

Acção fechada – solucionada até ao pormenor.

Acção aberta – acção não solucionada.

3.1.3. Ordenação dos acontecimentos e da narrativa

Pode ser:

- ordem real dos acontecimentos;
- ordem textual dos acontecimentos.

3.1.4. Organização das sequências narrativas e/ou acções:

- encadeamento – ordenação cronológica dos acontecimentos;
- alternância – entrelaçamento das sequências e/ou acções;
- encaixe – introdução de uma sequência e/ou acção noutra.

3.2. Espaço

- Espaço físico – lugar da realização da acção.
- Espaço social – o meio social a que as personagens pertencem e onde se deslocam.
- Espaço psicológico – o espaço vivenciado pela personagem, de acordo com o seu estado de espírito, ou o lugar do pensamento e da emoção da personagem.

3.3. Tempo

- Tempo cronológico – marcas da passagem do tempo.
- Tempo histórico – enquadramento histórico dos acontecimentos.
- Tempo psicológico – tempo vivenciado subjectivamente pelas personagens.

3.4. Personagens

São as entidades que vivem os acontecimentos.

3.4.1. Relevância ou papel:

- protagonista, personagem principal, central ou herói – personagem que desempenha um papel central no desenvolvimento da acção;
- secundária(s) – personagens que, embora essenciais, desempenham papéis de menor relevância no desenrolar da acção;
- figurantes – não têm interferência na acção;
- mencionadas ou aludidas – apenas referidas por outras personagens.

3.4.2. Concepção:

- personagem modelada – dotada de uma grande densidade psicológica. O comportamento altera-se ao longo da narrativa. Pode ter, por vezes, comportamentos inesperados;
- personagem plana – desprovida de grande vida interior e com um conjunto de traços bastante limitado, assume um comportamento estável durante toda a diégese e, por isso, previsível;
- personagem tipo – representa uma classe social ou profissional, sendo-lhe atribuídas as características típicas que a definem.

3.4.3. Caracterização:

- física – características fisionómicas, vestuário e gestos das personagens;
- psicológica – referência às características de índole mais pessoal, como o comportamento, o carácter ou os valores morais;
- social – inserção de uma personagem no grupo social a que pertence, através da identificação da sua profissão ou da vida social.

5. Processos de Caracterização

- Caracterização directa – feita através dos discursos da personagem a falar sobre si própria (auto-caracterização), de outras personagens ou de afirmações do narrador (hetero-caracterização).
- Caracterização indirecta – não havendo afirmações explícitas sobre o carácter das personagens, é o leitor que faz deduções sobre as mesmas, a partir das suas atitudes.

6. Narrador

É uma entidade fictícia com a função de contar a história. Há uma nítida distinção entre este conceito e o do autor. O autor é uma figura real, com nome e data de nascimento, o narrador é uma figura fictícia. É uma criação do autor que apenas tem vida dentro do texto e cuja função é narrar.

3.6.1. Presença ou participação:

- narrador heterodiegético (ou não participante) – é aquele que narra uma história à qual não pertence. Tem apenas conhecimento da mesma, mas não participa dela;
- narrador homodiegético (ou participante) – é o narrador que faz parte da diegese ou acção como personagem secundária ou como figurante;
- narrador autodiegético – mais do que uma personagem da narrativa que narra, constitui-se como protagonista da mesma. Tem um papel activo e a narração é feita na primeira pessoa.

3.6.2. Focalização

- Focalização externa – não possuindo um ponto de vista privilegiado, o narrador está limitado à superfície do visível e cinge a informação narrativa ao exterior dos elementos observados. Por essa razão o discurso é mais objectivo e desapaixonado.
- Focalização interna – o narrador observa e relata através do olhar de uma personagem inserida na diegese. A quantidade de informação que pode transmitir é reduzida, uma vez que tem de obedecer a uma questão de coerência – a informação transmitida é aquela que a personagem, cujo ponto de vista é adoptado, possui.
- Focalização omnisciente – o narrador possui um conhecimento integral de todo o universo da narrativa, incluindo o íntimo das personagens.

3.1.2. Final da acção

Acção fechada – solucionada até ao pormenor.

Acção aberta – acção não solucionada.

3.1.3. Ordenação dos acontecimentos e da narrativa

Pode ser:

- ordem real dos acontecimentos;
- ordem textual dos acontecimentos.

3.1.4. Organização das sequências narrativas e/ou acções:

- encadeamento – ordenação cronológica dos acontecimentos;
- alternância – entrelaçamento das sequências e/ou acções;
- encaixe – introdução de uma sequência e/ou acção noutra.

3.2. Espaço

- Espaço físico – lugar da realização da acção.
- Espaço social – o meio social a que as personagens pertencem e onde se deslocam.
- Espaço psicológico – o espaço vivenciado pela personagem, de acordo com o seu estado de espírito, ou o lugar do pensamento e da emoção da personagem.

3.3. Tempo

- Tempo cronológico – marcas da passagem do tempo.
- Tempo histórico – enquadramento histórico dos acontecimentos.
- Tempo psicológico – tempo vivenciado subjectivamente pelas personagens.

3.4. Personagens

São as entidades que vivem os acontecimentos.

3.4.1. Relevo ou papel:

- protagonista, personagem principal, central ou herói – personagem que desempenha um papel central no desenvolvimento da acção;
- secundária(s) – personagens que, embora essenciais, desempenham papéis de menor relevo no desenrolar da acção;
- figurantes – não têm interferência na acção;
- mencionadas ou aludidas – apenas referidas por outras personagens.

3.4.2. Concepção:

- personagem modelada – dotada de uma grande densidade psicológica. O comportamento altera-se ao longo da narrativa. Pode ter, por vezes, comportamentos inesperados;
- personagem plana – desprovida de grande vida interior e com um conjunto de traços bastante limitado, assume um comportamento estável durante toda a diegese e, por isso, previsível;
- personagem tipo – representa uma classe social ou profissional, sendo-lhe atribuídas as características típicas que a definem.

3.4.3. Caracterização:

- física – características fisionómicas, vestuário e gestos das personagens;
- psicológica – referência às características de índole mais pessoal, como o comportamento, o carácter ou os valores morais;
- social – inserção de uma personagem no grupo social a que pertence, através da identificação da sua profissão ou da vida social.

3.5. Processos de Caracterização

- **Caracterização directa** – feita através dos discursos da personagem a falar sobre si própria (auto-caracterização), de outras personagens ou de afirmações do narrador (hetero-caracterização).
- **Caracterização indirecta** – não havendo afirmações explícitas sobre o carácter das personagens, é o leitor que faz deduções sobre as mesmas, a partir das suas atitudes.

3.6. Narrador

É uma entidade fictícia com a função de contar a história. Há uma nítida distinção entre este conceito e o do autor. O autor é uma figura real, com nome e data de nascimento, o narrador é uma figura fictícia. É uma criação do autor que apenas tem vida dentro do texto e cuja função é narrar.

3.6.1. Presença ou participação:

- **narrador heterodiegético (ou não participante)** – é aquele que narra uma história à qual não pertence. Tem apenas conhecimento da mesma, mas não participa dela;
- **narrador homodiegético (ou participante)** – é o narrador que faz parte da diegese ou acção como personagem secundária ou como figurante;
- **narrador autodiegético** – mais do que uma personagem da narrativa que narra, constitui-se como protagonista da mesma. Tem um papel activo e a narração é feita na primeira pessoa.

3.6.2. Focalização

- **Focalização externa** – não possuindo um ponto de vista privilegiado, o narrador está limitado à superfície do visível e cinge a informação narrativa ao exterior dos elementos observados. Por essa razão o discurso é mais objectivo e desapaixonado.
- **Focalização interna** – o narrador observa e relata através do olhar de uma personagem inserida na diegese. A quantidade de informação que pode transmitir é reduzida, uma vez que tem de obedecer a uma questão de coerência – a informação transmitida é aquela que a personagem, cujo ponto de vista é adoptado, possui.
- **Focalização omnisciente** – o narrador possui um conhecimento integral de todo o universo da narrativa, incluindo o íntimo das personagens.

3.6.3. Posição

A posição do narrador tem a ver com a atitude do mesmo perante as sequências da narrativa.

- **Posição objectiva** – o narrador limita-se a narrar, friamente, os acontecimentos, colocando-se numa posição de completa isenção e neutralidade.
- **Posição subjectiva** – o narrador relata os acontecimentos de uma forma em que é possível antecipar a sua posição perante os mesmos, uma vez que faz comentários e revela posições ideológicas. É muito frequente a utilização de adjectivos e de expressões valorativas.

4. Modos de Representação de Narração

A diegese de um texto narrativo não é apenas constituída por uma sucessão ordenada de acções.

4.1. Descrição

É um recurso privilegiado de que o narrador dispõe para criar um efeito do real, fornecendo à diegese dados importantes para o decorrer da acção.

Concluimos que não há textos puros, mas sim textos predominantemente narrativos ou descritivos.

Para enriquecer a narração e conhecer as personagens, recorre-se ao:

- diálogo;
- monólogo.

5. Tipos de Linguagem

Na elaboração de um texto, é necessário ter sempre presente:

- a ordenação lógica dos factos relatados;
- a articulação das frases;
- a pontuação;
- a utilização de recursos estilísticos;
- o emprego correcto dos tempos e modos verbais;
- a variedade lexical.

5.1. Nível Gramatical

O texto narrativo pauta-se pelo uso de verbos “dinâmicos”, isto é, que sugerem actividade e dinamismo por parte das personagens.

Os tempos empregados são, especialmente, todos os pretéritos, com particular relevo para o pretérito perfeito. O presente do indicativo é também utilizado, embora com um valor de falso tempo ou como presente histórico.

5.1.1. Descrição

Na descrição, são usados, preferencialmente, verbos “estativos”, veiculadores da ideia de permanência, como o presente e o pretérito imperfeito do indicativo. Não raras vezes, há, igualmente, o recurso a figuras de estilo como a comparação, metáfora, enumeração, adjectivação e advérbios.

X_{XXI}

Depois da jornada matinal, David regressa a casa disposto a celebrar a solidão. Percorre a casa inteira para confirmar que está só. No seu quarto, Suzy lê uma revista de Walt Disney.

- 5 – Suzy?
 – Olá, pai.
 – Não foste, porquê?
 – Não me apetece.
 – Devias ter dito. Paguei mais uma passagem
 10 para nada.

 – Ninguém me perguntou nada.

David treme, cambaleia. “Makhulu Mamba, esse sacerdote malvado, não ouviu as minhas preces”. Pensa na promessa que falha, na vingança que vem,
 15 na serpente, na caveira do morto desconhecido. Vou falhar, vou ser caveira, vou ser fantasma, tudo por causa de uma filha teimosa. Suspira fundo. Ah, espíritos caprichosos, deuses de desejos difíceis! Vai ao bar e toma um *whisky*. Acalma-se. Recolhe ao quarto e dorme com um olho aberto.

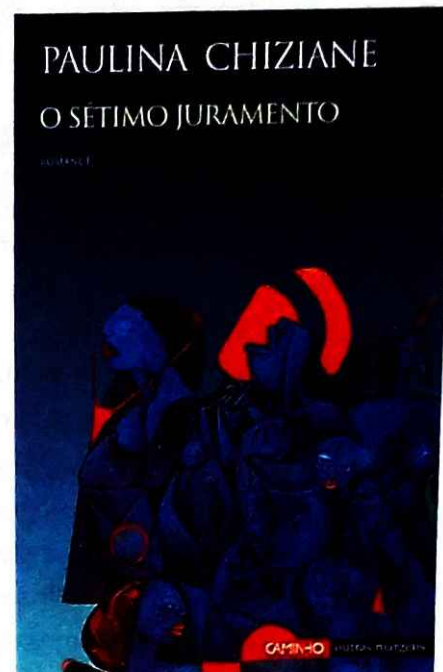
20 Desperta com ideias luminosas e faz uma lista das raparigas que conhece, filhas de amigos, sobrinhas, afilhadas, primas. Ainda bem que Suzy não viajou com a mãe. Ela será a isca. Irá buscar uma das primas da sua idade para lhe fazer companhia durante a noite.

25 Dezassete horas. Suzy telefona para a tia. Quero que a prima me venha fazer companhia esta noite, estou só, a mãe viajou. A tia diz que a prima não está, foi para casa da avó e só voltará domingo à noite. Telefona para várias sobrinhas e a resposta é a mesma. Não está, não pode, não quer.

30 Dezanove horas. David telefona para a secretária particular e pede-lhe que traga a irmã mais nova. A secretária acha o pedido estranho, mas concorda, para não perder o emprego. Combina para as vinte horas.

Vinte horas. David olha para o relógio. Telefona para a secretária particular, agradece-lhe a disponibilidade e pede-lhe que não venha, porque vai sair. Vai ao quarto e veste-se com uma elegância rara. Chama a filha e ordena:

- 35 – Sirva o jantar depressa, preciso de sair.
 Enquanto a filha prepara a mesa, David não tira os olhos do ecrã e o filme que lá corre é o que se projecta no seu cérebro. Suzy convida o pai para a mesa. Ele está surdo e nem responde, está ausente, assistindo ao filme da própria loucura. Ela, por sua vez, põe os olhos na tela. Ri-se. Diverte-se. O filme tem muito humor. Na mesa, a comida arrefece.





- 40 = Pai, a comida está a ficar fria.
= Ah, sim, vou já, mas antes faz-me um chá.
= Depois do jantar eu faço.
= Quero agora e depressa, porque atraso.
O relógio marca as vinte e uma horas. Suzy está na cozinha a preparar o
- 45 chá. Pouco depois regressa com uma bandeja que coloca diante do pai.
= Traz mais uma chávena.
= Para quem?
= Vai, minha, e faz companhia ao teu velho pai. Sei que não gostas de chá, mas faz um sacrifício pelo teu paizinho, está bem?
- 50 Ela regressa à cozinha. David abre o bule e adiciona um pozinho, mexe com a colher e volta a tapar. A chávena vem e ambos tomam o chá bem quente.
= O chá tem um cheiro estranho – reclama a Suzy. – De manhã, quando o tomámos não tinha cheiro nenhum. O paladar é também estranho, nunca antes o senti assim. – Sorve um gole, mais outro, mais outro! – Este chá não sei
- 55 de quê cheira mal mas é apetitoso e convida-me a mais uma chávena.
= Não, minha filha, chega. Agora vamos comer, tenho que sair já.
Mas David não se levanta nem para sair nem para comer. Ambos voltam a posar os olhos no ecrã. Nos olhos de Suzy, as imagens começam a dançar em círculo. Sente um formigueiro no cérebro, vertigens, confusão.
- 60 = Pai.
= Diz.
= Este chá tão bom, o que fez comigo?
Suzy debate-se com uma onda de calor que lhe causa uma aflição sem fim. Escuta zumbidos. Vozes. Música. O corpo balança, vibra, dança. Atira-se
- 65 ao chão e rebola. Volta a reerguer-se com uma força extraordinária e rasga as vestes porque lhe queimam o corpo.
David sente um nó na garganta, também sofre, mas não a socorre. Os deuses precisam desta dor, deste sacrifício, para que o destino se cumpra. David não resiste ao espectáculo. Treme de medo, de emoção, de qualquer outra
- 70 coisa que não consegue explicar. Carrega a filha nos braços até à casa dos fundos. O quarto está preparado para o ritual. No fogão aceso, o incenso arde.

sufocando o ambiente. Coloca a filha sobre a esteira. Assobia. O deus serpente abandona o baú e enrola-se na menina, numa massagem violenta. Com os dentes, vai-lhe fazendo pequenos orifícios onde serão colocados os remédios
75 que tornarão o corpo invulnerável. Ela não manifesta prazer nem dor e dorme o sono dos anjos.

No corpo inerte, os olhos se abrem, serenos. Olha para os lados e ganha uma noção difusa da realidade. Olha para o pai. Sorri. Espirra e tosse. O ambiente está de tal modo carregado de fumo que se tornou irrespirável.
80 David reaviva a fogueira colocando carvão e incenso. Os espíritos são filhos do fogo, gostam de calor e chamas.

David abraça a filha e voa com ela por paraísos sem fim. Adormecem, sonham e despertam. Delira. Corpo de Deus, sangue de Deus. Redenção. Corpo de mim, sangue de mim. Solução. Bebi o sangue do meu sangue para dinamizar
85 o curso da vida.

Incesto é cura, sacrifício. Mulher estéril dorme com o pai para recuperar o gene da fertilidade que escapou na hora da gestação. Homem estéril dorme com a mãe para recuperar a fecundidade esquecida no ventre materno, na hora do nascimento. Pessoa doente dorme com irmão ou irmã, para abominar o
90 espírito mau e expulsar o anjo da morte. Pais e filhos cruzam-se em rituais de fertilidade da terra, do gado, em nome da saúde, riqueza e longa vida desde o princípio do mundo. Incesto elevando ao heróico e ao sagrado na coroação dos reis bantus. Adão comeu a maçã de Eva, irmã e filha, e a vida multiplicou-se.

CHIZIANE, Paulina, *O Sétimo Juramento*, Lisboa, Caminho

Acabaste de ler um excerto de um romance de Paulina Chiziane, escritora nascida em Manjacaze, Moçambique, em 1955. Publicou o seu primeiro romance, *Balada de Amor ao Vento*, em 1999, o qual é também o primeiro romance de uma mulher moçambicana.

LER – COMPREENDER

1. Segundo *Inocência Mata*, o romance focaliza o ritual de iniciação de uma personagem masculina, David, que, para ascender ao poder político, consolidado o poder económico, recorre à feitiçaria, ao poder de um "nyanga", que lhe exige, em troca, o que tem de mais precioso: a família.

Com base no texto, justifica esta afirmação.

ESCREVER – FALAR

1. Faz o resumo do texto, reduzindo-o a 1/3 do original.
2. Transforma o discurso directo presente no texto em discurso indirecto. Não te esqueças de utilizar verbos de elocução diversificados, por exemplo:
dizer, afirmar, perguntar, interrogar, responder, replicar, negar, contestar, exclamar, bradar, pedir, solicitar, mandar, ordenar...

Texto C

Lê o texto seguinte.

(...)

– O que é que se passa?

– O seu filho desapareceu, senhor administrador, respondeu um funcionário
5 que irrompeu pelo gabinete adentro.

– Como?

– O rio levou-o, camarada...

– Porcaria de vida!

10 Caminhando com as meias por onde
despontavam os dedos como cabeças de

tartarugas espantadas com a clareza do mundo, e a balalaica mostrando o
relvado desordenado da savana entregue aos dissabores da devastação amorosa
dos herbívoros insaciáveis, o administrador percorreu os gabinetes dos regula-
mentos e das palavras de ordem em busca dos polícias que jogavam damas
15 debaixo das árvores, longe da esquadra e dos locais de vigília.

– Chamem-me, esses, esses...

Minutos depois, por vontade e ordem do administrador, os homens e
as mulheres saíram dos gabinetes e das residências e bares e bazares legais e
clandestinos e em todos outros locais onde pudessem estar, incluindo as retretes
20 e as casas de banho sem tecto. E durante cinco dias e seis noites, as canoas em
uso e desuso cortaram as águas em todas as direcções possíveis, e o mais que
puderam encontrar foram os ossos do primeiro colono que morreu de uma
diarreia crónica, as armas enferrujadas de encher pelo cano, a primeira denta-
dura postiça que circulou na boca de um preto, as lanças de cabo curto de que os
25 nguni reivindicaram a patente, séculos depois dos aborígenes as terem inventado,
e outros objectos sem nomeação nas línguas correntes, pois pertenceram às
comunidades que falavam o bantu primitivo. (...)

– Não o encontramos, camarada administrador.

– É impossível!

30 – Procurámo-lo pelo rio todo.

– E como é que o corpo não apareceu?

– Os crocodilos devem tê-lo comido.

– E o sinal?

– É verdade. O sinal não apareceu. Mas não seria melhor chamarmos o
35 curandeiro?

– Quem?

– Simamba.

(...)

– Não quero cartas de leitores nem relatórios falsos às estruturas
40 centrais. O que vamos fazer aqui não deve sair deste distrito. Não quero ouvir
histórias. Não quero intrigas, boateiros, reaccionários, contra-revolucionários,
inimigos da pátria, ouviram? Aqui não entra superstição, curandeirismo!





O que vamos fazer, camaradas, enquadra-se nas experiências revolucionárias. Entenderam?

45 – Entendemos, senhor administrador. (...)

– Peço-te, como pai e chefe destas terras, tira o meu filho das águas.

– Não precisas de evocar a tua responsabilidade. Terás o teu filho.

– Confio em ti, Simamba.

– É o teu dever.

50 Dizendo isto, e depois de obrigar os homens a voltarem à ancestralidade dos séculos inominados, o curandeiro espargiu líquidos desconhecidos ao longo da margem direita e iniciou, ao som do tantã que rasgou a tarde, a dança primeira e iniciática destes ritos que não têm equivalente nas culturas de outros mares. (.....) O curandeiro, num passo de ballet, da época dos dinossauros,

55 caminhava de crocodilo em crocodilo, interrogando-os numa língua que existiu antes dos bantus poisarem nestas terras com as regras de chefia e de bens e rezas para a vida e a morte. O administrador, com os olhos injectados de sangue, aproximou-se de Simamba.

– Traz os papéis do teu filho.

60 – Está vivo?

– Terás a resposta amanhã. (...)

- 65 Ao raiar da manhã de quinta-feira, e no meio de um cacimbo persistente, o administrador, desfeito pela noite insone, poisou aos pés do curandeiro a montanha de papéis que identificavam o filho como cidadão da pátria.
- O curandeiro, sem olhar para o administrador, pegou nos cinco quilos de papéis vários e queimou-os. A chama elevou-se pelos ares da manhã e o fumo, em novelos espaçados, dirigiu-se às águas no momento em que o tantã acordava os espíritos adormecidos nas escamas dos crocodilos que choravam, enquanto abanavam as caudas em movimentos contínuos e compassados.
- 70 Ao cair da tarde os batuques deixaram de troar. O suor escorria para as águas, salgando-as. Os crocodilos deixaram de chorar. O curandeiro, exausto, ajoelhou-se, passou as mãos pela frente, ajeitou os adereços, endireitou os chocalhos, e esperou, silencioso.
- Os crocodilos aproximaram-se das águas. A tarde fugia.
- 75 Sensivelmente a meio das águas, como que vindo de espaços interestelares, o corpo de Pedro flutuava sem peso e a cor dos afogados. À medida que se aproximavam do corpo, os homens não puderam conter o grito de espanto ao verem um fio de sangue cortando as águas.
- Limpo, nu, sorridente, e sem ares de afogado, Pedro tinha um sinal de
- 80 sangue recente na testa brilhante. A morte tocara-o havia momentos.

BA KA KHOSA, Ungulani, *Orgia dos Loucos*, Associação dos escritores moçambicanos, colecção Karingana, n.º 13, Maputo, Imprensa Nacional, 1990 (texto com supressões)

Acabaste de ler um excerto do livro *Orgia dos Loucos*, de Ungulani Ba Ka Khosa, escritor que conhecestes no ano lectivo passado.

LER – COMPREENDER

1. Compara as três narrativas que leste.
 - 1.1. No teu caderno, faz um quadro em que presentes as semelhanças e diferenças a nível do conteúdo das narrativas.
2. Faz o levantamento de figuras de estilo que encontras nos textos de Mia Couto, Paulina Chiziane e de Ungulani Ba Ka Khosa. Preenche o quadro com exemplos.

Metáfora	Personificação	Hipérbole	Ironia	Prosopopeia

TEXTOS NARRATIVOS

Etimologicamente, o vocábulo "narrar" tem origem latina, *narrare*, que significa *contar, dizer, falar de*. Este tipo de texto surge em verso ou em prosa.

1. Narrativas em verso

- **Epopeia** – narrativa dos feitos grandiosos de um indivíduo ou de um povo. Característica de todas as epopeias é a utilização de um estilo grandiloquente, isto é, um estilo elevado com um vocabulário muito elaborado.

2. Narrativas curtas em prosa (que contêm um ensinamento moral)

- **Fábula** – as personagens são animais.
- **Parábola** – as personagens são humanas.
- **Apólogo** – as personagens são seres inanimados.
- **Mitos** – histórias ficcionadas para explicar fenómenos "incompreensíveis", como o mito de Aquiles.
- **Lendas** – histórias em que há uma mistura de realidade e ficção.

3. Géneros do Modo Narrativo

3.1. Crónica – do grego *kronos*, que significa "tempo", destina-se à publicação em jornais ou revistas. Por isso, deve estar relacionada com acontecimentos diários.

3.2. Conto – contém um único drama, um só conflito. Tem, pois, apenas uma acção, um lugar, um tempo, um tom, o que o torna breve e conciso.

3.3. Romance – é uma narrativa longa, que apresenta várias acções, embora haja uma central. No romance, estão presentes a descrição e a narração, isto é, momentos de pausa (através de descrições de ambientes, de personagens e de sentimentos) e de avanço.

3.4. Novela – do latim *novella* – diminutivo de *novus* – novo, existente há pouco tempo.

Designa um relato ficcional, de dimensão média, entre o conto e o romance. Utiliza menos recursos narrativos que o romance e uma quantidade maior de personagens.

3.5. Observações

- O romance tem como origem a história das narrativas de viagem, as epopeias.
- A novela tem como origem um conto, uma anedota e tudo nela se encaminha para a conclusão.
- No conto, o passado e o futuro são irrelevantes para o contexto do drama, objecto do conto.

CAPÍTULO XII

Assim chegou Setembro, e com ele o meu natalício, que era a 3 e num domingo. (...)

E voltei à janela, impaciente, porque o relógio do corredor, muito atrasado, já cantara a meia hora depois das dez e o Príncipe tardava para o almoço. Mas, mal eu me chegara à varanda, apareceu justamente na volta da estrada Jacinto, de grande chapéu de palha, na sua égua, seguido do Grilo que, também de chapéu de palha, e abrigado sob um imenso guarda-sol verde, se escarranchava no albardão

da velha égua de Melchior. Atrás, um moço com uma maleta à cabeça. E eu, na alegria de avistar enfim o meu Príncipe trotando para a minha casa de aldeia, no dia dos meus trinta e seis anos, pensava noutro natalício, no dele, em Paris, no 202, quando, entre todos os esplendores da Civilização, nós bebemos tristemente *ad manes*, aos nossos mortos! (...)

Subindo a escadaria ligeira, penetrando no alegre corredor, com a sua janela ao fundo engrinaldada de roseirinhas, Jacinto louvava grandemente a nossa casa, que o repousava das rijas muralhas, das grossas portas feudais de Tormes. E no seu quarto agradeceu os cuidados maternais da tia Vicência, que enchera de flores os dois vasos da China sobre a cómoda, e adornara a cama com uma das nossas colchas da Índia mais ricas, cor de canário, com grandes aves de ouro. Eu sorria, enternecido. Então estreitámos os ossos num grande abraço, pelo natalício... “Trinta e oito, hem Zé Fernandes?” – “Trinta

e quatro, animal!” E o meu Príncipe abrindo logo a mala, sóbria maleta de filósofo, ofereceu os “nobres presentes, que são devidos”, como diz sempre o astuto Ulisses na *Odisseia*. Era um alfinete de gravata, de safira, uma cigarreira de aço fosco, adornada de um florido ramo de macieira em delicado esmalte, uma faca para livros de velho lavor chinês. Eu protestava contra a prodigalidade.

– É tudo das malas de Paris...Mandei-as abrir ontem à noite. (...)

E o almoço foi muito alegre, muito íntimo, muito conversado, sobre as obras de Jacinto em Tormes, e a sua creche que entusiasmava a tia Vicência, e as esperanças da vindima, e a minha prima Joaninha, que tinha o papá doente, e o péssimo estado dos caminhos. Mas o enternecimento maior foi quando, ao servir o café, o criado pôs ao lado de Jacinto um pires com um pau de canela, o seu estranho e costumado pau de canela.



Não esquecera a tia Vicência! Ali tinha o seu pauzinho de canela! – Queria
40 que ele, em Guiães, continuasse os seus hábitos como em Tormes... E aquele
pau de canela foi o símbolo de adopção do meu Príncipe como novo sobrinho
da tia Vicência.

Ela em breve recolheu à cozinha, aos preparativos do banquete. Nós
fumámos um preguiçoso charuto no jardim, ao pé do repuxo, sob a recolhida
45 sombra do cedro. Depois, inexoravelmente, como proprietário, mostrei ao meu
Príncipe a propriedade toda, com desapiedada minuciosidade, sem lhe perdoar
um campo, um regueiro, um pé de vinha. Só quando a sua face se começou
a opar e a empalidecer, pela saciedade, e que do entendimento totalmente
ator-doadado só lhe escorria um vago – “muito bonito! bela terra” – é que voltei
50 os passos para casa. (...)

Consenti generosamente que ele adormecesse – e eu mesmo descí a veri-
ficar se a Gertrudes dispusera bem as escovas, as toalhas de renda, no quarto
onde os convidados, em breve, ao chegar, lavariam as mãos, escovariam a
poeira da estrada. (...)

55 O Manuel que esteja bem limpo, de gravata bem tesa... Vamos a ver
como corre a festa!

QUEIRÓS, Eça de, *A Cidade e as Serras*, Porto, Porto Editora, 2010 (texto com supressões)



Acabaste de ler um excerto do romance de Eça de Queirós
A Cidade e as Serras.

José Maria Eça de Queirós nasceu na Póvoa de Varzim,
Portugal, em 1845, e morreu, em Paris, em 1900.

A sua vasta obra compreende ensaios, contos, cartas
e romances. Entre os romances mais lidos encontramos
O Crime do Padre Amaro, *O Primo Basílio*, *Contos* e *Os Maias*,
entre outros.

A Cidade e as Serras pertence à última fase do escritor, em que abandona a crítica mordaz
que fazia à sociedade portuguesa da época. O próprio título já indica o enredo. Nesse livro, Eça
estabelece uma comparação entre a vida agitada de Paris e a vida tranquila e pacata na cidade
serrana de Tormes. O escritor relata a travessia de Jacinto de Tormes, o Príncipe, segundo Zé
Fernandes, da cidade para as serras. Ele troca o mundo civilizado, repleto de comodidades
provenientes do progresso tecnológico, pelo mundo natural, selvagem, primitivo e pouco
confortável, no sentido dos bens que caracterizam a vida urbana moderna, mas onde encontra
a felicidade.

LER – COMPREENDER

1. Identifica a acção principal.
2. No romance, as categorias “espaço” e tempo são fundamentais para a compreensão da história.
 - 2.1. Situa a história no espaço e no tempo.
 - 2.2. Compara o espaço da acção com a cidade de Paris, onde o narrador esteve como convidado de Jacinto.

3. No excerto destacam-se algumas personagens.
 - 3.1. Faz o levantamento das mesmas.
 - 3.2. Classifica-as quanto ao relevo.
4. Avalia a forma como o narrador preparou e recebeu os convidados na festa do seu aniversário.
5. Lê a frase: "Nós fumámos um preguiçoso charuto no jardim".
 - 5.1. Identifica a figura de estilo sublinhada e analisa a sua expressividade.
6. "Eça é um artista que se serve da palavra para criar arte. A reforma estilística de Eça significa a abertura à língua falada através da introdução de sucessivas frases curtas, variedade de ritmos e possibilidade de trabalhar cada elemento da frase por si mesmo, tanto no plano do significado como da sugestão e musicalidade".
 - 6.1. Justifica esta afirmação com base no texto.

FALAR – ESCREVER

Jacinto troca o mundo civilizado parisiense pela tranquilidade da serra, onde parece ser realmente feliz. Num texto de reflexão, expõe as vantagens e desvantagens da vida campesina vs. vida citadina.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

CONCORDÂNCIA DO NOME PREDICATIVO DO SUJEITO COM O SUJEITO

1. Definição

Chama-se Nome Predicativo do Sujeito à função desempenhada por um verbo copulativo que atribui uma propriedade ao sujeito.

Verbos Copulativos são aqueles que têm necessidade de uma palavra que lhes complete o sentido. Estabelecem uma ligação entre o sujeito, por um lado, e com os adjectivos que o caracterizam, por outro, assumindo a função sintáctica de predicativo do sujeito.

Exemplos de verbos copulativos: *ser, estar, ficar, parecer, permanecer, continuar, tornar-se, revelar-se.*

Tais verbos contêm um significado puramente gramatical. Limitam-se a transmitir a ideia em referência a um estado permanente (*ser*), um estado transitório (*estar*), permanência de estado (*continuar*), aparência de estado (*parecer*), mudança de estado (*ficar/vir*).

Exemplo:

A Cidade e as Serras é um romance.

↓
predicativo do sujeito

2. Concordância

O nome predicativo do sujeito pode ser constituído por:

2.1. Um grupo nominal.

Ex.: O autor de *A Cidade e as Serras* é um homem.

2.2. Um grupo adjectival.

Ex.: Jacinto parece contente.

2.3. Um grupo preposicional.

Ex.: Zé Fernandes continua sem coragem.

2.4. Um grupo adverbial.

Ex.: Hoje ficamos aqui.

Nota: Como podes concluir dos exemplos apresentados, o nome predicativo do sujeito concorda com o sujeito.

APLICAR

Analisa sintacticamente as frases:

- a. A tia Vivência é uma boa cozinheira.
- b. Os ventos pareciam quietos naquela noite.
- c. E no seu quarto agradeceu os cuidados da tia Vivência.
- d. E eles ficaram ali, no jardim.

SABER MAIS

NARRATIVAS DE VIAGENS

A literatura de viagem é, geralmente, a memória das experiências de um autor visitando um local. Através do olhar do viajante, une exploração, aventura, objectividade científica, observação, impressões.

Nos relatos aparecem mecanismos retóricos utilizados para a descrição do outro, do novo, como: anástrofe, comparação, analogia, metáfora, personificação, hipérbole, ironia.

A diversidade de temas, ligada às diferentes condições históricas e às características do viajante, pode aparecer de diferentes formas: relatos de viagens; registos de acontecimentos cronológicos; diários para fins científicos; correspondência; notas de impressões, entre outros. Em conclusão, as diferenças estão relacionadas com a forma, os objectivos, o destinatário e os interesses pessoais do autor.

São exemplos de literatura de viagem *Os Lusíadas* de Luís de Camões, *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, publicada em 1614, *As Viagens* de Marco Polo e outras, mais actuais.

CANTO X

152

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
 Alemães, Galos¹, Ítalos e Ingleses,
 Possam dizer que são pera mandados,
 Mais que para mandar, os Portugueses.
 5 Tomai conselho só de experimentados,
 Que viram largos anos, largos meses,
 Que, posto que em cientes² muito cabe,
 Mais em particular o experto³ sabe.

153

De Formião⁴, filósofo elegante,
 10 Vereis como Annibal escarnecia,
 Quando das artes bélicas, diante
 Dele, com larga voz tratava e lia⁵.
 A disciplina militar prestante
 Não se aprende, Senhor, na fantasia,
 15 Sonhando, imaginando ou estudando,
 Senão vendo, tratando e pelejando.

154

Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,
 De vós não conhecido nem sonhado?
 Da boca dos pequenos sei, contudo,
 20 Que o louvor sai às vezes acabado⁶.
 Nem me falta na vida honesto estudo,
 Com longa experiência misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis presente,
 Cousas que juntas se acham raramente.

155

25 Para servir-vos, braço às armas feito⁷;
 Para cantar-vos, mente às Musas dada;
 Só me falece⁸ ser a vós aceito,
 De quem virtude⁹ deve ser prezada.
 Se me isto o Céu concede, e o vosso peito,
 30 Digna empresa tomar de ser cantada,
 - Como a pressaga mente vaticina¹⁰,
 Olhando a vossa inclinação divina -,

LUÍS DE CAMÕES

Os LUSÍADAS



Ou fazendo que, mais que a de Medusa¹¹,
 A vista vossa tema o monte Atlante¹²,
 35 Ou rompendo nos campos de Ampelusa¹³
 Os muros de Marrocos e Trudante¹⁴,
 A minha já estimada e leda Musa
 Fico¹⁵ que em todo o mundo de vós cante,
 De sorte que Alexandro em vós se veja,
 Sem à dita de Aquiles ter inveja.

CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, Porto, Porto Editora

Vocabulário: ¹ galos: franceses; ² cientes: sábios; ³ experto: experiente; ⁴ Formião: filósofo grego que dissertou diante de Aníbal acerca da arte de combater; ⁵ lia: expunha pomposamente; ⁶ acabado: perfeito; ⁷ feito: habituado; ⁸ falece: falta; ⁹ virtude: mérito pessoal; ¹⁰ vaticina: profetiza, prenuncia, adivinha; ¹¹ Medusa: uma das três Górgonas, que transformava em pedra aqueles que a contemplassem directamente; ¹² Atlante: Atlas, em Marrocos; ¹³ Ampelusa: Cabo Espartel, a oeste de Tânger; ¹⁴ Trudante: capital de uma província marroquina; ¹⁵ fico: asseguro.

LER - COMPREENDER

1. O excerto apresentado pertence ao X e último canto de *Os Lusíadas*. Concluída a narração da viagem, o poeta, embora reconhecendo ser "humilde, baixo e rudo", atreve-se a dar conselhos ao rei.
 - 1.1. Em que bases assenta esse "atrevimento"? Resume-as por palavras tuas.
2. O poeta relata factos que ainda não aconteceram.
 - 2.1. Transcreve palavras que sustentam esta afirmação.
3. O poeta refere-se aos portugueses e às suas acções com optimismo e euforia.
 - 3.1. Justifica esta afirmação através de transcrições textuais.
4. Quais são as intenções do poeta ao dar estes conselhos?

Lê agora um excerto de *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, explorador português que, no século XVI, percorreu o Oriente como nenhum ocidental tinha ainda feito e poucos acreditaram no seu relato. Aliás, o seu relato foi tão fantástico que levou a que se fizesse um dito jocoso como o seu nome: *Fernão Mendes Minto*. Ou então ainda: *Fernão, mentes? Minto!*

Fernão Mendes Pinto terá nascido em Montemor-o-Velho, Portugal, em 1510, e morreu em Almada, em 1583. Embarcou para a Índia em 1537, ao encontro dos seus dois irmãos. Por lá andou e foi, segundo palavras suas, treze vezes cativo e dezassete vendido.

Regressado à sua pátria, ditou de memória a sua obra *Peregrinação*, publicada postumamente, em 1614.



Selo em homenagem a Fernão Mendes Pinto

D

O QUE UM MERCADOR AQUI DISSE A ANTÓNIO DE FARIA ACERCA DAS GRANDEZAS DESTA ILHA DE AINÃO

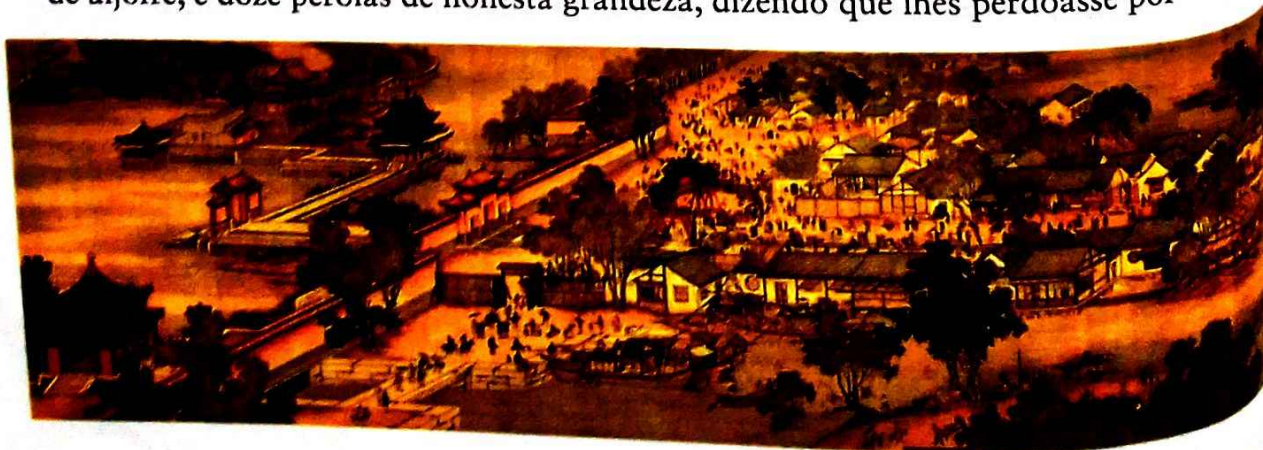
E espantando-se António de Faria e os mais portugueses que estavam com ele, de tamanhas grandezas, como este mercador lhes dizia, lhe tornou ele:

– Se vós outros, desta pouquidade fazeis tamanho caso, que faríeis se vísseis a cidade de Pequim onde sempre reside o filho do Sol com sua corte e onde vão ter todos os rendimentos dos trinta e dois reinos desta monarquia, que somente de ouro e prata que se tira das oitenta e seis minas se afirma que são mais de quinze mil picos?

António de Faria, depois de lhe dar graças por quanto a propósito lhe respondera a suas perguntas, lhe rogou muito que lhe dissesse em que porto lhe aconselhava que fosse vender aquela fazenda, que fosse mais seguro e de melhor gente, pois não tinha monção para passar a Liampó, ao que ele respondeu:

– Aconselho-te como amigo que não entres em nenhum desta ilha de Ainão, nem te fies dos chins¹ desta terra, porque te afirmo que nenhum te há-de falar verdade em coisa que te diga, e fia-te de mim porque sou muito rico e não te hei-de mentir como homem pobre. E assim te aconselho que te vás por esta enseada dentro, e sempre com prumo na mão porque tem muitos baixos e muito perigosos, até um bom rio que se chama Tanauquir, porque nele tens bom surgidouro em que podes estar seguro e à tua vontade, e em dois dias poderás vender toda essa fazenda que levas e outra muita mais se a tiveres, mas não te aconselho que a desembarques em terra, porque muitas vezes a vista causa cobiça, e a cobiça desmancho na gente quieta, quanto mais na revoltosa e de má consciência, que tem por natureza inclinar-se a tomar o alheio que a dar do seu aos necessitados, pelo amor de Deus.

Após isto, ele e os outros que trazia consigo se despediram do capitão e dos portugueses com muitas palavras de cumprimentos de que comumente não são nada avarentos, e a António de Faria em retorno do que lhe tinha dado, deu uma boceta de tartaruga, pequena como um saleiro, cheia de grãos de aljofre, e doze pérolas de honesta grandeza, dizendo que lhes perdoasse por



não fazerem ali fazenda com ele, porque receavam que os matassem por isso,
30 conforme a rigorosa lei da justiça daquela terra, e que lhe rogava que logo se fosse, antes que viesse o mandarim da armada, porque se ali o achasse, soubesse certo lhe havia de queimar as embarcações.

Não quis António de Faria enjeitar o conselho deste homem, e, receando que pudesse ser verdade o que lhe ele dizia, se fez logo à vela, e, passando-se à
35 outra costa da banda do sul, em dois dias de ventos oeste, chegou ao rio de Tanauquir, no qual surgiu defronte de uma aldeia pequena chamada Neytor.

PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação I*,
Lisboa, Edições Afrodite, Casa do Livro, 1980

Vocabulário: ¹ chins: chineses.

LER – COMPREENDER

1. Comprova, através de segmentos textuais, que estamos perante um excerto de uma narrativa de viagem.
2. Indica o objectivo principal da viagem.
3. Classifica o narrador quanto à presença.
4. Refere a modalidade de focalização dominante no texto. Justifica a resposta.

FALAR – ESCREVER

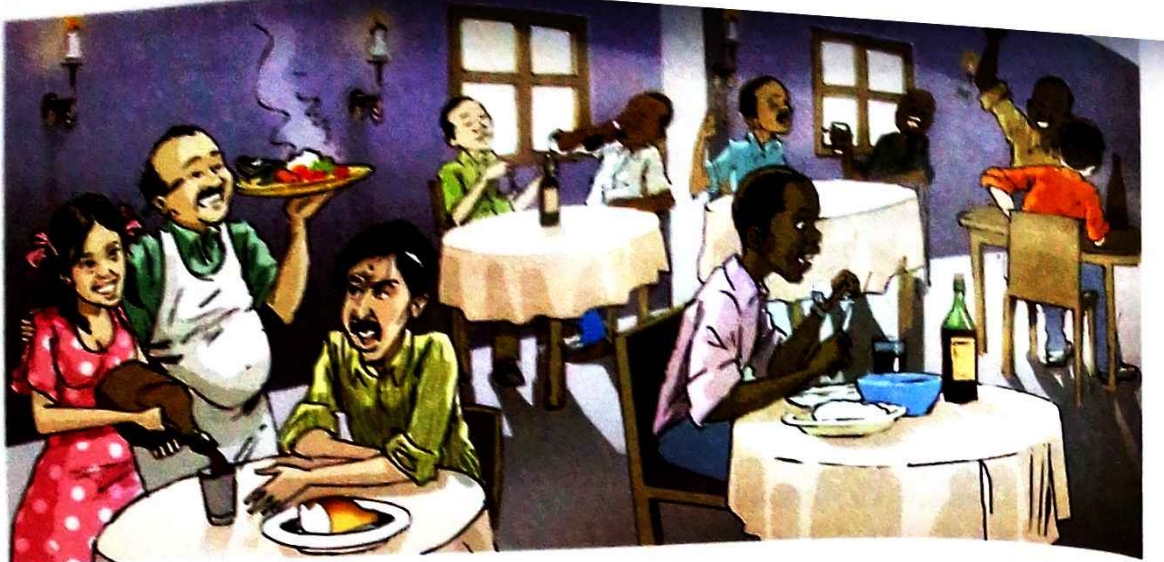
1. Reconta, por palavras tuas, o episódio narrado.
2. Por certo, também tu empreendeste uma viagem, quer tenha sido mais longínqua, como a de Mendes Pinto, quer uma geograficamente mais próxima. Narra, por escrito, em aproximadamente doze linhas, episódios de uma viagem que tenhas feito e que te tenha marcado.

Texto **G**

Lê o excerto seguinte retirado do romance *Os Dois Irmãos*, de Milton Hatoum.

D OIS IRMÃOS

Por volta de 1914, Galib inaugurou o restaurante Biblos no térreo da casa. O almoço era servido às onze, comida simples, mas com sabor raro. Ele mesmo, o viúvo Galib, cozinhava, ajudava a servir e cultivava a horta, cobrindo-a com um véu de tule para evitar o sol abrasador. No Mercado Municipal, esco-
5 lhia uma pescada, um tucunaré¹ ou um matrinxã², recheava-o com farofa³ e azeitonas, assava-o no forno de lenha e servia-o com molho de gergelim. Entrava na sala do restaurante com a bandeja equilibrada na palma da mão esquerda; a outra mão enlaçava a cintura de sua filha Zana. Iam de mesa em mesa



e Zana oferecia guaraná⁴, água gasosa, vinho. O pai conversava em português
10 com os clientes do restaurante: mascateiros⁵, comandantes de embarcação,
regatões, trabalhadores do Manaus Harbour. Desde a inauguração, o Biblos foi
um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que
moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodea-
vam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa
15 algaravia⁶ surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de
vozes que contavam um pouco de tudo: um naufrágio, a febre negra num
povoado do rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas e o mais
recente: uma dor ainda viva, uma paixão ainda acesa, a perda coberta de luto,
a esperança de que os caloteiros saldassem as dívidas. Comiam, bebiam, fumavam,
20 e as vozes prolongavam o ritual, adiando a sesta.

Quem indicou o restaurante ao jovem Halim foi um amigo que se dizia
poeta, um certo Abbas, que tinha morado no Acre e agora vivia navegando no
Amazonas, entre Manaus, Santarém e Belém. Halim passou a frequentar o
Biblos aos sábados, depois ia todas as manhãs, beliscava uma posta de peixe,
25 uma beringela recheada, um pedaço de macaxeira⁷ frita; tirava do bolso a
garrafinha de arak⁸, bebia e se fartava de tanto olhar para Zana. Passou meses
assim: sozinho num canto da sala, agitado ao ver a filha de Galib, acompa-
nhando com o olhar os passos da gazela. Contemplava-a, o rosto ansioso, à
espera de um milagre que não acontecia. Ia pescar nos lagos e trazia tucunarés
30 e postas de surubim para Galib. O dono do Biblos lhe agradecia, não cobrava
o almoço, e Halim se entusiasmava com essa intimidade que ainda não bastava
para aproximá-lo de Zana. (...)

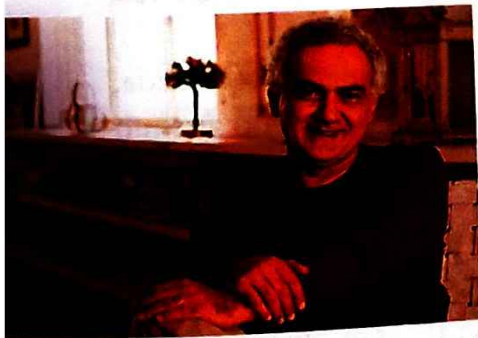
Na madrugada de uma sexta-feira encontrou Cid Tanus, um cortejador
das últimas polacas e francesas que ainda moravam na cidade decadente. Bebe-
35 ram o vinho que Tannus comprara de marinheiros franceses e italianos. Depois
chegou Abbas, ainda sóbrio, mas animado com outras encomendas de gazais⁹.
Bateu nas costas de Halim: “E então, paisano? Que cara é essa?”. Abbas, diante
da ameaça de um fracasso, cochichou no ouvido do amigo: “Os gazais são
convincentes, a paciência é poderosa, mas o coração de um tímido não
40 conquista ninguém”. Pediu duas garrafas de vinho, entregou-as a Halim e
disse: “Amanhã, sábado, dois litros de vinho e... felicidades, paisano!”.

Enfim, Halim decidiu agir, cheio da coragem exacerbada pelo vinho. Ele se exaltava quando, nas nossas conversas, me contava os detalhes da conquista amorosa. “Ah...a ânsia e o transe que tomaram conta de mim naquela manhã”,
45 disse-me.

As rimas de Abbas: louco com afoito. O que mais queria Zana? Então, na manhã daquele sábado, Halim entrou cambaleando no Biblos. Os olhos dele fisgaram a moça no meio da sala. O viúvo Galib notou o fogo no visitante. Ficou paralisado, o peixe de boca aberta e olhos saltados na bandeja equilibra
50 brada na mão esquerda. Talheres silenciaram, rostos viraram-se para Halim. As pás do ventilador, o único zunido no mormaço da sala. Ele deu três passos na direcção de Zana, aprumou o corpo e começou a declamar os gazais, um por um, a voz firme, grave e melodiosa, as mãos em gestos de enlevo. Não parou, não pôde parar de declamar, a timidez vencida pela torrente da paixão, pelo
55 ardor que irrompe subitamente. Zana, a moça de quinze anos, ficou estonteada, buscou refúgio junto ao pai.

HATOUM, Milton, *Os Dois Irmãos*, Brasil, Companhia das Letras, 2000 (texto com supressões)

Vocabulário: ¹ tucunaré: nome vulgar de um peixe do Amazonas muito apreciado; ² matrinxã: peixe do Amazonas de corpo alongado, alto e comprido; ³ farofa: prato salgado de acompanhamento da cozinha brasileira cujo ingrediente principal é a farinha de mandioca; ⁴ guaraná: planta nativa da Amazónia; ⁵ mascateiro – vendedor ambulante; ⁶ algaravia: confusão de vozes; linguagem difícil de entender
⁷ macaxeira: espécie de mandioca; ⁸ arak: típica bebida alcoólica árabe; ⁹ gazal: poema.



Milton Hatoum é filho de imigrantes libaneses. Nasceu em Manaus, na Amazónia, em 1952.

Segundo Hatoum, o imigrante é um sujeito dividido, sofre a dualidade lar vs. pátria.

Agora que já conheces um pouco do romance, responde às questões.

LER – COMPREENDER

1. Faz a localização espaço-temporal da história.
2. Explica o sentido da frase “*Os gazais são convincentes, a paciência é poderosa, mas o coração de um tímido não conquista ninguém*”. (ll. 38-40)
3. Galib gostava de trabalhar a Terra.
 - 3.1. Procura, no texto, uma frase que apoie esta afirmação.

FALAR – ESCREVER

Informa-te sobre os frutos, as bebidas e os pratos tradicionais do teu local de origem e descreve-os à tua turma.

Procura informação sobre a migração em Moçambique e no Brasil. Faz um estudo comparativo e fala da sua importância para a diversidade cultural e racial que os dois países apresentam.

Convidamos-te a continuar a nossa "viagem" através do mundo da literatura.

Desta vez apresentamos-te um excerto de um conto de Lília Momplé, intitulado "Stress", do seu livro de contos *Os olhos da cobra verde*.

Texto H

S TRESS

A amante do major-general crava os olhos no homem que está sentado na varanda do 2.º andar, mesmo em frente, e sibila, indignada: "bêbado".

Consegue vê-lo perfeitamente, recostado na cadeira de napa meio encardida, Xirico na mesinha ao lado, copo de cerveja na mão. "bêbado", repete ela, sem desviar os olhos do homem "toda a tarde vai beber". E, com estas palavras, procura escamotear de si própria o motivo real da sua indignação.

O homem vai beberricando a cerveja com uma sofreguidão mal contida, a atenção centrada no copo e no Xirico. Por um instante, por um brevíssimo instante, a amante do major-general supõe que ele dá pela sua presença, mas logo se apercebe de que, como sempre, aquele olhar resvalante a exclui do seu campo de visão, inteiramente preenchido pelo Xirico e pelo copo de cerveja.

É domingo e, como acontece todos os domingos a esta hora, a amante do major-general vem até à varanda que dá para a rua. Almoçou sozinha, na enorme sala comum que poderia ser alegre e arejada, dadas as suas dimensões, a cor branca das paredes e a ampla porta envidraçada que comunica com a varanda. É, porém, um local sombrio, tal a profusão de mobiliário de precioso e escuríssimo jamberre, alcatifas, bibelots de metal, maples de veludo e pesados cortinados. Até mesmo a poeira parece circular na sala agitadamente, ansiosa por se libertar de tamanha ostentação.

(...)

Por isso, agora, radiosa no seu vestido verde-mar, ao vê-lo todo entregue à bebida e ao Xirico, a amante do major-general continua a fixá-lo com um olhar branco de rancor. O mesmo olhar que um dia, num futuro não muito distante, sentado no banco dos réus, ele irá captar e o levará a interrogar-se, cheio de perplexidade, "porque me odeia tanto esta mulher que mal conheço?"



Com efeito, terá dela apenas uma ideia vaga
30 e imprecisa, de alguém que, casualmente, se
avista de relance.

Nesse dia, a amante do major-general
será a única testemunha de acusação. Nem
mesmo os familiares da esposa do réu se
35 prestarão a depor contra ele, porque, apesar
de campônios analfabetos, carregam em si
uma sabedoria antiga que lhes permite
distinguir um criminoso de um homem
acusado pelo desespero.



40 A amante do major-general, porém, logo que tiver conhecimento da
tragédia, ousando mesmo contrariar o amante, apresentar-se-á como testemunha
de acusação, aproveitando-se da privilegiada situação de vizinha do réu.
E, nessa hora de vingança, incriminará o professor com afirmações temerárias
e falsas. E, a certa altura, dirá mesmo, peremptória: “O réu cometeu o crime
45 premeditadamente. Ele não gosta de mulheres, eu acho!”

(...)

Entretanto, o professor, alheio às aflições e raivas que provoca na amante
do major-general, escuta com atenção o relato de futebol enquanto bebe a
cerveja que hoje encerra, no seu travo amargo, uma ponta de remorso. Remorso
50 que o acompanha desde manhã, quando a esposa o viu chegar com as duas
“médias” que fora comprar ao quiosque da esquina.

“Não te esqueças dos livros e da roupa para as crianças. Qualquer dia
começam a apanhar faltas”, disse ela, fixando intencionalmente as garrafas de
cerveja.

55 “Está bem. Amanhã trato disso”, retorquiu o professor, arrumando
apressadamente as garrafas na geleira vazia.

Aborrece-o não tanto a implícita censura da esposa, mas, sobretudo,
o facto de se ver obrigado a mentir para a sossegar. Sabe perfeitamente que
amanhã não vai ter dinheiro para comprar os livros escolares e a roupa para os
60 filhos, provavelmente mal poderá alimentá-los.

Daí este sabor a remorso no travo amargo da cerveja que o professor vai
bebendo devagar, para a fazer render até ao fim do relato. Embora também
não ignore que sem estas curtas horas de evasão ao domingo, uma espécie de
ritual de que o relato de futebol e a bebida fazem parte, não poderia suportar a
85 monótona correria dos seus dias.

Desperta sempre com a sensação de que já está atrasado, arranja-se a
correr e a correr engole a chávena de chá quase amargo (o açúcar é caro) e o
pedaço de pão seco. Fica-lhe sempre uma vontade aguda de tomar café que
muito aprecia, sobretudo de manhã, mas não pode dar-se a esse luxo. Corre
70 então para a Escola Secundária onde lecciona. Vai a pé, porque quase não
existem machimbombos na cidade e o preço dos “chapas” é proibitivo para a
sua bolsa. Chega à escola transpirado e ciente de que grande parte das suas
energias já foram gastas antes de iniciar o trabalho.

Sempre gostou de ensinar e é um dos poucos professores da escola que
75 seguiu a carreira de docente por vocação. Mas todo o seu entusiasmo inicial se

vem desgastando perante turmas de cinquenta alunos, amontoados pelas salas, sem um mínimo de condições para assimilar a matéria. São, na sua maioria, adolescentes que desprezam o estudo e os próprios professores, sobretudo os que não aceitam subornos, como ele. E que, por esse motivo, se apresentam com a
80 roupa puída, os sapatos cambados e até rotos, comparecendo, todos os dias, ofegantes e suados, por não possuírem carro próprio nem dinheiro para “chapas”.

Quando, cerca das 13 horas, as aulas terminam, o professor corre para casa, onde o espera o minguaado almoço que mal lhe dá forças para preparar as aulas, corrigir exercícios e ainda leccionar no Ensino Nocturno. Finalmente,
85 perto da meia-noite, regressa a casa, extenuado e amargo e estatela-se na cama como um ébrio, para no dia seguinte despertar com a eterna sensação de que está atrasado. E a corrida recomeça, de manhã à noite, inglória corrida que mal dá para a família não morrer de fome, estranha recompensa para tanto esforço e tantos anos de estudo.

90 (...)

A esposa sempre lhe compreendeu a necessidade de evasão nas tardes de domingo. Porém, à medida que as privações se agudizam, vai diminuindo também a sua compreensão. E esta amanhã, pela primeira vez, criticou-o tacitamente, lembrando-lhe a compra urgente de material escolar para os filhos, com os
95 olhos fixos nas garrafas de cerveja que ele precipitadamente arrumava na geleira. E, agora, também pela primeira vez, aproveitando a ausência de toda a família que, ao domingo à tarde, se sente na obrigação de dar um passeio, a mulher invade-lhe o espaço sagrado da varanda e, postando-se à sua frente, reclama os livros e a roupa para as crianças e até a roupa para si própria ela reclama, o que,
100 aliás, é compreensível, dado que possui apenas dois vestidos desbotados.

“Mas, aqui não, por favor, agora não”, roga o professor dentro de si, embora permaneça silencioso, tentando ouvir o relato por entre as reclamações da mulher.” Passe em profundidade de Chiquinho” ... “As sapatilhas já estão completamente rotas” ... “Pontapé de baliza pertencente à equipa do” ...
105 “Qualquer dia chumbam por não ter material” ... “Goolo, goolo, goolo, de” ... “Sinceramente até sinto vergonha de sair à rua” ... “Avança, faz o cruzamento e oferece o golo a” ...

Já não é possível seguir o relato porque a mulher, cuja paciência parece ter alcançado o ponto de rotura, entrou agora num estado de frenesim e grita
110 sem parar, abafando completamente a voz do relator.

Lentamente, muito lentamente como quem se move numa outra dimensão, o professor levanta-se da cadeira e, dirigindo-se à mulher que o fita perplexa, com ambas as mãos, apodera-se-lhe da garganta que vai apertando, apertando, até que ela deixa de estrebuchar e, escorregando, acaba por cair, inerte, no chão.

Assim a deixa o marido, que se instala de novo na cadeira de napa, ouvindo o relato até ao fim e beberricando a cerveja até à última gota. Só então parece dar pela esposa, estatelada no chão e, ao aproximar-se dela, vê o seu próprio espanto reflectido na expressão incrédula e magoada do rosto da morta. Com gestos de autómato, ergue-a do chão e leva-a nos braços para o
120 quarto onde a estende, com infinito cuidado, na desconjuntada cama de casal. Um pouco mais tarde, já na esquadra da polícia, dirige-se ao agente de serviço e confessa, num murmúrio:

- Venho entregar-me. Matei a minha mulher.
– Matou a sua mulher? – pergunta o polícia, atónito, pois não consegue relacionar aquele homem de aspecto tão pacífico com um crime de morte.
125 – Sim, matei – murmura de novo, o professor.
– E porquê? Qual foi o móbil do crime? – insiste o polícia, num tom já mais profissional, mas ainda incrédulo.
– Não sei. Acabo de a matar.
130 – Não sabe? Então acaba de matar a sua mulher e não...
– Não sei... talvez porque eu próprio já não consigo viver – responde o professor, tirando do bolso um velho lenço, com o qual tenta ocultar as lágrimas que, teimosamente, lhe brotam dos olhos.

MOMPLÉ, Lília, *Os Olhos da Cobra Verde*, Maputo, edição da autora, 2008
(texto com supressões)

Lília Maria Clara Carrière Momplé nasceu na ilha de Moçambique. Com o livro de contos *Ninguém matou Suhura* (1988) ganhou o prémio de novelística.

Como Lília Momplé foi professora durante muitos anos, muitos temas das suas narrativas versam o tema da educação.



LER – COMPREENDER

1. Retira expressões do texto que indiquem e descrevam o espaço da acção.
2. Identifica as personagens principais.
3. Caracteriza, psicologicamente, o professor e a amante do Major.
4. Após a leitura do excerto, explica o título do texto – “Stress”.

FALAR – ESCREVER

Agora que já leste e analisaste vários textos narrativos, é chegado o momento de também tu elaborares um texto narrativo.

Escolhe o tema com a ajuda do teu professor. Não te esqueças de integrar no teu texto as categorias da narrativa estudadas ao longo desta unidade. Para que o teu texto seja coeso, deves utilizar conectores, aplicar correctamente as regras de pontuação e recorrer a figuras de estilo diversificadas.

PRATICAR

Os Olhos da Cobra Verde é um livro composto por seis contos: “Stress”, “Os Olhos da Cobra Verde”, “O Sonho de Alima”, “Um Canto para morrer”, “Xirove” e “Era uma Outra Guerra”.

Lê os contos e para cada um elabora uma ficha de leitura.

Texto

M

MOÇAMBIQUE – COMBATE AO ESTIGMA DA SIDA

O estigma e a discriminação causam mais sofrimento aos infectados com o vírus HIV em Moçambique do que a falta de medicação, fome ou pobreza.

Insultados pela comunidade, abandonados pela família, sem oportunidades de emprego e condenados pela igreja, até nos centros de saúde estes pacientes são discriminados. O preconceito é sempre maior em relação às mulheres.

O plano nacional estratégico de combate à SIDA de 2005-2009, que visa promover e proteger os direitos humanos dos portadores de HIV, ainda não conseguiu transformar os seus princípios em legislação. A primeira lei de protecção a pessoas vivendo com HIV foi aprovada em 2002 mas cobre somente a discriminação no local de trabalho.

Uma proposta para uma legislação mais compreensiva foi submetida em 2005 pela rede moçambicana de organizações de combate ao HIV/SIDA (MONASO). No entanto, este documento ainda se encontra em revisão e debate pelo parlamento moçambicano. Em 2007, um grupo de pessoas HIV-positivo da região de Machaze fundaram a organização Tchitenderano (“acordo” no idioma Ndau) e lançaram uma campanha contra o estigma e discriminação no seu distrito, onde a prevalência de HIV é um pouco mais elevada que a média nacional de 16 por cento. Este grupo já ajudou mais de 3000 pessoas.

Para tentar enfrentar o problema, Tchitenderano tem 25 activistas que dão palestras em diversas instituições públicas e educam a população sobre o HIV e outros assuntos de saúde sexual e reprodutiva. Os activistas também visitam instituições de saúde, encorajam os pacientes a aderir ao tratamento anti-retroviral (ARV) e providenciam tratamento domiciliar.

Samuel Doris Campira, presidente do Tchitenderano, diz que a organização está lentamente a ajudar o distrito a libertar-se do estigma e discriminação: “Apesar das campanhas e da legislação, o estigma ainda é muito grande. Mas com o tempo, informação e paciência, acredito que as comunidades irão eventualmente mudar as suas atitudes.



<http://www.plusnews.org/2009> (adaptado)

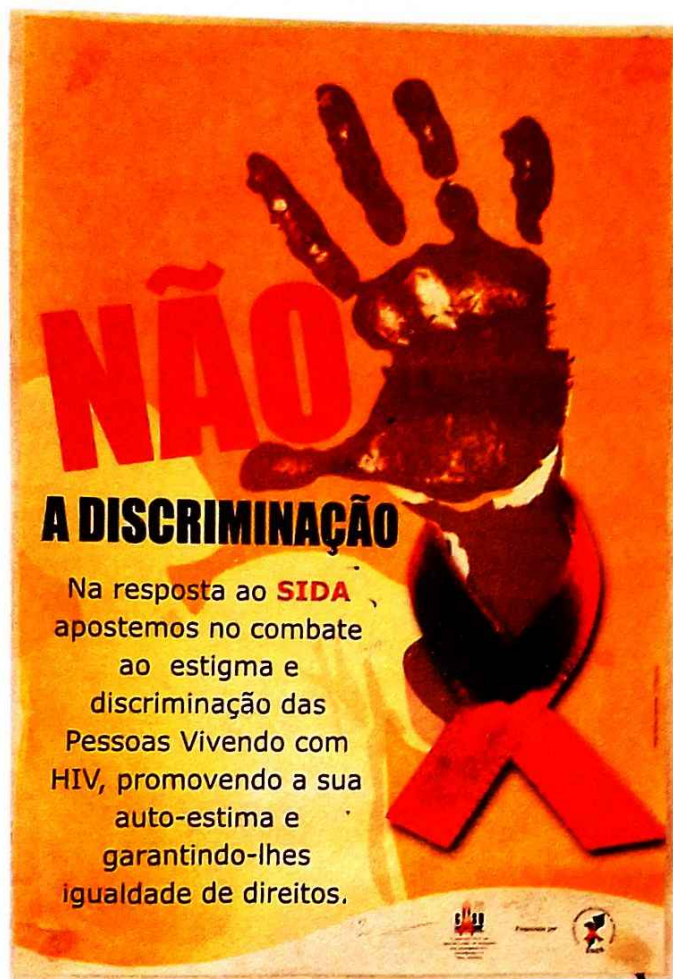
FALAR – ESCREVER

Discute, em grupo, situações possíveis ou que tu conheces de casos de discriminação devido à SIDA.

Em seguida, elabora um pequeno texto, para ser apresentado na turma, sobre propostas para minimizar essa situação.

D

ISCRIMINAÇÃO



Na resposta ao **SIDA**,
apostemos no combate
ao estigma e
discriminação das
Pessoas Vivendo com
HIV, promovendo a sua
auto-estima e
garantindo-lhes
igualdade de direitos.

A discriminação de doentes infectados com o vírus do HIV é uma realidade em Moçambique. Campanhas de sensibilização têm sido levadas a cabo no sentido de se inverter a situação.

Será que só este grupo é vítima desse estigma? O que acontece com as nossas crianças, com os deficientes, com as mulheres e com os idosos?

5 Passeios em péssimas condições, inadequação de lojas e restaurantes, transporte deficiente, casas sem condições adequadas – o deficiente motor tem de enfrentar tudo isto e mais a marginalização em relação ao emprego.

O idoso suporta, tal como o deficiente motor, o problema das acessibilidades uma vez que a idade provoca a perda da força muscular. Neste caso a situação é ainda mais grave pois a agitação do mundo em que vivemos e a sociedade deixou de contar com este grupo a quem, 10 vezes sem conta, acusam de feitiçaria. Quantas vezes ouvimos dizer “Nosso Senhor me levasse.. só ando aqui a penar...” Esquecemo-nos que são esses velhos que, quando os progenitores morrem, ficam a tomar conta dos netos. Sem eles muito mais crianças ficariam desamparadas.

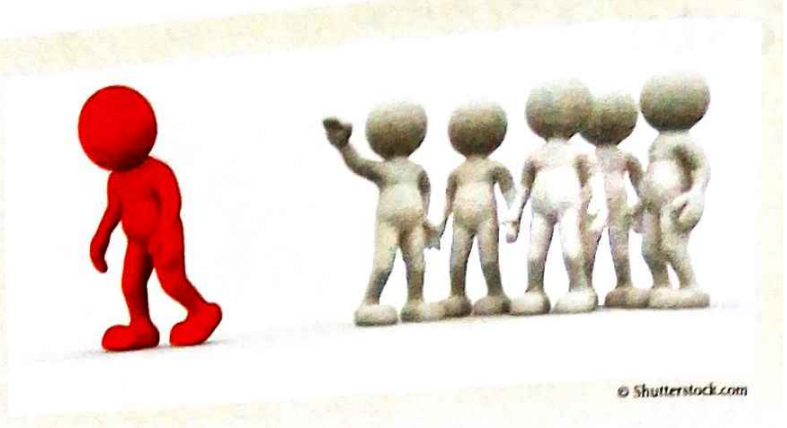
O que dizer das crianças? Órfãs de pais cuidando dos irmãos mais novos numa idade 15 em que ainda deviam brincar com bonecas e já se vêem obrigadas a cuidar de outro tipo de bonecas de carne e osso, mas, neste caso, já não é uma brincadeira, mas uma responsabilidade demasiadamente grande para os seus poucos anitos.

20 E as mulheres? Apesar de se falar tanto em emancipação, ainda, na prática, poucas mulheres ocupam cargos de chefia. Isto para não falar de crianças feitas mulheres à força, vítimas de gravidezes precoces.

25 Perguntamo-nos: que fazer perante este panorama? Muito se pode discutir a nível da tomada de medidas urgentes e já estão a ser feitas e aplicadas leis.

30 O mais importante é fomentar atitudes positivas em relação a todos e a tudo. Só assim podemos criar um país livre da discriminação.

Maria Emília Morais



© Shutterstock.com

PRATICAR

Para terminar esta unidade, com base nos textos I e J, elabora um texto em que narres uma situação de discriminação.

5 Textos de Pesquisa de Dados

Objectivos Específicos

- Identificar os elementos da ficha de leitura
- Ler e identificar os principais assuntos da obra
- Elaborar uma ficha de leitura analítica e de comentário
- Organizar as referências bibliográficas
- Resumir o assunto da obra
- Escrever devidamente as citações (usar as astas)
- Tecer um comentário sobre o assunto da obra
- Usar as orações relativas no comentário sobre a obra

Raízes de árvore em Inhassoro



TEXTOS DE PESQUISA DE DADOS

Texto A

SALTEI PÁGINAS

Li pela primeira vez *Guerra e Paz* quando tinha doze ou treze anos (talvez treze, estava na 5.^a classe e já bem para o final). Desde o início das férias que via o meu irmão enfronhar-se¹ neste enorme romance. (...)

5 – É assim tão bom?

– É ótimo!

– É a história de quê?

– Duma rapariga que gostava de um fulano e que casou com outro.

10 O meu irmão sempre teve o dom do resumo. Se os editores o contratassem para redigir as “contra-capas” poupavam-nos muito arrazoado inútil.

– Emprastas-mo?

– Dou-to.

15 Eu estava num colégio interno e portanto o livro constituía um presente inestimável. Dois grossos volumes que me acompanhariam durante todo o trimestre.

O meu irmão, cinco anos mais velho, não era propriamente idiota (...) e sabia perfeitamente que *Guerra e Paz* não se podia reduzir a uma história de amor, por muitas voltas que se lhe desse. Mas ele conhecia a minha queda por sentimentos inflamados, e sabia fazer despertar a minha curiosidade com as 20 formulações enigmáticas dos seus resumos. (Eu sentia que ele era um “pedagogo”.) Creio que foi o mistério aritmético da sua frase que me fez abandonar temporariamente a minha *Bibliothèque* (...), para me lançar neste romance. “Uma rapariga que gosta de um fulano e que se casa com outro”... era impossível resistir. (...) De facto, eram quatro os que amavam Natasha: o príncipe 25 André, o crápula Anatole (...), Pedro Bezukhov e eu. Mas como eu não tinha qualquer hipótese, não tive outro remédio senão “identificar-me” com os outros. (Não com o Anatole, claro, que era um verdadeiro patife!)

30 A leitura era ainda mais deliciosa por se processar à noite, à luz de uma lanterna portátil, debaixo dos cobertores, colocados como uma tenda no meio de um dormitório (...) Sinto ainda a espessura e o peso daqueles volumes nas minhas mãos. (...)

Interessei-me pelo amor e pelas batalhas e saltei os assuntos políticos e estratégicos... Confesso que passei ao lado das teorias de Clausewitz... parece 35 conjugais de Pedro Bezukhov e da sua mulher Helena (...) e deixei o Tolstói a dissertar sozinho acerca dos trabalhos agrários da Rússia eterna... Saltei páginas, sim, saltei.

PENNAC, Daniel, *Como um Romance*, ASA, 2010 (texto com supressões)
Vocabulário: ¹ enfronhar-se: envolver-se em algo, ficar por dentro de alguma coisa.

1. Identifica os intervenientes e o assunto do diálogo apresentado no texto.

2. Atenta nas seguintes passagens textuais:

"O meu irmão sempre teve o dom do resumo. Se os editores o contratassem para redigir as 'contra-capas' poupavam-nos muito arrazoado inútil." (ll. 9)

"(Eu sentia que ele era um 'pedagogo'.)" (ll. 20-21)

2.1. O que levou o narrador a chegar a estas conclusões?

3. O narrador recebeu um livro do irmão.

3.1. O que o levou a interessar-se pelo livro?

3.2. Qual é o assunto central do livro *Guerra e Paz*? Sustenta a tua resposta com segmentos textuais.

4. Assinala com um V a afirmação verdadeira e com um F a falsa:

a. O narrador não gostava de leituras, por isso saltou páginas.

b. Ele gostava muito de ler, de preferência histórias de amor.

4.1. Justifica a tua resposta.

SABER MAIS

FICHA DE LEITURA

A ficha de leitura é um instrumento essencial de apoio à leitura. Nela anotam-se com precisão todas as referências bibliográficas relativas a um livro ou a um artigo, escreve-se o seu resumo, transcrevem-se algumas citações-chave, elabora-se uma apreciação e acrescenta-se uma série de observações.

A ficha de leitura contribui para o aperfeiçoamento da ficha bibliográfica, porque, para além de conter dados identificadores de uma obra (referência bibliográfica), contém também uma informação sobre a essência dessa obra, seja ela em resumo, citação ou outro tipo de anotação.

A ficha de leitura é feita numa cartolina de tamanho A5, que deve ficar anexa a um livro (na capa ou contra-capas) ou ainda pode estar disponível num ficheiro específico de consulta.

Numa biblioteca, a redacção das fichas de leitura relativas a uma obra é da responsabilidade da biblioteca. Contudo, nos últimos tempos, o uso de fichas de leitura invadiu as escolas e universidades, pois são importantes auxiliares de estudo.

Elementos da ficha de leitura

Os elementos essenciais de uma ficha de leitura são:

- o resumo ou síntese;
- as referências bibliográficas;
- a indicação do número de páginas;
- a natureza da obra.

Formato da ficha de leitura

Referência bibliográfica:		Natureza da obra:
Páginas	Tema:	Observações
	Notas _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____	

Tipos de fichas de leitura

- **Ficha de resumo ou de síntese** – apresenta um resumo ou síntese das ideias principais do texto base.
- **Ficha de citação** – reproduz frases relevantes.
 - replica segmentos textuais, entre aspas;
 - contém obrigatoriamente as páginas de onde as informações foram extraídas;
 - indica a supressão de palavras, recorrendo ao parêntese curvo ou recto.
- **Ficha de comentário** – é uma interpretação crítica do texto base, nos seguintes aspectos:
 - ideias do autor;
 - estrutura do texto;
 - clareza/obscuridade do texto;
 - pertinência do conteúdo.
- **Ficha analítica** – faz uma análise da obra de partida, podendo referir entre outros, os seguintes aspectos:
 - campo/área do saber;
 - problemas tratados;
 - conclusões alcançadas;
 - contribuições especiais para o tema;
 - métodos utilizados (histórico, comparativo...);
 - recursos empregados (tabelas, gráficos, quadros, mapas...).

Uma vez que a ficha de leitura constitui um documento de identificação e, basicamente, de redução de um texto extenso, importa referir algumas regras e técnicas de redacção de referências bibliográficas e de resumo.

Referências bibliográficas

Denomina-se referência bibliográfica a organização de elementos identificadores de uma obra. De acordo com a sua importância em constituir um dado de identidade de uma obra, esses elementos podem ser **essenciais** ou **complementares**.

Elementos essenciais – são as informações que devem constar obrigatoriamente na constituição da referência bibliográfica. São elas:

AUTOR

TÍTULO e SUBTÍTULO

NÚMERO DE EDIÇÃO

LOCAL

EDITORA

DATA

Elementos complementares – são informações que permitem caracterizar melhor a obra. São elas o número de páginas, número de volumes, títulos de números de capítulos.

Os elementos complementares são dados facultativos.

Notas importantes

Existem regras rígidas para a redacção de referências bibliográficas de uma obra. Observa.

AUTOR

Escreve-se primeiro o apelido em letras maiúsculas e depois o(s) nome(s) que pode(m) ser abreviado(s).

Nos casos de apelidos compostos, escreve-se iniciando pelo penúltimo nome, por exemplo, para um autor de nome *Manuel Silva Gomes*, teríamos: SILVA GOMES, Manuel.

Quando os autores são três ou mais, escreve-se o nome do primeiro e a palavra *et al* que, em latim, significa *e outros* ou AAVV (autores vários).

TÍTULO

Destaca-se sempre, ou em itálico ou sublinhado, dependendo das prescrições dos regulamentos institucionais, mas sempre com iniciais maiúsculas. (DUARTE, Stela C. M. *Avaliação da Aprendizagem em Geografia...*)

EDIÇÃO

Indica-se a edição a partir da segunda em diante, abreviando-a em *ed.* (2.^a ed.; 3.^a ed.).

LOCAL

Preferencialmente, escreve-se o nome da cidade. Quando o local não consta da obra, escreve-se *s/l* ou *s.l.* que significa "sem local".

EDITORA

Quando a editora não consta da obra, escreve-se *s/e* ou *s.e.* que significa "sem editor".

DATA DE PUBLICAÇÃO

Geralmente, escreve-se o ano, apenas com excepção para alguns casos, como por exemplo, referências a um jornal/revista, dados colhidos na internet, rádio, televisão, etc. Quando este dado não consta da obra, escreve-se *s/d* ou *s.d.* que significa "sem data".

PÁGINA

Quando se refere uma página, escreve-se apenas **pág.** ou **p.**; quando se refere um intervalo de páginas consultadas, escreve-se: **pp.**, que significa *da página x à página y*. (pp. 12-65).

Referências bibliográficas de um livro

Formato geral: autor, título, número de edição, local (cidade), editora, data (ano)

Exemplo:

REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura*, 2.^a ed.; Coimbra, Livraria Almedina, 1999

Referência bibliográfica a publicações periódicas ou jornais no seu todo

Formato geral: nome da revista/jornal (em maiúsculas), editora, número do volume/edição, local de publicação (cidade), data, periodicidade (opcional).

Exemplo para revista: RENASCER. Jumar. Vol. II. Maputo. 2006 (Revista bimestral)

Referência bibliográfica para publicações ou documentos retirados da Internet

Formato geral: Autor. Título do documento. [online] Disponível na internet via <http://www.fonte.com>. Endereço. Data (dia, mês, ano)

Exemplo: COELHO, Dias; BORGES, Pinto. *Regras de Leitura*. [online] Disponível na Internet via <http://www.google.com.br/leitur/base.php?=#livr>. São Paulo. Disponível a 3 de Abril de 2007.

PRATICAR

1. Organiza uma ficha bibliográfica a partir dos dados abaixo apresentados. Não te esqueças de seleccionar os dados essenciais.

DADOS 1

Título: Artes, Letras e Cultura Moçambicana
2.^a Edição

Autores: António Suleimane, Marta Dambile, João Cossa, Marília Matusse

Editor: INLD

Capa: Chico Mandonde

Ilustração: Chico Mandonde

Revisão linguística: Rosa Liviasse

Tiragem: 600 exemplares

Número de registo: 29002/INLD/08
Beira, Janeiro, 2008

DADOS 2

Título do artigo: Conceito de Literatura – A Teoria da Literatura

Autor: Vitor Manuel de AGUIAR E SILVA

Fonte: http://cvc.institutocamoes.pt/index_evolucaosemanticaphp?

Data de consulta: 12 de Abril de 2011
Páginas 25-25

Local: Brasil – São Paulo

DADOS 3

Jornal:	PLATEIA
Data:	27 de Março de 2009
Páginas:	4-6
Periodicidade:	Semanário
Local:	Maputo
N.º de edição:	012/09

1.1. A que fontes pertencem os dados 1, 2 e 3?

Texto B

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

O surgimento da língua portuguesa está profunda e inseparavelmente ligado ao processo de constituição da Nação Portuguesa.

Na região central da actual Itália, o Lácio, vivia um povo que falava latim. Nessa região, posteriormente foi fundada a cidade de Roma. Esse povo foi crescendo e anexando novas formas ao seu domínio. Os romanos chegaram a possuir um grande império, o Império Romano. A cada conquista, impunham aos vencidos os seus hábitos, as suas instituições, os padrões de vida e a língua.

Existiam duas modalidades do latim: o latim vulgar (*sermo vulgaris, rusticus, plebeius*) e o latim clássico (*sermo litterarius, erudius, urbanus*). O latim vulgar era somente falado. Era a língua do quotidiano usado pelo povo analfabeto da região central da actual Itália e das províncias: soldados, marinheiros, artífices, agricultores, barbeiros, escravos, etc. Era a língua coloquial, viva, sujeita a alterações frequentes. Apresentava diversas variações. O latim clássico era a língua falada e escrita, apurada, artificial, rígida, era o instrumento literário usado pelos grandes poetas, prosadores, filósofos, retóricos... A modalidade do latim imposta aos povos vencidos era a vulgar. Os povos vencidos eram diversos e falavam línguas diferenciadas, por isso, em cada região, o latim vulgar sofreu alterações distintas, o que resultou no surgimento dos diferentes romances e posteriormente nas diferentes línguas neolatinas.

No século III a. C., os romanos invadiram a região da Península Ibérica, iniciou-se assim o longo processo de romanização da Península. A dominação não era apenas territorial mas também cultural. No decorrer dos séculos, os romanos abriram estradas ligando a colónia à metrópole, fundaram escolas, organizaram o comércio, levaram o cristianismo aos nativos...





A ligação com a metrópole sustentava a unidade da
30 língua, evitando a expansão das tendências
dialectais. Ao latim foram anexadas palavras e
expressões das línguas dos nativos.

No século V da era cristã, a Penín-
sula sofreu a invasão de povos bárbaros
35 germânicos (suecos e visigodos). Como
possuía cultura pouco desenvolvida, os
novos conquistadores aceitaram a cultura e

língua peninsulares. Influenciaram a língua local acrescentando-lhe (a ela)
novos vocábulos (*agasalho, guerra...*) e favorecendo a sua diferenciação, já que
40 cada povo bárbaro falava o latim de uma forma diferente.

Com a queda do Império Romano, as escolas foram fechadas e a nobreza
desfeita, não havia mais os elementos unificadores da língua. O latim ficou
livre para se modificar.

As invasões não pararam por aí, no século VIII, a Península foi tomada
45 pelos árabes, o mundo mouro foi mais intenso no sul da Península. Formou-se
então a cultura moçárabe, que serviu por longo tempo de intermediária entre o
mundo cristão e o mundo muçulmano. Apesar de possuírem uma cultura muito
desenvolvida, esta era muito diferente da cultura local, o que gerou resistência
por parte do povo. A sua região, a língua e os hábitos eram completamente
50 diferentes. O árabe foi falado ao mesmo tempo que o latim (romanço). As
influências linguísticas árabes limitam-se ao léxico, no qual os empréstimos são
geralmente reconhecíveis pela sílaba inicial *al-* correspondente ao artigo árabe:
alface, álcool, alcorão, álgebra, alfândega... Outros: *bairro, beringela, café,*
califa, garrafa, quintal, xarope...

55 Embora bárbaros e árabes tenham permanecido muito tempo na penín-
sula, a influência que exerceram na língua foi pequena, ficou restrita ao léxico,
pois o processo de romanização foi muito intenso.

Os cristãos, principalmente do norte, nunca aceitaram o domínio muçul-
mano. Organizaram um movimento de expulsão dos árabes (a reconquista).
60 A guerra travada foi chamada de “santa” ou “cruzada”. Isso ocorreu por volta do
século XI. No século XV, os árabes estavam completamente expulsos da península.

Durante a guerra santa, vários nobres lutaram para ajudar D. Afonso VI,
rei de Leão e Castela. Um deles, D. Henrique, Conde de Borgonha, destacou-se
pelos serviços prestados à coroa e como recompensa recebeu a mão de
65 D. Tareja, filha do rei. Como dote recebeu o condado Portucalense. Continuou
lutando contra os árabes e anexando novos territórios ao seu condado, que foi
tomando o contorno do que hoje é Portugal.

D. Afonso Henriques, filho do casal, funda a Nação Portuguesa, que fica
independente em 1143. A língua falada nesta parte ocidental da Península era
70 o galego-pórtuguês, que, com o tempo, se foi diferenciando: no sul, português,
e no norte, galego, que foi sofrendo muitas influências do castelhano pelo qual
foi anexado. Em 1290, o rei D. Diniz funda a escola de Direitos Gerais e obriga
em decreto ao uso oficial da Língua Portuguesa.

LER – COMPREENDER

1. Como classificas o texto “História da Língua Portuguesa” quanto ao conteúdo? Justifica a tua resposta.
2. Explica de que modo o latim chega à Península Ibérica.
3. O que entendes por romanização?
4. Qual das modalidades do latim foi levada à Península?
 - 4.1. Justifica essa ocorrência.
5. Completa a tabela:

Período	Povo invasor da Península	Influência das línguas invasoras na língua nativa
	germânicos (suevos e visigodos)	
Século XVIII		

FALAR – ESCREVER

1. Elabora um esquema da evolução do português a partir da informação do texto “História da Língua Portuguesa”.
2. Elabora uma ficha de leitura (do tipo resumo) da informação do texto “História da Língua Portuguesa”. Para tal, tens que produzir um resumo do texto.

FUNCIONAMENTO DA LINGUA

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJECTIVAS RELATIVAS

São orações iniciadas por um pronome relativo e que desempenham a função de atributo, própria de um adjectivo.

As orações relativas podem ser **explicativas** ou **restritivas**.

a) Explicativas:

- são isoladas por vírgulas;
- podem ser retiradas da frase, sem alterarem o sentido da oração subordinante;
- funcionam como um parêntesis, uma informação adjacente relativamente ao antecedente.

Exemplo:

Os alunos, que eram estudiosos, foram ao passeio.

b) Restritivas:

- restringem o significado do antecedente;
- a sua eliminação é prejudicial para a compreensão do sentido da oração subordinante;

- não se separam por vírgulas.

Exemplo:

O menino *que se dedica aos estudos* obtém bons resultados.

Esse é o menino *que estuda*.

Relativas com o pronome relativo *cujo* e o advérbio *onde*

Orações relativas com *cujo* e *onde*

- *Cujo*

É um pronome relativo, equivalente pelo sentido a *do qual, de quem, de que*.
Emprega-se concordando com a coisa possuída.

Exemplo:

O carro *cujos vidros são escuros* é veloz.

A mulher *cuja filha viajou* ficou triste.

- *Onde*

É um advérbio que desempenha a função de adjunto adverbial (o lugar em que, no qual).

Exemplo:

O lugar *onde te vi* é hoje um mercado.

Não percebo *onde quero chegar*.

Outros casos

As orações relativas podem também ter a função de substantivos – **orações substantivas** sem antecedente (expresso), isto é, podem ocorrer como SUJEITO (*Quem cala consente.*); como PREDICATIVO DO SUJEITO (*Este não é quem se pinta*); como COMPLEMENTO DIRECTO (*Respeito quem trabalha*); como COMPLEMENTO INDIRECTO (*Agradece a quem te ajuda*).

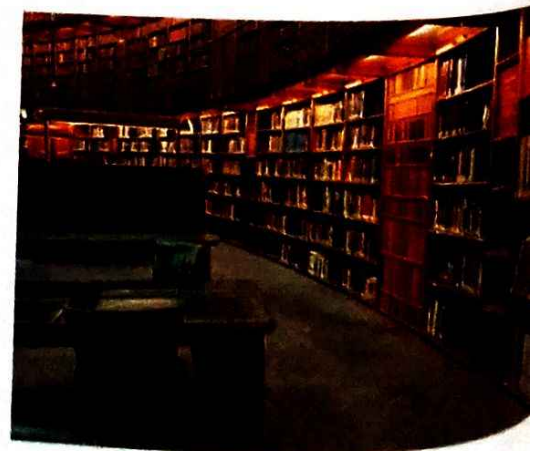
Texto C

O LIVRO

Entrei numa livraria. Pus-me a contar os livros que há para ler e os anos que terei de vida. Não chegam, não duro nem para a metade da livraria.

5 Deve certamente haver outras maneiras de se salvar uma pessoa, senão estou perdido.

No entanto, as pessoas que entravam na livraria estavam todas muito bem vestidas de quem precisa salvar-se.



LER – COMPREENDER

1. "Pus-me a contar os livros que há para ler e os anos que terei de vida".
 - 1.1. Explica o motivo pelo qual o narrador começou a contar livros.
2. "Deve certamente haver outras maneiras de se salvar uma pessoa, senão estou perdido". (ll. 5-6)
 - 2.1. O que leva o narrador a achar que está perdido?
 - 2.2. De que queria ele salvar-se?

PRATICAR

1. Divide e classifica as orações das seguintes frases:
 - a. Pus-me a contar os livros que há para ler.
 - b. As pessoas que entravam na livraria estavam todas muito bem vestidas.
 - c. As pessoas, que tinham riquezas, compraram vários livros.

Texto D

D

ISTRIBUIÇÃO DO LIVRO

A par da dificuldade encontrada para a publicação do livro, existe outro problema que é a distribuição desse mesmo livro.

É um problema antigo, que não parece ter ainda solução. E, por aquilo que se sabe, dificilmente se pode encontrar uma livraria – entanto que tal – nas províncias.

As bibliotecas existentes são pouco sugestivas. Muitas delas nem livros de escritores moçambicanos têm.

E as Jornadas Literárias efectuadas pela AEMO não poderão ter resolvido – como seria de desejar – o problema da falta de livros nas províncias.

É constrangedor ouvir um estudante, por exemplo, a ligar de uma província e dizer que já ouviu falar, por exemplo, de Ungulani Ba Ka Khosa, mas que nunca viu e muito menos leu a sua obra, porque lá não há à venda.



20 Isso entristece o próprio escritor, que gostaria – obviamente – de ser lido por um universo mais largo.

Os livros, depois de publicados, são confinados em Maputo, mas mesmo assim são pouco comprados, exceptuando alguns casos.

25 As tiragens, geralmente, nunca excedem os 1500 exemplares e mesmo assim não esgotam, o que vai significar que algo não está bem.

Algo que não terá, provavelmente, a ver com o poder de compra, mas com algo muito mais sério.

www.jornalnoticias.co.mz,
consultado a 10 de Setembro de 2010

LER – COMPREENDER

1. O texto levanta alguns problemas em relação ao livro no nosso país.
 - 1.1. Identifica-os.
2. Quais são as razões que explicam esses problemas?
3. Identifica uma figura de estilo em cada uma destas frases:
 - a. “Muitas delas nem livros de escritores moçambicanos têm”. (ll. 9-10)
 - b. “Isso entristece o próprio escritor, que gostaria obviamente de ser lido”. (l. 20)

FALAR – ESCREVER

1. Discute com o teu colega de carteira as consequências que o fraco exercício de leitura poderá trazer.
2. Que soluções tens para resolver o problema da falta do hábito de leitura?
3. Elabora uma ficha de leitura (do tipo citação) do texto “Distribuição do Livro”.
4. “As bibliotecas existentes são pouco sugestivas. Muitas delas nem livros de escritores moçambicanos têm”. (ll. 8-10)
 - 4.1. De certeza que já estiveste numa biblioteca, seja ela da escola ou não. Descreve-a, concentrando-te nos materiais que lá existem.
 - 4.2. Tu tens um arquivo de livros em casa? Se tiveres, explica aos teus colegas que tipo de livros tens, que organização dás ao arquivo e como o tens mantido.
 - 4.3. Que tipo de livro mais gostas de ler? Expõe aos teus colegas os teus argumentos.

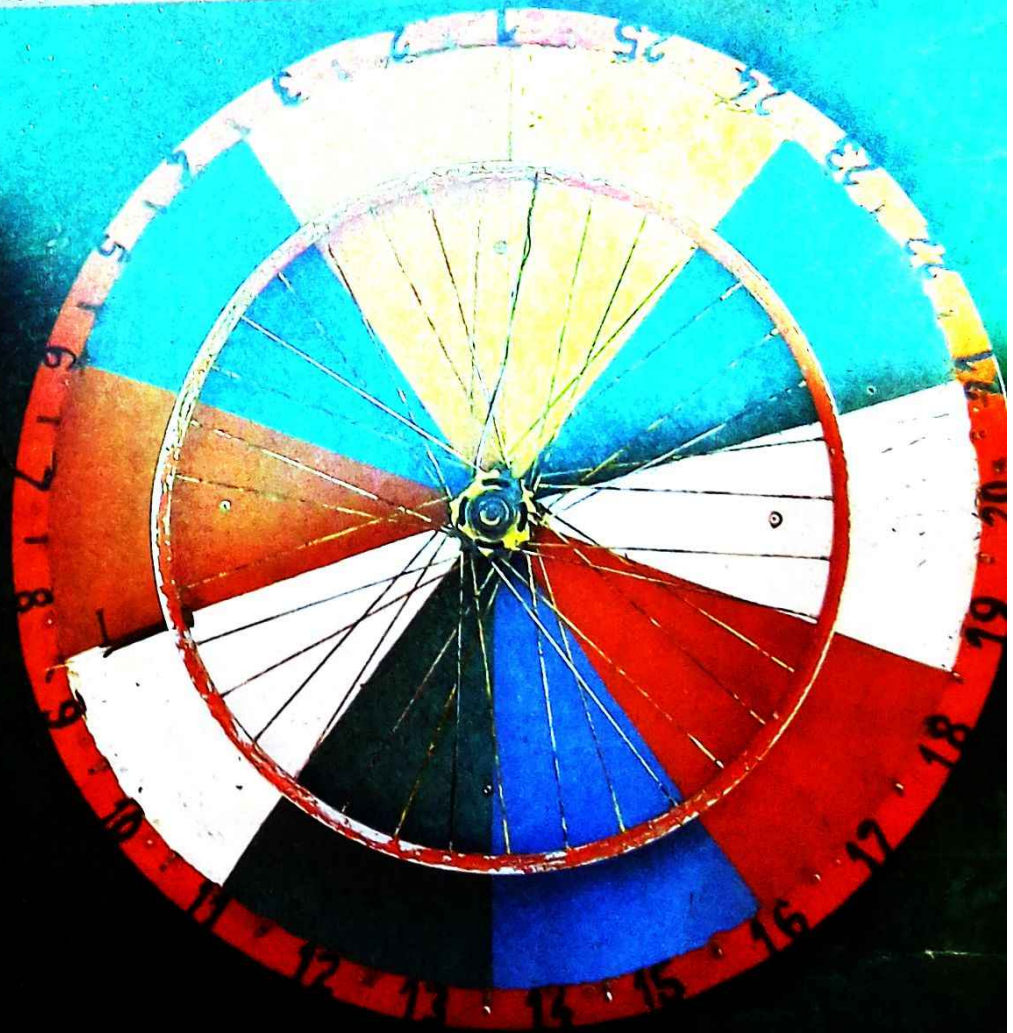
6 Textos Normativos

Objetivos Específicos

- Interpretar a lei sobre as autarquias locais
- Reconhecer os órgãos autárquicos
- Distinguir cidadãos com capacidade eleitoral activa dos com capacidade eleitoral passiva
- Reconhecer derivações irregulares
- Classificar as palavras derivadas
- Reconhecer a separação de poderes num Estado de Direito
- Caracterizar a democracia moçambicana como forma de exercício do poder político

Para População de Maputo

LOMBOLA
25,00 MT

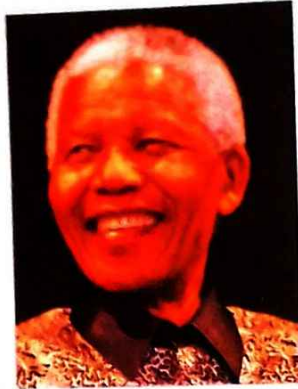


Texto A

Nelson Mandela – até à liberdade

“Ninguém nasceu para ser escravo... nascemos para ser irmãos” Nelson Mandela

No dia 18 de Julho de 1918 nascia Mandela, numa aldeia pequena do distrito de Umtata, África do Sul. O seu pai foi um régulo¹ e conselheiro de governadores da tribo Xhosa, um povo orgulhoso e com uma grande fé na importância dos reis, na educação e no acolhimento.



Depois de realizar os seus estudos médios, na escola metodista, frequentou a Universidade de Fort Hare, o único centro de estudos superiores que naquela época admitia estudantes que não fossem brancos. Durante muitos anos, Mandela estudou Direito, mas em 1940 foi expulso de Fort Hare, por ter participado numa greve estudantil. No ano seguinte, foi, pela primeira vez, a Joanesburgo. Foi bater à porta do escritório da empresa Crown Mines, em busca de trabalho nas minas de ouro. Mandela conseguiu o trabalho de guarnição que o ajudava a pagar os estudos. Foi durante esse período que se fez membro do ANC (Congresso Nacional Africano) – um movimento formado por aquele que viria a ser o Nobel da Paz em 1960 – Albert Lithuli.

Em 1952, inscreveu-se no colégio dos advogados. Ele e Oliver Tambo foram os primeiros advogados sul-africanos de raça negra. Estes anos foram de greves, atentados e manifestações contra o governo que dirigia o país com extrema rigidez: com armas e com leis racistas. O povo negro viu-se marginalizado e obrigado a viver no sistema de *apartheid*². Foram numerosas as vítimas deste sistema. Declararam-se ilegais

todos os movimentos nacionalistas. Mandela teve que viver fugitivo, tornando-se no homem mais procurado pela polícia. Esquivou-se da polícia por várias vezes, com diversos tipos de disfarce, até que na manhã do dia 5 de Agosto de 1962, numa rua isolada de Pietermaritzburg, foi capturado. Foi, primeiro, condenado a 7 anos de prisão. E depois, em 1964, foi novamente levado ao tribunal, onde recebeu uma sentença a prisão perpétua a cumprir no cárcere de máxima segurança, na ilha de Robben. Nessa altura ele tinha 46 anos e era considerado prisioneiro político.

O mundo manifestou-se nos dizeres “Free Mandela!”³. A 11 de Fevereiro de 1990, ele foi libertado, após ter passado 27 anos encarcerado. Com a sua liberdade começa a marcha para a criação da nova África do Sul livre do *Apartheid*.

Em 1993, Mandela recebeu o Prémio Nobel da Paz, juntamente com Frederik de Klerk, o presidente que o libertou.

Em 1994, foi eleito presidente da África do Sul. Dizia ele: “ninguém nasceu para ser escravo, nem para ser senhor... todos nascemos para ser irmãos. Desejo que todos vivamos em harmonia e igualdade de oportunidades”. Mandela comprometeu-se a preparar o futuro da nova África do Sul.

SALVADOR, Leo.
Revista *Vida Nova*, n.º 6, Junho de 2009 (adaptado)

Vocabulário: ¹ régulo: autoridade tradicional; ² *apartheid*: sistema político de segregação racial; ³ “Free Mandela”: expressão em inglês que significa “Mandela livre”.

1. Elabora um esquema do texto A, baseando-te nos indicadores temporais que ele apresenta (1918, 1940...).
2. Retira passagens textuais que indicam transgressões dos direitos do homem.

Texto B

O

DISCURSO DA VITÓRIA (EXTRACTO)

“Olá, Chicago!

Se alguém aí ainda duvida de que os Estados Unidos são um lugar onde tudo é possível, que ainda se pergunta se o sonho dos nossos fundadores continua vivo em nossos tempos, que ainda questiona a
5 força de nossa democracia, esta noite é a sua resposta.

É a resposta dada pelas filas que se estenderam ao redor de escolas e igrejas em número como esta nação jamais viu, pelas pessoas que esperaram três ou quatro horas, muitas delas pela primeira vez em suas vidas, porque achavam que desta vez tinha que ser diferente e que as
10 suas vozes poderiam fazer essa diferença.

É a resposta pronunciada por jovens e idosos, ricos e pobres, democratas e republicanos, negros, brancos, hispânicos, indígenas, homossexuais, heterossexuais, incapacitados ou não-incapacitados.

Demorou um tempo para chegar, mas, neste momento decisivo, a mudança chegou aos EUA. (...) Não esquecerei a quem realmente pertence esta vitória. Ela pertence a vós (ao povo). Ela pertence
15 a vós.

Nunca pareci o candidato com mais chances. A nossa campanha (...) foi idealizada nos corredores de Washington. Começou nos quintais, nas salas e nas varandas. Ganhou a força dos jovens que negaram o mito da apatia da sua geração, que deixaram para trás as suas casas e os seus familiares...

Enquanto comemoramos esta noite, sabemos que os desafios que nos trará o dia de amanhã são
20 os maiores das nossas vidas – duas guerras, um planeta em perigo, a pior crise financeira do século.

(...)

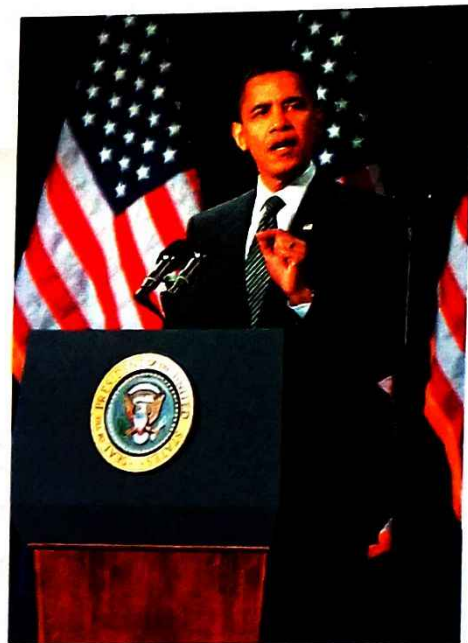
Haverá percalços e passos em falso. E sabemos que o Governo não pode resolver todos os problemas.

Como disse Lincoln a uma nação muito mais dividida que a nossa, não somos inimigos, mas amigos.

25 E àqueles americanos cujo apoio eu ainda devo conquistar pode ser que eu não tenha conquistado o seu voto hoje, mas ouço as suas vozes. Preciso da sua ajuda e também serei o seu presidente.

Àqueles que pretendem destruir o mundo: vamos vencê-los. Àqueles que buscam a paz e a segurança: apoiamo-nos.

Estas eleições contaram com muitos inícios e muitas histórias (...) uma que tenho em mente esta
30 noite é a de uma mulher que votou em Atlanta: Ann Nixon Cooper tem 106 anos. É mulher de uma geração depois da escravidão, de uma era em que não havia automóveis nas estradas nem aviões nos céus, quando alguém como ela não podia votar por dois motivos – por ser mulher e pela cor da sua pele.



Esta noite penso em tudo o que ela viu durante o seu século nos EUA – a desolação e a esperança, a luta e o progresso, as vezes em que nos disseram que não podíamos e as pessoas que se esforçaram para continuar em frente com esta crença americana: “Yes, we can!”¹.

35 (...) E este ano, nestas eleições, ela tocou uma tela com o dedo e votou, porque, após 106 anos nos EUA, durante os melhores e piores tempos, ela sabe como os EUA podem mudar. “Yes, we can!”

Para dar emprego ao nosso povo e abrir as portas da oportunidade para as nossas crianças, para restaurar a prosperidade e fomentar a causa da paz, para recuperar o sonho americano e reafirmar esta verdade fundamental que, de muitos, somos um, que enquanto respirarmos, temos esperança.

40 E quando nos encontrarmos com o cepticismo² e as dúvidas, e com aqueles que nos dizem que não podemos, responderemos com esta crença eterna que resume o espírito de um povo: “Yes, we can!”

Obrigado.

Que Deus os abençoe.

45 E que Deus abençoe os EUA”.

Excerto do discurso de Barack Obama, Presidente dos EUA

Vocabulário: ¹ “Yes, we can!”: frase em inglês que quer dizer: “Sim, nós podemos.”; ² cepticismo: estado de quem duvida de tudo.

LER – COMPREENDER

1. “.. a mudança chegou aos EUA” (l. 13)
 - 1.1. Que mudança é esta?
2. “Nunca pareci o candidato com mais chances” (l. 16)
 - 2.1. Indica a razão pela qual o presidente Obama considera que não era o candidato com mais chances.
 - 2.2. Segundo ele, ainda há lutas maiores por enfrentar. Identifica-as.
 - 2.3. O presidente admite ter falhas e passar por dificuldades. Retira do texto uma passagem que faça uma alusão a esta informação.
3. De acordo com o texto, mulheres, como Ann Nixon Cooper, no passado não podiam votar por alguns motivos. Quais?

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

APLICAR (FORMAÇÃO DE PALAVRAS – DERIVAÇÕES IRREGULARES)

1. Classifica as palavras destacadas no texto quanto à sua formação.
2. Preenche a seguinte tabela:

Palavra primitiva	Derivação prefixal	Derivação sufixal	Derivação prefixal e sufixal	Derivação parassintética
capaz				
tarde				
possível				
criação				

1. Em ambos os textos, há exemplos claros de pessoas que lutaram para vencer o estigma social. Se Nelson Mandela foi o primeiro advogado sul-africano de raça negra, Obama é o primeiro presidente de raça negra da História dos Estados Unidos da América.

Reflecte, com os teus colegas, sobre as dificuldades acrescidas que ambos tiveram para vingarem nas suas áreas.

Texto C

Lei n.º 18/2002 de 10 de Outubro Assembleia da República Lei n.º 18/2002 de 10 de Outubro de 2002

CAPÍTULO II

Organização do recenseamento eleitoral

(...)

Artigo 13

(Entidades recenseadoras)

1. No território nacional, o recenseamento eleitoral é feito pelo Secretariado Técnico da Administração Eleitoral, sob a direcção e supervisão da Comissão Nacional de Eleições.

2. No estrangeiro, o recenseamento eleitoral é efectuado nas missões consulares e nas missões diplomáticas por brigadas de recenseamento do Secretariado Técnico da Administração Eleitoral, sob a direcção e supervisão da Comissão Nacional de Eleições.

Artigo 14

(Colaboração dos partidos políticos)

1. Qualquer partido político ou coligações de partidos legalmente constituídos podem colaborar com o Secretariado Técnico da Administração Eleitoral e com a Comissão Nacional de Eleições. (...)

3. A colaboração dos partidos políticos e coligações de partidos faz-se (...) até dez dias antes do início do período de recenseamento.

Artigo 15

(Fiscalização dos actos de recenseamento eleitoral)

1. Os partidos políticos e coligações de partidos têm o direito de fiscalizar os actos de recenseamento eleitoral para verificar a sua conformidade com a lei.

2. A fiscalização dos actos de recenseamento eleitoral realiza-se através de fiscais indicados pelos partidos políticos e coligações de partidos, cujos nomes são comunicados aos órgãos locais de apoio da Comissão Nacional de Eleições, até quinze dias antes do início do recenseamento eleitoral.

3. Na falta da comunicação prevista no número anterior, considera-se que os partidos políticos ou coligações de partidos prescindiram de indicar os seus representantes aos actos de recenseamento eleitoral.

Artigo 16

(Direitos dos fiscais dos partidos políticos)

São direitos dos fiscais dos partidos políticos ou coligações de partidos:

- a) solicitar e obter informações sobre os actos do recenseamento eleitoral;
- b) apresentar, por escrito, reclamações e recursos sobre as deliberações relativas à capacidade eleitoral;
- c) denunciar ao Secretariado Técnico da Administração Eleitoral (...) qualquer tipo de ilegalidade (...).

Artigo 18

(Observação do recenseamento)

Os actos de recenseamento eleitoral podem ser objecto de observação por entidades nacionais ou internacionais, nos termos a regulamentar pela Comissão Nacional de Eleições.

Boletim da República, I SÉRIE - N.º 41, de 10 de Outubro de 2002 (texto com supressões)

Texto D

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

Adoptada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas
em 10 de Dezembro de 1948

Artigo VII

Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual protecção da lei. Todos têm direito a igual protecção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação. (...)

Artigo IX

Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo X

Toda a pessoa tem direito, em plena igualdade, a uma audiência justa e pública por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir dos seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

Artigo XI

1. Toda a pessoa acusada de um acto delituoso tem o direito de ser presumida inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias à sua defesa. (...)

Artigo XII

Ninguém será sujeito a interferências na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência, nem a ataques à sua honra e reputação. (...)

Artigo XIII

1. Toda a pessoa tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

2. Toda a pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

Artigo XIV

1. Toda a pessoa, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.

2. Este direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por actos contrários aos propósitos e princípios das Nações Unidas. (...)

Artigo XVIII

Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença. (...)

Artigo XIX

Toda a pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão. (...)

<http://www.mj.gov.br>
consultado a 12 de Julho de 2010

LER – COMPREENDER

1. Atendendo à sua tipologia, como classificas este texto? Justifica a tua resposta.
2. Quais os artigos que fazem referência aos seguintes direitos?
 - a. Direito a ser auscultado em caso delituoso.
 - b. Direito à privacidade.
 - c. Direito ao livre-trânsito.
3. Explica de forma clara o Artigo XI.

FALAR – ESCREVER

1. "Toda a pessoa, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países (Artigo XIV, n.º 1)"
 - 1.1. Comenta este artigo, servindo-te de exemplos reais, hipóteses ou, até mesmo, da própria Declaração Universal dos Direitos Humanos para apoiar a tua explanação.
2. O nosso país respeita os direitos universais do Homem? Apoiar a tua resposta em exemplos concretos. Não te esqueças de citar rigorosamente o artigo consultado.

Texto E

Estou muito triste
porque o meu homem foi para longe trabalhar
e não me dá roupa para eu vestir
Nem mesmo panos pretos.

Canção chope
MENDES, Orlando, *Sobre Literatura Moçambicana*, INLD, 1980



Texto F

CAPTURA DE ESCRAVOS EM MOÇAMBIQUE

Na segunda metade do século XVIII, a procura de escravos ultrapassou a procura de ouro e de marfim. Agora, é o homem que passa a ser a matéria-prima.

Já antes do século XVIII tinham saído escravos de Moçambique, mas nem os objectivos, nem os efectivos coincidiram com os do século XVIII em
5 diante. Anteriormente a este século, mulheres eram levadas para os serralhos¹ de árabes opulentos² e homens para servirem de eunucos³ desses serralhos.

A partir de 1762, a situação muda radicalmente. Nesta data, um anónimo escreveu terem saído 1100 escravos de Moçambique, sendo 300 de Sena, 200 de Sofala, 400 de Inhambane e 200 das Ilhas Quirimba. Em 1790 um escritor
10 português observava que a costa de Moçambique “lançava de si 4000 a 5000 e mais por ano”.

Numa primeira fase, os escravos eram adquiridos pelos franceses, que os levavam para trabalhar nas suas plantações de açúcar e de café nas Ilhas Mascarenhas no Índico.

15 Numa segunda fase, e dadas as solicitações em mão-de-obra das plantações da América do Sul, sobretudo do Brasil, mercadores de todos os pontos das Américas começaram a aparecer na nossa costa e, pouco depois (século XIX), o tráfico de escravos para as Américas suplantou o tráfico para Mascarenhas.

Numa terceira fase, sobretudo após a abolição oficial do tráfico (entre
20 1836 e 1842), a saída clandestina de escravos fazia-se essencialmente através dos xeicados de Quitangonha, Sancul, Sangage e do Sultanato de Angoche, bem como dos Prazos.

A partir do trabalho escravo, as indústrias europeias recebiam produtos como o café, o cacau e o açúcar.

25 As duas áreas onde, com grande frequência, se capturavam escravos em Moçambique eram o Vale do Zambeze e a faixa litoral.

Se no fim do século XVIII saíam de Moçambique 4000 a 5000 escravos por ano, entre 1815 e 1820 calcula-se que saíssem anualmente para o Brasil cerca de 10 000 escravos, e com destino às ilhas francesas do Índico (Bourbon e Reunion), cerca de 7000. Do vale do Zambeze, da área dos Prazos, eram escoados cerca de 2500 escravos por ano e depois cerca de 4000.

Eis um relatório que ilustra um processo de aquisição de escravos na Ilha de Moçambique com destino ao Brasil, em 1819:

Escravos mortos antes da compra	1200
Comprados	9242
Mortos em terra após a compra	1804
Embarcados	7920
Adoecidos em viagem	258
Mortos em viagem	2196
Chegados ao Brasil	5234

História de Moçambique – I, 2.ª ed., Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1982 (adaptado)

Vocabulário: ¹ serralho: harém, parte da casa muçulmana destinada a mulheres; ² opulentos: de grande riqueza; ³ eunucos: homem castrado, empregado no oriente como guardião de mulheres em haréns.

LER – COMPREENDER

Atenta no texto E.

1. Identifica o assunto do mesmo.
2. Explica o simbolismo dos dois últimos versos.

Atenta agora no texto F.

3. Anteriormente ao século XVIII houve captura de escravos em Moçambique.
 - 3.1. Com que objectivos eram levados esses escravos?
4. Com a abolição do tráfico de escravos, esta prática cessou? Justifica a tua resposta com base no texto.
5. Completa a tabela de acordo com as indicações dadas:

Fases de comercialização de escravos	Destino	Tipo de trabalho a que os escravos eram submetidos
Antes do século XVIII		
1.ª fase		
2.ª fase		
3.ª fase		

6. Demonstra a relação entre os dois textos relativamente à sua temática.

1. Elabora um texto em que comentes a informação do texto abaixo apresentado à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos.
2. Lê expressivamente o seguinte texto:

SE ME PERGUNTARES

Se me perguntares
 Quem sou eu
 Com essa cara
 Cavada de bexigas de maldade
 5 Com sinistro sorriso

 Nada te direi
 Nada te direi

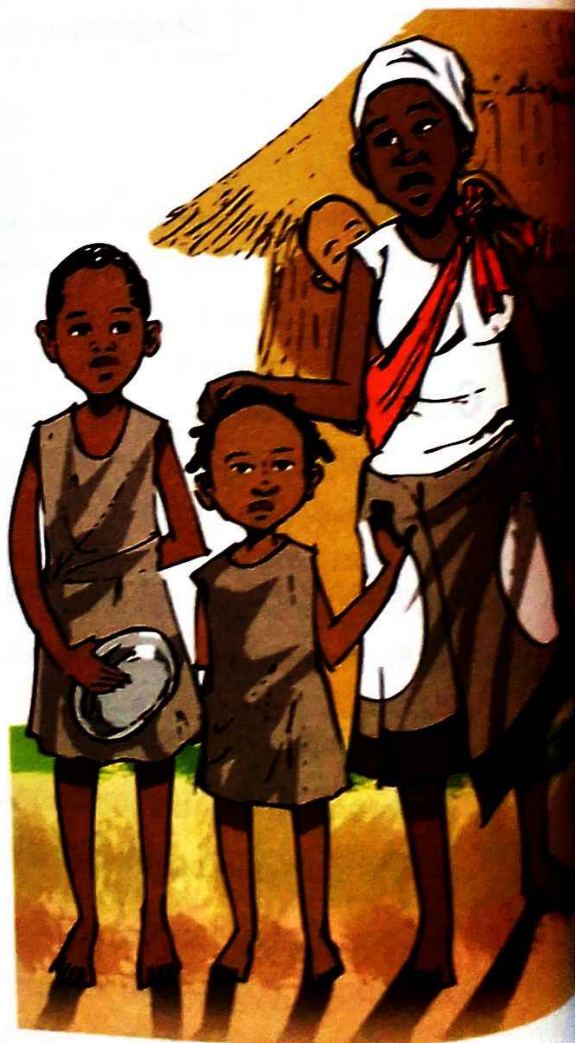
 Mostrar-te-ei as cicatrizes de séculos
 Que sulcam minhas costas negras
 10 Olhar-te-ei com olhos de ódio
 Vermelhos de sangue vertido durante séculos
 Mostrar-te-ei minha palhota de capim
 A cair sem reparação
 Levar-te-ei às plantações
 15 Onde sol a sol
 Me encontro dobrado sobre o solo
 Enquanto trabalho árduo
 Mastiga meu tempo

 Mostrar-te-ei aos campos cheios de gente
 20 Onde gente respira miséria em toda a hora

 Nada te direi
 Mostrar-te-ei somente isto

 E depois
 Mostrar-te-ei os corpos do meu Povo
 25 Tombados por metralhadoras traiçoeiras,
 Palhotas queimadas por gente tua

 Nada te direi
 E saberás por que luto.



7 Textos Jornalísticos

Objetivos Específicos

- Caracterizar a mancha gráfica e a estrutura do artigo de opinião
- Interpretar artigos de opinião que versam a temática da saúde
- Identificar o tipo de linguagem usada em artigos de opinião
- Produzir oralmente e por escrito artigos de opinião que versem as temáticas Saúde e Nutrição
- Identificar os complementos dos verbos de separação
- Identificar a regência verbal nas orações que constituem o texto
- Produzir orações respeitando a regência verbal
- Debater temas sobre a Saúde e Nutrição
- Criar condições de saneamento do meio na escola e na comunidade
- Reduzir a contaminação de doenças por falta de higiene individual e colectiva

Fortaleza de S. Sebastião, Ilha de Moçambique



TEXTOS JORNALÍSTICOS

Texto A

A MANHÃ ACONTECEU



Que é notícia?

Um hoje que nunca é hoje,
um amanhã que é já ontem
entre ontens que se perdem
5 no anteontem dos anos
no tresantontem dos lustros¹...

Que é notícia?

Amanhã acontecido,
notícia é sempre um depois,
10 é um viver vivido...

Que é notícia?

Notícia é devoração!
Aí vai ela pela goela
que há-de engolir tudo e todos!
15 Aí vai ela, lá foi ela!

Nem trabalho de moela
retém a notícia.

Notícia sem coração!

Que é notícia?

20 *Cão perdeu-se!* Porque não?
Cão achou-se! Ainda bem!
Ainda melhor, por sinal,
se o cão perdido e o achado
forem um só e o mesmo
25 “lidos” no mesmo jornal!

Que é notícia?

(...)

Notícia em primeira mão
na minha mão infantil:
30 o papagaio empinado
no claro céu da manhã,
meu jornal publicado
por cima de tanto afã²...

Mas terá sido notícia?

35 Que é notícia?

O'NEILL, Alexandre, *Poemas Completas*,
Assírio & Alvim, 2000 (texto com supressões)

Vocabulário: ¹ lustros: períodos de cinco anos; ² afã: trabalho, empenho, esforço, fadiga, cansaço.

LER - COMPREENDER

Este poema de Alexandre O'Neill versa sobre a notícia, um texto do domínio jornalístico já abordado na unidade 3. Atenta agora nas perguntas que se seguem.

1. Transcreve um verso que prove que a notícia se compromete com a actualidade.
2. Indica os versos que sugerem um animismo.
3. Identifica o paralelismo e a interrogação retórica presentes no texto, analisando a sua expressividade.

Hoje, as notícias chegam no mesmo dia, vindas de todas as partes do mundo. Ouvem-se em todas as vendas e nos numerosos cafés que abriram na Vila.

- 5 As telefonias gritam tudo o que acontece à superfície da terra e das águas, no ar, no fundo das minas e dos oceanos. O mundo está em toda a parte, tornou-se pequeno e íntimo para
- 10 todos. Alguma coisa que aconteça em qualquer região todos a sabem imediatamente, e pensam sobre ela e tomam partido. Ninguém já desconhece o que vai pelo mundo. E alguma coisa está acontecendo
- 15 na terra, alguma coisa terrível e desejada está acontecendo em toda a parte. Ninguém fica de fora, todos estão interessados. A Vila dividiu-se. Cada café tem a sua clientela própria, segundo a condição de vida. O Largo que era de todos, e onde apenas se sabia aquilo a que alguns interessava que se soubesse, morreu. Os homens
- 20 separaram-se de acordo com os interesses e as suas necessidades. Ouvem as telefonias, lêem os jornais e discutem. E, cada dia mais, sentem que alguma coisa está acontecendo.



FONSECA, Manuel, *O Fogo e as Cinzas*, Lisboa, Caminho, 1951

LER – COMPREENDER

1. Propõe um título para o texto.
2. Extrai do texto duas frases que demonstrem o poder dos órgãos de comunicação para manipular as massas.
3. Indica duas frases que sugerem um animismo.
4. “E alguma coisa está acontecendo na terra, alguma coisa de terrível e desejado está acontecendo em toda a parte.” (ll. 14-16)
 - 4.1. Identifica esse algo “de terrível e desejado” que está a acontecer.
5. Que meios de comunicação são mencionados no texto?

FALAR – ESCREVER

1. Num texto bem estruturado, entre 100 a 150 palavras, reflecte acerca do tema “Ser jornalista”, explicando em que consiste o trabalho de um jornalista.

Repensando a gestão de resíduos sólidos (1)

Sr. Director!

Agradecia que V. Ex.^a se dignasse a autorizar a publicação desta missiva no jornal que dirige com tanta prudência.

5 A guerra travada pela “perdiz” e pelo partido da “maçaroca” contribuiu grandemente para o fluxo populacional na cidade do Maputo, tendo a população total do *Grande Maputo* duplicado. Este rápido e desmesurado
10 crescimento populacional criou problemas ambientais graves na cidade do Maputo, sendo um deles, o mais alarmante, o de lixo, conhecido na linguagem técnica por resíduos sólidos.

Hoje, o crescimento da população na
15 nossa urbe é cada vez maior, visto que o êxodo rural é elevado. A população procura melhores condições de vida na cidade. Sendo assim, o desencorajamento da imigração só
20 pode ser possível através do desenvolvimento rural atractivo que possa persuadir a população a inverter o êxodo rural (...).

Avançando para o cerne desta abordagem, vou começar por referir que, na cidade do Maputo, o anormal passou a ser normal,
25 lançar resíduos sólidos (latas de refresco, garrafas de cerveja, objectos de plásticos, artigos de ferro, etc.) em qualquer esquina da urbe, ao invés dos contentores de lixo, tornou-se comum.

30 A este fenómeno social não escapa o lixo domiciliar, tornando-se cómodo amontoá-lo em qualquer lugar, porque, por vezes, a população não chega aos contentores por não suportar o cheiro do lixo que ali permanece
35 alguns dias ou, ainda, para reduzir a distância.

A outra prática peculiar observável nos prédios tem sido o lançamento de água nas condutas de lixo sólido misturada com todo rol de imundície, acelerando a sua degradação e a
40 exalação de odores, dificultando o seu transporte para os contentores e para os camiões.



No tocante ao Conselho Municipal, importa deixar patente que “não dispõe de meios financeiros” nem materiais para manter tanto o espaço urbano como o espaço suburbano limpos. Mas, de acordo com o exposto acima, pode-se perceber que o problema não é apenas institucional, mas também de atitude, de falta de educação ambiental, e consciência do próprio cidadão que se caracteriza por um balanço negativo.

Como observador atento, noto que os problemas de fraca remoção dos resíduos sólidos são mais frequentes nas zonas ocupadas por classes sociais menos favorecidas do que nas das classes de elite.

De uma forma geral, as causas que estão por detrás da fraca gestão de resíduos sólidos na cidade do Maputo estão relacionadas com a cultura, a política, a história, a economia dependente, a pobreza, a falta de responsabilização. Em suma, relacionam-se com o atraso económico, que exacerbou uma concorrência na acumulação do capital, no contexto da adopção da economia de mercado em 1987, (...) matando por isso a ética, a solidariedade, que são indispensáveis para a gestão pública dos projectos ambientais em particular.

Por outro lado, o baixo nível de educação
70 revela-se como um dos grandes entraves para que as pessoas possam ter acesso à

informação e “consumi-la” de modo proveitoso, através de formas convencionais como a escrita, leitura ou por outros processos informativo-educativos e audiovisuais. (...)



O prometido pelo presidente do Município, Eneas Comiche (na altura), e seu elenco foi cumprido, a nova operadora de gestão de lixo parece que começou a operar. Na qualidade de observador atento, nos últimos dias tenho notado contentores verdes, alguns bastante altos com escrita *Envioserv*. O sinal é positivo, mas não basta termos contentores (...), é preciso que os contentores sejam localizados num raio óptimo, ou melhor tecnicamente distribuídos. Nota-se

que os contentores podem distar 300 a 400 metros, e um contentor pode servir para três bairros densamente povoados. A prova disto é o que acontece numa das laterais do hospital de Mavalane (defronte), onde temos somente um único contentor para três bairros densamente povoados (Mavalane, FPLM e Maxaquene).

Mesmo com a inovação dos “contentores verdes”, continua a ser comum encontrar lixo espalhado naquele recinto, devido à incapacidade do contentor “consumir o lixo”, à falta de educação ambiental por parte dos residentes destes bairros, e também porque são normalmente encarregadas crianças para depositarem lixo, e, sendo os contentores altos, elas despejam desordenadamente o lixo no passeio. Assim, pode-se constatar que a fraca gestão dos resíduos sólidos não é causada somente pela incapacidade técnica do executivo de Comiche, mas também pela negligência e falta de educação ambiental por parte dos cidadãos. (...)

MUCHANGA, António, *Jornal Notícias*, 6 de Maio de 2008
(texto com supressões)

LER – COMPREENDER

- De acordo com o texto, o êxodo rural está na base dos problemas de saneamento na cidade de Maputo.
 - O que é que estimula o êxodo rural?
- O que é que o autor propõe para combater o êxodo rural?
- António Muchanga não poupa os utentes da Grande Cidade.
 - Que reclamações faz ele sobre os moradores da cidade de Maputo?
- Identifica as passagens do texto que provam o acentuado grau de subjectividade do mesmo.
- “(...) noto que os problemas de fraca remoção dos resíduos sólidos são mais frequentes nas zonas ocupadas por classes sociais menos favorecidas do que nas das classes de elite” (ll. 52-56)
 - Como é que o autor justifica esta afirmação?
- Que figuras de estilo ocorrem nas expressões em destaque no texto? Justifica a tua resposta.

Repensando a gestão de resíduos sólidos (2)

Implicações:

A fraca gestão dos resíduos sólidos urbanos poderá criar problemas lesivos ao meio ambiente e ao ser humano, a citar:

- 5 1) Maus odores devido aos resíduos de materiais orgânicos em estado de putrefacção, sobretudo em períodos de chuvas abundantes;
- 10 2) Contaminação do ar, sobretudo quando se incinera o lixo em meios urbanos, podendo prejudicar a saúde de quem inspira o ar contaminado;
- 15 3) Ocupação de passeios com lixo, deixando a cidade com má qualidade estética e vergonhosa, principalmente quando chegam os turistas que não conhecem a imundície do Moçambique real;
- 20 4) O lixo facilita a sobrevivência de agentes patogénicos, que causam infecções parasitárias, malária, cólera, que não só afectam a população comum, mas também os trabalhadores do Conselho Municipal.

Desafios:

25 Para a solução da ineficiente gestão de resíduos sólidos, o Estado, através do Conselho Municipal, em parceria com o MICOA, deve envidar esforços de contornar esta situação, através da adopção de estratégias e políticas claras e exequíveis.

30 Eis algumas propostas para a solução ou mitigação dos possíveis impactos negativos causados pela fraca gestão dos resíduos sólidos:

- 35 a) Definir uma política de educação ambiental, baseada na realidade socioeconómica do país; o envolvimento da população na gestão dos resíduos sólidos.
- 40 b) A recolha de lixo deve obedecer a certas regras, através da separação dos resíduos sólidos. Por exemplo, as garrafas de vidro devem estar à parte, os restos de comida devem ter o mesmo tratamento, devidamente selado em sacos plásticos para evitar o cheiro nauseabundo.

- 45 c) A recuperação de materiais reutilizáveis, fazendo-se a separação na sua origem ou por classificação dos materiais do lixo.
- d) É importante a criação dos núcleos de avaliação ambiental, que deverão ser compostos por ambientalistas, juristas, sociólogos, antropólogos, governantes e funcionários de salubridade, todos conjugando esforços para o estudo de custo e benefício da aplicação de métodos modernos de gestão ambiental.



- e) Os contentores devem ser distribuídos de uma forma uniforme pela cidade e devem ser cuidados de forma que sejam duráveis (nota-se que alguns são usados para incinerao lixo a céu aberto em plena cidade e de dia, como se não bastasse).

60 As propostas acima apresentadas deverão ser cimentadas e materializadas através de um trabalho intenso envolvendo vários sectores sociais, desde governantes às instituições de tutela e os demais desfavorecidos que são mais afectados pelos problemas ambientais.

Por um meio ambiente limpo, são e pela saúde de todos munícipes.

70 Não tenho outras sugestões. Até breve!...

MUCHANGA, António,
Jornal Notícias, 6 de Maio de 2008

- COMPREENDER

1. Muchanga apresenta algumas consequências da má gestão do lixo e propostas para ultrapassar o problema do lixo nas cidades.
 - 1.1. Que alínea menciona que o lixo põe em causa a beleza da cidade?
 - 1.2. Da lista de sugestões, indica qual delas faz menção à reciclagem do lixo.

LICAR

1. Explica as palavras e expressões destacadas no texto.
 - 1.1. Constrói frases em que uses adequadamente essas mesmas palavras e expressões.
2. Selecciona a preposição que deve acompanhar cada um dos verbos.

a • contra • de • em • para • por • com

aborrecer-se _____

rezar _____

render-se _____

revoltar-se _____

acudir _____

agir _____

amuar _____

andar _____

antepor-se _____

arcar _____

aspirar _____

bater-se _____

brigar _____

compadecer _____

debater-se _____

depor _____

reconciliar-se _____

obedecer _____

bater _____

abster-se _____

perdoar _____

violar _____

aceder _____

abrir-se _____

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

Regência verbal – complementos de verbos de separação

Alguns verbos são regidos por uma preposição. As preposições que se associam a esses verbos são: *a, de, em, contra, por, sobre, perante, com e para*, em frases como: *reagir a, recordar-se de, residir em, embater contra, zelar por, informar-se sobre, recuar perante, jogar com, voltar para*.

Alguns verbos de separação são regidos pela preposição *de*, nomeadamente *divorciar, distinguir, abdicar, distanciar, separar, desfazer, alhear*, etc.

Exemplos:

Alheio-me de tudo o que me aborrece.

Divorciou-se da mulher que amava.

Distanciei-me do grupo sem me aperceber.

Vemo-nos na próxima cólera

“O ano da cólera”, diziam os povos medievais, ao recordar uma daquelas chacinas que a epidemia havia feito entre eles. Os sobreviventes iam, assim, se situando, de época em época, num mundo em que só as guerras apinhavam pessoas e dificultavam o saneamento. O que acontece aqui connosco é uma certeza tão cíclica da cólera como é o período das férias ou do Natal. Podemos, seguramente, falar de um calendário de actividades associadas à época da cólera. Vamos, deste modo, planear uma viagem para a altura da cólera ou, já agora, a segunda volta das eleições durante a cólera.

Pela pontual normalidade dos factos, a cólera não eclode, como mal se diz, ela aparece no seu tempo, constroem-se-lhe as tendas, alocam-se fundos, meios humanos e materiais, leva algumas vítimas, deixa uns tantos decrépitos e lá vai... até ao próximo ano, que Deus sempre quer e manda. Ora, este é o grande problema sobre o qual as autoridades sanitárias e o público têm de agir com determinação. De acordo com a explicação que o Dr. Hélder Lopes dá sobre as causas da cólera, num programa que já tem mais de dois anos no ar, fica-nos a sensação de que é preciso desenvolver algum esforço para podermos manter viva esta doença. E, com efeito, há factores que objectivamente sustentam a cólera. O moçambicano, particularmente aqui na capital, convive com o lixo, putrefacto, nauseabundo, que pavimenta locais de maior concentração de pessoas. E não é preciso chover para que estes resíduos constituam uma espécie de papa lamacenta nos locais em que se concentram.



E as moscas, claro está, circulam tão livremente como as pessoas, acompanhando-as até junto dos alimentos. (...) vou falar da abundante mosca ou moscardo verde-metalizado, que surge do nada mal se tira a casca de uma manga ou uma pata-choca defeca ou, ainda, quando, inadvertidamente, um ovo podre se parte. É esta mosca que durante todo o santo dia paira por cima do peixe e do camarão que se vende na Tendinha¹, bem na berma da estrada. Esta mosca consegue cobrir quase por completo as carnes que se vendem nos mercados de Xipamanine, Chiquelene, Benfica, T3, Patrice Lumumba, mercado da Matola perante a total indiferença das vendedeiras, que só as sacodem para o cliente atestar a boa qualidade do produto. Que garantia de qualidade pode oferecer uma carne quando temos de pedir licença a uma mosca para apreciá-la?

Em conclusão, toda essa carne fresca, o peixe, o camarão que se adquire nos nossos mercados e esquinas de especialidade é comida que passou necessariamente pelas moscas, que põem mil ovos por dia. Quando é que a nossa higiene nos alimentos as poderá eliminar?

Estamos a falar de alimentos laváveis. Mas nesses mesmos sítios, vendem-se pães, bolos, chamussas, para não falar das refeições

que são aí servidas. As moscas partilham
70 directamente esta comida. Quanto ao pão,
basta olhar para as mãos de quem o vende e
para o chão em que se encontra sentado para
perceber quanta porcaria vai à boca do cida-
75 dão. A faculdade de escolher dada ao cliente
permite perceber que muitas mãos passam
por cada pão, deixando os seus lixos pessoais,
uns de couceira e outros de urinóis públicos.

Nessas zonas periféricas, que é onde está
a maioria da população de Maputo, a latrina
80 acaba por ser apenas um símbolo ou mera
possibilidade de defecar sem se ser visto por
outros. De resto e no mais, a distância entre
a latrina de um e a cozinha de outro morador
é a espessura de um caniço, com as óbvias
85 folgas para as moscas passarem sem custos
de portagem.

Como o número de vítimas da cólera é
extremamente reduzido, quase insignificante
em relação ao daqueles que vivem na imun-
90 dice, podemos estar confiantes por via de
imunização progressiva ou pela certeza de
que foram outros os que morreram. Por isso
aqui estamos para contar a história.

E a médica-chefe da cidade de Maputo
95 há-de aparecer anualmente para dizer que
“hoje deram entrada trinta e um casos de
cólera, talvez pela intensificação das chuvas”.
E a cidade de Inhambane não teve cólera,
mesmo com chuva que fez de algumas casas
100 autênticos navios. Em Maputo, somos suínos?

RIBAS, Filipe, *Jornal Verdade*, 13 de Fevereiro de 2009 (adaptado)

Vocabulário: ¹ Tendinha: nome de uma taberna algures em Maputo.

LER – COMPREENDER

1. Atenta no título do texto: “Vemo-nos na próxima cólera”.
 - 1.1. Retira do corpo do texto uma frase que prove o sentido do título.
2. O texto em análise é uma crónica, uma sub-tipologia do género jornalístico que já aprendeste na 11.^a classe. Pela sua natureza, a crónica faz uma crítica, exigindo a prática de uma acção futura.
 - 2.1. Reescreve, neste espaço, a frase que traduz essa exigência.
3. Uma outra característica típica da crónica é o uso frequente de recursos expressivos, tais como ironia, metáfora, hipérbole, eufemismo, enumeração, interrogação retórica e comparação.
 - 3.1. Encontra no texto um segmento que comprove a presença de cada um destes recursos.

APLICAR

1. Retira do texto quatro verbos regidos por uma preposição.
 - 1.1. Usa esses verbos para formar frases.

FALAR – ESCREVER

1. O autor do texto toma a questão da doença da cólera como um processo cíclico.
 - 1.1. Comenta esta situação, baseando-te na realidade da tua província e na zona onde vives.

No país 40% das crianças são raquíticas devido à inadequada dieta alimentar



Em Moçambique, mais de 40% das crianças abaixo dos cinco anos são raquíticas devido a doenças crónicas e dieta alimentar inadequada. E cerca de 24% das crianças têm baixo peso, sendo que as das zonas rurais têm duas vezes mais baixo peso que as que vivem nas zonas urbanas.

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a desnutrição contribui, em grande medida, para a proporção de mortes de crianças em Moçambique, e compromete o sistema imunológico da criança, tornando-a mais susceptível a doenças como a pneumonia, malária e HIV/SIDA.

Para o UNICEF, a desnutrição não é simplesmente resultado de fraca alimentação, mas resultado de uma combinação de factores: insuficiência de proteínas, energia e micronutrientes, infecções ou doenças frequentes, práticas de cuidados e alimentação inadequadas, serviços de saúde inadequados e água e saneamento deficientes.

As deficiências de micronutrientes, especialmente a falta de dois minerais, nomeadamente o iodo e o ferro, e a falta de vitamina A, é outra grande manifestação da desnutrição.

A deficiência de iodo pode levar a problemas mentais e físicos severos. Entretanto, os últimos dados disponíveis, em Moçambique, mostram que 14,5% das crianças com idades compreendidas entre os 6 e 12 anos sofrem de deficiência de iodo e 42% sofrem de deficiência moderada de iodo. (...) As crianças anémicas crescem mais lentamente e são apáticas, anoréxicas e não têm energia.

A deficiência da vitamina A, que afecta cerca de 69% das crianças moçambicanas abaixo de cinco anos, enfraquece a imunidade da criança contra as infecções.

A amamentação imediata e exclusiva, pelo menos durante os primeiros seis meses de vida, é a melhor fonte de nutrição para uma criança e contém micronutrientes vitais.

1. Indica a tipologia textual do **texto E**, justificando a tua opção.
2. Preenche com **V** as afirmações verdadeiras e **F** as falsas, de acordo com texto:
 - a. As crianças das zonas rurais têm menor peso do que as das cidades.
 - b. A má nutrição é uma causa da elevada morte de crianças.
 - c. A má nutrição debilita o sistema de defesa humana contra as doenças.
 - d. A desnutrição é causada somente pela alimentação fraca.
 - e. As crianças anémicas crescem mais lentamente porque são apáticas, anoréxicas.
 - f. Nos seus primeiros meses de vida, a alimentação da criança deve ser de leite e reforçada por alimentos adequados à idade.

Texto **F**

A

LIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO NA GRAVIDEZ

NECESSIDADES NUTRICIONAIS DURANTE A GRAVIDEZ

A gravidez é um período caracterizado por alterações físicas, hormonais e psíquicas que podem interferir na saúde e nutrição da gestante.

- 5 Durante a gravidez, as necessidades nutricionais (energias e nutrientes) estão aumentadas, isto é, a gestante precisa de comer mais e em melhor qualidade para garantir o seguinte:
- formação de células sanguíneas e de hemoglobina;
 - armazenamento de reservas maternas para o parto e para a amamentação;
 - formação do líquido amniótico;
 - rápido crescimento do bebé, entre outros aspectos.

10 ALIMENTOS QUE NÃO DEVEM FALTAR NA DIETA DE UMA GESTANTE:

Água – Mantém a hidratação e reduz o risco de prisão de ventre. Poderá beber também muito chá e sumos naturais, mas sem açúcar.

Carnes, feijões e ovos – São uma excelente fonte de proteínas, importantes para o crescimento são do bebé.

15 **Frutas, verduras e legumes** – São a melhor fonte de vitaminas e minerais, fulcrais para a formação do sistema nervoso do bebé.

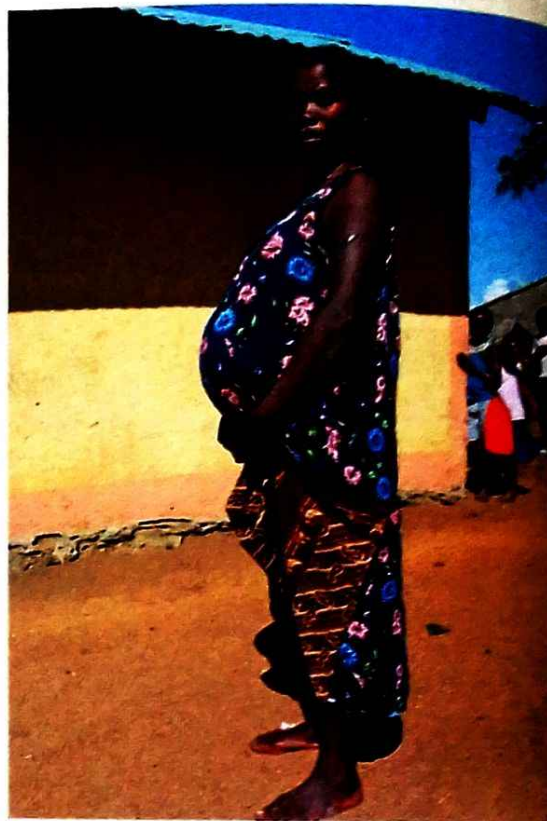
Peixe e mariscos – Ricos em proteínas importantes para a formação do bebé, da placenta e para o desenvolvimento da sua inteligência.

20 **Cereais** – São excelentes fontes de vitaminas e minerais que aumentam a quantidade de energia na dieta.

Gorduras e azeites – Deve-se limitar ao máximo o consumo de margarina, manteiga, natas, banhas, castanhas, gordura vegetal, maionese, azeitonas e abacate, pois estes alimentos são ricos em energia, podendo desenvolvê-lo em abundância. Use os óleos de origem vegetal (girassol, algodão e soja).

ENJOOS E VÔMITOS – COMO EVITÁ-LOS?

- 25 – Coma alimentos a cada duas horas, sempre em pequenas proporções. O jejum prolongado provoca enjoos;
- bolachas salgadas e torradas podem ser uma boa sugestão para o pequeno-almoço, pois são fáceis de digerir e não sobrecarregam o estômago;
- 30 – coma alimentos ricos em carboidratos (arroz, massa, batatas, mandioca) – são de fácil digestão, fornecem energia e ajudam a controlar os enjoos;
- evite cheiros e temperos fortes, bem como comidas gordurosas, uma vez que estes alimentos têm digestão
- 35 lenta e podem deixar a sensação de estômago cheio, que pode ser bastante desconfortável;
- durante as refeições, não beba nada, pois a ingestão de líquidos dificultam a digestão;
 - adicione limão na água ou chás e beba durante o dia;
- 40 – evite deitar-se ou sentar-se após as refeições;
- evite roupas muito justas à altura do estômago.



Revista Pão com Badjia, n.º 1, 2010 (adaptado)

LER – COMPREENDER

1. Como classificas este texto?
 - a. Narrativo.
 - b. Didático.
 - c. Notícia.
 - d. Reportagem.
 - 1.1. Justifica a tua resposta, apontando marcas características deste tipo de texto.
2. A alimentação de uma mulher grávida deve ser restrita.
 - 2.1. Explica esta afirmação.
3. Por que razão é que certas roupas podem provocar enjoos?

FALAR – ESCREVER

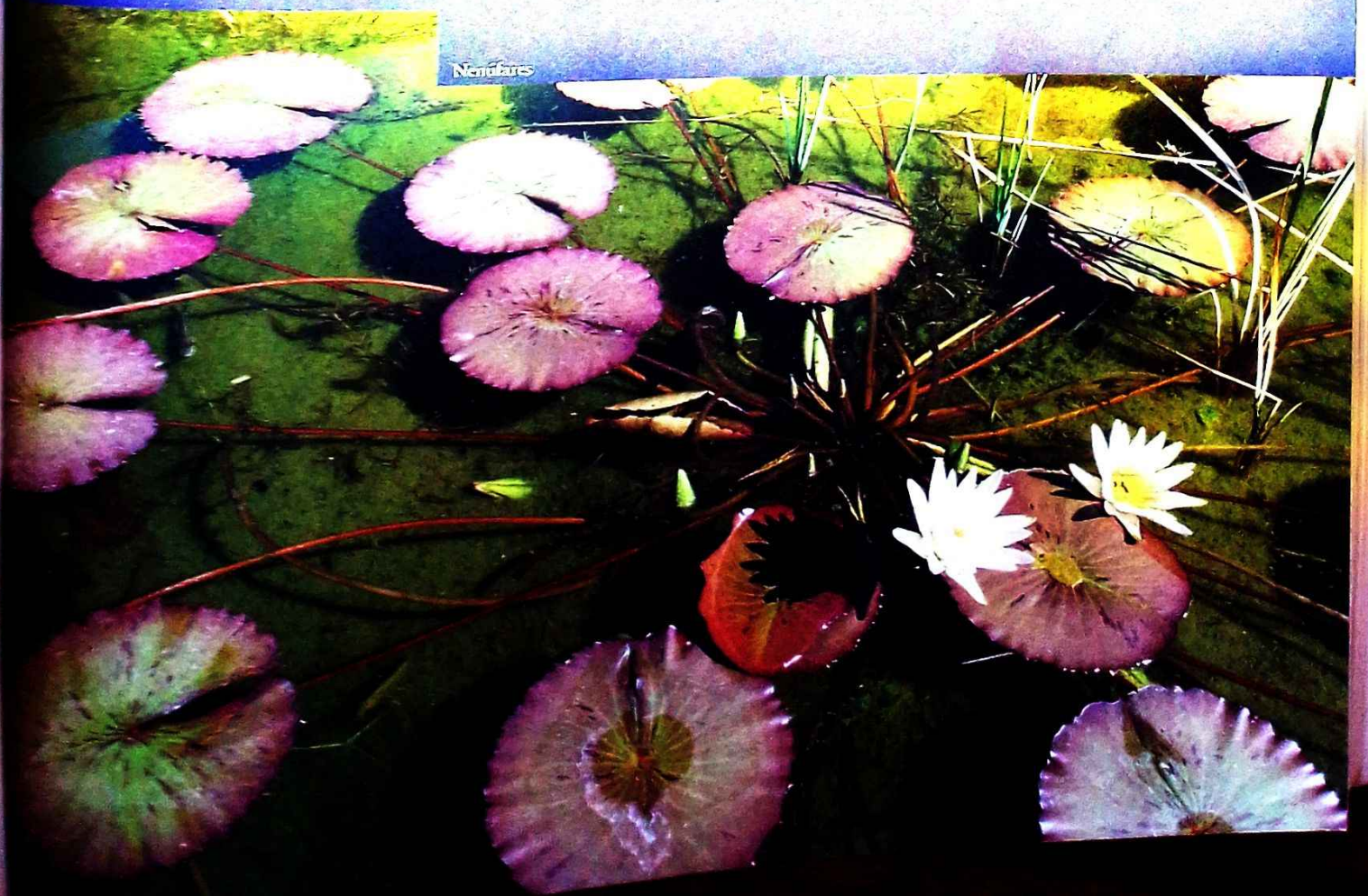
1. Lido o texto, ficaste a saber como deve ser uma dieta alimentar para mulheres grávidas.
 - 1.1. Pesquisa sobre uma receita de cozinha que consideres adequada a mulheres grávidas e redige um texto.
 - 1.2. Lê o teu texto à turma e justifica a escolha desta receita.

8 Textos Multiusos

Objectivos Específicos

- Interpretar textos expositivo-explicativos
- Analisar o texto expositivo-explicativo nos seguintes aspectos: apresentação do texto, organização do texto, tipo de linguagem
- Caracterizar processos de exposição e explicação de um texto expositivo-explicativo
- Usar nas produções orais e escritas conjunções/locuções subordinativas e orações subordinadas consecutivas
- Elaborar textos expositivo-explicativos sobre assuntos relacionados com maremotos

Nemifares



TEXTOS MULTIUSOS

Texto A

Cresce a solidariedade nacional e internacional para com as vítimas da explosão do paiol das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) no Bairro de Mahlazine (...). A população do Bairro Zimpeto, um dos mais atingidos pelos projecteis lançados a partir do paiol, pretende organizar um funeral geral para todas as vítimas que residiam naquele bairro.

Também foi notório um movimento junto ao Banco de Sangue do Hospital Central de Maputo, onde pessoas se dirigiram para fazer doações voluntárias de sangue às vítimas das explosões.

<http://www.portaldogoverno.gov.mz/noticias>,
consultado a 10 de Junho de 2011 (adaptado)

Texto B

P

RIMEIROS SOCORROS

COMO CONTROLAR A HEMORRAGIA DE UM FERIMENTO NO BRAÇO OU NA PERNA

MATERIAIS DE TRATAMENTO

- Pano limpo
- Lenço ou cinto

PROCEDIMENTOS

1. Eleve a parte do corpo (braço ou perna) que está ferida.
2. Com o pano limpo (ou a sua mão limpa, caso não tenha pano), pressione-o directamente sobre o ferimento. Continue apertando até que o sangramento pare.
- 10 (Esta acção pode demorar 15 minutos, 1 hora ou mais, dependendo da gravidade do ferimento)

Se o sangramento não for controlado pela pressão sobre a ferida e se a pessoa estiver a perder muito sangue, faça o seguinte:

- 15 3. Continue pressionando o ferimento.
4. Mantenha a parte ferida o mais alto que puder.
5. Pegue no lenço (ou no cinto) e amarre o braço ou a perna o mais perto possível da ferida – entre a ferida e o corpo. Aperte o suficiente para controlar o sangramento.



- Amarre o braço ou a perna apenas quando a hemorragia é intensa e não pode ser controlada pela pressão directa sobre a ferida.
 - Afrouxe o laço da amarra por um momento em cada 20 minutos, para observar se a ferida ainda sangra, e para deixar o sangue do corpo circular.
- (Se nós deixamos o laço durante muito tempo, sem o soltar de vez em quando, podemos danificar o membro em causa, a ponto de o levar a ser amputado.)
- Jamais utilize um cordão, fio ou arame para amarrar o membro do paciente.
 - Nunca use lama, queresone, cal ou café para estancar a hemorragia.
 - Se o sangramento ou ferimento for grave, levante os pés e baixe a cabeça do paciente para evitar um choque.



WERNER, David, *Onde não há médico*, 8.ª ed., Edições Paulinas, SP, 1984

LER - COMPREENDER

1. Classifica os textos A e B quanto ao conteúdo.

Texto C

D

DOAR SANGUE

No nosso organismo, circulam cerca de 5 a 6 litros de sangue. Destes litros, são apenas colhidos 450 mililitros numa doação sanguínea. Esta quantidade não fará mal ao doador, pois o organismo rapidamente repõe o sangue que foi doado.

- 5 As mulheres podem doar sangue de 4 em 4 meses, e os homens, de 3 em 3. Uma doação não demora mais do que 30 minutos.

Perfil do doador

Pode doar sangue quem estiver na faixa etária entre 18 e 65 anos, sendo que a primeira doação deve ocorrer até os 60 anos de idade.



10 Não devem doar sangue os
 utilizadores de drogas por via endove-
 nosa¹, os portadores dos vírus hepatite
 B e C, os seropositivos, as pessoas
 15 epilépticas, hipertensos graves, insu-
 lino-dependentes, diabéticos e pessoas
 submetidas a tratamentos com hormo-
 na de crescimento, bem como pessoas
 que se submeteram a cirurgia nos
 6 meses anteriores.

20 **Preparação para a doação**
 Como medida de segurança,
 todos os candidatos que decidirem
 doar sangue serão alvo de uma

25 triagem, respondendo a um questionário confidencial, em que será estabelecido
 se a pessoa está ou não apta para doar. Esse questionário será analisado por
 um médico.

Após a triagem, profissionais capacitados colherão o sangue do doador
 e serão utilizados na colheita materiais descartáveis e esterilizados, visando
 evitar o risco de o doador contrair doenças.

30 Pouco antes da doação, o doador terá uma refeição leve, por exemplo,
 um sumo e uma sandes.

Medidas pós-doação

O sangue que é doado passa por exames laboratoriais para segurança de
 quem o irá receber.

35 Logo após a doação, é servido um pequeno lanche. O doador deverá
 evitar fazer esforço físico, expor-se ao sol e ficar em pé por muito tempo.
 Deverá alimentar-se bem, descansar, abster-se de bebidas alcoólicas e do fumo,
 ingerir bastante líquidos (água mineral, sumos, etc.), e retomar as suas actividades
 normais de trabalho após 24 horas da doação.

40 COMPONENTES DO SANGUE

São três os componentes do sangue
 e cada um desempenha uma função vital
 no organismo.

45 **Glóbulos vermelhos** – responsáveis
 pelo transporte de oxigénio no corpo.

Plaquetas – responsáveis pela
 coagulação do sangue. Intervêm numa
 hemorragia, estancando o sangue.

50 **Glóbulos brancos** – ajudam no
 combate aos agentes infecciosos.



Há quatro tipos de sangue, que são: A, B, AB e O.

Para além disso, o sangue tem algumas especificidades, uma das quais é o factor RH (*rhesus*) que pode ser RH+ (positivo) ou RH- (negativo).

É a conjugação entre o grupo sanguíneo e o factor *rhesus* que deter-
55 minará a compatibilidade entre o doador e o receptor.

COLHEITA DO SANGUE

Há dois processos de colheita do sangue: uma é a dádiva total e o outro a dádiva por aférese. O mais comum e o que é feito com mais frequên-
cia é a dádiva total.

60 **Dádiva total** – numa só colheita, obtêm-se todos os componentes san-
guíneos, sendo, posteriormente, separados o plasma, as plaquetas e os glóbulos
vermelhos. Posteriormente são encaminhados para doentes necessitados.

Dádiva por aférese – os componentes do sangue são colhidos separa-
damente com recurso a um equipamento automático apropriado. Pode-se,
65 neste processo, colher as plaquetas, ou o plasma separadamente (a doação
destes componentes será feita a doentes com doenças específicas). Para este
tipo de doação, o doador tem pré-requisitos específicos para doar o sangue,
que também será avaliado por um médico, mediante uma triagem.

Jornal A Verdade, 10 de Julho de 2009 (adaptado)

Vocabulário: ¹ endovenosa: relativo ao interior da veia; injeção.

LER – COMPREENDER

1. De acordo com o texto, por que motivo não é prejudicial doar sangue?
2. Nas frases que se seguem, assinala com V as afirmações verdadeiras e com F as falsas:
 - a. Alguém que nunca tenha doado sangue, poderá fazê-lo até aos 60 anos.
 - b. Os consumidores de drogas nunca devem doar sangue.
 - c. Na colheita do sangue são usados materiais esterilizados e descartáveis para protegerem o doador.
 - d. Os componentes do sangue são só três.
 - e. Para o estudo da compatibilidade sanguínea interferem elementos como o grupo sanguíneo e o factor RH.
 - f. A dádiva por aférese é mais complexa que a dádiva total.
3. Enumera as medidas que devem ser tomadas antes e depois de uma doação.

ALAR - ESCREVER

1. Presta atenção ao excerto "Componentes do sangue" (pp. 116-114) e segue os seguintes procedimentos:
 - a. Sublinha as palavras/expressões principais.
 - b. Agora elabora um esquema linear (p. 120) para o mesmo trecho.

PRATICAR

1. Qual é a função de linguagem que ocorre com maior predominância no texto?
2. Divide e classifica as orações seguintes.
 - a. "Todos os candidatos que decidirem doar sangue serão alvo de uma triagem"
 - b. "O organismo rapidamente repõe o sangue que foi doado"
 - c. Ele perdeu tanto sangue que teve de receber sangue doado.

FALAR - ESCREVER

O texto "Doar Sangue" (p. 115) mostra a importância da esterilização de materiais de saúde. Elabora um texto em que presentes o processo de esterilização de materiais metálicos cortantes ou perfurantes de uso quotidiano (lâminas, agulhas, alfinetes, facas...)



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

ORAÇÕES CONSECUTIVAS

A oração consecutiva exprime que um facto é consequência da acção, estado ou qualidade expressa na subordinante.

É introduzida por *que* precedido de advérbio *tão*, do adjectivo ou das locuções *de maneira, de tal modo, etc.*, e tem o verbo no modo indicativo ou no conjuntivo, segundo exprime uma *realidade* ou uma *concepção*.

Olhou-me de tal maneira que fiquei com medo.
Ele correu tanto que acabou tropeçando.

FERREIRA, António G. e FIGUEIREDO, J. Nunes de, *Compêndio de Gramática Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1997

Conjunções e locuções consecutivas

Que, (de tal modo que)...que; (tão)... que; (de tal maneira)... que; (tanto)... que

Nota que as frases com orações consecutivas têm um sentido próximo do das frases com orações coordenadas conclusivas, podendo estar ausentes nestas a quantificação.

Ele esforçou-se (muito), logo acabou o trabalho a horas. (coordenada conclusiva)

MAGALHÃES, Olga e COSTA, Fernanda, *Entre Margens – Português 10.º Ano*, Porto, Porto Editora, 2010

SABER MAIS

TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO – A EXPOSIÇÃO ORAL

Consiste na apresentação de informações sobre um determinado tema, situação ou problema, de modo que os destinatários adquiram um conhecimento global sobre o que se expõe.

A exposição deve ser clara e ordenada, podendo organizar-se em três partes:

- introdução (apresentação do tema);
- desenvolvimento (descrição dos dados obtidos);
- conclusão (se o tema permitir).

Durante a exposição, há que evitar o nervosismo, mãos nos bolsos, gesticulação exagerada, olhar fixo, discurso demasiado rápido ou lento e recurso sistemático à leitura.

No final, poderá seguir-se um período de tempo reservado a perguntas e respostas, que permitem esclarecer algum ponto menos claro ou mais polémico.

Alguns passos a seguir na preparação da exposição:

1. Escolher o tema e os tópicos principais a tratar.
2. Colher informação em livros, revistas, jornais, internet, ou fazendo entrevistas e/ou inquéritos.
3. Seleccionar a informação (nem toda a informação recolhida deve ser apresentada: só as mais importantes e interessantes).
4. Organizar um guião, isto é, uma lista dos pontos que se vão desenvolver na comunicação. Este pode ser consultado durante a exposição, possibilitando assim que não se esqueçam as ideias e que estas sejam transmitidas de forma ordenada.
5. Prever outros recursos, como, por exemplo, mapas, gráficos, tabelas, fotografias, que possam ajudar à compreensão do que se expõe.

Nota: No guião podemos:

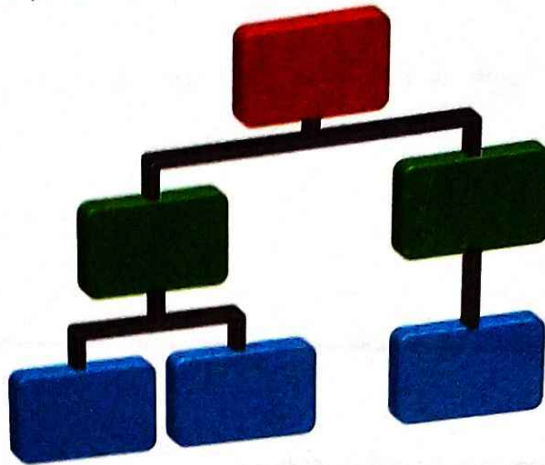
- anotar as ideias e os dados principais;
- destacar algumas palavras importantes com letras maiúsculas, sinais de cor ou sublinhados;
- procurar uma disposição gráfica que permita uma fácil leitura, deixando margens e espaços.

MAGALHÃES, Olga e COSTA, Fernanda, *Entre Margens – Português 10.º ano*, Porto, Porto Editora, 2010

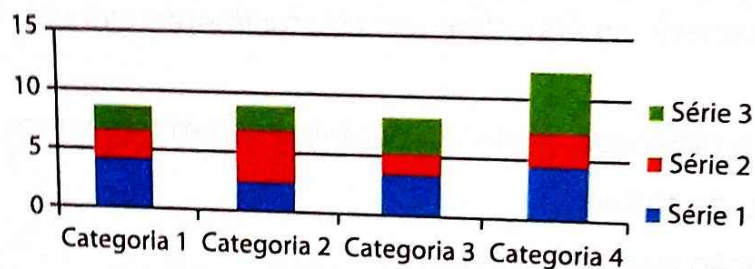
Esquema

É uma representação gráfica de uma situação, facto, ideias ou símbolos. O esquema permite a simplificação de uma informação, tornando-a mais clara. Existem vários tipos de esquema. Alguns deles são:

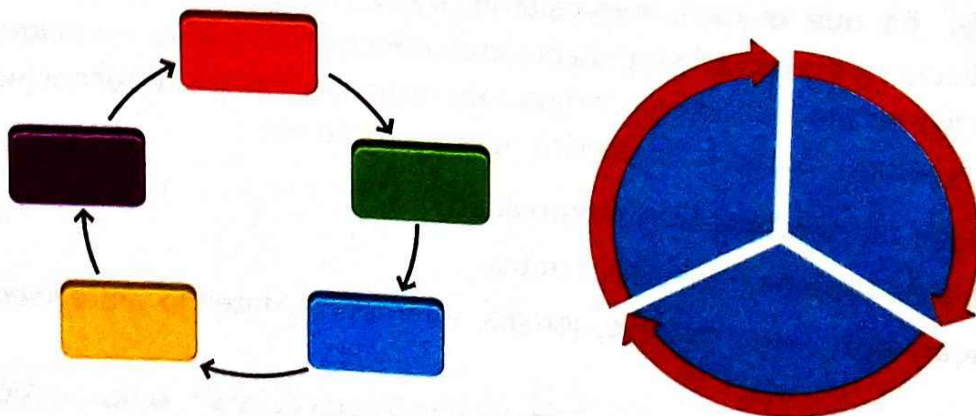
A) Esquema clássico ou piramidal



B) Esquema de barras



C) Esquema circular



D) Esquema linear

ÍNDICE

1. O Casamento
 - 1.1. Conceito De Casamento
 - 1.2. Tipos De Casamento
 - 1.2.1. Casamento Religioso
 - 1.2.2. Casamento Civil
 - 1.2.3. Casamento Tradicional
2. Vida Matrimonial
 - 2.1. Aspectos Positivos
 - 2.2. Desafios e Constrangimentos

Dois anos depois, Tailândia enterra vítimas do tsunami

Os corpos das últimas 125 vítimas não identificadas do tsunami que arrasou partes do sul da Ásia há dois anos (2004) foram enterrados nesta quarta-feira na Tailândia.

A cerimónia de sepultamento no balneário de Khao Lak foi simples e começou com orações de representantes das religiões budista, muçulmana e cristã, já que não se sabe qual era o credo dos mortos.

Os trabalhos de identificação dos corpos recuperados, muitas vezes em adiantado estado de decomposição, vêm sendo considerados o maior projecto de medicina legal da história. Os últimos corpos a serem sepultados foram aqueles que as autoridades conseguiram identificar por meio de testes de DNA e por análises da arcada dentária. Acredita-se que a maior parte dos enterrados em Khao Lak eram asiáticos – talvez muitos trabalhadores ilegais de Mianmar, cujas famílias não tiveram condições de viajar à Tailândia para reconhecer os corpos.

De acordo com a BBC, um cemitério especial foi construído para as vítimas do tsunami em frente ao instituto médico-legal de Khao Lak. Os cadáveres foram enterrados com implantes de *micro-chips* dentro de caixões de alumínio, caso seja preciso desenterrá-los no futuro. A cerimónia desta quarta-feira foi vista por muitos como um encerramento da traumática experiência do tsunami em Khao Lak, a região que mais sofreu com o tsunami na Tailândia. O sector turístico da região demorou muito mais tempo para se recuperar do que no outro

grande balneário tailandês, a Ilha de Phuket. Só recentemente, os hotéis começaram a registar um aumento acentuado no número de turistas. Alguns, inclusive, recuperaram os níveis de ocupação pré-tsunami, mas o rasto da destruição das ondas gigantes ainda pode ser visto.

A maior parte das casas e barcos pesqueiros destruídos foram reconstruídos. Há até quem diga que houve reconstrução demais,



já que o número de barcos pesqueiros na região hoje seria duas vezes maior do que antes do tsunami. No entanto, dois anos depois da tragédia, muitos moradores ainda precisam de apoio psiquiátrico, depois de perderem vários membros das suas famílias.

AS ONDAS SÃO ABSOLUTAMENTE PREVISÍVEIS

O professor Tas Murty, perito em tsunamis da Universidade de Winnipeg, afirmou que não há qualquer razão para que haja uma única vítima dos tsunamis.

“As ondas são absolutamente previsíveis. Nós aperfeiçoámos quadros que nos informam sobre a velocidade de propagação da vaga no Oceano Índico. E, para chegar à Índia, o tsunami devia gastar quatro horas – um tempo amplamente suficiente para dar o alarme. Trata-se pois de uma catástrofe natural, mas também se deve ao facto de ocorrer em zonas do planeta em que o Ocidente está totalmente desinteressado”, disse.



Il Manifesto, 2 de Janeiro de 2005 (adaptado)

LER – COMPREENDER

Presta atenção ao texto D.

1. “... começou com orações de representantes das religiões budista, muçulmana e cristã...” (ll. 2-4)
 - 1.1. Com que objectivo se fizeram orações em diferentes religiões?
2. De acordo com o texto, a medicina legal enfrenta uma tarefa árdua. Porquê?
3. O texto, indirectamente, explica a razão de se ter recorrido aos exames médicos para identificação de algumas vítimas. Qual terá sido essa razão?
4. “A cerimónia desta quarta-feira foi vista por muitos como um encerramento da traumática experiência...” (ll. 28-30)
 - 4.1. Prova, com base no texto, que os tailandeses ainda sofrem os efeitos deste tsunami.
5. Classifica os textos D e E quanto ao conteúdo que apresentam.

FALAR – ESCREVER

Apesar dos grandes prejuízos que o tsunami possa ter causado, acredita-se que trouxe alguns benefícios.

Estás de acordo com esta afirmação? Discute com os teus colegas este assunto e, depois, exponham as vossas ideias à turma.

9

Textos Literários

Objectivos Específicos

1. Ler e interpretar textos literários

2. Identificar as características de um texto literário e estabelecer o modo como o texto se relaciona com a realidade

3. Identificar a realidade como símbolo e função na literatura e a importância da transmissão da cultura literária nas sociedades do passado

4. Analisar os diferentes aspectos presentes nos textos literários

5. Produzir textos literários

Jardim de Alentejo, dia de primavera



Texto A

Poema A

Sou um evadido.
Logo que nasci
Fecharam-me em mim,
Ah! mas eu fugi.

Se a gente se cansa
Do mesmo lugar,
Do mesmo ser
Por que não se cansar?

Minha alma procura-me
Mas eu ando a monte,
Oxalá que ela
Nunca me encontre.

Ser um é cadeia,
Ser eu não é ser
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.

PESSOA, Fernando, *Poesias Inéditas*,
Lisboa, Ática, 1973

Poema B

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para Outro.

SÁ-CARNEIRO, Mário de, século XX

Poema C

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

SÁ-CARNEIRO, Mário de, século XX



Poema D

De que me serve fugir
Da morte, dor e perigo,
Se me eu levo comigo?

CAMÕES, século XVI

Poema E

Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo,
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim.

Nestes poemas, de poetas de épocas distintas e distantes no tempo, está presente o tema da fragmentação do eu.

Poema A

1. Partindo da metáfora contida no 1.º verso, o poeta caracteriza a sua realidade fragmentada através de palavras e expressões do campo lexical de prisão. Identifica e interpreta todas essas expressões metafóricas.
2. O poeta não lamenta, antes assume a sua fragmentação como uma escolha permanente. Aponta e comenta as passagens do poema que o revelam.

Texto B

FALAR DE POESIA

Antes de tudo, não falar. O poema tem todas as palavras necessárias para que não seja preciso dizer mais nada a partir dele.

Depois, falar devagar.

Falar da sua construção. Procurar a origem do poema por dentro do que
5 ele nos diz.

Falar com o poema.

Falar de cada palavra, de cada verso. Encontrar através deles os fios de uma lógica que não passa apenas pelo sentido ou pelo que é dito, mas sobretudo pelo que só a percepção instintiva, sensorial, pode captar, no que está
10 para além do que é dito e se solta das próprias palavras.

Ouvir o poema para poder falar dele.

Ignorar todos os discursos sobre o poema e sobre a poesia. Esse lixo verbal só nos impede de ouvir o que o poema tem para dizer.

Depois de falar do poema, e só depois, procurar saber o que outros disseram por pura curiosidade.
15

Procurar, como um suplemento de curiosidade, o que os próprios poetas disseram do poema e da poesia.

Se tivermos sabido, com essa leitura, alguma coisa para além do que o poema nos disse, desconfiemos do poema.

Um poema, quando o é, diz tudo o que há para saber sobre si.
20

JÚDICE, Nuno, in *Relâmpago*, n.º 6, Abril de 2000

FALAR - ESCREVER

O poeta Nuno Júdice dá vários conselhos que podem ser muito úteis para quem vai estudar ou escrever poesia.

1. Traduz, por palavras tuas, as recomendações feitas por Nuno Judice no texto B da página anterior, completando o quadro abaixo.

Quatro conselhos para falar de poesia	
1.º Não falar	
2.º Falar devagar	
3.º Falar com o poema	
4.º Ouvir o poema	

2. Depois de "falar com o poema", ou seja, depois de o analisar, poderemos ler o que os críticos ou o próprio poeta disse sobre o poema. Porquê só depois?

SABER MAIS

TEXTO LÍRICO

1. Conceito

Na Grécia Antiga, lírica era a poesia que se cantava ao som da lira. Desde então, esse qualificativo aplicou-se sempre à literatura versificada, em que a vida interior do poeta assume uma importância que deixa no esquecimento ou em segundo plano a vida exterior.

2. Caracterização estrutural

Um texto lírico, normalmente sob a forma de poema, pode ser organizado de formas diferentes, mas, no geral, é dividido em estrofes (conjunto de versos). Normalmente, tem rima.

3. Caracterização temática

O texto lírico apresenta-se como a revelação do eu. Transmite sensações, emoções, sentimentos que traduzem uma interiorização do mundo exterior. Apresenta, pois, uma visão subjectiva de tudo o que rodeia esse sujeito poético.

4. Tipo de Linguagem

O texto lírico é aquele em que mais se evidencia a preocupação de dar à palavra todo o poder sugestivo e expressivo da língua.

Requer um certo estilo: vocabulário afectivo, modificação da sintaxe usual, imagens e figuras destinadas a exprimir uma visão do mundo de acordo com um estado de alma, linguagem rítmica apoiada em figuras de estilo.

APLICAR

Os grandes poetas ajudam-nos a escrever. Por que não pedir emprestado um verso alheio e usá-lo como primeiro verso de um poema teu?

A partir das sugestões dadas na página 124 (poemas B, C, D e E), escolhe o primeiro verso de um desses poemas e cria o teu poema lírico. Verás como é fácil!

Texto C

Lê agora outros poemas de autores de Língua Portuguesa.

AS ÁGUAS

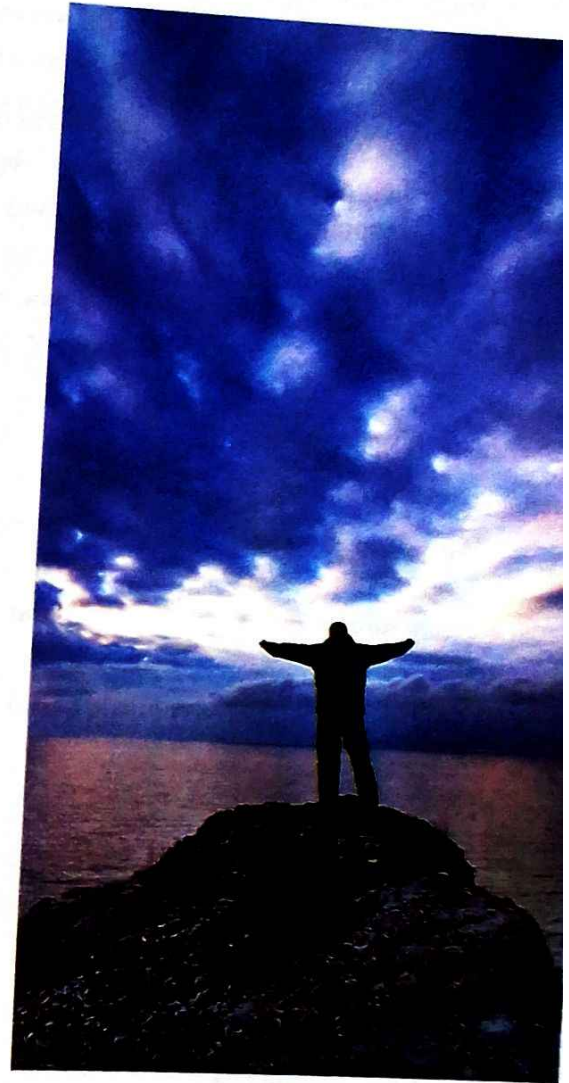
A chuva regressou pela boca da noite
 Da sua grande caminhada
 Qual virgem prostituída
 Lançou-se desesperada
 5 Nos braços famintos
 Das árvores ressequidas!

(Nos braços famintos das árvores
 Que eram os braços famintos dos homens...)

Derramou-se sobre as chagas da terra
 10 E pingou das frestas
 Do chapéu roto dos desalmados casebres das ilhas
 E escorreu do dorso descarnado dos montes!

Desceu pela noite a serenar
 A louca, a vagabunda, a pérfida estrela do céu
 15 Até que ao olhar brando e calmo da manhã
 Num aceno farto de promessas
 Ressurgiu a terra sarada
 Ressumando a fartura e a vida!

Nos braços das árvores...
 20 Nos braços dos homens...



SILVEIRA, Onésimo

LER - COMPREENDER

1. Depois de uma leitura atenta, és capaz de identificar a origem do poeta.
 - 1.1. Indica-a, justificando com passagens do poema.
2. Apoiando-te em exemplos textuais, identifica os dois momentos evocados no poema.
3. Indica três recursos estilísticos empregados.
4. A importância do tema "Água" deve ser compreendida na sua relação com o ambiente material e humano vivido pelo poeta.
 - 4.1. Explica esta afirmação.

FIGURAS DE PENSAMENTO

1. NOÇÃO DE ESTILO

Quando lemos, tomamos contacto com o estilo do autor, isto é, com o conjunto dos traços formais que caracterizam o modo como alguém utiliza a língua ou o modo como um autor escreve, segundo uma determinada estética. Esses traços formais apontam para a utilização de processos expressivos a nível fónico, sintáctico e semântico.

Assim, podemos distinguir duas categorias de recursos expressivos:

- **figuras de retórica**: explícitas na linearidade do texto, distinguem-se as que dizem respeito aos **níveis fónico** (onomatopeia, rima, aliteração e assonância), **sintáctico** (enumeração e anáfora) e **semântico** (antítese, hipérbato);
- **tropos**: resultam de uma relação de sentido implícito e implicam um processo de associação de significados, como, por exemplo, na metáfora.

2. TROPOS

Comparação

Consiste em estabelecer uma relação de semelhança por meio da conjunção "como" ou de outra expressão equivalente (à semelhança de, tal, mais do que...), ou de verbos que sirvam para comparar (parecer, assemelhar-se, lembrar...)

Exemplo

"O génio é humilde como a natureza"

Miguel Torga

Metáfora

Consiste na substituição de um termo por outro, com o qual apresenta semelhanças. É uma espécie de comparação simplificada, porque não está presente a palavra ou expressão comparativa.

Exemplo:

Que é Poesia?

uma ilha

cercada

de palavras

por todos

os lados

Cassiano Ricardo

Imagem

Consiste no recurso a aspectos sensoriais para representar ideias, com o propósito de provocar uma forte evocação afectiva e emocional.

Exemplo:

"Para os vales poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredo, tão copados e redondos, de um verde tão moço, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar."

Alegoria

Trata-se de uma elaboração de tipo metafórico que concretiza ideias abstractas. É o que acontece no *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente, em que as noções de bem e mal estão representadas pelas figuras do Anjo e do Diabo, ou na célebre imagem da justiça, que é representada alegoricamente por uma mulher de olhos tapados que segura uma balança nas mãos.

Ironia

Consiste em exprimir uma ideia dizendo precisamente o contrário.

Exemplo:

"Moça linda, bem tratada, três séculos de família, burra como uma porta: um amor."

Mário de Andrade

Eufemismo

Consiste em expressar uma ideia ou uma realidade desagradável de uma forma atenuada, mais suave.

Exemplo:

"Entregou a alma ao Criador" – em vez de morreu.

Sinédoque

Consiste em empregar a parte pelo todo, o singular pelo plural, o género pela espécie e a matéria pelo objecto ou vice-versa.

Exemplo:

"Que da ocidental praia Lusitana" = Portugal

Luís Vaz de Camões

Metonímia

Consiste na substituição de um termo por outro com que está em íntima relação.

Exemplo:

Bebi uma garrafa de Porto. (Bebi uma garrafa de vinho do Porto)

APLICAR

Identifica as figuras de estilo presentes nas frases abaixo.

- Vou beber um copo.
- Depois das conversações, libertou-se a pomba branca.
- Uma mão cheia de golos.
- As dunas da praia parecem um grande jardim deserto.
- As tuas notas negativas revelam, realmente, muito estudo!
- Vivo do meu trabalho.
- O Paulo é um furacão.
- Ficou rico por meios ilícitos.

Vamos continuar no mundo da poesia. Oferecemos-te, agora, excertos de um poema de um escritor já teu conhecido, José Craveirinha.

SIA – VUMA

Enquanto
instintivas andorinhas
incansáveis fulgem as asas
contra a taciturna saca azul
5 engomada a pulso sobre nós
com alcunha portuguesa de céu
suburbaninhos largam-se à mecha dos pneus à mão
ou pilotos analfabetizados mesmo assim guiam
à pata os «friendship» de caixote

10

SIA – VUMA! (...)

E um círculo de braços
negros, amarelos, castanhos e brancos
aos uivos da quizumba lançada ao mar
num amplexo a electrogéneo
15 apertará o imbondeiro sagrado de Moçambique
à música das timbilas
violas, transistores e xipendanas

SIA – VUMA!

E dançaremos o mesmo tempo da marrabenta
20 sem a espora do calcanhar da besta
do medo a cavalo em nós

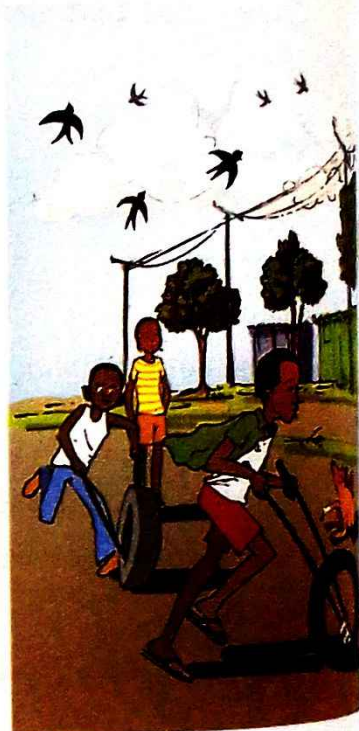
SIA – VUMA!

E seremos viajantes por conta própria
jornalistas, operários com filhas também dançarinas de ballet
25 arquitectos, poetas com poemas publicados
compositores e campeões olímpicos

SIA – VUMA!

E construiremos escolas
hospitais e maternidades ao preço
30 de serem de graça para todos
e estaleiros, fábricas, universidades
pontes, jardins, teatros e bibliotecas

SIA – VUMA!



E guiaremos as nossas charruas
35 editaremos os nossos livros
semearmos de arroz os nossos campos
sintonizaremos a voz dos nossos emissores
e bateremos também o «crawl» nas piscinas

SIA – VUMA!

40 E ergueremos estátuas aos nossos técnicos
estâncias para os nossos velhos
estádios para os nossos jovens
e represas alegóricas ao pai
à mãe e ao filho não evocados nas maldições
45 infinitas que devastaram África

SIA – VUMA!

E distribuiremos amuletos de aritmética
e invocaremos o exorcisismo dos altos – fornos
a antropologia cultural de um changana
50 a uma virgem maconde moçambicanamente
e a lógica diesel das geradoras na Manhica

SIA – VUMA!

E armados de martelos e chaves-de-boca
montaremos água canalizada no Xipamanine todo
55 desviaremos o machimbombo 7 para a Polana
e o machimbombo 2 da Polana para o Alto-Maé
e controlaremos a lavra de quilovátios todos os dias
semeando amperes no Chamanculo inteiro

SIA – VUMA! (...)

60 E deixem em nós gerar-se
irresistível a prole das sementes do beijo
consanguíneo do Grande Dia

SIA – VUMA!

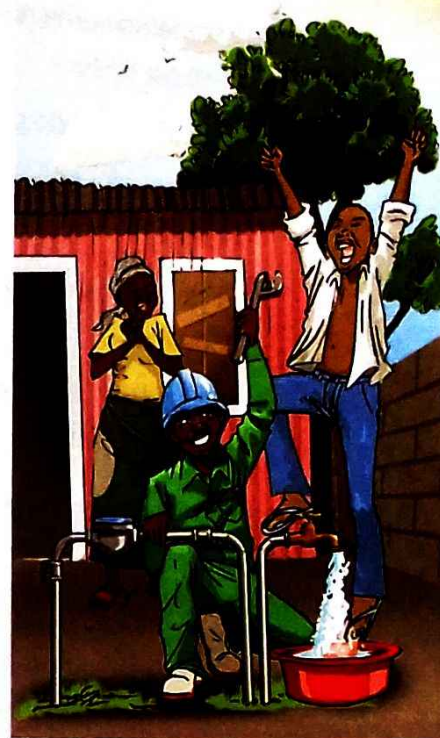
Que um enxame de mãos em prece
65 na orgia fantástica dos augúrios do nhanga
há-de voltar deste exílio
mais moçambicano connosco

SIA – VUMA!

CRAVEIRINHA, José, *Karingana na Karingana*, INLD – Instituto Nacional do Livro e do Disco, Maputo

LER – COMPREENDER

Acabaste de ler um poema de grande força expressiva e de cariz épico, "Sia – Vuma", que se pode traduzir por "assim seja". O poeta vaticina, tal como um curandeiro, o futuro do seu país alicerçado em valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Responde às questões que se seguem.



1. O sujeito poético dirige-se ao destinatário em tom profético.
 - 1.1. Faz o levantamento de palavras e expressões que o comprovem.
2. Estabelece uma relação entre o emprego da primeira pessoa do plural e a mensagem do texto.
3. Indica o tema do poema e justifica a tua resposta.
4. A expressão "Sia – Vuma" repete-se ao longo do poema, sempre em maiúsculas. Porquê?
5. Faz o levantamento dos versos em que se fala dos ideais de liberdade, fraternidade e igualdade.
6. Indica três recursos estilísticos predominantes no poema, analisando a sua expressividade.

FUNCIONAMENTO DA LINGUA

FIGURAS DE PENSAMENTO

Como já estudaste, poesia é sentimento e técnica. Cassiano Ricardo, 1966, dizia "toda a arte fala, mas a poesia é a única que fala a língua das palavras".

Nunca é demais recordar outros processos estilísticos de que o poeta se serve para criar beleza e arte, através da palavra.

Paralelismo ou simetria

Consiste na repetição do esquema ou construção da frase ou do verso.

Exemplo:

Meu amor! Meu amante! Meu amigo!

Refrão

É uma estrofe ou verso que, por questões de realce textual, se repete entre as demais estrofes de um poema. Depende do poeta a quantidade e a forma com que um refrão é repetido. Nas cantigas de amigo, é frequente encontrar-se o refrão.

Exemplo:

Ai flores, ai flores do verde pino,
Se sabedes novas do meu amigo?

Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
Se sabedes novas do meu amado?

Ai Deus, e u é?

.....

D. Dinis

Apóstrofe ou invocação

Consiste na interpelação do destinatário (real ou imaginário).

Exemplo:

Alma minha gentil que te partiste.

Luis Vaz de Camões

Texto E

Moçambique, depois da independência, continuou a sua tradição de bons poetas. Vamos apresentar-te apenas alguns. Entre os grandes poetas actuais destaca-se Eduardo Costley White.

P AÍS DE MIM

O peso da vida!
Gostava de senti-lo à tua maneira
e ouvi-la crescer dentro de mim,
em carne viva,

5 não queria somente
rasgar-te a ferida,
não queria apenas esta vocação paciente
do lavrador,
mas, também, a da terra
10 e que é a tua.

Assume o amor como um ofício
onde tens que te esmerar,
repete-o até à perfeição,
repete-o quantas vezes for preciso
15 até dentro dele tudo durar
e ter sentido.

Deixa nele crescer o sol
até tarde,
deixa-o ser a asa da imaginação,
20 a casa da concórdia,

só nunca deixes que sobre
para não ser memória.

WHITE, Eduardo, *Pais de Mim*, 1990

LER - COMPREENDER

1. Numa frase, resume a mensagem do poema.
2. Mostra que compreendeste o poema, declamando-o.

Texto F

Heliodoro Baptista é outro poeta moçambicano muito conhecido.
Lê, então o poema.

I INHAMINGA 87

Hoje, em Inhaminga,
afundo-me de imenso,
meu amor,

Hoje, sob a floresta
5 o fragar, exaurível,
da desesperança.
E enclausuramos os olhos
de pedra.

II
10 Como dizer-te, meu amor,
do acre, da folha tombada
por sobre o cabelo da criança
suspensa no inexprimível
nada de nada?

15 Como se modula o silêncio?
Que medida para o sangue
tumultuando nos rubores
de cada manhã?

III
20 Em Inhaminga, meu amor,
uma árvore despede-se
sobre alguém que nunca passa,
sobre as coisas que são
porque já ausentes.

25 Ali, para sempre,
a transparência do horror.
E por lampejos, os very-lights,
Provocam o segredo inviolável
dos antepassados!

BAPTISTA, Heliodoro, Beira, 19 de Maio de 1987, in *Gazeta de Artes e Letras*, revista *Tempo* - 911

Nelson Saúte, outro grande poeta moçambicano, pós independência, aborda, neste belo poema, uma outra terra deste belo Moçambique, a ilha de Moçambique.

A ILHA DE CALIBAN, I

Ilha, minha velha ilha
lugar salgada na memória dos poetas
aqui onde tudo adormece
na imponderável vigília
5 do esquecimento
no esplendor condoído das sombras
de um tempo de velas perdidas
no mar demasiado azul
para carpir a solidão
10 das casas derrubadas pelo salitre
das mulheres ausentes nas varandas
em suas poses majestáticas
sentadas na modorra do tempo
fumando tabacos antigos
15 mirando as Cabaceiras
nas dolentes tardes indormidas
entre os arcos redesenhados nas soleiras
das casa que a tudo resistem
à pedra e à cal
20 ou as palhotas atafalhadas da Ponta
no escasso chão que todos acolhe
acenando à passagem de Próspero
o mito exorcizado
aos olhos de quem aqui se tarda
25 para sempre

SAÚTE, Nelson, *Livro do Norte e outros poemas*, editora Marimbique, Maputo, 2012

LER - COMPREENDER

O poema que acabaste de ler, refere-se à ilha de Moçambique.

1. A partir da sua leitura, descreve a ilha.

Texto H

Apresentamos-te agora um poema de um poeta português, Cesário Verde.

C RISTALIZAÇÕES

Faz frio. Mas, depois duns dias de aguaceiros,
Vibra uma imensa claridade crua.
De cócoras, em linha, os calceteiros¹,
Com lentidão, terrosos e grosseiros,
5 Calçam de lado a lado a longa rua.

(...)

Em pé e perna, dando aos rins que a marcha agita,
Disseminadas, gritam as peixeiras;
Luzem, aquecem na manhã bonita,
Uns barracões de gente pobrezita
10 E uns quintalórios² velhos com parreiras.

Bom tempo. E os rapagões, morosos³, duros, braços,
Cuja coluna nunca se endireita,
Partem penedos; cruzam-se estilhaços,
Pesam enormemente os grossos maços⁴
15 Com que outros batem a calçada feita.

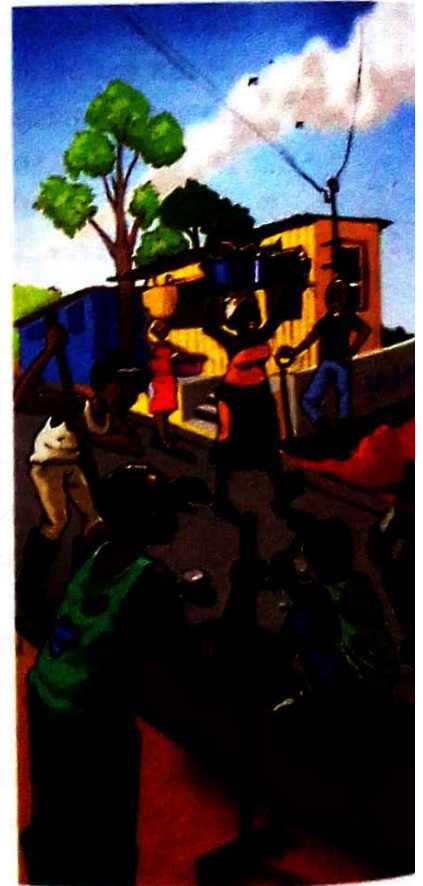
(...)

Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!
Que vida tão custosa! Que diabo!
E os cavadores pousam as enxadas,
E cospem nas calosas⁵ mãos gretadas⁶,
20 Para que não lhes escorregue o cabo.

Povo! No pano cru rasgado das camisas
Uma bandeira penso que transluz!
Com ela sofres, bebes, agonizas:
Listrões⁷ de vinho lançam-lhe divisas,
25 E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!

De escuro, bruscamente, aó cimo da barroca⁸,
Surge um perfil direito que se aguça;
E ar matinal de quem saiu da toca,
Uma figura fina, desemboca,
30 Toda abafada num casaco à russa.

Donde ela vem! A actriz que tanto cumprimento
E a quem à noite na plateia, atraio



35 Os olhos lisos como polimento!
Com seu rostinho estreito, friorento,
Caminha agora para o seu ensaio.

E aos outros eu admiro os dorsos, os costados
Como lajões⁹. Os bons trabalhadores!
Os filhos das lezírias¹⁰, dos montados¹¹:
Os das planícies, altos, aprumados;
40 Os das montanhas, baixos, trepadores!

Mas fina de feições, o queixo hostil, distinto,
Furtiva a tiritar em suas peles,
Espanta-me a atrizita que hoje pinto,
Neste Dezembro enérgico, sucinto,
45 E nestes sítios suburbanos, reles¹²!

Como animais comuns, que uma picada es quente,
Eles, bovinos, másculos, ossudos,
Encaram-na sanguínea, bruta mente:
E ela vacila, hesita, impaciente
50 Sobre as botinhas de tacões agudos.

Porém, desempenhando o seu papel na peça,
Sem que inda o público a passagem abra,
O demoníaco arrisca-se, atravessa
Covas, entulhos, lamaçais, depressa,
55 Com seus pezinhos rápidos, de cabra!

VERDE, Cesário, *O Livro de Cesário Verde*, Lisboa, Europa América, 1878

Vocabulário: ¹ calceteiro: aquele que trabalha no empedramento de estradas, ruas, etc.; ² quintalório: quintal grande mas mal cuidado; ³ moroso: que anda ou procede com lentidão; ⁴ maço: instrumento de madeira, com um pequeno cabo, para uso de escultores, carpinteiros, calceteiros, etc.; ⁵ caloso: que tem calos; ⁶ gretado: que apresenta gretas, rachado; ⁷ listirão: tipo de uva; ⁸ barroca: o mesmo que barranco ou barranca, escavação natural; ⁹ lajão: grande laje; ¹⁰ lezíria: terreno alagadiço nas margens dos rios; ¹¹ montado: terreno onde podem pastar os porcos; ¹² reles: muito ordinário.

LER - COMPREENDER

Cesário Verde ia buscar a sua inspiração ao povo e à sua vida: as peixeiras de pernas nuas, os calceteiros malhando o macadame das poças de água, terrosos, esquálidos, selvagens e desgraçados.

1. O povo, retratado por Cesário, em pinceladas de grande realismo, merece, por parte do sujeito poético, um grande carinho.
 - 1.1. Indica o diminutivo por ele empregado que comprova a afirmação anterior.
 - 1.2. Justifica a tua resposta.
2. O discurso, neste texto, resulta da contemplação que o sujeito poético faz do trabalho da calçada.
 - 2.1. Faz o levantamento do vocabulário que sustenta esta afirmação.

3. Indica os diferentes tipos humanos a que o poema se refere.
4. Justifica a escolha do tempo verbal predominante.
5. Atenta na estrofe que começa "Povo! No pano cru rasgado das camisas " (v. 21)
 - 5.1. De que forma se glorifica o povo?
6. Que efeito produz, na descrição, a acumulação de nomes concretos?

Texto

Lê, agora, um outro poema, muito conhecido, de um poeta brasileiro.

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

- 5 Nosso céu tem mais estrelas;
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

- Em cismar, sozinho, à noite,
10 Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

- Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
16 Em cismar – sozinho, à noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

- Não permita Deus que eu morra
20 Sem que eu volte para lá
Sem que desfrute dos primores
Que não encontro eu cá
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá



O poema foi escrito em 1843, em Coimbra, Portugal, onde o poeta se encontrava a estudar.

O texto é estruturado a partir do contraste entre a paisagem europeia e a terra natal – nunca mencionada, mas vista com o olhar exagerado de quem está distante e, movido pela saudade, exalta os valores que não encontra no lugar de exílio.

O poeta escolheu o Sabiá, com letra maiúscula, pássaro de canto bellissimo, como o canto de um grande poeta. A técnica da maiúscula funciona para dar uma conotação de substantivo próprio a palavras comuns.

1. Analisa o efeito de sentido produzido pela oposição entre "cá" e "lá".
2. Indica o assunto do poema.
3. Comenta a relação que se estabelece entre o título e o poema.
4. Indica os sentimentos que dominam o sujeito poético e justifica.
5. Um dado importante é a musicalidade.
 - 5.1. Faz o levantamento dos elementos textuais que asseguram esse ritmo.
6. Analisa as figuras de estilo presentes no poema.

ESCREVER

Aprendemos a escrever com os grandes mestres e Gonçalves Dias é um deles.

Escreve tu, também, um poema em que o primeiro verso seja "Minha terra tem..."

SABER MAIS

AS MARCAS DA ORALIDADE NA LITERATURA AFRICANA

Um conjunto de factores fez com que a oralidade fosse a forma mais corrente da comunicação e da transmissão da obra literária nas civilizações do passado.

Isto é mais evidente na literatura africana e tem a ver com vários factores, nomeadamente a tardia implantação da imprensa nas ex-colónias, o não acesso dos povos à escolarização e o subdesenvolvimento.

A literatura oral deixou fortes marcas na literatura escrita, a título de exemplo podemos referir a presença do imaginário, do sobrenatural e dos elementos míticos. É, ainda, de referir a interferência de termos usados na comunicação oral na escrita.

Texto J

Continuando na companhia da poesia lírica, apresentamos-te mais um poema de uma escritora angolana, Ana Paula Tavares.

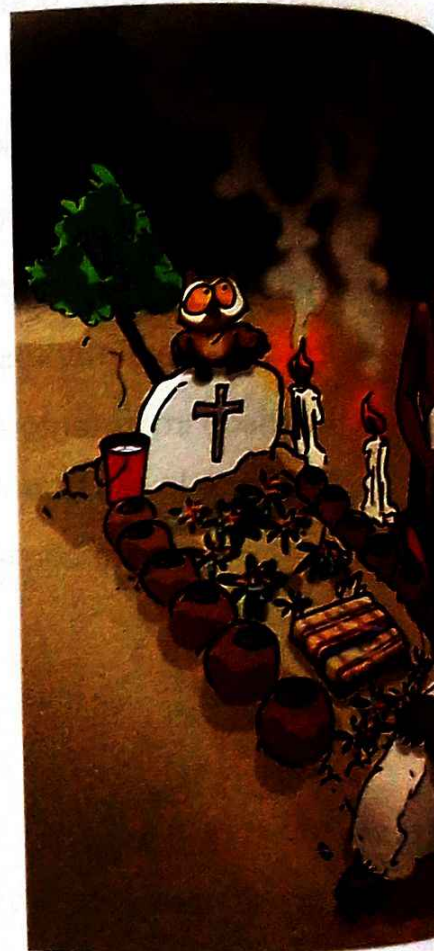
V IAGEM

Preparei-te na pedra da casa
asas do pássaro Kalulu
com pedaços de árvores destroçadas pelos raios
para te passar remédios
5 da cabeça até aos pés.

No fundo de meu corpo perfeito
escondi
pedaços de argila e feitiços fortes.

Em cada uma das doze cabaças da origem
10 deitei o vinho dos votos
um pano novo da costa
três missangas azuis
e cera da colmeia menor.

Todos os dias conservei aceso o fogo sagrado
15 Na hora dos fantasmas
o vento diz-me a tua voz
é a voz das viagens
sem regresso.



TAVARES, Ana Paula, *Poesia*, Luanda, Edições Maianga, 2004

LER - COMPREENDER

1. Analisa a relação entre o título e o poema.
2. Comenta as acções do sujeito poético em relação ao destinatário.
3. Interpreta o papel e a força dos elementos da natureza.
4. Explica, por palavras tuas, a terceira estrofe.
5. Compara o poema com o texto F – “Canção do Exílio” (p. 135).

Apresentamos-te, de seguida, um excerto de um poema de uma poetisa de São Tomé, Conceição Lima.

CANTO OBSCURO ÀS RAÍZES

Em Libreville

não descobri a aldeia do meu primeiro avô.
Não que me tenha faltado, de Alex,
a visceral decisão.

5 Alex, obstinado primo
Alex, cidadão da Virgínia
que ao olvido dos arquivos
e à memória dos griots Mandinga
resgatou o caminho para Juffure¹,
10 a aldeia de Kunta Kinte –
seu último avô africano
primeiro na América.

(...)

15 Nas margens do Congo foi caçado
e às margens do Congo não tornou decerto

Da nascente do Ogoué chegou um dia
e à foz do Ogoué não voltou jamais

Eu que em Libreville não descobri a aldeia
do meu primeiro avô
20 meu eterno continental avô

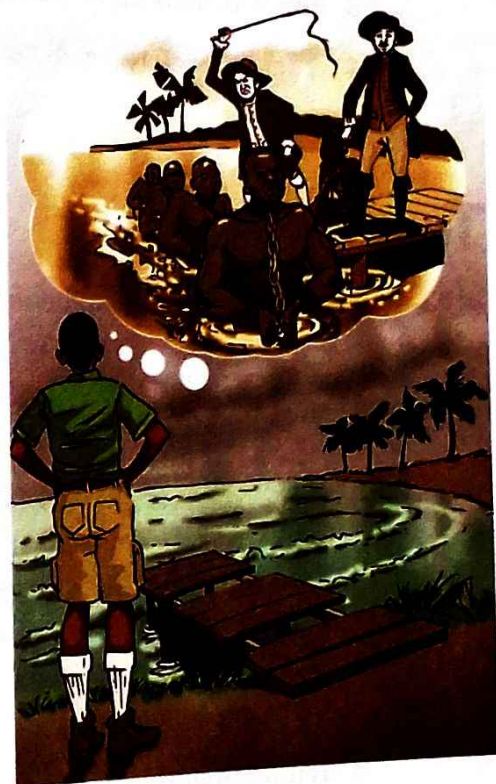
Eu, a peregrina que não encontrou o caminho para Juffure
Eu, a nómada que regressará sempre a Juffure.
(...)

25 Eu que trago deus por incisão em minha testa
e nascida a 8 de Dezembro
tenho de uma madona cristã o nome.

A neta de Manuel da Madre de Deus dos Santos Lima
que enjeitou santos e madre
ficou Manuel de Deus Lima, sumu sun [excelentíssimo senhor] Malé Lima
30 Ele que desafiou os regentes intuindo nação –
descendente de Abessole, senhor de abessoles.

LIMA, Conceição, *A dolorosa raiz do nicondó*, Lisboa, Editorial Caminho, 2006

Vocabulário: ¹ Juffure: aldeia da actual Gâmbia.



LER - COMPREENDER

O sujeito poético inicia uma "viagem" lírica em busca da sua identidade e compara a sua busca com a do escritor norte-americano Alex Waley.

Apesar de não ter obtido sucesso na busca pelo seu "primeiro avô", Conceição Lima afirma a sua ancestralidade africana. Além disso, a voz da poetisa reconhece a origem cristã do seu nome, uma vez que a religião é legado da colonização.

1. Indica a importância do avô e os significados que lhe são atribuídos.
2. Identifica e justifica os sentimentos que dominam a voz poética.
3. Refere o simbolismo da repetição do pronome "eu" ao longo do poema.
4. O "griot" está ligado à literatura africana. Explica como.

Texto M

Mais um poema. Agora de um poeta da Guiné Bissau, Tony Tchekeka.

E NÃO TE CHAMAS CRISTO

Tens o crucifixo de muitas chuvas
cravado na palma da mão
com que matizas a terra
em tempos de Kebur.

- 5 Tempo finado
tempo fincado no peito da dor
disputando a sobra do cuntango.
Tempo enlutado
tempo anoitecido
10 no entardecer da esperança.

- Na curvatura
do tambor onde expias o desespero
fizeram do teu corpo sepultura do medo.
Negam-te o pedaço da tua tabanca
15 dão-te uma vida assalariada
taxam-te uns tantos por cento
para a sobrevivência autorizada

E não te chamas Cristo
e só pregas com o arado.



TCHEKA, Tony, *Guiné sabura que dói*, UNEAS, União Nacional dos Escritores e Artistas de S. Tomé e Príncipe, 2008

Acabaste de ler um poema de um escritor guineense, Tony Tcheka, pseudónimo de António Soares Lopes Júnior.

1. Analisa o poema tomando em consideração:
 - 1.1. o emissor e o destinatário interno do poema;
 - 1.2. o simbolismo da cruz;
 - 1.3. o assunto;
 - 1.4. a analogia com Cristo;
 - 1.5. a linguagem e as figuras de estilo.
2. Comenta a estrofe "*Na curvatura/do tambor/onde expias o desespero/fizeram do teu corpo sepultura do medo*". (vv. 11-13)

Texto **N**

Continuando a viagem através da poesia por países de língua oficial portuguesa, apresentamos-te um poema da autoria de Agostinho Neto, poeta angolano.

CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Latas pregadas em paus
fixados na terra
fazem a casa.

Os farrapos completam
5 a paisagem íntima.

O sol atravessando as frestas
acorda o seu habitante.

Depois as doze horas de trabalho
escravo.

10 Britar pedra
acarretar pedra
britar pedra
acarretar pedra
ao sol

15 à chuva
britar pedra
acarretar pedra.

A velhice vem cedo

Um esteira nas noites escuras
20 basta para ele morrer
grato
e de fome

NETO, Agostinho, *Sagrada Esperança*,
Sa da Costa, Lisboa, 1974

LER – COMPREENDER

O tema central do poema são as amargas condições de vida dos trabalhadores. A metáfora “Os farrapos completam/ a paisagem íntima” materializa o tema.

1. Faz uma análise do poema detendo-te nos seguintes aspectos:
 - a. a expressividade do adjectivo “íntima”;
 - b. o conector “depois”;
 - c. a musicalidade;
 - d. o uso do adjectivo “escuras”.

Texto **O**

Apresentamos-te mais um poema para criar curiosidade para leres os outros poemas deste poeta de São Tomé, Francisco José Tenreiro.

E

XORTAÇÃO

Negro
para quem as horas são sol e febre
que colhes
nesse ritmo de guindaste.

6 Negro
para quem os dias são iguais
que respeitas teu patrão e senhor
como água que mexe o engenho.

Negro!
10 Levanta os olhos para o sol rijo
e ama tua mulher
na terra húmida e quente!

TENREIRO, Francisco José, *Conação em África*, 1962

LER – COMPREENDER

O poema, como o próprio nome indica, é uma advertência, um apelo. O “negro” aqui referido representa todos os negros explorados, aqueles que perdem o seu tempo trabalhando para aqueles que os subjugam e exploram.

1. Distingue os dois tipos de exploração referidos no poema.

Para completar esta viagem pelos poetas de língua oficial Portuguesa, vamos ler e compreender um poema de um poeta cabo-verdiano, Corsino António Fortes.

Texto P

P

ECADO ORIGINAL

Passo pelos dias
e deixo-os negros
mais negros
do que a noite brumosa.

5 Olho para as coisas
e torno-as velhas
tão velhas
a cair de carunchos.

10 Só charcos imundos
atestam no solo
as pegadas do meu pisar
e fica sempre rubro vermelho
todo o rio por onde me lavo.

15 E não poder fugir
não poder fugir nunca
a este destino
de dinamitar rochas
dentro do peito...

FORTES, Corsino, *Claridade*, 1960

LER - COMPREENDER

1. Depois de uma leitura atenta, indica:
 - a. o tema do poema;
 - b. as figuras de estilo que encontras.

Para escreveres e falares com correcção, tens de praticar muito e, sobretudo, procurar nos grandes escritores modelos a seguir. Apresentamos-te, por isso, um excerto da obra *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros, natural da Guiné Bissau. Esta obra é de leitura obrigatória.

Texto Q

I

“... o Comité do Partido do Sector Autónomo da Cidade de Bissau apresenta à família enlutada as suas mais sentidas condolências...”

Foi através deste comunicado lacónico que o licenciado António Benaf tomou conhecimento do falecimento de N'Dingui, um dos tios maternos que herdara do emaranhado étnico dos *papéis*.

– Estou lixado!

– Lixado? Porquê?

– Lixado e mal pago! Não ouviste o comunicado?

– Ah! É com isso que estás preocupado? Vê-se logo que ainda estás fresco nisto. Estes comunicados são o pão nosso de cada dia. Sabes, com o desaparecimento do correio e praticamente sem telefones com o interior, *recado que no tem pa contá* transformou-se no único meio de comunicar com algum familiar ou amigo no resto do país.

– Estou a referir-me ao comunicado sobre o falecimento!

– Esses são os que preenchem a maior parte do tempo de antena. Mesmo com a morte vais acabar por te habituar.

– Isso é verdade, Benaf. A dificuldade é tal que o tabu desapareceu e a morte transformou-se na companheira do quotidiano.

– Porra, pá! Eu estou a referir este comunicado concreto, vindo da parte do Partido!

– Mesmo isso tornou-se rotineiro. Não há dia em que o Partido não envie condolências às famílias enlutadas. Trata-se dos *combatentes* que estão a cair a um ritmo superior às perdas durante a guerra. Penso que isso não deve espantar ninguém, mesmo eles não estão livres das consequências terríveis do *Ajustamento*.

– Puxa, amigos, vocês não compreendem! O comunicado refere-se à morte dum parente meu! Esse nome é do meu tio! N'Dingui Có! Não pode ser outro senão o meu tio que esteve na Luta!

– Oh! desculpa o mau jeito, pá! Lamento muito, mas terás de ter paciência e compreender-nos. Nenhum de nós adivinhava que era da tua família. Sentimos muito. Sabes, quase todos nós temos alguma relação, melhor, algum familiar ligado à Luta e quando morre um *combatente* é como se tivesse morrido um familiar nosso, portanto, estamos contigo na tua dor.

Dor, qual dor qual quê! Benaf não sabia o significado desse sentimento e os outros também não, de certeza. Olhou para a cara dos colegas e espantou-se com o cinismo aí patente. Do diálogo de gozo e de chacota, mudou-se para um



“... o Comité do Partido do Sector Autónomo da Cidade de Bissau apresenta à família enlutada as suas mais sentidas condolências...”

silêncio de cumplicidade e de solidariedade, só porque o morto era da sua família!

– Bem parece que o nosso *djumbai* terminou! Penso que durante estes 40 dias vais estar ocupado com as *cerimónias de tchoro*, dado que junto dos *papéis* isso é muito forte. Coragem e sobretudo muita força e muito cuidado com o teu bolso! Adeus!

– Adeus e muito obrigado pelas vossas palavras. Vou mesmo precisar de muita força para aguentar esta barra da qual não estava à espera! Vou para lá 45 agora e contactar-vos-ei mais tarde!

Há muito que já não via o homem. Desde que regressou da Europa, há cerca de seis meses, não tinha tido tempo para visitar aquele que por uma razão ou outra tinha sido o responsável por que ele fosse matriculado numa escola missionária.

50 Falaram-lhe do tio, quando estive de visita à terra natal, nas *tabancas* de Safim. Ali soube, através dos parentes da mãe, da vida solitária que o tio levava, sujo, sempre a cair de bêbado.

Lamentaram muito o facto de o tio se ter recusado, ou, por outra, não ter dado importância alguma às *cerimónias de tchoro* dos seus pais e nem ter 55 aceitado mudar para a terra, a fim de continuar a *rênança*. Prometeu na altura ir visitá-lo e tentar convencê-lo a tomar um dos *balobas* da tribo. Talvez fosse a única forma de tirá-lo do *bas-fond* da cidade.

No entanto, a vida dum recém-formado na praça de Bissau era muito atribulada. Muita coisa para ver, muitos contactos para fazer, enfim... Infeliz- 60 mente não voltaria a falar com o tio.

Bom, ao menos iria ao velório. Olhou para o relógio, fechou o rádio portátil e decidiu partir, sem antes ter atirado uma pedra para afugentar um mocho – *kikia*, para os da terra – que teimava em poisar na janela do seu quarto. Benaf achou estranho uma ave nocturna a voar àquela hora da tarde, 65 mas limitou-se a atirar a pedra.

(...)

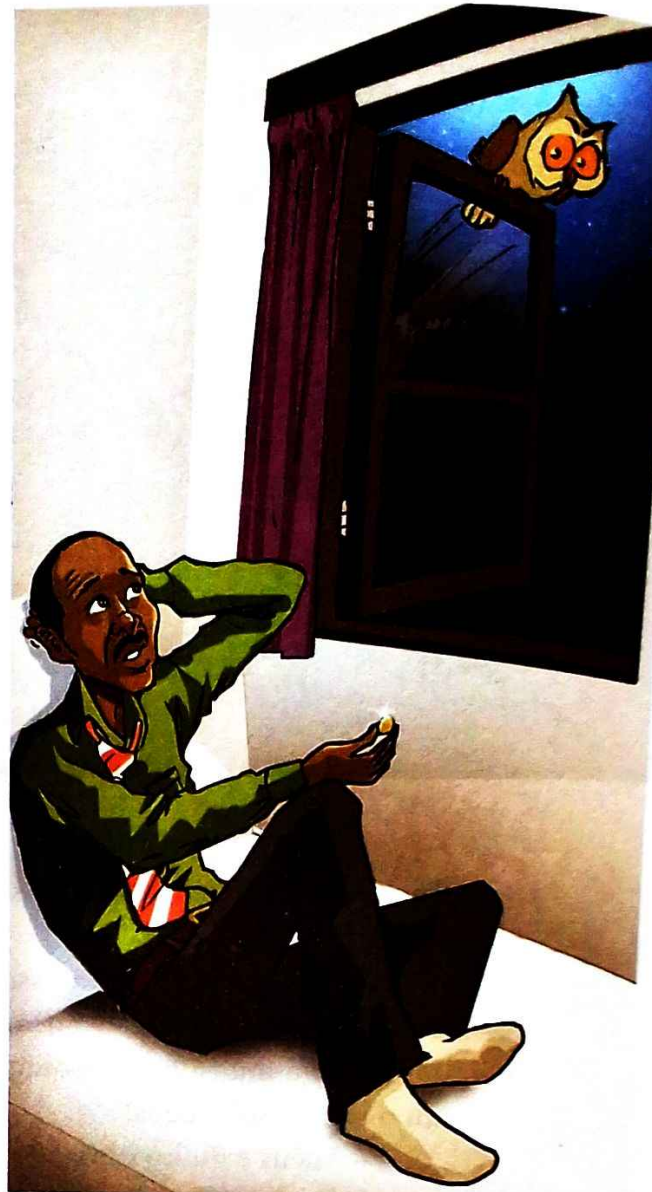
– Sinto muita pena, nós éramos muito amigos, vou sentir a sua falta. Aliás, todos nós vamos sentir a sua
70 falta.

Benaf não respondeu. Olhava para aquela cara ressequida, marcada por anos de vida dura e por anos de aguardente. Amigos! Como era possível tamanha hipocrisia. O seu tio de
75 nome N'Dingui terminou os seus dias na mais completa solidão! Nem ele havia dado ao tio qualquer apoio material ou humano, ele que era considerado o mais próximo em termos
80 familiares e de quem era devedor moralmente.

– Sabes, estivemos juntos na guerrilha. Pertencemos ao mesmo
85 bigrupa comandado por Domingos Carnel. Lembro-me como se fosse hoje das terríveis emboscadas aos *tugas*. N'Dingui era o último a retirar-se. Para ele, a vida dos seus homens
90 valia mais do que a própria causa por que estávamos a bater-nos. Ferido ou morto, N'Dingui tinha de confirmar a sua retirada pelos camaradas e aos mortos dava um enterro condigno. Os *tugas* nunca levaram uma das nossas baixas e olha que não foram poucas.

95 Ainda mais esta, Combatente da Liberdade da Pátria morrer sozinho sem, ao menos, o calor humano dos seus antigos camaradas!

Benaf não se lembrava muito da Luta de Libertação Nacional. Era ainda jovem quando a guerra acabou e veio a independência. Recordava a entrada triunfante dos *Combatentes*. Reteve *passadas* contadas pelo seu tio, agora vestido com um fato de madeira para ser enfiado no único pedaço de terra que a
100 Luta lhe tinha dado como herança.



BARROS, Filinto de, *Kikia Matcho*, Instituto Camões, 1997

LER – COMPREENDER

O título da obra é a designação crioula de mocho e a essa ave são atribuídos simbolismos diversos: mensageira do bem e do mal. Através do Kikia, o leitor é introduzido no mundo mágico e mítico africano, ao mesmo tempo que estabelece a ponte entre o passado e o presente.

1. Faz a localização espacial e temporal da história, justificando com base no texto.
2. Identifica as personagens.
3. Caracteriza psicologicamente Benaf.
4. Analisa a carga simbólica do mocho no contexto cultural da tua região.
 - 4.1. Indica outros animais aos quais também são atribuídos "poderes".
5. Analisa os diferentes conflitos retratados.
6. "Nada existe neste inferno e não ser a morte. Mesmo dessa não devemos ter medo. É preciso irmos ao encontro dela, só assim podemos vencê-la".
 - 6.1. Comenta esta passagem do romance Kikia Matcho.
7. A frase "A SIDA existe" continua a ser divulgada, mas, infelizmente, esta doença vai expandindo-se cada vez mais. Por esse motivo a estigmatização de pessoas que vivem com SIDA continua a preocupar governos e sociedade.
 - 7.1. No romance, uma das questões analisada é a disseminação do HIV – SIDA entre os jovens. Comenta este tema, tendo em conta as consequências de actos irreflectidos.

FALAR

Falar bem é uma arte e uma técnica.

Os grandes declamadores praticam muito para atingirem o sucesso.

E tu, não queres merecer os aplausos do público?!

Organiza um concurso de leitura expressiva dos poemas que aqui te oferecemos.
Podes incluir colegas das outras turmas.

Não te esqueças de providenciar um júri e, por que não, também um prémio para os vencedores.

Lê os textos que se seguem, depois, explica, por palavras tuas, a mensagem neles contida.

ESTIGMA E DISCRIMINAÇÃO

RELACIONADA COM O VIH (HIV)

A SIDA (AIDS) é uma epidemia global. As pessoas que têm VIH e SIDA são, em maior ou menor grau, estigmatizadas em todo o mundo.



5 O estigma do VIH é expresso através de ostracismo social, rejeição pessoal, discriminação directa e indirecta e leis que privam as pessoas que têm e que são afectadas pelo VIH e a SIDA dos seus direitos básicos. No Reino Unido, a discriminação relacionada com o VIH e a SIDA no emprego, cuidados de saúde, seguros e educação tem sido amplamente noticiada desde o princípio da epidemia.

10 O QUE SÃO ESTIGMA E DISCRIMINAÇÃO

Estigma é uma forma de preconceito que desacredita ou rejeita um indivíduo ou grupo, porque são vistos como sendo diferentes de nós ou do convencional. Quando as pessoas agem devido ao seu preconceito, o estigma transforma-se em discriminação.

15 **Discriminação** pode ser definida como qualquer acção ou medida que resulta em alguém ser tratado(a) de maneira injusta porque pertence, ou aparenta pertencer, a um grupo particular (por exemplo um homossexual, que é vítima de discriminação devido à sua orientação sexual).

O QUE SÃO O ESTIGMA E A DISCRIMINAÇÃO RELACIONADOS COM O VIH

O estigma relacionado com o VIH tem origem sobretudo no medo e na ignorância sobre a doença e/ou hostilidade e preconceitos existentes sobre os grupos que mais são afectados pelo VIH
20 (por exemplo: homossexuais e africanos negros).

A discriminação relacionada com o VIH é o tratamento injusto das pessoas em função do seu estado de VIH actual ou suspeito. A discriminação contra as pessoas que têm VIH e SIDA também se estende àqueles com quem o VIH e SIDA são associadas pelo público.

25 A discriminação relacionada com o VIH é única. Ao contrário de outros tipos de discriminação por deficiência, é frequentemente associada e reforça outras formas de discriminação, tais como o racismo e a homofobia.

QUE FACTORES CONTRIBUEM PARA O ESTIGMA E A DISCRIMINAÇÃO RELACIONADA COM O VIH?

- o VIH é uma doença potencialmente fatal.
- 30 • A não compreensão da doença [por exemplo, mitos e conceitos errados sobre como o VIH é transmitido].
- Associação do VIH com comportamentos e estilos de vida específicos [por exemplo homossexualidade e consumo de drogas injectáveis].
- Preconceitos existentes contra grupos da população já estigmatizados e discriminados
35 devido à sua raça, sexo e/ou orientação sexual.
- Irresponsabilidade e notícias tendenciosas da imprensa relacionadas com o VIH.

EXEMPLOS DE DISCRIMINAÇÃO RELACIONADA COM O VIH

Para as pessoas que têm VIH, ou para aqueles que assumiram serem seropositivos, nenhuma área da vida é intocável por estigma nem é invulnerável à discriminação.

Trabalho

Exemplos de práticas discriminatórias incluem testes do VIH antes da admissão a um trabalho, recusa de empregar pessoas que sejam seropositivas, assédio no trabalho e pressão para que se demitam.

O Consórcio Nacional de Luta contra a SIDA (National AIDS Trust – NAT) desenvolveu um pacote de recursos para os patrões com o objectivo de prevenir o estigma e a discriminação no local de trabalho.

Habitação

Exemplos de discriminação incluem recusa em alugar uma propriedade sem dar uma razão, assediar um inquilino e despejo sem motivo.

<http://www.multikulti.org.uk/pt>,
consultado a 27 de Junho de 2011 (adaptado)

SABER MAIS

APRESENTAÇÃO DOS AUTORES

Heliodoro Baptista (Moçambique)



Nasceu a 19 de Maio de 1944 em Gonhame, Quelimane, província da Zambézia. Foi jornalista do "Notícias da Beira" onde chegou a ser chefe de redacção.

Publicou "*Por cima de toda a folha*", "*Nos joelhos do silêncio*", "*A filha de Tandy*", entre outras obras dispersas. Foi membro da Associação de Escritores Moçambicanos. Foi, ainda, um grande impulsionador de saraus culturais.

Eduardo Costley White (Moçambique)



Nasceu em Quelimane em 1963. É membro da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO). Integrou um grupo literário que fundou em 1984, a Revista Charrua.

A sua obra é vasta. Podemos enumerar: "*Amar sobre o Índico*" (1984); "*Homoíne*" (1987); "*País de Mim*" (1990); "*Janelas para Oriente*" (1999); "*As falas do Escorpião*" (2002); "*Nudos*" (2011); "*O Libreto da Miséria*" (2010-2012) e, mais recentemente, "*A Mecânica Lunar e A Escrita Desassossada*" (2012)

Nelson Saúte (Moçambique)



Nasceu em Maputo, Moçambique, em 1967. Licenciado em Ciências da Comunicação e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Publicou volumes de poesia, de ficção e entrevistas, compilou e organizou antologias de poesia e de contos. Em poesia, publicou, entre outros, "A Pátria Dividida," "A Viagem Profana" e "Maputo Blues". É autor, entre outras obras de ficção, de "O Apóstolo da Desgraça," "Os Narradores da Sobrevivência" e muitas outras obras publicadas em Moçambique, Portugal, Cabo Verde e Itália.

Agostinho Neto (Angola)



Nasceu em 1922 em Kaxicane, perto de Luanda. Formou-se em Medicina, que exerceu junto dos seus compatriotas, mas dedicou-se, sobretudo, à política tendo sido o primeiro presidente de Angola. A sua obra poética, mais conhecida, intitula-se *Sagrada Esperança*. Faleceu em 1979, vítima de doença em Moscovo.

Francisco José Tenreiro (São Tomé)



Nasceu em 1921 na ilha de São Tomé e faleceu em 1963. Partiu, ainda novo, para Lisboa onde exerceu a docência.

Publicou "Ilha do Nome Santo," "Novo Cancioneiro," "A Ilha de São Tomé – Estudo Geográfico"

Corsino Fortes (Cabo Verde)



Corsino António Forte nasceu em São Vicente, em 1933. É um escritor e político cabo-verdiano. É licenciado em Direito.

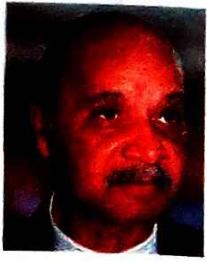
É autor de obras como "Pão e Fonema," "Árvore e Tambor." A sua obra expressa uma nova consciência da realidade cabo-verdiana e uma nova leitura da tradição cultural daquele arquipélago.

Onésimo Silveira (Cabo Verde)



Nasceu no Mindelo, ilha de São Vicente, em 1935. Viveu em São Tomé e Príncipe, Angola, França, Holanda e Suécia. Licenciado em Ciências Políticas, foi representante das Nações Unidas em vários países africanos. Poeta, ficcionista e ensaísta, tem colaboração dispersa na imprensa Cabo Verdiana. Publicou: *Hora Grande*, *Poesia Cabo Verdiana* (1962), *Toda a Gente Fala: Sim Senhor* (1960)...

José Craveirinha (Moçambique)



Nasceu em Maputo, a 28 de Maio de 1922 e morreu em 2003, também em Maputo.

Autodidacta, iniciou a sua actividade jornalística no "Brado Africano", jornal de profunda militância nacionalista.

A sua obra poética é reconhecida como uma das mais originais tendo, por isso, recebido o *Prémio Camões*, em 1991. Escreveu, ainda, crónicas, contos e ensaios. Publicou *Karingana Ua Karingana*, *Cela I*, *Maria*, *Babalaze de hienas...*

Cesário Verde (Portugal)



José Joaquim Cesário Verde nasceu em Lisboa, em 1855, e morreu em 1886.

Foi um dos grandes renovadores da poesia portuguesa do século XIX. Publicou os seus primeiros versos em 1873.

O seu único livro reunindo toda a sua poesia foi editado, depois da sua morte, em 1887, por um amigo, com o título *O Livro de Cesário Verde*.

A poesia de Cesário Verde caracteriza-se por um grande amor a tudo o que o rodeava.

Gonçalves Dias (Brasil)



Antônio Gonçalves Dias nasceu em 1823, em Caxias, no Maranhão, e faleceu em 1864.

Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, Portugal.

Foi o poeta das tradições e da alma popular brasileira. Pertenceu à primeira geração do Romantismo Brasileiro. Delicado e melancólico, criou o indianismo brasileiro, impondo-se como uma das maiores figuras da literatura brasileira.

Os seus versos encerram eloquência, lirismo, grandiosidade e harmonia. Escreveu *Primeiros Cantos*; *Segundos Cantos*; *Últimos Cantos*; *Sextilhas de Frei Antão*; *Dicionário da Língua Tupi*; *Leonor de Mendonça...*

Ana Paula Tavares (Angola)



Ana Paula Ribeiro Tavares nasceu no Lubango, Huíla, sul de Angola, em 1952. É historiadora e Mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Em 1999, publicou vários estudos sobre a história de Angola na revista "Fontes e Estudos", de Luanda. Dos livros publicados, destacam-se *Ritos de Passagem* (1985), *O sangue da Buganvília* (1998), *O Lago da Lua* (1999), *Manual para Amantes Desesperados* (2007).

Conceição Lima (São Tomé e Príncipe)



Nasceu em Santana, na ilha de São Tomé, em 1961. Maria da Conceição Costa de Deus Lima cursou jornalismo em Portugal. Regressou a São Tomé, onde exerceu cargos de direcção na rádio, televisão e imprensa escrita. Foi directora do semanário independente por ela fundado, o "País Hoje".

Estudou depois em Londres, onde reside e trabalha como jornalista, na BBC. Faz parte de uma nova geração literária Sãotomense. Tem dois livros de poesia publicados: *O Útero da Casa* (2004) e a *Dolorosa Raiz do Micondó* (2006).

Tony Tcheka (Guiné Bissau)



António Soares Lopes Júnior (Tony Tcheka) nasceu em Bissau.

É um respeitado jornalista da imprensa e da rádio guineense. Entre as várias actividades, nomeamos a Presidência da Associação de Jornalistas da Guiné e a direcção do jornal "Nô Pintcha". Poeta e investigador, tem colaboração dispersa e participação em obras colectivas.

Filinto de Barros (Guiné Bissau)



Nasceu em Bissau, em 1943. Fez os estudos superiores na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e no Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa. Depois da independência da Guiné Bissau, foi embaixador em Lisboa, entre 1978 e 1981. Exerceu vários cargos políticos na Guiné Bissau: Ministro da Informação e Cultura (1981-1983), Ministro dos Recursos Naturais e Indústria (1984-1992) e Ministro das Finanças (1992-1994).

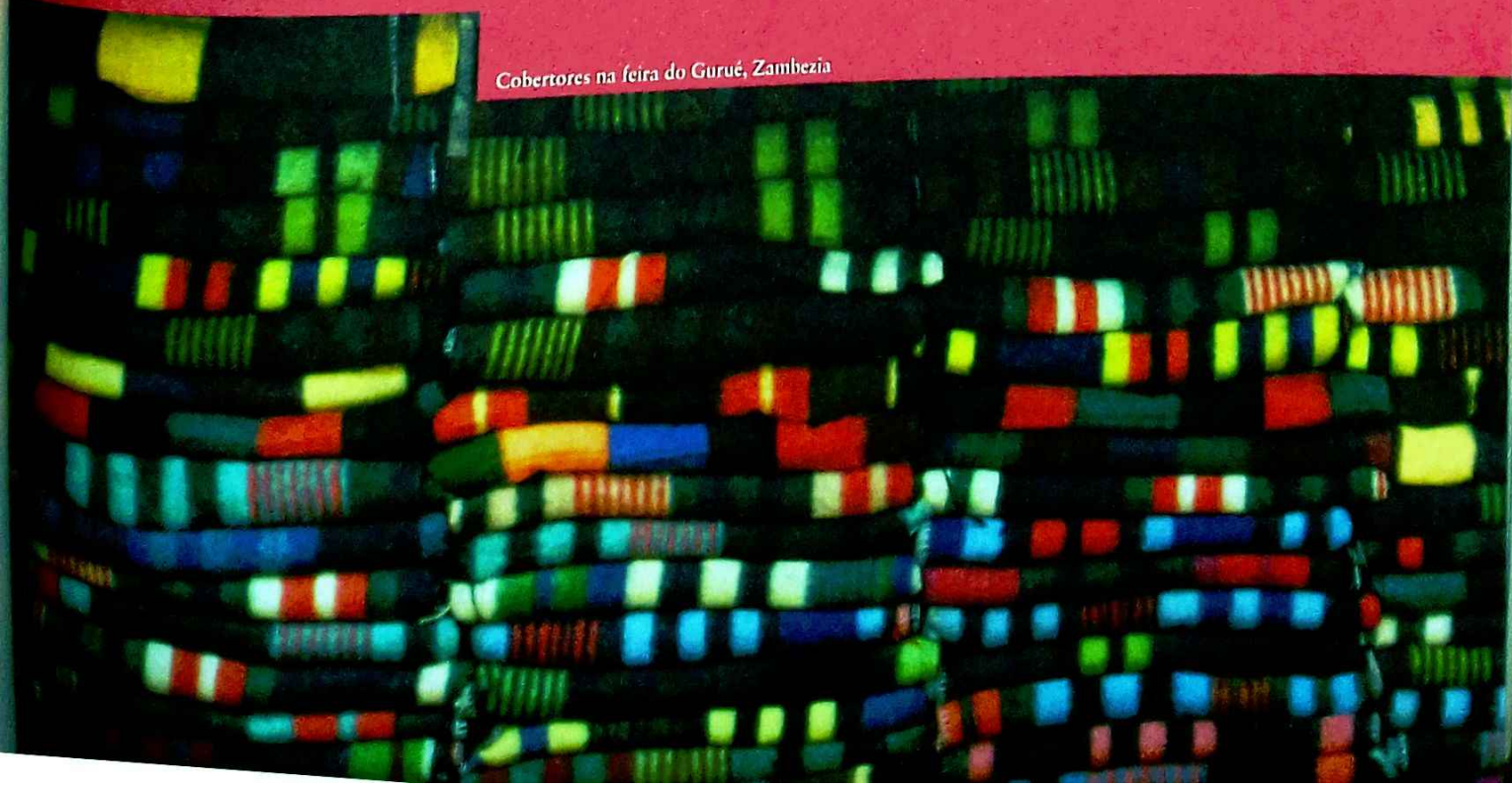
Publicou *Kikia Matcho* e *Desalento de um Combatente*.

10 Textos de Pesquisa de Dados

Objectivos Específicos

- Ler textos de pesquisa de dados
- Interpretar os textos de pesquisa de dados
- Analisar os textos de pesquisa de dados atendendo à organização e ao tipo de linguagem
- Elaborar textos de pesquisa de dados sobre temas de interesse geral
- Delimitar o assunto/tema a investigar
- Definir os objectivos da produção do texto de pesquisa de dados

Cobertores na feira do Gurué, Zambézia



TEXTOS DE PESQUISA DE DADOS

Texto A

NÃO DIGO!

- Em que partido vai votar?
- Não digo.
 - Apoia alguma das coligações partidárias?
 - Não digo.
 - 5 - Acredita que a Assembleia cumpriu o seu dever?
 - Não digo.
 - E o Governo?
 - Não digo.
 - Quem é o seu candidato presidencial?
 - 10 - Não digo.
 - Tem medo de falar?
 - Não digo.
 - Trata-se de uma sondagem.
 - Não digo nada para sondagens.
 - 15 - Nesse caso terei de o incluir nos indecisos.
 - Eu, indeciso?
 - Claro, não me dá resposta nenhuma.
 - Isso não chega para o senhor dizer que eu sou indeciso.
 - Nesse caso, vai votar?
 - 20 - Não digo.
 - Direi que o senhor não tem opinião.
 - Eu tenho opinião.
 - Qual?
 - Não digo.
 - 25 - Não o incluo na sondagem.
 - Eu quero ser incluído.
 - Diga qualquer coisa.
 - Não digo.
 - As sondagens só se podem fazer com os que falam.
 - 30 - A sua sondagem é a favor de quem?
 - Não digo.
 - Quem o contratou?
 - Não digo.
 - Foi o Governo?
 - 35 - Não digo.



- Foi a Oposição?
- Não digo.
- Já percebeu?
- Percebi o quê?
- 40 - Não lhe respondo porque o senhor não me dá dados.
- Tenho de manter o segredo.
- É consigo.
- Então, boa tarde.
- Nem isso.
- 45 - Nem isso o quê?
- Se lhe dissesse boa tarde estava a dizer o mesmo que o senhor.
- Não me diz boa tarde?
- Não digo.
- Posso saber porquê?
- 50 - Isso é que era bom! Se lhe dissesse o senhor ficava a conhecer a minha opinião.

Pão com Manteiga, selecção de textos de um programa da Rádio Comercial

LER - COMPREENDER

1. Neste texto, há expressão, mas não há conteúdo. Porquê?
2. Um dos interlocutores recusa-se a seguir as regras tácitas da comunicação. Qual é a frase que ele emprega constantemente?
3. No texto, um dos interlocutores faz perguntas a outra pessoa.
 - 3.1. Com que objectivo?

SABER MAIS

1. Pesquisa

Uma pesquisa é um processo sistemático de construção do conhecimento que tem como objectivo gerar novos conhecimentos e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento pré-existente.

2. Pesquisa de Opinião

É um tipo de pesquisa também conhecida por sondagem de opinião e consiste num levantamento estatístico de uma amostra particular da opinião pública.

Consiste numa série de perguntas a um pequeno número de pessoas.

3. Inquérito

3.1. Definição

O Inquérito Estatístico é usado para recolher informação quantitativa nas áreas de marketing, sondagens políticas e pesquisa nas ciências sociais.

Um inquérito pode incidir sobre opiniões ou informação factual. Todos os inquéritos envolvem a administração de perguntas a indivíduos. Quando as perguntas são colocadas por um pesquisador, o inquérito é chamado uma entrevista ou um inquérito aplicado por um pesquisador.

Quando as questões são administradas pelo respondente, o inquérito é conhecido como questionário ou inquérito auto-administrado.



3.2. Estrutura e padronização

As questões de um inquérito estão normalmente estruturadas e padronizadas.

As questões devem ser ordenadas de tal forma que uma questão não influencie a resposta às questões subsequentes.

Os inquéritos são padronizados para assegurar a confiança, generalidade e a validade. A cada inquirido deverão ser apresentadas as mesmas questões e na mesma ordem.

Os inquéritos são muitas vezes usados como base para a recolha de dados, diagnóstico organizacional e planificação da acção.

3.3. Vantagens dos inquéritos

- É uma forma eficiente de recolha de informação de um grande número de inquiridos. São possíveis grandes amostras. Podem ser usadas técnicas estatísticas para determinar a validade, a fiabilidade e a significância estatística.
- São flexíveis no sentido em que uma grande variedade de informação pode ser recolhida. Podem ser usados para estudar atitudes, valores, crenças e comportamentos
- Estão relativamente livres de vários tipos de erros porque estão padronizados.
- São relativamente fáceis de administrar.
- Há uma economia na recolha de dados, porque apenas questões de interesse para o pesquisador são colocadas, gravadas, codificadas e analisadas.

3.4. Desvantagens dos inquéritos

- Dependem da motivação dos sujeitos, da sua honestidade, memória e capacidade de resposta. Podem não estar motivados para darem respostas correctas e podem responder de forma a ser olhados favoravelmente.
- Não são os elementos mais apropriados para estudar fenómenos sociais complexos. Em relação aos processos sociais, a sua análise parece superficial.
- Têm baixa validade os inquéritos com respostas fechadas quando se pesquisam variáveis afectivas.

3.5. Vantagens dos questionários auto-administrados

- São menos caros que as entrevistas.
- Não requerem um grande número de entrevistadores qualificados.
- Podem ser administrados em grande número, num curto espaço de tempo, num só lugar.
- Há rapidez de administração e análise.
- Há possibilidade de processamento por computador.

3.6. Organização

Na elaboração de um texto de pesquisa, nomeadamente de um inquérito, é preciso ter atenção aos seguintes requisitos:

- delimitação do assunto;
- objectividade e pertinência;
- sequência lógica das perguntas.

O conjunto das questões deve ser muito bem organizado, de forma lógica, evitando-se perguntas irrelevantes, desinteressantes, com uma estrutura confusa e complexa ou ainda questões demasiadamente longas.

As questões devem ter em conta três princípios básicos:

- o princípio da clareza (devem ser claras, concisas e unívocas);
- o princípio da coerência (devem corresponder à intenção da própria pergunta);
- o princípio da neutralidade (o inquirido não pode sofrer nenhuma influência em termos de juízos de valor ou preconceitos do inquiridor).

3.7. Tipo de linguagem

Quando um investigador elabora e administra um inquérito, não esquecendo a interacção directa que existe entre ele e os inquiridos, verifica-se que a linguagem e o tom das questões que constituem esse mesmo inquérito são de elevada importância. A linguagem deve ser:

- objectiva, clara e precisa de forma a evitar ambiguidade;
- utilização da frase interrogativa e integrante;
- adequação do nível de língua aos inquiridos;
- utilização do discurso directo.

<http://pt.wikipedia.org/wiki>, consultado a 20 de Julho de 2005

4. Relatório

4.1. Definição

Um Relatório é um texto escrito onde se apresenta uma exposição circunstanciada e objectiva daquilo que se viu, estudou, observou e analisou. Para além do relato de factos

e acontecimentos, o relator deve fazer uma apreciação crítica e dar sugestões com o objectivo de orientar o destinatário para determinada acção.

Dependendo do fim a que se destinam e dos assuntos tratados, os relatórios podem ser de diversos tipos: relatório de actividades, relatório de investigação, relatório de visita de estudos, relatório crítico (de avaliação), relatório de contas, relatório de incidentes, relatório de participação em congressos ou conferências, etc.

4.2. Estrutura

- Página de rosto (título, nome do autor e do destinatário, data e local)
- Índice (capítulos e subcapítulos) e números de página
- Introdução/Preâmbulo. Fundamentos Teóricos
- Descrição breve do conteúdo (o que se vai expor), objectivos do relatório e circunstâncias em que decorreu a sua elaboração.
- Corpo/Parte central – Desenvolvimento constituído pelo relato dos dados descobertos/factos e pelas conclusões que se tiraram a partir deles, salientando-se pontos positivos e negativos.
- Conclusão – Síntese do que foi dito. Acrescentam-se eventuais propostas de actuação e recomendações.
- Bibliografia – Fontes consultadas (obras, sites, etc.)

4.3. Aspectos a considerar

Há dois aspectos a que se deve ainda atribuir grande importância na elaboração de um relatório – a apresentação e a linguagem.

- As margens não devem ser inferiores a 2.5 cm (espaço suficiente para a encadernação).
- Os cabeçalhos, títulos e subtítulos devem aparecer destacados, mantendo sempre o mesmo formato, devem ser numerados com clareza, lógica e coerência e a impressão deve ser variada (palavras a negrito, sublinhado ou itálico...)
- O espaçamento entre linhas deve ser de 1.5 ou duplo.
- As páginas devem aparecer numeradas.
- O vocabulário tem de ser rigoroso e cuidado.
- Devem ser utilizados verbos que destaquem determinados pontos do desenvolvimento (constatar, notar, observar, precisar, sublinhar, confirmar, lembrar...).
- A pontuação deve ser cuidada.
- As frases e os parágrafos devem ser curtos e devidamente articulados, recorrendo-se a conectores/articuladores textuais que dêem conta da intenção do relator e confirmam ao texto coesão e coerência.

Transportes Públicos de Maputo (TPM)
Inquérito Sobre o Desempenho dos Autocarros

ATESTEMUNHA

Idade?

16-18

19-25

26-40

41 em diante

Ocupação?

Profissional

Académica

QUESTIONÁRIO

1) Lugar de residência

Zona urbana

Zona suburbana

Zona rural

Outra província

2) Lugar de trabalho/Estudo em relação à residência

Próximo

Muito distante

Pouco distante

3) Usa os TPM nas suas deslocações de serviço/escolares?

Sempre

Nunca

De vez em quando

Quais as Razões? _____

4) O que acha das condições mecânicas dos autocarros dos TPM?

5) Como classifica o conforto das viagens?

Bom

Praticamente inexistente

Razoável

Porquê? _____

6) Atendimento (do cobrador e fiscais)?

Bom

Mau

Suficiente

Porquê? _____

7) Entendimento com o motorista (através de sinais, sons para parar)?

Bom

Mau

Razoável

Porquê? _____

8) Transtornos no interior do autocarro (roubos, agressões, ofensas...)?

Frequentes

Raros

Inexistentes

Porquê? _____

9) O preço das tarifas?

Baixas

Altas

Acessíveis

10) Sugestões

LER – COMPREENDER

1. Qual o objectivo deste inquérito?
2. Indica o plano que esteve na origem da elaboração deste inquérito.
Podes começar por indicar o assunto, os objectivos, o público-alvo.
3. Parece-te que a organização e a linguagem deste inquérito seguem as regras anteriormente apresentadas? Justifica.

ESCREVER

Aplica o inquérito a um grupo de colegas e, em seguida, elabora um pequeno relatório com base nos resultados obtidos.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

USO DOS PRONOMES *CUJO*, *ONDE*.

1. *Cujo*

É um pronome relativo que se emprega em sentido possessivo equivalente a *do qual*, *de quem*, *de que*.

- 1.1. Deve ter um antecedente e um conseqüente, ambos substantivos e um diferente do outro.

Ex.: *Sofrem as crianças cujos pais morreram de SIDA.*

- 1.2. Deve concordar em género e número com o substantivo conseqüente como no exemplo acima apresentado.

- 1.3. Não admite artigo, não se diz os cujos pais mas sim cujos pais.

2. *Onde*

O pronome relativo onde indica o lugar em que, no qual.

Ex.: *A rua onde moro é muito tranquila (= a rua na qual).*

1. Corrige as alíneas que apresentam o emprego inadequado de "onde":
 - a. A adolescência é uma idade onde os jovens contestam frequentemente os pais.
 - b. Na cidade onde eu moro, há pouca criminalidade.
 - c. Havia certos momentos onde me apetecia abandonar tudo e fugir.
 - d. A pintura e a escultura são as artes onde ele é exímio.
 - e. Na vida, é importante ter uma família onde nos possamos apoiar.

2. Assinala com um X as frases em que o pronome é correctamente aplicado.
 - a. Tenho um amigo que o pai dele é professor.
 Tenho um amigo cujo pai é professor.
 - b. Este é o amigo o cujo pai é professor.
 Este é o amigo cujo pai é professor.

3. Une cada par de frases com os pronomes relativos indicados, conforme o exemplo. Pode ser necessário proceder a alterações de género.

Ex.: Conheci uma rapariga. Penso na rapariga frequentemente (quem).
 Conheci uma rapariga em quem penso frequentemente.

 - a. Esta é a banda. Gosto da música desta banda (cujo).
 - b. Ouço muitas vezes esta música estranha. Já me habituei a esta música estranha (qual).
 - c. Este é um grande autor. Identifico-me com o pensamento deste autor (cujo).

PESQUISAR – ESCREVER

Em grupos de 3 ou 5 alunos, elabora um inquérito dirigido aos alunos da tua escola com o objectivo de conhecer as dificuldades encontradas no estabelecimento de ensino a nível da leccionação e do espaço.

Aplica o inquérito a um grupo e, em seguida, faz a sistematização dos dados. Desempenha o papel de investigador e, ao contrário do texto da página 148, consigas obter respostas que te permitam tirar conclusões.

Não te esqueças de elaborar um relatório a entregar à Direcção da tua escola. Poderás, assim, contribuir para melhorar o seu funcionamento.

TIPOS DE BIBLIOTECAS

As bibliotecas podem ser públicas, particulares, especializadas e comunitárias.

Nas bibliotecas públicas o acesso aos livros costuma ser gratuito e, muitas vezes, é possível emprestar livros por um determinado tempo, dependendo das políticas definidas e do tipo de obra. Estas procuram oferecer à comunidade acesso à informação contribuindo, assim, para o desenvolvimento da sociedade. São subsidiadas pelo estado.



As bibliotecas particulares são, normalmente, pertença de instituições de ensino privado, fundações, instituições de pesquisa ou grandes colecionadores.

As bibliotecas especializadas oferecem informações específicas sobre áreas bem definidas, nomeadamente, medicina, matemática, artes e outras.

As bibliotecas comunitárias situam-se, geralmente em áreas residenciais ou em bairros periféricos e, ao contrário das públicas, recebem pouco ou nenhum apoio do estado.

1 Textos Normativos

Objectivos Específicos

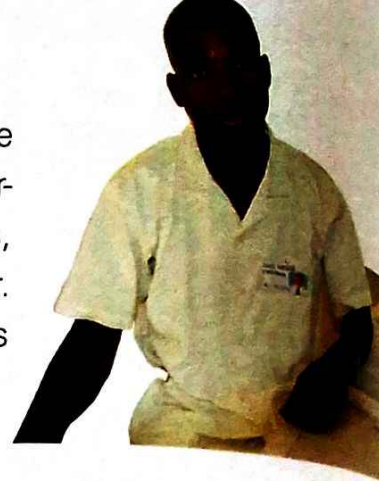
- Interpretar os Artigos 57 a 79 da Lei n.º 19/2002 de 10 de Outubro
- Reconhecer a importância do voto num estado democrático
- Indicar as características básicas do voto
- Descrever a função da polícia segundo a constituição da República de Moçambique

Ponte de Dona Ana, Sena, Tete



TEXTOS NORMATIVOS

Vamos falar de eleições. Como sabes, este momento é de extrema importância num estado democrático, porque é a oportunidade dada ao povo de escolher os seus representantes, aqueles que vão gerir o nosso destino. É dever de cidadão votar. É dever, também, de cidadão transmitir esta mensagem a todos os que nos rodeiam, começando pela nossa família.



Texto A

Artigo 60

(Direito e dever de votar)

1. O acto de votar constitui um direito e um dever cívico do cidadão eleitor.
2. As entidades públicas e privadas, as empresas e outros empregadores devem conceder aos respectivos funcionários e trabalhadores, se for caso disso, dispensa pelo tempo necessário para poderem votar.

Texto B

Há três eleições num só dia este ano

Pela primeira vez*, o país vai votar três vezes numa só ocasião: Presidente da República, Deputados da Assembleia da República e Deputados das Assembleias Provinciais.

5 A realização simultânea de eleições gerais e provinciais foi decidida em Abril (de 2009), quando a Assembleia da República aprovou a proposta de lei de harmonização da legislação eleitoral que procurou fazer coincidir a realização

10 de todas as eleições.
A harmonização da lei eleitoral permitiu que o orçamento para a realização das eleições fosse apenas de 40 milhões de dólares americanos, o

qual duplicaria se as eleições fossem separadas; dinheiro a ser financiado pelo Orçamento do Estado e outros parceiros.

20 Após o anúncio da data oficial das eleições gerais e provinciais para o presente ano pelo Presidente da República, os órgãos eleitorais, nomeadamente, a Comissão Nacional de Eleições (CNE) e o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE), têm a tarefa de prosseguir com todas as operações rumo à realização das três eleições.

Revista *Vida Nova*, n.º 5, de Maio de 2009 (excerto)

* Até à data de publicação deste artigo – 2009

Texto C

“Faltam quinze dias, meus senhores, quinze dias é tempo suficiente para pôr ordem na casa (...). Com a participação nesta iniciativa estamos, sem dúvida, a ser mais cidadãos. Estamos a lutar pela integridade, pela pureza e pela transparência do processo que queremos que o seja pelo menos tanto como transparentes foram as urnas de voto no último pleito autárquico”.

ALMADA, João Vaz de, *Jornal A Verdade*, 4 de Setembro de 2009

CAPÍTULO V

Votação

SECÇÃO I Direito de sufrágio

Artigo 57

(Pessoalidade de voto)

1. O direito de sufrágio é exercido directamente por cada cidadão eleitor.
2. Em caso algum o direito de sufrágio é susceptível de representação.

Artigo 58

(Presencialidade do voto)

O direito de voto é exercido presencialmente pelo cidadão eleitor no local de funcionamento da assembleia de voto em que se encontra inscrito.

Artigo 59

(Unicidade do voto)

A cada eleitor é só permitido votar uma única vez para a eleição de cada órgão representativo das autarquias locais.

Artigo 60

(Direito e dever de votar)

1. O acto de votar constitui um direito e um dever cívico do cidadão eleitor.
2. As entidades públicas e privadas, as empresas e outros empregadores devem conceder aos respectivos funcionários e trabalhadores, se for caso disso, dispensa pelo tempo necessário para poderem votar.

Artigo 61

(Confidencialidade do voto)

1. O voto é secreto.
 2. Ninguém pode, sob qualquer pretexto, ser obrigado ou obrigar outrem a revelar o sentido do voto.
 3. Dentro da assembleia de voto e fora dela, até à distância de mil metros, ninguém pode revelar em que candidatura votou ou vai votar.
- (...)

Artigo 68

(Presença de não eleitores)

1. Não é permitida a presença nas assembleias de voto:
 - a) de cidadãos que não sejam eleitores.
 - b) de cidadãos que já tenham exercido o seu direito de voto.
- (...)

SECÇÃO III
Modo geral de votação

Artigo 72

(Voto dos portadores de deficiência)

1. Os eleitores cegos e afectados por doença ou deficiência física ou motora, que a mesa verifique não poderem praticar os actos descritos no artigo precedente, votam acompanhados de outro eleitor, por si livremente escolhido...
2. Se a mesa decidir que não se verifica a notoriedade da doença ou deficiência física, exige que lhe seja apresentado, no acto da votação, por si livremente, documento passado pela entidade competente...

Artigo 73

(Voto dos cidadãos que não saibam ler nem escrever)

Os cidadãos que não saibam ler nem escrever e que não possam colocar a cruz votam mediante a aposição de um dos dedos no quadro ou na área rectangular correspondente à candidatura que escolhem, depois de o terem mergulhado em tinta apropriada para o efeito existente na cabine de voto.

Artigo 74

(Voto de eleitores com cartões extraviados)

O eleitor cujo cartão se tenha extraviado, fora do período de remissão fixado pelos órgãos eleitorais, só pode votar se constar do caderno eleitoral respectivo.

Artigo 76

(Manutenção da ordem e da disciplina)

1. Compete ao presidente da mesa da assembleia de voto, coadjuvado pelos restantes membros, assegurar a liberdade dos eleitores, manter a ordem e a disciplina.

2. Não são admitidos na assembleia de voto os eleitores que se apresentem manifestamente embriagados ou drogados, os que sejam portadores de qualquer tipo de arma, os dementes e os que, por qualquer forma, perturbem a ordem pública e a disciplina.

Artigo 77

(Proibição de propaganda)

1. É proibida qualquer propaganda dentro das assembleias de voto e fora delas e na área circundante até uma distância de trezentos metros.

2. O disposto no número anterior aplica-se igualmente à exibição de símbolos, sinais, distintivos ou autocolantes dos candidatos e de partidos políticos ou coligações de partidos.

Artigo 78

(Proibição da presença da força armada)

1. Nos locais onde se reunirem as assembleias de voto e num raio de trezentos metros, é proibida a presença de força armada.

(Deveres especiais dos profissionais da comunicação social)

Os profissionais de comunicação social que, no exercício das suas funções, se deslocam às assembleias de voto não devem agir de forma a comprometer o segredo do voto ou a perturbar o acto eleitoral, bem como difundir com parcialidade.

LER - COMPREENDER

1. Explica o sentido da alínea 2 do Artigo 57.
2. Assinala com um X as afirmações correctas:
 - a. O acto de votar não é obrigatório.
 - b. A alguns trabalhadores está vedado o direito de votar pela seriedade do trabalho que fazem, por exemplo, os médicos, os bombeiros...
 - c. Duas pessoas casadas em comunhão geral de bens têm a obrigação de revelar ao seu cônjuge em quem votaram, desde que estejam fora do raio de mil metros da assembleia de voto.
 - d. 1. Os eleitores cegos e afectados por doença ou deficiência física ou motora podem votar.
 - e. Os jornalistas estão impedidos de se aproximar das assembleias de voto.
3. Prova que as afirmações que não assinalaste estão incorrectas, fazendo uso da lei.

APLICAR

1. "O direito de voto é exercido presencialmente pelo cidadão eleitor."
 - 1.1. Qual é a função sintáctica das palavras/expressões sublinhadas?
 - 1.2. Classifica a palavra "presencialmente" e "unicidade" quanto à sua formação.

FUNCIONAMENTO DA LINGUA

FORMAÇÃO DE PALAVRAS - DERIVAÇÕES IRREGULARES

Derivação regressiva

É um processo que consiste na formação de nomes a partir de um tema verbal por redução da palavra primitiva, como se pode ver nos exemplos:

- | | | |
|-----------|---|----------|
| alcançar | → | alcance |
| caçar | → | caça |
| cantar | → | canto |
| sustentar | → | sustento |

Derivação imprópria

Designa-se por derivação imprópria a mudança de classe das palavras, como ilustram os exemplos:

- a) Nome comum torna-se nome próprio:
coelho, leão, rato passam a *Coelho, Leão, Rato*.
- b) Nome próprio torna-se nome comum:
Porto (cidade) e *Um cálice de porto* (= vinho do Porto)
- c) Um adjectivo passa a nome:
Comboio rápido e *O rápido*.
- d) Um nome passa a adjectivo:
A rosa e *Um tom rosa*.
- e) Um verbo (particípio passado) passa a nome:
Passado o susto e *O passado já não volta*.
- f) Um advérbio passa a nome:
Estás bem? e *O bem nem sempre é recompensado*.
- g) Um pronome passa a nome:
Não sei nada e *Um nada pode ser um problema*.
- h) Uma interjeição passa a nome:
Ai! Que dor! e *Soltar um ai de dor*.

Texto E

DIREITOS IGUAIS PARA TODOS

Na Declaração dos Princípios de Cooperação Cultural Internacional – 1966 (UNESCO), o Artigo X diz:

“A cooperação cultural deve preocupar-se especialmente com a educação moral e intelectual dos jovens num espírito de amizade, compreensão internacional e paz e deve desenvolver a consciencialização entre as nações...”

Alguns valores culturais são universais e todas as nações têm certos valores. Contudo, nenhuma nação pode reclamar ser a fundadora dos valores dos direitos humanos, porque todas as nações são ricas nestes valores.

O diálogo inter-cultural beneficia todas as pessoas. Permite-nos compreender melhor os outros povos e as suas culturas, apreciar e valorizar as culturas dos outros e a nossa.



DISCRIMINAÇÃO

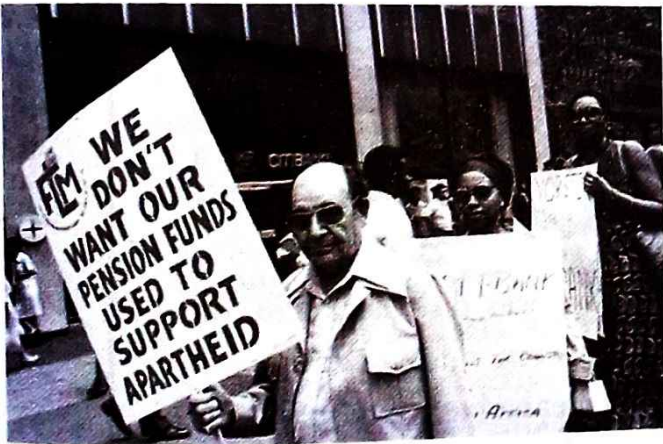
15 Quando as pessoas são tratadas diferentemente, umas melhor que as outras, ocorre a discriminação; alguns grupos ou pessoas são excluídos ou têm os seus direitos diminuídos devido à cor da pele, ao género, à incapacidade, à religião, à origem étnica, à posição social, à língua que falam, etc.

20 Internacionalmente, muitos países têm concordado com os critérios para os direitos humanos que garantem que todas as pessoas sejam tratadas igualmente. A carta das Nações Unidas (NU) diz que um dos objectivos das NU é garantir respeito universal e observância dos direitos humanos. Este objectivo é apoiado por outras organizações. Por exemplo, a Organização da União Africana (OUA) aderiu também aos princípios de igualdade e não discriminação.

25 Diferentes instrumentos têm sido adoptados para estabelecer normas internacionais de igualdade e não discriminação. Alguns deles são:

- a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH, 1948);
- a Convenção Internacional para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial (CIEDR, 1965);
- a Convenção para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDM, 1979)

DISCRIMINAÇÃO RACIAL



A discriminação pela raça em algumas partes do mundo já constituiu um sistema social oficializado. Um caso de considerável 35 destaque foi o da África do Sul. Entre 1948 e 1994 um sistema legalizado de discriminação ocorreu na África do Sul. Este sistema chamava-se "Apartheid" (separação de raças) e era apoiado pelo partido Nacionalista, no poder 40 nessa altura. Com o "Apartheid", as pessoas eram tratadas diferentemente na base da sua

raça. Estabeleceram-se leis que excluía certos grupos, particularmente os de pessoas de raça negra, de viverem normalmente na sociedade.

45 Nessa altura, o governo sul-africano governava também a Namíbia, assim o sistema do "Apartheid" afectava também este país.

XENOFOBIA

A xenofobia é um medo ou ódio a estrangeiros e, na maior parte dos casos, parece ser um caso de racismo. É particularmente notada em lugares onde a população local sente os seus empregos e o seu modo de vida ameaçados pela entrada de estrangeiros. Na África, toma-se por exemplo o Botswana, onde as pessoas se sentem xenófobas em relação às pessoas do 50 Zimbabwe. Na África do Sul, nigerianos e moçambicanos são vítimas de xenofobia. Na Europa, os alemães ocidentais sentiam-se xenófobos em relação aos alemães orientais antes do colapso do Comunismo e do desmoronamento do Muro de Berlim.

O que é Democracia?

Democracia vem da palavra grega “*demos*”, que significa povo. Nas democracias, é o povo quem detém o poder soberano sobre o poder legislativo e o executivo.



Embora existam pequenas diferenças nas várias democracias, certos princípios e práticas distinguem o governo democrático de outras formas de governo.

5 A democracia é o governo no qual o poder e a responsabilidade cívica são exercidos por todos os cidadãos, directamente ou através dos seus representantes livremente eleitos.

10 Os cidadãos numa democracia não têm apenas direitos, têm o dever de participar no sistema político que, por seu lado, protege os seus direitos e as suas liberdades.

A democracia baseia-se nos princípios do governo da maioria associados aos direitos individuais e das minorias. Todas as democracias, embora respeitem a vontade da maioria, protegem escrupulosamente os direitos fundamentais dos

15 indivíduos e das minorias.

As sociedades democráticas estão empenhadas nos valores da tolerância, da cooperação e do compromisso. As democracias reconhecem que chegar a um consenso requer compromisso e que isto nem sempre é realizável. Nas palavras de Mahatma Gandhi, “a intolerância é em si uma forma de violência e um obstá-

20 culo ao desenvolvimento do verdadeiro espírito democrático”. As democracias entendem que uma das suas principais funções é proteger os direitos humanos fundamentais como a liberdade de expressão e de religião; o direito à protecção legal igual; e a oportunidade de organizar e participar plenamente na vida política, económica e cultural da sociedade. As democracias conduzem regularmente

25 eleições livres e justas, abertas a todos os cidadãos. As eleições numa democracia não podem ser fachadas atrás das quais se escondem ditadores ou um partido único, mas verdadeiras competições pelo apoio do povo. A democracia sujeita os governos ao Estado de Direito e assegura que todos os cidadãos recebam a mesma

30 protecção legal e que os seus direitos sejam protegidos pelo sistema judiciário. As democracias são diversificadas, reflectindo a vida política, social e cultural de cada país. As democracias baseiam-se em princípios fundamentais e não em práticas uniformes.

Texto produzido pela Embaixada dos EUA no Brasil,
<http://www.embaixadaamericana.org.br/democracia/what.htm>,
 consultado no dia 16 de Agosto de 2011 (excerto)

JUSTIÇA ESTÁ CADA VEZ MAIS PRÓXIMA DO CIDADÃO

A ministra da Justiça, Benvinda Levy, diz que a área da Justiça em Moçambique deu passos significativos na garantia e consolidação do Estado de direito democrático, na efectividade dos direitos fundamentais do cidadão e numa justiça acessível para todos.



No encontro, ao fazer o balanço do seu ministério, Benvinda Ley disse que o sector da justiça alargou a cobertura territorial dos serviços de assistência jurídica e patrocínio judiciário para mais 20 distritos, dos quais dez com implantação física e outros tantos com assistência ambulatória.

O encontro, que decorre sob o lema “ A Justiça ao Serviço do Desenvolvimento Económico e Social”, tem em vista fazer o balanço das actividades do sector relativas ao ano de 2010 e primeiro semestre de 2011 e perspectivar as acções do segundo semestre do presente ano e do ano de 2012.

Este realiza-se de hoje até sexta-feira, na estância turística dos Pequenos Libombos, no distrito de Boane, província de Maputo.

No seu discurso, a ministra adiantou que dos 70 distritos que tinham cobertura física efectiva em 2009 o número aumentou para 80 em 2010, que é o mesmo que dizer que estão por cobrir efectivamente 48 dos 128 distritos que compõem o país.

Durante o período em apreço, a governante disse terem sido realizadas campanhas de registo de crianças em 41 distritos e de rotina em 91. Igualmente, 2740 reclusos beneficiaram de formação em áreas profissionalizantes, dos quais 2602 do sexo masculino e 138 do sexo feminino.

“Prosseguimos as acções de revisão, elaboração, divulgação da legislação e promoção do conhecimento sobre cidadania, direitos e deveres dos cidadãos através de programas de educação jurídica transmitidos na rádio e televisão, abrangendo matérias ligadas aos direitos humanos, tráfico de seres humanos, especificamente mulheres e crianças”, disse Levy.

Na ocasião, a ministra reconheceu que parte significativa do Plano Económico e Social de 2010 foi realizada, mas que outras acções ficaram por realizar, tendo apelado aos quadros do seu ministério para a avaliação conjunta do impacto das actividades realizadas e face aos constrangimentos identificarem, com rigor, os mecanismos para o sucesso na implementação do plano para 2011.

“Para enfrentar os desafios, é necessário que os recursos humanos estejam preparados e capacitados para a missão”, disse Levy, destacando a formação contínua aliada à descrição de tarefas para se poder exigir as responsabilidades como factores de capital importância para o sucesso.

40 Benvinda Levy disse notar com satisfação que a estrutura etária dos funcionários do Ministério da Justiça é dominada por jovens, o que assegura um futuro de grande desenvolvimento e dinamismo no sector, tendo, a propósito, apelado a uma conduta adequada e preocupação permanente de preservar a
45 saúde e a vida, evitando contrair o HIV/SIDA.

AIM, 02 de Agosto de 2011,
<http://pesquisa.sapo.mz/sHIP?channel=noticias>,
consultado no dia 16 de Agosto de 2011

FALAR – ESCREVER

1. Comenta o teor do texto que acabaste de ler, tendo em consideração a realidade moçambicana face aos princípios de democracia que conheces.
2. A abertura política em Moçambique para um sistema multipartidário é um efeito da democracia. A escolha dos nossos membros governantes é feita por eleições livres que também devem ser justas e transparentes. Tendo em conta os princípios da democracia que estudaste, comenta o trecho que se segue.

Texto G



“A Comissão Nacional de Eleições (CNE) confirmou manifestações de fraude na 2.^a volta das eleições autárquicas de Nacala. Mas estas fraudes não influenciaram ninguém e foram
5 feitas em favor dos dois candidatos em disputa, o da Frelimo e o da Renamo. “Na requalificação dos votos nulos, a CNE constatou, com apreensão, a anulação feita, de má fé, de votos por parte de alguns interessados e intervenientes no
10 processo eleitoral, com recurso ao uso de tinta indelével ou esferográfica, em prejuízo dos dois candidatos”, disse João Leopoldo da Costa, presidente da CNE, tendo acrescentado que o seu órgão iria desencorajar esta prática de
15 fraude eleitoral.”

Revista *Vida Nova*, n.º 4, de 5 de Abril de 2009 (excerção)

12 Textos Jornalísticos

Objectivos Específicos

- Distinguir o artigo de opinião do artigo de fundo/editorial
- Identificar a regência verbal nas orações que constituem o texto
- Participar no combate à erosão e à desertificação
- Contribuir para a manutenção das condições higiénicas da escola e para a conservação do meio ambiente

Escadaria em caracol do Hotel Chuabo, Quelimane



Texto A

Informação Relevante na Nossa Sociedade?

Por João Arnaldo Vembane

Virou mania ler-se nos artigos dos nossos jornais sobre a vida dos nossos quadros da arena política. Nisto é mais fácil saber da vida dos políticos que das suas responsabilidades, missões cumpridas e missões não cumpridas. Esta forma de trabalhar dos nossos jornalistas tende a desviar a opinião pública daquilo que devia ser o seu foco na avaliação do desempenho dos nossos quadros para meras *fofocas*.

O Papel dos Órgãos de Comunicação Social no Contexto Político

Teoricamente, os órgãos de comunicação social, vistos no contexto da ciência política, formam parte essencial da opinião pública e podem influenciar de forma significativa na definição de políticas públicas. As reportagens, por exemplo, são uma fonte muito importante de opinião pública, e, tal como os



editoriais, têm também o efeito de influenciar as outras fontes de opinião pública. O comportamento dos órgãos de comunicação social pode contribuir tanto para uma boa convivência entre os governantes e a nação, como para o efeito contrário.

E Quanto à Informação Dominante nos nossos Médias

A nossa imprensa escrita é dominada pelas informações ou desinformações sobre assuntos particulares da vida dos nossos quadros da arena política. Deputados que abusam de regalias, fulano que abre sociedade com beltrano, sicrano que ficou PCA da empresa X, etc., são as notícias mais importantes dos nossos jornais, sem querer excluir casos de corrupção divulgados na ausência de informação comprovativa. Nisto não queremos de forma alguma descartar ou desencorajar o papel de monitoria e advocacia que as médias jogam na sociedade, sobretudo na promoção de comportamentos de responsabilidade na classe dos dirigentes. Por exemplo, pressionar certas instituições ou responsáveis a tomar medidas; corrigir certas atitudes de casos mal parados é algo a atribuir mérito à média.

Contudo, diz Mello (2009) que o "respeito pela vida privada constitui um direito adquirido pelos membros das comunidades humanas, sobretudo as mais evoluídas, muito embora nem sempre seja observado."

A responsabilidade dos comunicadores sociais no campo da política tem-se mostrado deveras longe daquilo que se devia esperar. O que se lê nos nossos jornais não é muito

55 diferente da conversa dos bazares, dos chapas ou mesmo dos salões cabeleireiros. Para além da violação da vida privada dos indivíduos, os nossos comunicadores tendem a desviar a atenção do público das questões de vital
60 importância que se escondem nas responsabilidades dos dirigentes públicos, desperdiçando, por seu turno, a sua máxima utilidade – no garante de informação pertinente e relevante para com a vida do cidadão que busca infor-
65 mação destes órgãos.

Em Conclusão

Não restam dúvidas de que órgãos de comunicação têm um papel importantíssimo a jogar na arena político-pública. Mas este papel
70 tem sido desperdiçado na demasiada concentração destes órgãos na vida privada dos participantes privilegiados na esfera política, o que, por sua vez, viola os princípios básicos da ética profissional da comunicação social.

Jornal Zambeze, Maputo,
4 de Agosto de 2011 (adaptado)

Texto B

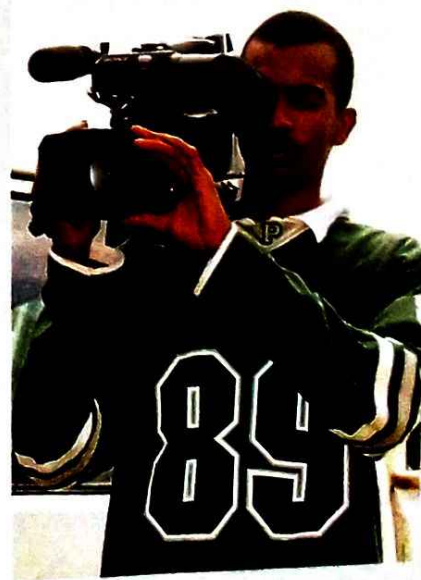
Jornalistas ensaiam auto-críticas

Por Emídio Beúla

Habitados a lançar um olhar crítico para outras áreas, os jornalistas moçambicanos celebram os 20 anos de liberdade de imprensa, interpellando os problemas que afectam a sua
5 própria profissão. E são muitos, desde a falta de instrumentos de regulação, como seja carteira profissional e código deontológico, até à promiscuidade entre jornalismo e assessoria de imprensa.

10 **A**través do acesso, muitas vezes ilimitado, da palavra, os jornalistas estão em condições de ter acesso permanente à visibilidade e notoriedade públicas, podendo, por via disso, impor à sociedade a sua construção social da realidade e os seus pontos de vista. Raramente (os
15 jornalistas) vêm a terreiro para falar deles próprios, da sua profissão, dos seus problemas, dos seus escândalos, da sua corrupção, dos seus desvios e das suas fraquezas. Afinal, os vícios e as transgressões são transversais em todas as profissões. Mas, quando viram os holofotes para as suas redacções, há um sucesso a celebrar um motivo
20 para a auto-vitimização.

Na tarde da última sexta-feira, os jornalistas juntaram-se no Auditório da Rádio Moçambique e problematizaram, mais uma vez, várias questões que fazem o quotidiano do jornalismo moçambicano.



Fernando Lima, jornalista de grande fôlego, chamou a atenção dos colegas para o escândalo que marca a imprensa britânica e que ditou o encerramento do “New of the World”, um dos jornais de maior tiragem no Reino Unido. “Não é apenas na nossa casa (Moçambique) que a transgressão dos aspectos de ética e deontologia ocorre”, lembrou.

Em Moçambique, Lima aponta para a pobreza material que caracteriza muitos profissionais da pena, incluindo empresas a que estão ligados, como um dos factores que concorre para os sistemáticos atropelos às regras elementares do fazer jornalismo.

Porém, ele sublinhou que isso não pode ser usado como argumento plausível para a justificação da falta de ética e deontologia profissionais que caracteriza alguns profissionais da imprensa moçambicana. “Tenho estado a receber informações de jornalistas que intimidam fontes, como figuras com alguma notoriedade pública, em publicar ou não publicar certas informações a troco de dinheiro”, exemplificou.

“Há várias empresas ou grupos empresariais que celebram contratos anuais de publicidade com órgãos de informação e isso faz com que, mesmo que estas empresas prestem maus serviços, não sejam objecto de crítica ou de notícia”, disse.

Outro ponto que mereceu a atenção deste orador foi aquilo a que chamou de contaminações perigosas. “Em certos casos, são as mesmas pessoas que produzem o mesmo material para revistas de moda, por exemplo, e para jornais. A ausência de uma fronteira clara entre jornalismo e entretenimento tem outras implicações gravosas”, Lima lamentou.

Esta questão foi retomada por Simião Anguilaze, jornalista da Televisão de Moçambique. “Temos casos de jornalistas que de manhã estão nas redacções e à tarde são assessores de ministros ou governadores”, lamentou.

Uma das propostas para minimizar a promiscuidade que reina no jornalismo foi lançada por Augusto de Carvalho, jornalista do semanário *Domingo*. Segundo explicou, o SNJ devia ser mais interventivo no processo de admissão e credenciação de jornalistas. Na sua proposta, o SNJ aparece com os poderes de submeter a testes os candidatos a jornalistas e, uma vez aprovados, credenciá-los para depois os colocar no mercado. Às redacções caberia apenas a função de contratar jornalistas credenciados.

Acresce ainda que o jornalista deve ser humana e cientificamente formado, formação essa que actualmente é dispensável para a contratação de jornalistas. As redacções contratam-nos a preços muito baixos para pessoas sem formação para depois os transformar em jornalistas.

O jornalista Tomás Vieira Mário falou da necessidade de se adoptar uma carteira profissional, uma forma de defender a profissão da promiscuidade e de agentes invasores e aventureiros.

Jornal SAVANA, 29 de Julho de 2011 (adaptado)

LER – COMPREENDER

1. Os textos A e B tecem críticas à imprensa moçambicana.
 - 1.1. Quais são as críticas apontadas no texto?

QUEM NOS DEFENDE NA ÁFRICA DO SUL?

Os nossos vizinhos sul-africanos fizeram do episódio cartaz para atraírem as atenções alheias para o nosso país, como se, em sua casa, fosse tudo limpeza cristalina. Neles é vício useiro clamarem contra cidadãos moçambicanos. Clamarem, prenderem, espancarem e pô-los na fronteira com o ferrete¹ de criminosos sem qualquer tipo de julgamento pelo tribunal competente, a única instituição credenciada aqui, lá e em todo o mundo, para colocar tal qualificativo. Cá pela nossa casa, tudo temos aceitado, num encolher de ombros, sem quaisquer protestos. Os sul-africanos podem fazer dos nossos cidadãos gato-sapato que ninguém, do lado de cá da fronteira, aparece a defendê-los, a dizer “basta”, que “nós também somos gente”. Calam-se as nossas repartições consulares, calam-se os Serviços de Migração, cala-se o Ministério do Trabalho, cala-se o Governo, enquanto sofre o cidadão. Sofre, com razão, o marginal, sofre, injustamente, o trabalhador, emalhado na suspensão de quem de todos suspeita. Queixam-se os nossos mineiros que tanto têm contribuído para enriquecer a África do Sul. Queixam-se, amargamente, sentindo na carne a desconfiança, como se todo o mineiro fosse tratante!² Milhões de mineiros moçambicanos contribuíram e continuam a contribuir, em silêncio, com o seu trabalho, para o desenvolvimento daquele país. Já é tempo de os nossos governantes não deixarem passar em vão as humilhações e maus tratos de que são vítimas os nossos compatriotas. De se alarmarem, não só com as cenas da prostituição sexual, porque há um outro tipo de prostituição ainda mais execrável³. Por exemplo, quando se impede à força um trabalhador, seja ele nacional ou estrangeiro, de contemplar o sol que nasceu para todos os homens. São homens e basta!

Apelamos para a nossa polícia, a fim de se entender com a polícia da África do Sul, apelamos para os Tribunais, de cá e os de lá, para que, em comunhão de vistas e ideias, apliquem as normas sem preconceitos. Apelamos para o Ministério dos Negócios Estrangeiros para que instrua os consulados a não cruzarem os braços perante as humilhações que são infligidas aos nossos compatriotas, sob a aparência de haverem praticado actos delituosos.

O moçambicano que trabalha no estrangeiro precisa de sentir que tem uma pátria, que não é um filho pródigo. Este sentimento, porém, só brota quando se sente que as autoridades do nosso país se preocupam connosco, nos protegem e nos defendem. Não apenas em palavras, mas em actos concretos.

Jornal Domingo, 7 de Julho de 1999 (adaptado)

Vocabulário: ¹ ferrete: ferro com símbolo para marcar gado, escravos...; ² tratante: pessoa enganadora, fraudulenta; ³ execrável: detestável horroroso.



1. Indica a tese defendida pelo autor.
2. *“Os sul-africanos podem fazer dos nossos cidadãos gato-sapato...”* (ll. 10-11)
 - 2.1. Explica o sentido desta frase.
 - 2.2. Prova com um extracto do texto que as autoridades moçambicanas se mantêm indiferentes face aos maus tratos perpetrados pelos sul-africanos.
3. O presente texto foi extraído de um jornal.
 - 3.1. Em qual das seguintes secções o enquadras?

a. Sociedade;	c. publicidade;
b. opinião;	d. cultura.
 - 3.2. Justifica a tua escolha.

PRATICAR

1. Qual é a função de linguagem predominante no texto?
2. O moçambicano que trabalha no estrangeiro precisa de sentir-se bem.
 - 2.1. Classifica as orações neste segmento.
3. *“Calam-se as nossas repartições consulares, calam-se os Serviços de Migração, cala-se o Ministério do Trabalho, cala-se o Governo, enquanto sofre o cidadão. Sofre.”* (ll. 13-14)
 - 3.1. Identifica três figuras de estilo neste enunciado e explica-as.

Texto D

CARROS

Lá, onde há passeio na Cidade de Maputo, está um carro; lá, onde há relva e se pede para a não pisar, está um carro; depois outro e depois “n” outros; lá, onde deve passar um peão, habita um carro; lá, onde há um sinal vermelho, passa um carro; lá, onde é proibido estacionar, vive um carro. Muito provavelmente as clínicas de psicólogos devem ter pacientes cujos pesadelos são habitados não por pessoas, mas por carros. E, certamente, num futuro breve, teremos carros dentro das casas e nos terraços. Então há carros sôfregos¹ em todo o lado, que devoram tudo e todos, com condutores que há muito deitaram ao lixo espalhado por ruas e passeios as regras de trânsito, a decência e o respeito por outrem.



Vocabulário: ¹ sôfrego: apressado; ávido, ambicioso; impaciente.

Dois coelhos de uma cajadada

Por João Vaz de Almeida

Que me perdoe a nossa mais prestigiada colunista, Margarida Rebelo Pinto (autora do livro *Não há coincidências*), mas o mundo, muitas vezes, é feito de coincidências.

5 Numa altura em que o nosso Parlamento aprovou a Lei Contra a Violência Doméstica, passando um crime que até agora é de foro privado para a esfera pública, facto que enterra de uma vez por todas a máxima
10 “entre marido e mulher ninguém mete a colher” – vibrei com o choro de Graça Samo, afinal foram 10 anos de uma batalha que muitos julgavam perdida –, no Sudão, há uma mulher que se prepara para receber 40 chicotadas porque estava, imagine-se, de calças num
15 restaurante com as amigas.

Lubna Ahmed al-Hussein encontrava-se no dia 3 de Julho a jantar com um grupo de amigas num dos mais prestigiados restaurantes de Cartum, a capital de Sudão.
20 De súbito, irrompe na sala um grupo de 20 polícias. De pronto, resolvem prender todas as raparigas que usavam calças, embora a maior parte delas não fosse muçulmana. “Éramos 12 ou 13”, contou Lubna à
25 BBC. Para terminar aquele sufoco, muitas aceitaram imediatamente receber ali o castigo: foram dez vezes chicoteadas.



Lubna é ex-funcionária das Nações Unidas e jornalista e, por isso, muito mais esclarecida que as amigas. Recusou ser ali castigada com 40 chicotadas, a sua sentença, e entregou o caso ao seu advogado. Mas há quem veja nesta sentença uma forma de a silenciar,

35 uma vez que a jornalista é conhecida pelas suas duras críticas ao Governo. Ao silenciar Lubna, o regime mata dois coelhos de uma cajadada¹: a liberdade de imprensa e a luta pelos direitos das mulheres.

40 Nesta terça-feira, o julgamento foi interrompido no meio de um coro de protestos dentro e fora do tribunal. Lubna já afirmou que irá até ao fim. “O objectivo da minha luta é alterar esta lei imoral”, referiu. Aliás,
45 foi para se sentar no banco dos réus que pediu a demissão das Nações Unidas – os funcionários da ONU possuem imunidade.

Enquanto isso, a União Africana, onde nós, Moçambique, estamos inseridos, em vez de entregar os seus responsáveis à Justiça Internacional, vai apontando, com o maior desprante, este tipo de regime onde impera o despotismo², a ditadura, a regressão e a violação dos mais elementares direitos humanos.

Jornal A Verdade, 24 de Julho de 2009

Vocabulário: ¹ cajadada: pancada com cajado (bastão);
² despotismo: governo despótico, de vontade absoluta e tirana.

LER – COMPREENDER

1. Justifica o título do texto “Dois coelhos de uma cajadada”.
2. Qual é a intenção comunicativa do texto?
3. “Para terminar aquele sufoco, muitas aceitaram imediatamente receber ali o castigo.” (ll. 26-28)
 - 3.1. O que levou Lubna a recusar o castigo?
4. Indica o motivo pelo qual Lubna deixou as Nações Unidas.
5. Lubna constituía uma ameaça ao poder político sudanês.
 - 5.1. Prova as razões desta afirmação.
6. “O objectivo da minha luta é alterar esta lei imoral.” (ll. 45-46)
 - 6.1. A que lei Lubna se refere?

FALAR – ESCREVER

A violação dos direitos humanos é, infelizmente, uma realidade em várias partes do mundo e que chega até nós pela rádio, televisão, internet, etc.

Relata um acontecimento real que conheças e que constitua uma violação dos direitos humanos. Para enriquecer o teu discurso, procura encontrar um artigo de um texto normativo que repudie tal acto.



P ARA ONDE VAMOS COM CRIMES HEDIONDOS¹?

Os moçambicanos aguentaram vários anos de guerra, mas a viverem como pessoas totalmente civilizadas. Hoje, que estamos em paz, o civismo tende a baixar cada dia que passa, pois no lugar de vivermos em paz e em harmonia, como sempre tem sido a nossa característica, matamo-nos como se animais irracionais fôssemos.

É difícil digerir os recentes acontecimentos ocorridos na Ilha Josina Machel, um local onde casos de roubo de bovinos levaram à morte pessoas inocentes de forma bárbara, protagonizada por pessoas que, certamente, teriam outras alternativas para resolver o caso sem chegar ao extremo a que infelizmente chegaram.

Os populares enfurecidos enterraram vivos três cidadãos acusados desse roubo de gado bovino e, posteriormente, foram à casa do chefe da aldeia matar de forma vil uma personalidade bem conhecida e respeitada da zona, acusada de não ter feito nada para impedir a consumação dos actos.

Reportámos um caso similar de dois irmãos gémeos que foram barbaramente mortos, acusados de terem violado sexualmente e, posteriormente, assassinado uma jovem no Município da Matola. Muita pena e horror à mistura!

Há algum tempo, esteve na moda o linchamento e queima de malfeitores de algumas suspeitas de roubo pela população. Recentemente, nós condenámos veementemente a acção assassina xenófoba levada a cabo por sul-africanos, que culminou na morte de 17 moçambicanos. Porque hoje os moçambicanos enveredam por esta via de resolução de problemas? Onde está a característica moçambicana de pessoas pacíficas? Onde estão as autoridades de justiça para fazer valer o seu poder em sentenças condenatórias para os praticantes destes actos hostis que só mancham a maioria dos moçambicanos? Onde estava a polícia quando estes crimes hediondos¹ aconteciam? Morreram, de certeza, pessoas honestas que nada tinham a ver com os crimes que lhes eram imputados.

Moçambicanos, pensem muito e regenerem-se para manter a dignidade da maioria do povo que sempre pautou pela paz. Vivemos longos anos a formar bicha para comprar pão, arroz, açúcar e mais, mas nunca nos agredimos até ao extremo vil de matar outros irmãos nossos, nem vizinhos nossos que outrora nos desejaram mal.

Apelamos às autoridades da justiça para produzir sentenças mais pesadas para os que forem provados como culpados nessas matanças. Apelamos ainda à nossa polícia para fazer algo com vista a evitar que mais casos similares aconteçam.

Para onde vamos com crimes hediondos?

Jornal *Opinião*, 14 de Outubro de 2008

Vocabulário: ¹ hediondos: repugnantes.

ER - COMPREENDER

1. Este texto é de carácter argumentativo.
 - 1.1. Identifica a tese geral do texto.
 - 1.2. Aponta dois argumentos que suportam a tese.

2. O texto apresenta uma contrariedade relativamente às acções da população moçambicana de hoje e do passado. Explica essa contradição.
3. O autor reclama pelos actos bárbaros registados actualmente com frequência.
 - 3.1. Enumera algumas dessas acções.

PRATICAR

1. "... matamo-nos como se animais irracionais fôssemos." (ll. 3-4)
 - 1.1. Classifica as orações deste enunciado.
 - 1.2. Identifica na frase 1 uma figura de estilo de sintaxe.
 - 1.3. Indica a classe de palavras a que pertence o elemento sublinhado -nos.

FALAR – ESCREVER

1. Com base na leitura dos excertos apresentados, elabora um comentário sobre as reflexões neles apresentadas, fazendo, sempre que possível, referência à Declaração dos Direitos Humanos.
 - a. "Há algum tempo, estive na moda o linchamento e queima de malfeitores de algumas suspeitas de roubo pela população." (ll. 15-16)
 - b. "Recentemente, nós condenámos veementemente a acção assassina xenófoba levada a cabo por sul-africanos, que culminou na morte de 17 moçambicanos." (ll. 16-17)



FUNCIONAMENTO DA LINGUA

REGÊNCIA DE ORAÇÕES INTEGRANTES

Orações subordinadas integrantes ou completivas – como a própria designação sugere, são orações que completam o sentido da frase, na medida em que exercem a função de sujeito ou complemento directo das orações subordinantes.

Exemplos:

É provável *que chova*. (integrante com função de sujeito)

Ele disse *que tinha um guarda-chuva*. (integrante com função de complemento directo)

Em orações integrantes, o verbo deve concordar com o sujeito frásico em género, número e pessoa, por exemplo, em "tinha um guarda-chuva", a forma verbal "tinha" concorda sintacticamente com o sujeito "ele" expresso na oração subordinante.

ARTIGO DE OPINIÃO

O artigo de opinião é um texto em que o autor expõe o seu posicionamento diante de algum tema actual e de interesse de muitos.

É um texto dissertativo que apresenta argumentos sobre o assunto abordado, portanto, o escritor não só expõe o seu ponto de vista como também o sustenta através de informações coerentes e admissíveis.

Logo, as ideias defendidas no artigo de opinião são da **total responsabilidade do autor**, e, por este motivo, o mesmo deve ter cuidado com a veracidade dos elementos apresentados, além de assinar o texto no final.

Uma característica muito peculiar deste tipo de género textual é a **persuasão**, que consiste na tentativa de o emissor convencer o destinatário, neste caso o leitor, a aderir ao ponto de vista apresentado. Por este motivo, é comum presenciarmos descrições detalhadas, apelo emotivo, acusações, humor satírico, ironia e fontes de informações precisas.

A linguagem é objectiva e repleta de sinais de exclamação e interrogação, os quais incitam à posição de reflexão favorável ao ponto de vista do autor.

Outros aspectos persuasivos são as orações no imperativo (*seja, compre, ajude, favoreça, exija, etc.*) e a utilização de conjunções que agem como elementos articuladores (*e, mas, contudo, porém, entretanto, uma vez que, de forma que, etc.*) e dão maior clareza às ideias.

Geralmente, o artigo de opinião é escrito na primeira pessoa, já que se trata de um texto com marcas pessoais e, portanto, com indícios claros de subjectividade, porém, pode surgir na terceira pessoa.

Em suma, nos géneros argumentativos, o autor tem, geralmente, a intenção de convencer os seus interlocutores a aderir ao seu pensamento e, para isso, precisa de apresentar bons argumentos, que consistem em verdades e opiniões.

O artigo de opinião é fundamentado em impressões pessoais do autor do texto e, por isso, são fáceis de contestar.

Como elaborar um artigo de opinião?

Para produzir um bom artigo de opinião, é aconselhável seguir estas orientações:

- 1.º – escolhe um tema sobre o qual tens uma opinião a tecer (deve ser actual);
- 2.º – procura informações sobre esse tema;
- 3.º – agrupa os argumentos que mais te agradam (eles serão úteis para fundamentar o ponto de vista que irás desenvolver);
- 4.º – durante a elaboração do texto, deverás ter em consideração o interlocutor, portanto, a linguagem deve ser adequada ao género e ao perfil do público leitor;
- 5.º – partindo dos argumentos agrupados, escolhe os que podem fundamentar a ideia principal do texto de modo mais consciente e desenvolve-os;

- 6.º – imagina um enunciado capaz de expressar a ideia principal que pretendes defender;
- 7.º – pensa na melhor forma possível de concluir o texto: retoma o que foi exposto, ou confirma a ideia principal, ou faz uma citação de algum escritor ou alguém importante na área relativa ao tema debatido;
- 8.º – cria um título que desperte o interesse e a curiosidade do leitor.

Nota:

Após o término do texto, relê-o e observa se nele te posicionas claramente relativamente ao tema; se a ideia está fundamentada em argumentos fortes e se estão bem desenvolvidos; se a linguagem está adequada ao género; se o texto apresentado também é adequado e sugestivo e, por fim, observa se o texto como um todo é persuasivo.

Texto baseado no artigo de Maria Cabral CABRAL, Maria, "Artigo de Opinião" [online], disponível na internet via <http://www.brasilecola.com>, Brasil, consultado a 6 de Agosto de 2011

EDITORIAL

Como já estudámos em unidade anterior, o editorial é um texto opinativo por excelência. Ele apresenta o posicionamento da empresa de comunicação sobre determinado assunto.

Como fazer um editorial

A edição de um editorial começa, como qualquer matéria jornalística, pela captação de informações concretas, que é feita pelo acompanhamento do que acontece no nosso meio e no mundo e por uma apurada percepção do que é tema de relevância no momento. O editorialista tem que estar muito bem informado sobre as ocorrências que se dão. Após a recolha de informações (da actualidade), o editorialista deve procurar fazer uma análise crítica sobre um dado assunto que toma como objecto-alvo. Ele dá uma opinião. Para que essa opinião tenha credibilidade, é necessário uma base – os argumentos. Ao leitor não interessam as nossas impressões, interessa a crítica ou a defesa fundamentada.

Estratégia de construção de um Editorial

- 1.º – Apresentação do tema (situando o leitor) e já com um posicionamento forte. Deve ser didáctico ao apresentar o assunto ao leitor.
- 2.º – Contextualização do tema, fazendo referências à realidade e evidenciando as causas e indicativos concretos do problema. Mais uma vez, marca o posicionamento sobre o assunto.
- 3.º – Análise e motivações que tornam o tema importante (ou opiniões de personalidades da área). É preciso trazer dados factuais, exemplos concretos que ilustrem a argumentação.
- 4.º – Conclusão, marcando o posicionamento crítico final. Na conclusão do Editorial não se deve esquecer o que motivou a opinião, o que se disse no início. Não pode ser uma conclusão que fuja do assunto. O bom final opinativo é aquele que retoma o tema e traz uma projecção, aponta para uma solução, exige uma acção futura que traga soluções, exige responsabilização dos objectos alvos da crítica.

Texto produzido com apoio ao apontamento da fonte: <http://br.answers.yahoo.com/question>, consultada a 7 de Agosto de 2011

DIETA TÍPICA MOÇAMBICANA

A dieta típica moçambicana, tal como em outros países em desenvolvimento, consiste, em grande parte, de alimentos derivados da agricultura local. Hoje em dia, com a globalização, o desenvolvimento e o poder económico, os moçambicanos começam também a ter acesso a outros alimentos importados.

Os alimentos típicos das machambas das populações são o milho e verduras (folhas de abóbora, folhas de mandioca, couves, cacana, etc.), vegetais de raiz (batata, mandioca, nabo, abóbora, etc.), o amendoim, vários tipos de leguminosas, algum arroz, trigo, entre outros.

A avicultura também existe, criando-se, habitualmente, galinhas e patos. Algumas pessoas criam cabritos, outras porcos e gado. A pesca também é abundante, consumindo-se bastante marisco e vários tipos de peixe, principalmente o carapau.

No norte do país, os coqueiros são abundantes, portanto, os pratos com coco fazem também parte da alimentação, utilizando-se o óleo para cozinhar e o leite para fazer molhos. As árvores de frutas predominantes são tropicais (papaia, manga, caju, jambalão).

A alimentação básica consiste em massa feita com molho de milho ou mandioca, geralmente acompanhada de um caril (molho) de amendoim com verduras e, algumas vezes, carne ou peixe (mas também com amendoim ou coco). Muitas vezes o peixe costuma ser seco, para a sua conservação fora da geleira.

Avaliando a alimentação típica do nosso país, nota-se que esta é rica em carboidratos como a farinha de milho, mandioca e o pão, verdura e frutos; mas é pobre em proteína animal, geralmente pelo fraco poder económico do cidadão. Em compensação, esta alimentação contém vários tipos de proteína vegetal, como o amendoim e a castanha de caju, e leguminosas. A falta desta proteína pode implicar graves consequências em termos de saúde.

Kwashiorkor é uma das doenças observadas, normalmente em crianças de países pobres e subdesenvolvidos, onde existe falta de proteínas de alimentação. Os sinais desta doença são notáveis a partir do abdómen dilatado em crianças, cabelo fraco e com a cor de cobre. Com o desenvolvimento e globalização, a alimentação torna-se mais variada e, por vezes, mais rica. Ao adoptarem este novo tipo de alimentação, os moçambicanos arriscam-se a manifestarem consequências alimentares dos países desenvolvidos, nomeadamente, as doenças cardiovasculares e a obesidade.



Mercado Central de Maputo

1. Após a leitura do texto, assinala a opção mais correcta.
 - 1.1. Qual é a base alimentar dos moçambicanos?
 - a. Alimentos de agricultura.
 - b. Alimentos de caça.
 - c. Alimentos de avicultura.
 - d. Alimentos marinhos.

2. Quais as vantagens e desvantagens sanitárias desta alimentação?
 - 2.1. Que consequências negativas esta alimentação poderá trazer?

3. Com a globalização, outras gastronomias entraram em Moçambique. Segundo o texto, qual é o perigo em adoptar-se a alimentação europeia?

FALAR – ESCREVER

A receita abaixo apresentada envolve nos seus ingredientes produtos básicos da nossa alimentação.

Texto **H**

Maheu

Ingredientes

- 3 kg de farinha de milho
- 2 kg de açúcar
- Miolo de ½ pão
- Água q.b.

Modo de preparar

Numa panela, coloque a água e coza a farinha. Deixe arrefecer e, em seguida, coloque-a num recipiente, e acrescente ½ kg de açúcar e o miolo de pão. Deixe fermentar por dois dias e já está. O restante açúcar é para adoçar o maheu ao seu gosto.



Revista Mozceleb, 7.ª edição, Moçambique, Maio de 2011

Apresenta à turma uma receita na qual se use basicamente produtos que nós, moçambicanos, usamos com frequência.

UNICEF pede solidariedade às companhias aéreas



O Fundo das Nações para a Infância (UNICEF) pediu, nesta terça-feira, às companhias aéreas que aceitem transportar de forma gratuita ou com tarifas reduzidas os alimentos terapêuticos que podem salvar a vida de crianças vítimas da crise de fome na Somália.

“Há 2,3 milhões de crianças com desnutrição aguda na região do Chifre da África e mais de quinhentas mil morrerão se não receberem ajuda nas próximas semanas”, alertou a porta-voz do organismo Marixie Mercado, acrescentando que “com alimentação terapêutica, uma criança pode-se recuperar em quatro ou seis semanas”.

“Mensalmente, temos cinco mil toneladas de alimento terapêutico e com suplementos

(em vitaminas e minerais) nos nossos armazéns da Bélgica, França e Itália, o que é suficiente para tratar trezentas mil crianças desnutridas. Precisamos levar esta comida a Nairóbi o mais rápido possível, ou seja, por via aérea”, disse Marixie. No entanto, o transporte aéreo é “extremamente custoso”, destacou a porta-voz.

“A Unicef tem um *deficit* de US\$ 200 milhões em relação ao pedido de fundos por US\$ 340 milhões”, detalhou.

Paralelamente à sua aproximação aos operadores aéreos, o organismo humanitário também avalia a alternativa do transporte marítimo, apesar da urgência da situação.

Jornal *Zambeze*, 4 de Agosto de 2011
(texto com supressões)

Texto J

“Dados estatísticos concedidos pela Direcção Provincial da Saúde em Niassa (DPSN) indicam que vinte e duas crianças perderam a vida no primeiro semestre deste ano (2011), naquela província, devido à má nutrição. Foram apontadas como causas da deficiência nutritiva o fraco poder económico de grande parte das famílias e a falta de diversificação de alimentos”.

Rádio Moçambique, 8 de Agosto de 2011, 06h13

PRATICAR

1. Divide e classifica as seguintes frases em orações:
 - a. A UNICEF pediu, nesta terça-feira, às companhias aéreas que aceitem transportar de forma gratuita alimentos terapêuticos.
 - b. Marixie disse que o transporte aéreo era mais dispendioso.
 - c. Informações da DPSN indicam que vinte e duas crianças perderam a vida em Niassa por má nutrição.

Em África, a fome e má nutrição ainda constituem factores que concorrem para grandes perdas humanas.

Baseando-te nos textos I e J, discute com os teus colegas sobre as causas da fome e má nutrição em África. De seguida, apresenta propostas para possíveis soluções para esses problemas.

Texto K

O

HOMEM QUE TRANSFORMOU A NATUREZA

(Uma narrativa real)

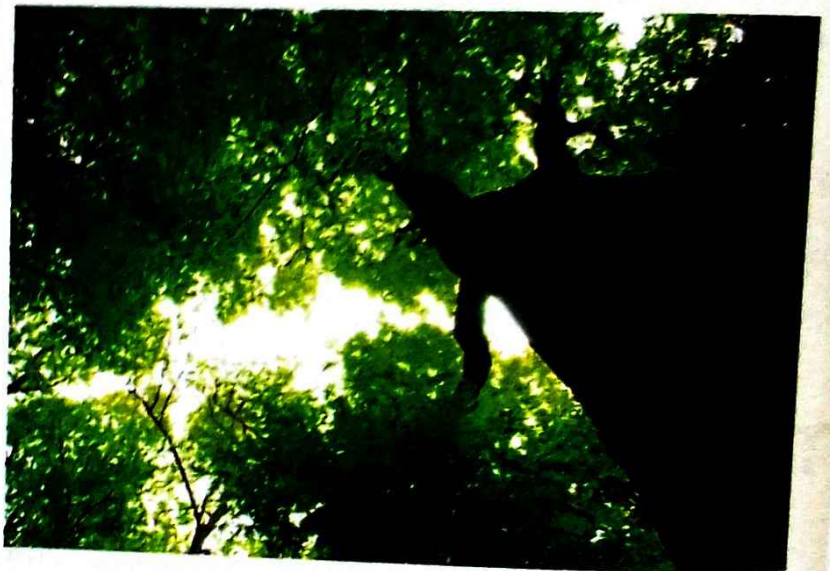
Há 40 anos fiz uma longa caminhada por regiões completamente desconhecidas dos turistas, nos Alpes que entram pela França. Atravessei esta região, encontrei-me no meio de uma grande desolação. Não havia água por ali. Tive que mudar de acampamento. Por todo o lado a mesma secura.

Pareceu-me perceber ao longe uma pessoa. Dirigi-me para ela. Era um pastor. Deu-me de beber do seu cantil, levou-me ao seu abrigo.

Certo dia, convidou-me a acompanhá-lo. Chegando onde queria ir, começou a enterrar sementes, uma a uma. Plantava árvores. Perguntei-lhe se a terra lhe pertencia. Respondeu-me que não. Se sabia de quem era. Não sabia. Supunha que era terra comunal ou talvez fosse de pessoas que não se importavam com ela. Plantou assim as suas sementes com cuidado. Há três anos que plantava nesta solidão. Tinha plantado já cem mil. Este homem chamava-se Elzéard Bouffier e concluiu que esta terra morria por falta de água e decidiu resolver este estado de coisas. No ano seguinte foi a guerra de 1914 para a qual fui recrutado por cinco anos...

Os carvalhos de 1910 tinham agora dez anos e estavam mais altos do que eu. O espectáculo era impressionante. Fiquei sem palavras. Passámos todo o dia em silêncio a passear na floresta que atingia onze quilómetros. E quando penso que tudo tinha saído das mãos deste homem...

A partir de 1920, não passei nenhum ano sem visitar Bouffier. Nunca o vi hesitar ou duvidar. Nesta altura, ia plantar a 12 quilómetros de casa e, para evitar o caminho de ida e volta, porque tinha já 75 anos, pensava construir uma cabana de pedra perto das suas plantações. Fê-lo no dia seguinte. Vi Bouffier pela última vez em Junho de 1945. Tinha então 87 anos. Retomei o caminho do antigo deserto. Tudo tinha mudado, até o próprio ar. Em vez de vento seco e brutal, soprava uma



30 brisa ligeira carregada de perfume. Um ruído semelhante ao da água vinha das alturas: era o vento nas florestas. Enfim, coisas ainda mais espantosas; ouvi o ruído da água correndo! Tinha feito uma fonte que dava muita água. O lugar contava já com 29 habitantes. As casas novas, caiadas de fresco, estavam rodeadas de hortas, onde cresciam as hortaliças, os legumes e as flores. Era um lugar onde se tinha vontade de habitar. No lugar das ruínas que tinha visto em 1913, existem agora casas
35 limpas bem caiadas que indicam uma vida feliz e confortável. As aldeias reconstruíram-se pouco a pouco. A população actual é de mais de 100 mil pessoas e toda ela deve a sua vida e felicidade a Bouffier. Quando penso que um homem só, contando apenas com a sua força física, bastou para fazer surgir do deserto esta terra admirável, toma-me imenso respeito por tudo o que foi preciso de coragem, persistência e tenacidade deste velho camponês, chamado Bouffier.

Boletim Sobre o Controlo da Desertificação, Nações Unidas, inspirado no conto "O homem que plantava árvores" de Jean Giono

Texto L

P LANTANDO O FUTURO...



Um homem de idade avançada estava cuidando de uma planta com todo o carinho, quando um jovem se aproximou dele e perguntou:

5 – Que planta é essa que o senhor está cuidando?
– É uma jaboticabeira – respondeu o senhor.
– E quanto tempo demora para dar
10 frutos?
– Pelo menos uns quinze anos – informou o senhor.
– E o senhor espera viver tanto tempo? – indagou irónico o rapaz.
15 – Não, não creio que viva tanto tempo, pois já estou no fim da minha jornada – disse o ancião.
– Então, que vantagem tem você com isso, meu velho?
20 – Nenhuma, excepto a vantagem de saber que ninguém colheria jaboticabas, se todos pensassem como tu...

FALAR - ESCREVER

1. Quais dos aspectos abaixo elencados são comuns às personagens dos textos K e L:
 - a. paciência;
 - b. solidão;
 - c. destreza;
 - d. coragem.
 - 1.1. Justifica a tua escolha.
2. Tece um comentário acerca da atitude das personagens em destaque nos textos.
3. Os textos que leste mostram a necessidade e importância do acto de plantar árvores. Tu já plantaste alguma? Ou já viste alguém a fazê-lo? Relata aos teus colegas essa experiência, referindo qual a planta escolhida, onde foi plantada e as motivações de tal acto.

PESQUISAR

Em Moçambique, ao contrário do que se relata no texto K, assiste-se a uma desflorestação do País.

Procura informação sobre esse assunto.

Elabora um pequeno artigo de opinião em que presentes as consequências dessa acção do ser humano ao destruir as florestas.

Com esse artigo pretendes motivar os teus colegas para a necessidade de proteger as árvores.



Textos Multiusos

Objetivos Específicos

- Interpretar textos didáticos e/ou científicos
- Analisar textos didáticos e/ou científicos
- Usar nas produções orais e escritas conjunções/locuções subordinativas e orações subordinadas comparativas e consecutivas
- Elaborar textos didáticos e/ou científicos sobre assuntos relacionados com náuticas

Barco de pesca, Beira



Cartão-de-visita de Moçambique

Moçambique localiza-se na Costa Sudoeste do Continente Africano, tendo como limites a Leste o Oceano Índico, a Norte a Tanzânia, o Malawi e a Zâmbia, a Oeste o Zimbabwe e a África do Sul, e a Sul este último país e a Swazilândia. Moçambique tem de superfície total 799 380 km². O país sempre se afirmou como pólo cultural, com intervenções marcantes, de nível internacional, no campo da arquitectura, pintura, música, literatura e poesia.

Importante também e representativo do espírito artístico e criativo do povo moçambicano é o artesanato, que se manifesta em várias áreas, destacando-se as esculturas em pau-preto dos Macondes do Norte do país.

Texto **A**

Inhambane – Zona Sul

Limitada a Norte pelas províncias de Manica e Sofala, a Sul e Leste pelo Índico e a Oeste pela província de Gaza, Inhambane é uma das províncias de Moçambique mais concorridas para o turismo de qualidade. Com efeito, para além das várias praias que se estendem ao longo da costa, da província e do arquipélago de Bazaruto, dispõe, no interior, de 5 parques naturais onde variadas espécies de vegetação e animais podem ser observadas. As etnias dominantes são os Mátshwa, os Bitonga e os Chopi.



Praia do Tofo, Inhambane

Lugares atractivos

O Museu de Inhambane, onde se podem observar instrumentos musicais e agrícolas, fotografias da época colonial e vários tipos de artefactos próprios das culturas africanas; a casa da 10 cultura, que exhibe uma locomotiva muito antiga; a catedral da Nossa Senhora da Conceição, erguida no século XVIII, as reservas e parques nacionais de Zinave, Bazaruto e Pomene.

Festas e eventos

Anualmente, há um festival dos marimbeiros de Zavala, tocadores de timbila e poetas de ocasião, bem conhecidos e apreciados em Moçambique e noutros países africanos.

15 Artes e ofícios

Nos estabelecimentos ou em bazares informais podem ser encontradas peças originais de artesanato e outros artefactos próprios da cultura moçambicana.

Manica – Zona Centro

20 **L**ocalizada no interior do país, tem como limites a Norte a província de Tete, a Sul as províncias de Inhambane e Gaza, a Leste a província de Sofala, e a Oeste o Zimbabwe. A província de Manica encontra-se numa das zonas mais elevadas de Moçambique, sendo nela que nascem muitos dos rios que descem para o Leste em direcção ao Índico.

Nas suas montanhas nascem águas de elevada pureza, algumas já comercializadas em marcas com distribuição e aceitação em quase todo o país.

25 As etnias mais representativas são os Shona, os Sena e os Ndaou.



Cabeça do velho, Chimoio, Manica

Lugares atractivos

A fortaleza de Micequece, próximo da Vila Manica, construída quando os portugueses tornaram efectiva a ocupação do território, onde já se encontravam pelo acordo estabelecido com o antigo império do Monomotapa.

30 A 5 km de Chimoio, a “Cabeça do Velho”, uma formação rochosa que mostra o perfil de um velho.

A 50 km de Chimoio, a barragem de Chicamba Real, no Revué, com um paredão invulgar e, 1 km mais acima, um miradouro com uma vista sobre o lago da barragem. Neste local, também pode ser observada uma fauna diversificada de aves raras.

35 Em Chinhamapere, local sagrado para os habitantes, podem ser observadas pinturas rupestres que atestam a ocupação humana desde tempos imemoriais.

A 20 km a norte de Manica, junto à fronteira com o Zimbabwe, estendem-se as montanhas de Penhalonga, habitadas pelos Shonas, onde é possível ver as suas tradicionais casas pintadas em vários tons, obtidos a partir da mistura de argilas.

Artes e ofícios

A cerâmica, a escultura em madeira e pedra, a cestaria e os trabalhos em madeira e palha, com destaque para os famosos cadeirões de Chimoio, que podem ser encontrados em estabelecimentos ou com os próprios artesãos.

Cabo Delgado – Zona Norte

É a província mais setentrional de Moçambique, tendo como limites, a Norte o rio Rovuma, que limita a fronteira com a Tanzânia, a Sul o rio Lúrio, que a separa da província de Nampula, a Leste o Oceano Índico e a Oeste a província de Niassa.

É habitada predominantemente por grupos étnicos: Maconde, Macua e Mwani.

O centro urbano mais importante é Pemba, uma cidade histórica situada na baía com o mesmo nome, a terceira maior do mundo, que constitui também um importante centro turístico.

Lugares atractivos

Praias não poluídas, de areia branca e águas transparentes com temperaturas favoráveis.

Entre as inúmeras praias que se estendem ao longo da costa, salientam-se as de Wimbe, Farol, Mecufi, Mocimboa da Praia, Chuiba, Quilála, Matemo, Palma e Pangane.

Para Norte, ao longo de 200 km de costa, estende-se o Arquipélago das Quirimbas, constituído por 32 ilhas, que ressalta pela sua importância histórica, beleza natural e concorridas praias; a ilha do Ibo que, no passado, foi um importante centro comercial, primeiro dominado pelos árabes e depois pelos portugueses.

Artes e ofícios

Em Pemba e na Ilha do Ibo, em bazares ou mercados ao ar livre, encontra-se artesanato local de grande qualidade artística.

Salientam-se pela sua especificidade os trabalhos de prata que os artesãos locais executam nas suas bancas de trabalho, e as esculturas em pau-preto executadas pelos macondes, grupo étnico que vive nos planaltos interiores.



1 - INSTRUMENTOS MUSICAIS TRADICIONAIS MOÇAMBICANOS

As comunidades tradicionais moçambicanas, como todas as outras, preocuparam-se não só com o trabalho, com as crenças, mas também com os momentos de lazer. A canção teve sempre um papel lúdico, informativo e formativo nas nossas sociedades primitivas. Os instrumentos musicais eram fabricados por eles próprios e vieram até nós, passando de geração em geração.

Texto B

C HOCALHOS

O GOCHA

É um chocalho que ultrapassou fronteiras, sendo actualmente conhecido por *maracas* em toda a América Latina. Este chocalho de mão é constituído por um pau curto, que atravessa uma fruta oca de casca dura (massala), na qual são colocadas várias pedrinhas ou sementes secas. Em várias partes do país, por escassez da massala, nas gochas são usadas pequenas latas de leite e um pau, que é introduzido trespassando a chapa da lata, e segurado por uma corda numa das pontas. Este instrumento serve para marcar o ritmo durante os cânticos.

Temos outros chocalhos como: *champunga*, *chicoteca*, *bazuca*, etc.

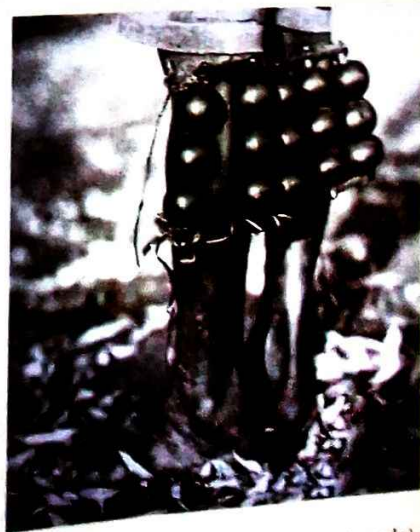
Cada zona de Moçambique aplica ao chocalho um nome conforme a língua local, dependendo, muitas vezes, do fruto em causa e da sua forma de construção.

O MASSEVE¹

Masseve é um instrumento do tipo chocalho, assim como é o gocha. Porém este é utilizado nas mãos, o masseve nas pernas.

É feito de frutos pequenos, secos e ocos, colocados em várias fiadas e amarrados com cordas nas pernas do dançarino. Dentro dos frutos são colocadas pedrinhas ou sementes que produzem sons através da batida dos pés ao chão.

Podemos encontrar o masseve em quase todo o país. Contudo, toma várias designações, por exemplo, em Cabo Delgado é *meve*; no Niassa *masseve*, na Zambézia *massangue*; em Nampula *marrazula*, *maxororo* e também *masseve*; em Inhambane toma o nome de *marongue*.



SILVA, Júlio, Revista *Mozceleb*, 7.ª edição, Maio de 2011 (adaptado)

¹ Este termo, para os falantes das línguas moçambicanas de Grupo Tsonga, significa "compadre/comadre"; é muito utilizado em outros eventos socio-familiares.

LER – COMPREENDER

1. Como classificas o texto que leste?
 - 1.1. Justifica a tua resposta apontando para o objectivo do texto.
2. Enumera relações de semelhança e dissemelhança entre o gocha e o masseve.
3. O masseve “toma várias designações, por exemplo, em Cabo Delgado é *meve*; no Niassa masseve...” (ll. 22-23)
 - 3.1. Que motivações estão na origem dos nomes dados ao chocalho nas diferentes zonas do nosso país?
4. Identifica o recurso estilístico usado na frase: “(O gocha) é um chocalho que *ultrapassou fronteiras*”. (ll. 1)

APLICAR

1. Qual dos seguintes tempos verbais é privilegiado no texto?
 - a. Presente histórico;
 - b. presente genérico;
 - c. futuro do presente.
2. Qual é a função de linguagem que predomina no texto?
3. “Masseve é um instrumento do tipo chocalho, assim como é o gocha”. (ll. 14-15)
 - 3.1. Classifica as orações da frase.
 - 3.2. Qual é a função sintáctica da expressão sublinhada?
4. “Porém este é utilizado nas mãos, o masseve nas pernas”.
 - 4.1. Qual destes conectores tem o valor de “porém”?
 - a. Portanto;
 - b. mas;
 - c. apesar de;
 - d. ainda que.
 - 4.2. Elabora frases tuas em que uses os restantes conectores.

FALAR – ESCREVER

Escreve um pequeno texto sobre outro instrumento musical que conheças. Prepara a apresentação oral sobre esse instrumento à turma.
Podes ilustrar a tua apresentação com fotografias.

XIPALA-PALA

É um instrumento de sopro do tipo trompete. É feito de um chifre de animais selvagens (cudo, boi ou antílope). Para prepará-lo, agarra-se na parte mais fina do chifre e faz-se um furo. Para a sua execução, o tocador segura com uma mão a parte mais grossa e com a outra na parte mais fina do instrumento; coloca-o na boca; sopra de forma a produzir um som grave e profundo.

É difícil tocar a xipala-pala, pois é necessário um determinado jeito labial e bastante fôlego, por forma a produzir um som forte, sendo, por isso, tocado normalmente por homens. Além deste instrumento ser utilizado em festejos e em algumas danças tradicionais, serve também de meio de comunicação, como por exemplo, para convocar pessoas para uma reunião com os chefes da aldeia. O seu uso é frequente em todas as províncias do nosso país. O seu nome varia de região para região. O termo *mpundu* é usado em Maputo, *mbala-pala* em Gaza, *Lipala-panda* em Cabo Delgado e Nampula e na Zambézia, *palaza*. Contudo, o nome mais vulgarizado é *xipala-pala*. Este instrumento também emigrou de África para o Brasil, onde toma o nome de *Berrante*.



Revista Mozceleb, 7.ª edição, Maio de 2011

ALAR - ESCREVER

1. Esquematiza a informação do texto.
2. De certeza que já construístes ou viste alguém a construir um brinquedo (carrinho de arame ou caniço, boneca de trapos, viola, bola...).
- 2.1. Explica como se processa o fabrico de um desses brinquedos. Não te esqueças de explicar o objecto de que queres falar e dar outras informações sobre ele que supões não serem do conhecimento dos teus colegas.

II – CANTOS E DANÇAS FOLCLÓRICOS MOÇAMBICANOS

Todos os povos têm uma cultura. Os hábitos e costumes, as normas e leis são diversificados de etnia para etnia. Algumas práticas culturais dum certo grupo étnico podem parecer-nos estranhas e absurdas, mas têm uma função para quem as pratica e permitem uma organização social.

Texto **D**

CANTOS POÉTICOS DE “MSAHO”

«Negro chope
Subnutrido canta na noite de lua cheia
E na timbila de ânforas de massala
Toca audível msaho da virgem tonga»

CRAVEIRINHA, José, *Xigubo*, 1980 (excerto)

A poesia constitui parte importante da literatura oral moçambicana e, como poesia oral, quase que exclusivamente existe cantada.

E aqui se deve referênciã obrigatória e
5 destacada à poesia dos chopes, cujas danças
orquestrais – *msaho* – se consideram a expressão
mais elevada da arte africana na área austral
do continente. A letra dos *msaho* apresenta-se
como autêntica poesia oral, pois que nenhum
10 autor a escreve. A sua música é composta a
partir da letra-poema. A poesia de *msaho*, por
vezes alegre, outras vezes triste, serve, porém, sempre, para composição de
música alegre e movimentada, porque, como dizem os seus compositores,
«temos que cantar a nossa dor». Esta simbiose é demonstradora de uma alta
15 compreensão artística dos deveres de solidariedade entre os elementos de um
povo submetido, oprimido e humilhado pelo estrangeiro. E deve salientar-se
que a poesia de *msaho*, quando alegre, camufla severas críticas às autoridades
coloniais e às moçambicanas que, voluntariamente, se lhes subordinavam, ao
despotismo, à caridade, à injustiça social e às falhas de comportamento de
20 alguns para com a solidariedade devida ao corpo social. A poesia de *msaho* era,
portanto, inclusivamente, poesia de protesto, denúncia e resistência:



«Estou muito triste
Porque o meu homem foi para longe trabalhar
E não me dá roupa para eu vestir
Nem mesmo panos pretos»

25

MENDES, Orlando, *Sobre a Literatura Moçambicana*, Maputo, 1982

R – COMPREENDER

1. Atenta no texto "Cantos poéticos de 'Msaho'":
 - 1.1. Que segmento textual justifica este título?
2. "Esta simbiose é demonstradora de uma alta compreensão artística..." (ll. 14-15)
 - 2.1. Qual a simbiose referida no texto?
3. Qual era a função social dos cantos de *msaho*?
4. Caracteriza a estrutura formal do texto em análise.

Texto E

TUFO

Tufo é uma dança de origem árabe praticada tradicionalmente nas províncias de Nampula e Cabo Delgado. Esta dança é introduzida em Moçambique através do Sultanato de Angoche (Nampula), Hassane Issufe, que se radicou nessas ilhas depois da morte de um dos seus familiares. Segundo dados históricos, era uma dança religiosa de louvor, onde se usavam tambores de nome "ad-duff" (nome árabe); em português "adufo" (instrumento musical de percussão).

A dança foi-se espalhando por todos os locais islâmicos através do povo da tribo Makwa (ou Macua), que também se envolveu no Islamismo. Devido à sua pronúncia macua, o nome de "ad-duff" e "adufo" foi abreviado para "tufo".

Esta dança é executada por mulheres rigorosamente seleccionadas, bem trajadas, com vestes muito coloridas e enfeitadas com cordões, anéis e pulseiras doiradas. As dançarinas, normalmente, cobrem o rosto com "mussiro" (massa



branca e espessa, resultante da fricção do caule perfumado da árvore mussiro numa pedra lisa), e entoam cânticos melódiosos de uma linha musical Oriental em fusão com sons de tambores de vários tamanhos e de forma hexagonal e circulares (*duassi*, *phusta*, *kadjisa* e *khapura*). Estes tambores são feitos de 25 madeira e cobertos de pele de animal. Os tocadores acompanham as melodias com ritmos cadenciados de linha africana e árabe. O conteúdo das letras retratam, na maioria dos casos, as suas vidas quotidianas e as belezas do seu habitat. O tufo teve maior expressão na Ilha de Moçambique.

<http://Moçambique Tradicional.com>,
consultado a 12 de Junho de 2012, (adaptado)

exto **F**

DANÇA N'SOPE

A dança *n'sope* ou *n'sobe* é originária da Província de Nampula e compõe parte das danças específicas da tribo Macua. É executada só por mulheres e é, actualmente, conhecida por dança da corda, devido ao uso da 5 corda na sua realização. É uma dança complementar do tufo. A base instrumental do *n'sope* é o tambor. Todos os instrumentistas são homens. O tocador principal maneja três 10 tambores, um grande (*chabomba*) e dois médios chamados (*mussapata*), o segundo tocador toca três tambores médios (*massapata*) e os restantes dois tocadores tocam um tambor grande de som grave (*tchuntcho*), que tem uma parte oca que serve de caixa de ressonância. Um outro instrumentista produz som ao bater 15 um ferro num pequeno cilindro metálico, complementando o ritmo.

Esta dança é executada da seguinte forma: as bailarinas organizam-se fora do centro de execução da dança. Chegadas ao palco, colocam-se na zona central do mesmo formando um meio círculo. A chefe do grupo, num gesto próprio, retira a corda e escolhe uma das bailarinas que irá pegar em uma das 20 pontas de forma a estar esticada. Ao som das primeiras batidas dos tambores, vão movimentando a corda em círculo, de forma a bater sempre no chão. Cada uma das bailarinas entra para o meio da corda e demonstra, de forma ágil, todas as suas habilidades. À medida que os tambores vão animando o espectáculo, todas as bailarinas vão praticando a dança *n'sope*, demonstrando a cada 25 instante as suas mestrias.



<http://www.gabito grupos.com/Mozambique>,
consultado a 23 de Agosto de 2011 (adaptado)

1. Os textos E e F referem danças tradicionais moçambicanas. Compara-as nos aspectos indicados na tabela seguinte:

	Tufo	N'sope
Origem		
Lugar onde se pratica tradicionalmente		
Contextos em que é executada		
Género dos dançarinos		
Instrumentos musicais usados		
Finalidade da dança		

APLICAR

1. Analisa sintacticamente as seguintes frases:
 - a. "Esta dança é executada por mulheres rigorosamente seleccionadas"
 - b. "A base instrumental do n'sope é o tambor"
 - 1.1. Retira do texto frases contendo um predicativo do sujeito e um complemento determinativo.

FALAR – ESCREVER

1. Propõe um esquema que resuma o texto E.
2. Algumas vezes, os cantos e as danças tradicionais estão associados a jogos e outras brincadeiras.
 - 2.1. Descreve uma dança tradicional executada na tua comunidade.
 - 2.2. Agora, escreve a mensagem de um canto tradicional da tua comunidade. Traduz para português, caso esteja numa língua diferente.

Texto G

O S VANDAUS (SOFALA – MOÇAMBIQUE)

Os Vandaus (Va Ndaou ou, simplesmente, Ndaus) são considerados descendentes dos povos Bantus centrais, que teriam vindo do interior, possivelmente da Bacia do Congo, no início deste milénio, e se teriam fixado a sul do rio Búzi e seu afluente Mossurize, ocupando todo o território planáltico até
5 quase ao rio Save, também se dispersando por pequenos núcleos a sul deste rio.

A norte, sofriam pressão dos povos Manica e Quiteve e, ao sul, tinham a barreira do povo seu parente, o Madanda. Isto explica a extensa mas estreita faixa que ocupam, desde o litoral de Sofala, Divinhe e Machanga até Zinhumbo, no interior, a escassas centenas de quilómetros da fronteira com o
10 Zimbabwe.

O subgrupo linguístico Vandau inclui-se no grupo étnico-cultural shona-karanga que, em Moçambique, se estabeleceu em praticamente toda a área que vai do Zimbabwe ao Save, com grande uniformidade de usos, costumes e tradições que, além do mais, pouco variaram com o andar dos tempos. Aliás, a
15 este conservadorismo devem os Vandaus a sua identidade, pois que, integrados no grande império do Monomotapa (século XV), conseguiram viver a sua inexorável¹ desintegração.

Os Vandaus do litoral, mercê da sua localização geográfica, foram os que tiveram mais contactos e, por isso, receberam influências de outros povos
20 navegadores como os árabes, em primeiro lugar, e, depois, os portugueses, ainda que sem quebra do seu fundo tradicional.

Recuando aos árabes, recordemos que estes excelentes navegadores utilizavam os ventos monçónicos para as suas longas navegações. Este condicionamento de uma fase inicial e, mais tarde, as próprias condições de comércio,
25 naturalmente obrigaram ao estabelecimento de entrepostos comerciais mais ou menos permanentes pela costa moçambicana, onde tinham que aguardar a vinda da nova monção.

Sofala teria sido bastante utilizada e vestígios da sua estadia encontram-se também na foz do rio Save, provável ponto de partida de uma linha de
30 penetração para o interior, no caso de o rio ser navegável, como R. Summers admite. Não sendo isto viável, o caminho poderia ter-se efectuado por terra, seguindo o curso do rio. Uma prova desta última hipótese é o facto de nós



Forte de Sena, Sofala

próprios termos encontrado, a cerca de 50 km a montante de Machanga, e não longe do rio, um alinhamento de *Barassus Aethiopum Mart*, que serviria de
35 orientação às caravanas árabes.

Acredita-se que os árabes conhecessem o litoral mais para o Sul, talvez mesmo até para além de Inhambane. Talvez, todavia, a sua passagem não tenha ficado assinalada para Sul de Mambone por não estarem muito interessados em navegarem tão para o sul, não só pela fraca contrapartida em comércio,
40 como ainda pelas dificuldades de navegação que a costa moçambicana aí apresenta, longe do sistema monçónico do norte e com muito maior instabilidade climática.

O domínio local português levou a que, a breve trecho, novas rotas comerciais fossem procuradas pelos árabes, como alternativas válidas às até ali
45 utilizadas. Não foi fácil o estabelecimento e continuidade dos portugueses por estas paragens, o que não quer dizer que o esforço tivesse sido vão, dado que conseguiram o objectivo em vista, o de afastar os árabes.

Deste modo, os Vandaus teriam primeiramente tido grandes contactos com a avançada civilização árabe e só mais tarde com a dos portugueses,
50 depois do declínio e fim das relações com aqueles.

Os Vandaus possuem um substrato cultural bem definido e bastante elevado, em contraste com os povos das regiões vizinhas, sobretudo do sul. Citamos apenas um exemplo, ainda que o contacto com os mortos os impressionasse e assustasse vivamente, eles acreditavam em qualquer coisa como um
55 paraíso, onde viveriam uma vida extra terrena sempre feliz. Para lá chegar teriam que empreender longa caminhada, daí que os mortos fossem enterrados com recipientes para água, os víveres e os objectos pessoais que lhes seriam necessários na viagem.

Tanto quanto julgamos saber, não possuem o culto dos mortos, mas as sepulturas e os cemitérios merecem-lhes especial respeito.

60 O "lobolo" existia então. A sucessão fazia-se através do filho primogénito. Contudo, o papel preponderante desempenhado pela mulher no seio de algumas famílias, especialmente nas mais importantes, que, oriundas das aristocracias primitivas, conservavam por mais tempo o direito ancestral, leva 65 a crer que, em tempos idos, deve ter prevalecido o sistema matrilinear.

A divisão de trabalho familiar era efectiva e estabelecia tarefas masculinas, como a caça, a pesca e a construção de habitação, e femininas, como a olaria, a preparação de alimentos e das terras de cultura. Isto não significa que se tratava de divisões estanques, pois tivemos ocasião de verificar algumas 70 pequenas excepções.

Um aspecto peculiar do seu modo de vida é que a execução dos seus afazeres, mesmo dos mais simples, está absolutamente dependente de altura propícia para tal, o que não é determinado por horas do dia ou condições do tempo, mas, sobretudo, pelo resultado de artes de adivinhação consumadas 75 pelo lançamento de pauzinhos, a que chamam "dzhiacata", que lhes ditam o "sim" ou o "não" do seu comportamento imediato.

Para que quem não conta com o tempo, esta será uma razão suficientemente forte, no âmbito da sua filosofia de vida, para que o acatem com tanto vigor.

MOURA, Armando Reis,
Moçambique – Aspectos da Cultura Material (adaptado)

Vocabulário: ¹ inexorável: que não cede, não altera; austero.

LER – COMPREENDER

1. Propõe a divisão do texto em partes.
 - 1.1. Justifica a divisão que fizeste.
 - 1.2. Dá um título a cada uma das partes.
2. Indica se são Verdadeiras (V) ou Falsas (F) as afirmações que se seguem:
 - 2.1. Os Ndaus são descendentes dos Vandaus.
 - 2.2. A estreita faixa ocupada pelos Ndaus é justificada pela presença dos povos opostos no Norte e Sul.
 - 2.3. Os Vandaus do litoral tiveram contacto com o império do Monomotapa.
 - 2.4. O contacto com os árabes e com os portugueses não alterou em nada os costumes Vandaus.
 - 2.5. O culto dos mortos não existia entre os Vandaus.
 - 2.6. Os Vandaus ignoravam ou eram indiferentes para com os defuntos.
 - 2.7. A divisão do trabalho privilegiava a mulher.
3. Que sinal prova que, em tempos passados, entre os Vandaus a linhagem era matrilinear?

ESPECTOS TÉCNICOS E SOCIAIS DA OLARIA DOS CHOPES

O povo de Macupulane situa-se entre Chidenguele e Manjacaze, na província de Gaza. Este é um povo conhecido pelas suas habilidades no trabalho com o barro. O material, a terra argilosa, encontra-se num lugar determinado, perto de Macupulane. A maioria dos seus habitantes pertence ao grupo étnico Chope, mas alguns são de origem Changane.

Quase todas as mulheres de Macupulane sabem o ofício da olaria, exceptuando-se apenas as poucas que não têm jeito ou vontade. Elas fazem todos os recipientes para o seu uso próprio, durante todo o ano, nos intervalos que estão livres das lidas da casa ou do campo, para fazerem louça para a venda. As mais velhas, tendo em casa noras ou netas que façam os trabalhos do campo, ficam livres para se consagrarem à profissão das oleiras. Elas, por serem experientes, fazem os potes grandes, onde se guarda a água, ou se fervem as bebidas para as festas ou cerimónias. As mulheres novas fazem apenas os recipientes menores e só depois de adquirirem larga experiência se abalançam aos maiores.

A matéria-prima, o barro, é propriedade do regulado e, por isso, a todo aquele que não pertença ao regulado de Macupulane é rigorosamente proibido extrair este barro, pois constitui um valioso suplemento à economia de Macupulane.

Num raio médio de cerca de 50 km não existe outro barreiro e, assim, as mulheres de Macupulane fornecem a toda esta região, relativamente populosa, os recipientes, que têm necessariamente de ser de barro. Para o transporte da água que vão buscar aos poços, as mulheres de Gaza usam, de preferência, o barro, também cabaças; mas no que se refere a recipientes de ir ao lume a única solução é a louça de barro, que é comprada às mulheres de Macupulane.

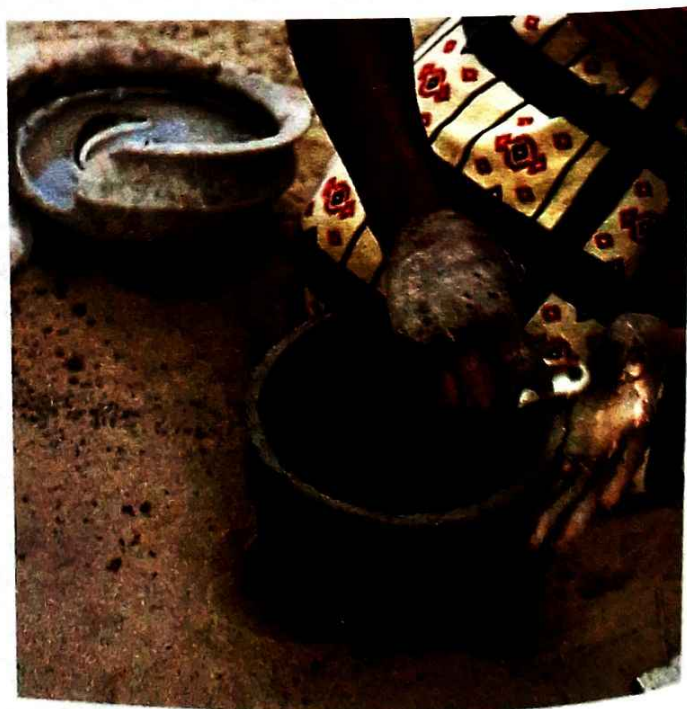
O material, a terra argilosa ou barro, que em fresco é de uma cor cinzento-escura, e amarela depois de cozido, é trazido para casa e despejado numa espécie de masseira, feita de casca de árvore, e aí limpo de pedras e de impurezas. Embora venha naturalmente humedecido, porque foi extraído de terras frescas, junta-se-lhe mais um pouco de água e deixa-se de molho. Em seguida, no almofariz¹ usado só para esta função, pilam-se cacos de pote velho usado até se reduzirem a um pó muito fino, que se junta ao barro fresco, amassando-se e pilando tudo numa bacia de barro (*Chikhurru*) usada para moer farinha, até se conseguir a consistência plástica desejada. Este material guarda-se

então, numa panela grande tapada por um cesto, onde fica até ser utilizado. Quando decidem começar o trabalho, tiram uma porção de barro e instalam-se à sombra, debaixo de uma árvore ou do telhado da casa, com as poucas ferramentas num pote de água, e o bolo de barro num cesto. Usam o

40 fundo côncavo de um velho pote grande quebrado, que possa facilmente rodar na terra. Amassam mais uma vez aquele primeiro bolo de barro e, fazendo-lhe com o punho fechado uma cova no meio, vão repuxando de dentro para cima a massa dos lados com dois dedos da mão direita, em movimentos ao mesmo tempo firmes e soltos, enquanto a mão esquerda, seguindo a direita pelo lado de fora, ampara as paredes do pote.

45 Erguido este barro, passam a usar uma técnica diferente, que tem nome de «técnica do rolo em espiral»: entre as palmas das mãos rolam um pedaço de barro até o reduzirem à grossura conveniente; acrescentam esse rolo ao topo da parede já feita, premindo e alisando a espiral com os dedos, até ligarem perfeitamente, e seguem depois com outros rolos, até que a parede atinja a
50 altura desejada, regulando a forma do bojo² com voltas mais apertadas ou mais largas. Para ajudarem a alisar toda a superfície exterior, usam uma espiga de milho, amparando, correspondentemente, a parede do lado de dentro com a outra mão e procurando, apenas com sentido táctil, igualar bem a espessura da massa. De vez em quando, com o auxílio do fruto da árvore Ntsondzo, que tem
55 a forma de uma grande vagem espessa, raspam as irregularidades do interior do bojo; para este mesmo efeito usam também um pedaço de casca da cabaça. Quando acabam de modelar a boca do vaso, colhem uma folha de mangueira, molham-na sobre o rebordo, correndo com ela toda a volta.

60 A cozedura desta louça tem lugar ao ar livre. Para esse efeito, faz-se um círculo de ramos secos e por cima pousam-se os potes grandes, cujo número varia conforme as necessidades, mas
65 geralmente num máximo de três. Nos espaços livres, pousam-se outros recipientes pequenos e, em seguida, recobre-se tudo com lenha cuidadosamente escolhida e empilhada, de modo
70 a garantir a boa tiragem e igualdade de temperatura. Entre as peças de louça e também à volta, na lenha, metem mãos de capim seco, a que pegam fogo com uma brasa que retiraram do seu lume



75 caseiro. Deixam, então, arder toda a pilha³ de lenha até que ela se gaste completamente e que os potes, que estavam cobertos, apareçam acima das cinzas; e, então, por meio de compridos paus com os seus galhos, fazem rolar as vasilhas que já estão cozidas, retirando-as para fora da área das brasas, para arrefecerem.

80 Nesta região, e ao contrário do que se sucede com outros povos africanos, não costumam borrifar⁴ a louça a seguir à cozedura. Depois de arrefecerem, os potes estão prontos.

As formas principais que se encontram nesta olaria são:

A panela para cozinhar o pirão (que pode ser maior ou mais pequena)

- A panela para cozinhar o molho – *chikauana cha chidoto*.
 O cântaro para trazer água da fonte – *inzeka*.
 O recipiente pequeno para as ofertas que se fazem aos antepassados junto da árvore sagrada – *injomela*.
 90 O recipiente para água, para tomar banho *inkamba* (às vezes com pequenas asas chamadas *itsumbu* – seios).
 O recipiente com estrias⁵, para moer farinha – *chikurru*.
 O grande pote para guardar a água em casa, para conservar cereais ou para a preparação de bebidas fermentadas para as grandes festas – *ichungwa*
 95 (antigamente); *ikadi* (hoje).

DIAS, Margot, revista *Garcia de Orta*, n.º 4, 1960

Vocabulário: ¹ almofariz: vaso de madeira em que se pila; ² bojo: parte convexa e arredondada de um objecto; capacidade; ³ pilha: montão de coisas; grande quantidade; ⁴ borrifar: orvalhar; aspergir; ⁵ estrias: sulcos.

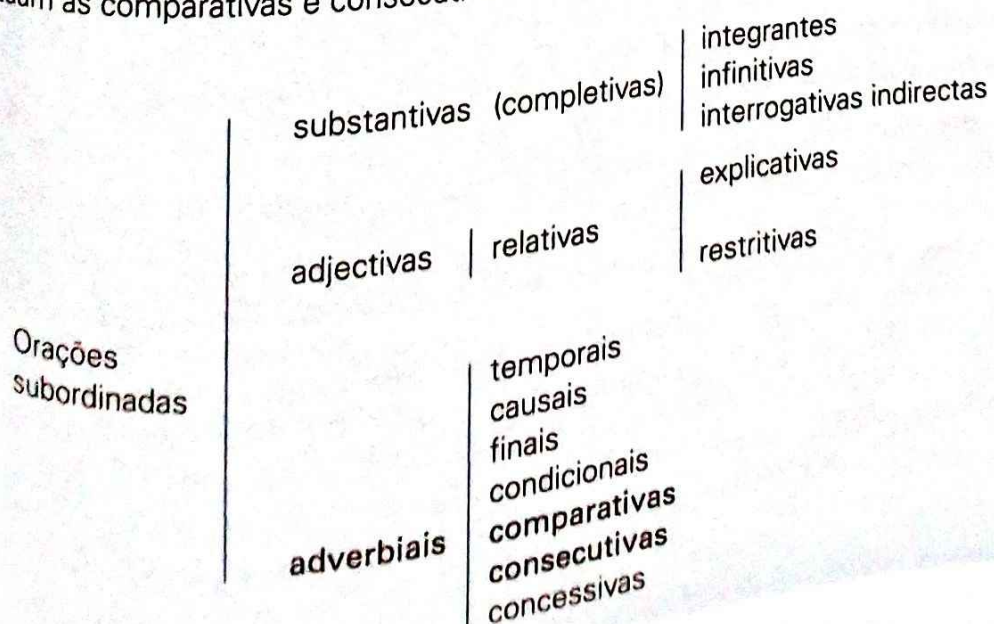
ESCREVER

Percebeste todo o processo da feitura de um utensílio a partir do barro? Agora, tu, servindo-te da técnica de desenho que aprendeste em Educação Visual, elabora um catálogo de instrução que mostre todos os passos da feitura de um utensílio a partir do barro.

FUNCIONAMENTO DA LINGUA

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS COMPARATIVAS E CONSECUTIVAS

Antes de estudarmos as orações comparativas e consecutivas, importa-nos apresentar o esquema geral da orações subordinadas e visionar, particularmente, o lugar onde se situam as comparativas e consecutivas.



ORAÇÕES COMPARATIVAS

As orações comparativas estabelecem uma comparação com a subordinante.

Exemplo:

Ela trabalha *como* uma mula.

A oração comparativa pode exprimir:

- **Simple comparison:** *Trabalho mais este ano do que trabalhei no ano passado.*
- **Similarity or equality:** *Estas peças são como as nossas vidas.*
- **Hypothetical comparison:** *Faz aos outros como desejarias que te fizessem a ti.*

N. B.:

1 – A oração comparativa pode, às vezes, apresentar-se sem conjunção ou sob a forma elíptica:

Assim o disse, assim o fez (= fê-lo como o disse)

Tal pai, tal filho (= o filho é como o pai)

2 – Na oração subordinada omite-se o verbo, se ele for o mesmo da subordinante (*Sinto-me hoje empreendedor, como tu* (te sentiste) *ontem*).

ORAÇÕES CONSECUTIVAS

Indicam uma consequência (o facto indicado na subordinada é consequência do enunciado na subordinante).

A oração consecutiva é introduzida por **que** precedido do advérbio **tão**, do adjectivo ou das locuções **de maneira**, **de tal modo**, etc., e tem o verbo no modo indicativo ou no conjuntivo, segundo exprime uma *realidade* ou uma *concepção*.

Exemplo:

Choveu tanto que não pudemos trabalhar.

Caiu tanta chuva que as barragens se encheram.

N. B.:

1 – Quando a subordinante vem em segundo lugar, às vezes omite-se o **que** (*Não pude trabalhar, de tal maneira perdi o prémio*).

2 – O **que** relativo é sempre correlativo de advérbios ou de expressões adverbiais: *tal que, tanto, de tal maneira, de tal forma*, etc.

FERREIRA, Gomes, FIGUEIREDO, Nunes de, *Compêndio de Gramática Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1997

BORREGANA, António, *Gramática Universal – Língua Portuguesa*, Lisboa, Texto Editora, 1996

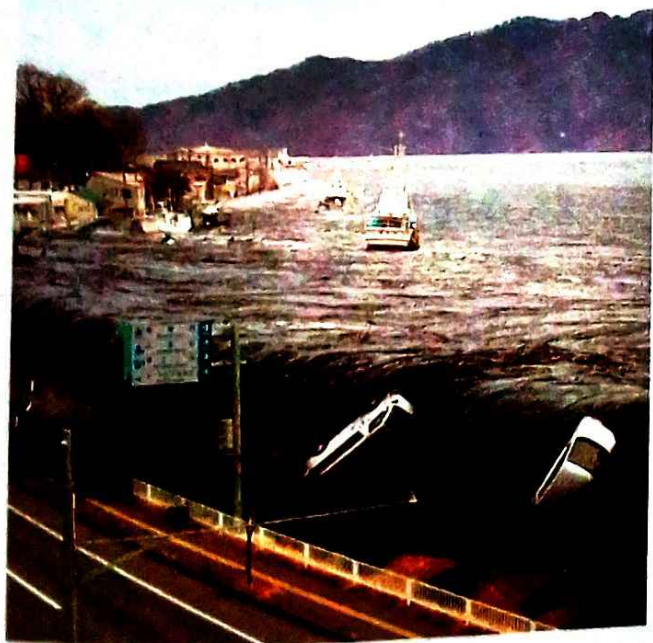
O que falhou no melhor sistema de alerta de tsunamis?

As sirenes soaram três minutos depois do sismo, mas as obras nas zonas costeiras subestimaram a força da natureza

6 **A** final, o que falhou no sistema de prevenção e alerta de tsunamis no Japão? É verdade que é o sistema mais avançado do mundo, mas também é verdade que o tsunami matou, provavelmente, mais de 20 mil pessoas. E o Banco Mundial revelou esta semana que foi o desastre natural mais caro de sempre, com prejuízos de 212 mil milhões de euros.

10 Analisando a cronologia da catástrofe, pode-se dizer que o alerta do tsunami funcionou bem. Assim, 20 segundos depois do terramoto ocorrer, a cerca de 130 km ao largo de Sendai, a primeira estação sísmica japonesa registou-o, embora com alguma margem de erro – mediu 7.9 na escala de Richter, quando o sismo atingiu 9.0 de magnitude. Três minutos depois, as sirenes de aviso de tsunami soavam em toda a região costeira do nordeste do Japão.

15 Só que a gigantesca massa de água com 10 metros de altura estava perto demais e, por isso mesmo, os habitantes de Sendai só tiveram 12 minutos para fugir. Mesmo bem-educados e organizados por uma cultura habituada a enfrentar este tipo de catástrofes, muitos nada puderam fazer. Na realidade, só poderiam ter sido salvos de helicóptero. Além de mais, a distância de penetração do tsunami foi muito grande: houve zonas onde entrou 10 km pela terra dentro.



20 Maria Ana Baptista, a maior especialista portuguesa em tsunamis, não tem dúvidas: “Não era possível detectar a grande magnitude do sismo em menos tempo, até porque o Japão tem o melhor sistema de detenção do mundo, com a última tecnologia disponível”.

25 O alerta funcionou bem, mas as medidas preventivas não. Maria Ana Baptista explica porque: “O que falhou mesmo foram as muralhas de defesa contra os tsunami construídas nas zonas costeiras, que acabaram por ser derrubadas, pois não tinham sido dimensionadas para enfrentar ondas de 10 m”.

35 Entretanto, 33 países (incluindo Moçambique) participaram na passada semana no primeiro exercício de simulação em larga escala de um sistema de alerta de tsunamis nas Caraíbas. Até à catástrofe de Sumatra (Indonésia), em 2004, a região do Pacífico era a única que tinha um sistema de alerta global. Desde então, a UNESCO promoveu a criação de sistemas no Índico, no nordeste do Atlântico (Caraíbas) e na região do nordeste do Atlântico e Mediterrâneo.

TRAGÉDIA NO JAPÃO

Após terramoto e tsunami, Japão luta para evitar desastre nuclear

Engenheiros japoneses trabalham para evitar um desastre nuclear na usina de Fukushima, que foi gravemente danificada durante o terramoto de sexta-feira.

Na usina, localizada na costa nordeste, a 200 quilómetros de Tóquio, técnicos procuram regular a água do mar nos reactores nucleares para tentar controlar a temperatura, já que o superaquecimento pode provocar explosões e acidentes.

Os responsáveis pela instalação afirmaram que o nível de radiação excedeu o limite legal durante algum tempo.

No sábado, uma explosão destruiu o tecto do prédio onde se encontra o reactor e ainda havia riscos de novos problemas acontecerem neste Domingo.

O governo japonês admitiu que outro acidente pode ocorrer, mas nega que isso causaria um vazamento de radiação. Duas outras usinas nucleares, Onagawa e Tokai, também registaram problemas.

Pior crise

Na manhã deste Domingo, o governo japonês afirmou que o país enfrentava o seu maior desafio em 65 anos.

Embora o número oficial de mortos seja de 1500 pessoas, a polícia estima que mais de 10 mil pessoas possam ter morrido apenas na região de Miyagi, uma das mais afectadas pelo tremor e pelo tsunami que devastaram a costa leste do país na sexta-feira.

Centenas de milhares de pessoas estão alojadas em abrigos em várias partes do país. Segundo o governo, algumas regiões já se deparam com a falta de água, de alimentos e de combustível.

Muitos também estão sem electricidade – 30% da energia do país vêm de usinas atómicas.

Alerta mundial

A ameaça de um grande acidente nuclear no Japão trouxe à tona preocupações em outros países no que diz respeito à segurança desse tipo de instalação.

Na Alemanha, a chanceler Angela Merkel descreveu a crise no Japão como um momento decisivo para o mundo. Segundo ela, os padrões de segurança nas usinas nucleares alemãs serão revistos.

O discurso de Merkel foi feito após um protesto que, na véspera, reuniu dezenas de milhares de manifestantes que criticavam o projecto do governo de ampliar o uso dos reactores nucleares do país.

Nos Estados Unidos da América, o senador Joe Lieberman afirmou que Washington precisa de interromper o desenvolvimento de usinas nucleares até que as lições do que ocorreu no Japão sejam aprendidas.

SUNAMI E UMA TEOLOGIA DA COMPAIXÃO

Assisti, com assombro, às imagens do terramoto e do tsunami no Japão. A força do abalo sísmico e o poder das ondas gigantes engolindo tudo de modo avassalador impressionam. Admira-me, também, a capacidade que os japoneses têm de lidar com eventos desse tipo, o preparo que o país tem para diminuir os efeitos dessas catástrofes. Se fosse num país pobre, centenas de milhares teriam morrido. Mesmo assim é triste ver que muitos morreram e alguns milhões estão numa situação precária.



Não tenho dúvida de que eles se conseguirão reerguer. Um país que já passou por várias tragédias naturais, crises financeiras severas e por duas bombas atômicas, vai recuperar-se. Triste mesmo é para as famílias que perderam quem amavam. Para estas, ainda que o país, como um todo, se recupere, o lamento pela perda e a dor por quem se foi vai continuar.

Por outro lado, fico devastado com as afirmações de que Deus desejou tal tragédia para que pessoas se rendam a Jesus e, no fim, tudo redunde em glória para Si. Chego a ver sangue nos olhos de quem sente certo gozo com acontecimentos como o do Japão, vociferando que são “apenas” cumprimento de profecias bíblicas. Não há compaixão pelas pessoas, apenas contentamento em reafirmar “verdades” inquestionáveis. Lamento.

Lamento que, em nome de Deus, se digam palavras tão agressivas e tão desprovidas de compaixão, de amor, que é a essência de Deus, que, no momento de se tornarem gigantes de misericórdia e solidariedade, se apequenam, tentando defender a ideia de um Deus que determina tragédias e cuja glória se alimenta da dor das pessoas. Esse é um ídolo, não Deus.

Admitir que Deus esteja determinando tudo o que acontece e que nada foge ao seu controle é jogar na conta de Deus todo o mal do mundo. Se assim fosse, o estupro de uma criancinha seria querido e determinado por Deus, para sua glória. A morte de um filho ainda moço seria algo que redundaria em um bem maior, mesmo que o seu pai já fosse um homem piedoso. A fome em países africanos, ou na periferia de nossa cidade, seria algo da vontade de Deus. E não é. Pelo menos não é da vontade do Deus Pai de Jesus Cristo, pleno de amor, que nos chama à compaixão e à solidariedade.

SILVA, Márcio Rosa da, 11 de Março de 2011
<http://marciorosa.wordpress.com/2011/03/11/tsunami>,
consultado a 20 de Agosto de 2011

1. Compara os textos I, J e K nos aspectos apresentados na tabela:

Linhas de leitura	Texto I	Texto J	Texto K
Tipo de texto			
Tema/assunto			
Função de linguagem dominante			
Mancha gráfica			

2. Presta atenção ao texto K "Tsunami e uma teologia da compaixão" – o autor comenta significados teológicos que as pessoas deram à ocorrência do tsunami no Japão. As tradições africanas também relacionam os desastres ecológicos com fenómenos sobrenaturais. Acreditas em mitos sobre as secas, chuvas torrenciais, ciclones, terremotos, etc.? Elabora um texto argumentativo em que defendas o teu ponto de vista.

3. Lembras-te de algum desastre natural ocorrido na província onde vives? Elabora, criativamente, uma crónica jornalística sobre as consequências desse acontecimento.



1 Textos Literários

Objectivos Específicos

- Identificar o modo dramático
- Analisar textos dramáticos e localizar o tempo e no espaço
- Distinguir rituais dos textos *Nyau* e *Impitso*
- Diferenciar as características linguísticas dos textos dramáticos moçambicanos dos outros não moçambicanos
- Identificar personagens e ações nos textos estudados
- Identificar os diferentes estádios da língua representados pelos diferentes textos
- Reconhecer as figuras de sintaxe presentes no texto
- Produzir textos dramáticos e organizar esboços de pequenas encenações sobre combate à estigmatização de pessoas vivendo com HIV/SIDA
- Dramatizar textos orais tradicionais moçambicanos

Faviane da Ilha de Moçambique



TEXTOS LITERÁRIOS

Texto Dramático

Texto A

É preciso que percebamos o texto a vários níveis, porque, ao tratar-se de uma obra dramática, o funcionamento da imaginação é fundamental. Um texto dramático é, por definição, um texto incompleto. Que exige que o actor cumpra o que não está lá escrito. O actor tem de ser autor.

CINTRA, Luís Miguel (actor e encenador português)

FALAR

1. Já foste alguma vez ao teatro?
 - 1.1. Se sim, gostaste/não gostaste? Porquê?
2. Consideras que ir ao teatro ou ver teatro na televisão é a mesma coisa? Porquê?
3. Que actores conheces?
4. Já participaste em alguma encenação teatral?
 - 4.1. Conta-nos a tua experiência.

Lê este excerto de uma peça de um dramaturgo português dos fins do século XV e princípio do século XVI.

Texto B

AUTO DA BARCA DO INFERNO

Vem um fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

Fidalgo: Esta barca onde vai agora que está pronta para partir?

Diabo: Vai para a Ilha Perdida.

Fidalgo: Parece-me isso cortiço.

Diabo: Porque a vedes lá de fora.

Fidalgo: Porém, a que terra passais?

Diabo: Para o Inferno, senhor.



Fidalgo: E passageiros achais para tal habitação?

Diabo: Vejo-vos eu apropriado para ir para o Inferno.

10 Fidalgo: Deixo na outra vida quem reze sempre por mim.

Diabo: Hi hi hi hi, hi hi hi.

E tu viveste a teu prazer
pensando cá salvar-te
porque rezam lá por ti?

15 Embarca ou embarcai.
Mandai meter a cadeira
que assim passou vosso pai.

Fidalgo: Não há aqui outro navio?

Diabo: Não, senhor, que este fretaste

20 Fidalgo: Vou para aquela outra barca.

Hou da barca!...Para onde is?...

Ah barqueiros! Não me ouvis?

Respondei-me! Ou lá, hou!

Realmente, estou bem arranjado!

25 Quanto a isto é já pior...

Que burros!

Pensam que sou grou?

Anjo: Que quereis?

Fidalgo: Que me digais,

30 pois parti tão inesperadamente
se a barca do Paraíso
é esta em que navegais.

Anjo: Esta é. Que quereis?

Fidalgo: Que me deixeis embarcar.

35 Sou fidalgo de linhagem,
é bem que me recolhais.

Anjo: Não se embarca tirania
neste batel divinal.

Fidalgo: Não sei porque haveis por mal
40 que entre a Minha Senhoraia.

Anjo: Para a vossa vaidade
muito estreita é esta barca.

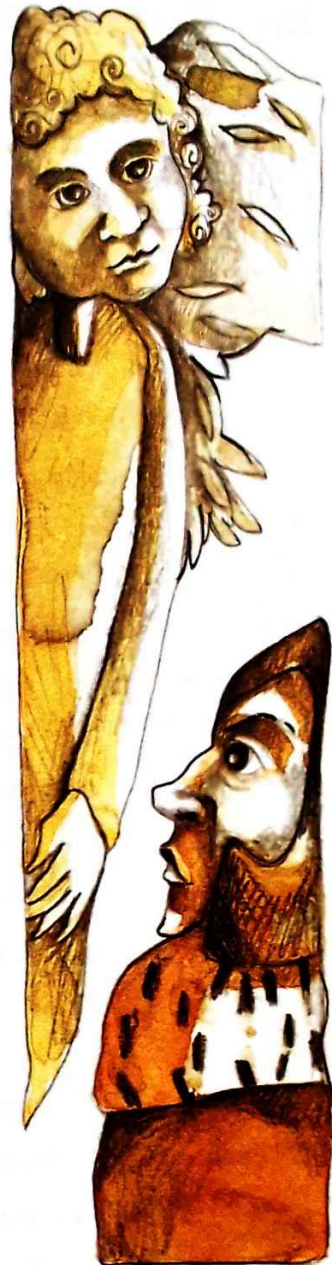
Fidalgo: Para senhor de tal marca
não há aqui mais cortesia?

45 Venha a prancha e ornamentos.
Levai-me desta ribeira!

Anjo: Não vindes vós de maneira
para entrar neste navio.

50 Aquele vai mais vazio;
a cadeira entrará,
e o manto caberá,

e todo o vosso senhorio.
Vós ireis mais à vontade
com presunçosa senhoria



55 pensando na tirania
do pobre povo queixoso;
e porque, de generoso,
desprezastes os pequenos,
achar-vos-eis tanto menos
60 quanto mais fostes vaidoso.
Fidalgo: Ao Inferno, todavia!
Ó triste! Enquanto vivi,
não pensei que o havia
achei que era imaginação
65 julgava ser adorador;
confiei em meu estado,
e não vi que me perdia.

VICENTE, Gil, *Auto da Barca do Inferno*,
Porto, Porto Editora, 1975
(texto adaptado e com supressões)

O *Auto da Barca do Inferno* foi representado pela primeira vez em 1517. Neste texto, são tecidas críticas à sociedade desse tempo, embora alguns dos temas abordados sejam ainda actuais.

Cada uma das personagens retratadas representa uma classe social, ou uma determinada profissão ou mesmo crença. Todas elas trazem elementos simbólicos que as identificam, por exemplo, o Fidalgo traz um manto e é acompanhado pelo pajem que transporta uma cadeira de espaldar.

Estes elementos simbolizam a opressão, a tirania, a vaidade e a presunção.

1. Escolhe a resposta correcta.

1.1. O teatro vicentino evoca certos tipos sociais. Personagens-tipo são aquelas que:

- a. representam grupos sociais;
- b. criticam males sociais;
- c. personagens de um só tipo;
- d. personagens especiais.

1.2. No texto, a personagem-tipo é:

- a. o anjo;
- b. o diabo;
- c. o fidalgo;
- d. nenhuma delas.

Justifica a tua resposta.

2. Logo no início, o Diabo informa o Fidalgo que a Barca ia para a Ilha Perdida.

2.1. Que figura de estilo utilizou o Diabo?

2.2. Caracteriza psicologicamente esta personagem.

3. O Fidalgo dirige-se à outra barca: "hou da barca... Para onde is?"

3.1. Com que fim se dirige o Fidalgo à outra barca?

3.2. Que nível de linguagem emprega ele enquanto o Anjo não lhe responde?

3.2.1. Esta não é a linguagem própria de um Fidalgo. Por que motivo será utilizada?

4. A que argumento recorre o Fidalgo para o deixarem embarcar na outra barca?

4.1. Parece-te um argumento convincente? Porquê?

5. Analisa a linguagem utilizada no texto e compara-a com a actual.

Tem atenção sobretudo aos tempos verbais, ao léxico e à construção sintáctica.

6. Estás perante um excerto com partes que provocam o riso.

6.1. Como é que Gil Vicente cria situações cómicas? Exemplifica algumas dessas situações.

FIGURAS DE SINTAXE

O texto nem sempre é organizado conforme as normas da sintaxe. Há, com frequência, desvios sintáticos e concordâncias irregulares que imprimem características peculiares à construção linguística.

Podem ser por:

1. **omissão** – assíndeto, elipse e zeugma;
2. **repetição** – anáfora, pleonasma e polissíndeto;
3. **inversão** – anástrofe, hipérbato, sínquise e hipálage;
4. **ruptura** – anacoluto;
5. **concordância ideológica** – silepse.

1. Omissão

1.1. Assíndeto

É a ausência de conjunções coordenativas entre palavras de uma frase ou entre orações de um período.

Exemplo:

O teatro é uma forma de educação, cultura, transmissão de experiências.

1.2. Elipse

É a omissão de um termo ou oração que facilmente se pode subentender no contexto.

Exemplo:

Apareceu no palco sem pinturas, em vestido leve, sandálias coloridas (elipse de veio e da preposição de).

1.3. Zeugma

É a omissão de um termo anteriormente usado no contexto linguístico. Trata-se de uma forma de elipse.

Exemplo:

Nos negócios dele eu nunca interfiro; nos meus não quero palpites.
(Houve omissão – nos meus negócios não quero palpites).

2. Repetição

2.1. **Anáfora**: É a repetição intencional de palavras no início de um verso.

Exemplo:

*Depois o areal extenso
Depois o oceano de pó*

Castro Alves

2.2. Pleonasma: É a repetição de termos com o objectivo de reforçar uma determinada ideia.

Exemplo:

*Ouvi com os meus próprios ouvidos.
É preciso encarar o problema de frente.*

2.3. Polissíndeto: É a repetição de conjunções coordenativas com o objectivo de enumerar determinadas ideias, objectos,...

Exemplo:

Tudo o que ele procura é sucesso e fama e dinheiro e poder e glória.

3. Inversão

3.1. Anástrofe

Consiste na inversão da ordem natural dos termos da frase, isto é, o adjectivo antecede o substantivo, o objecto antecede o verbo, o verbo precede o sujeito.

Exemplo:

Aos inimigos darei todo o desprezo (= darei aos inimigos)

3.2. Hipérbato

É a inversão completa de membros da frase.

Exemplo:

Passeiam à tarde, as belas na Avenida.

Carlos Drummond de Andrade

(= As belas passeiam na Avenida à tarde)

3.3. Síquise

É a inversão de tal modo violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua compreensão.

Exemplo:

*Lícias, pastor – enquanto o sol recebe,
Mungindo, o manso armento e ao largo espraia,
Em sede abrasa, qual de amor por Febe,
– Sede também, sede maior, desmaia*

Alberto de Oliveira, Taça de Coral

Entenda-se

“Lícias, pastor – enquanto o manso armento recebe o sol e, mungindo, espraia ao largo –, abrasa em sede, qual desmaia de amor por Febe, sede também, sede maior”

3.4. Hipálage

Ocorre uma hipálage quando há inversão da posição do adjectivo: uma qualidade de um objecto é atribuída a outro, na mesma frase.

Exemplo:

As lojas loquazes dos barbeiros (= as lojas dos barbeiros loquazes)

Eça de Queirós

4. Ruptura

4.1. Anacoluto

O anacoluto, conhecido também como frase quebrada, consiste numa quebra abrupta de construção no meio do enunciado. Surge, assim, na frase um termo que não apresenta ligação lógica com as palavras seguintes.

Exemplo:

*As crianças, quando será que tudo se normalizará?
Essas empregadas de hoje, não se pode confiar nelas.*

5. Concordância Ideológica

5.1. Silepse

É a concordância que se faz com o sentido da palavra, deixando-se as regras gramaticais.

A silepse pode ser:

- Género

Exemplo:

Vossa Alteza foi justo. (Justo concorda com o género da pessoa e não com o pronome de tratamento).

- Número

Exemplo:

O grupo de dança apresentou-se no Cine - África. Dançaram como nunca. (Dançaram concorda com a ideia de quantidade expressa pelo colectivo).

- Pessoa

Exemplo:

*Os cidadãos moçambicanos somos ordeiros e trabalhadores.
Todos saímos imediatamente quando soou o alarme de incêndio.*
(Os verbos ser e sair deviam concordar com os "moçambicanos" e " todos "; mas o autor inclui-se entre os "cidadãos" e "todos" indo o verbo para a 1.ª pessoa do plural.

APLICAR

1. Retira do texto exemplos das figuras de estilo que estudaste até agora.
2. Constrói quatro frases nas quais descrevas o Fidalgo e o Diabo, utilizando as seguintes figuras de sintaxe: assíndeto, anáfora, pleonasma e hipérbato.
3. Identifica as figuras de sintaxe presentes nos seguintes exemplos:
 - a. Lavava roupas da baixa, usava, lavava outra vez, levava. (Luandino Vieira)
 - b. Fumar um silencioso charuto.
 - c. Fazer uma breve alocução.
 - d. Ser o principal protagonista.

Moçambique cultivou e continua a cultivar a arte dramática, quer seja através de peças representadas pela companhia de teatro Gungu, pela Mutumbela Gogo entre outras, quer através de danças como o Nyau e o Mapico.

texto C

NYAU



Nyau é uma dança exótica praticada por homens da comunidade chewa ou nyanja. Ao ritmo de tambores e coro das canções de mulheres, os dançarinos aparecem com vestes cheias de ornamentos produzidos de tiras de trapos, pedaços de sacos, fibras de árvores, penas de águia ou avestruz, entre outros materiais susceptíveis de produzir adereços típicos.

A dança nyau ou gule wankulu, como é também conhecida, pratica-se a ritmo rápido e estonteante de tambores acompanhados do coro das canções das mulheres. Os dançarinos usam máscaras e, tradicionalmente, apresentam-se com o corpo nu besuntado de cinza, lama vermelha ou branca, cores que, entre os praticantes, possuem significados tradicionais diferentes em função do contexto em que a dança é feita, se é nos ritos de iniciação, funerais ou entretenimento.

Nyau é mais do que um simples conjunto de danças, é um estilo de vida que foi criado para desenvolver um grupo coeso de pessoas, disciplinadas e cooperativas entre si. Há muitos segredos e muitas coisas ocultas ao grupo, graças à sua discrição e pouco acesso que as pessoas de fora têm.

As máscaras representam animais ou sátiras de humanos. Os gritos soam imitando os animais.

Um membro do nyau começa desde pequeno a ser educado nesse sentido. A iniciação e grande parte do seu desenvolvimento começam no meio da floresta, onde ninguém tem acesso.

M APICO

O Mapico é o acontecimento mais importante na vida social da cultura Maconde, província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique.

Manifesta-se por um conjunto muito variado de danças, que podem durar apenas algumas horas ou um dia completo, em que um ou mais dançarinos mascarados representam espíritos de homens, animais ou de outros seres não diferenciados, através de coreografias espectaculares e violentas que, em tempos idos, procuravam dominar pelo medo as mulheres e os jovens não iniciados, por forma a manter a disciplina e o respeito necessário à harmonia e segurança do grupo, e hoje têm mais o objectivo de manter vivas as suas tradições culturais e a união do povo.

Os Macondes chamam mapico às danças, à música, ao mascarado e ao conjunto de máscaras. Cada máscara lipico (singular de mapico) é única e representa uma personagem específica dos muitos quadros ou cenas que podem compor o mapico.

O mapico é, pois, mais do que uma simples dança, uma representação que entrelaça a música, a dança, o canto, a representação e até a ginástica.

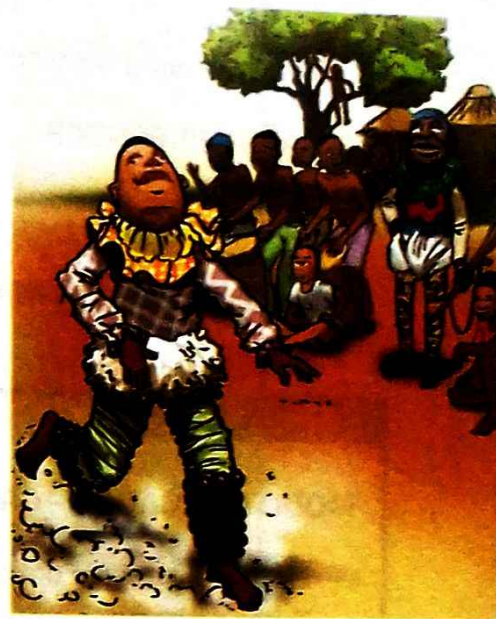
Há quadros lúdicos ou burlescos, cuja função é atrair, entusiasmar e divertir a assistência, quadros pedagógicos, para transmitir a tradição oral, quadros repressivos para incutir disciplina e respeito. Algumas destas cenas são apenas realizadas durante a noite, tal como as danças que apresentam espíritos de feiticeiros ou de animais ferozes e que têm um carácter mágico – religioso.

Para os Macondes, o mapico sempre existiu, ou seja, é mais antigo que a sua tradição oral. As ocasiões mais apropriadas para o mapico são os dias festivos das cerimónias de iniciação, tanto masculina como feminina. Hoje em dia, qualquer festividade serve para justificar a dança, sempre diferente, sempre violenta e, por vezes, motivo de disputa entre dançarinos e grupos rivais.

O mapico compõe-se, no mínimo, dos seguintes elementos:

1. A orquestra, formada por um conjunto de tambores de madeira e pele de antílope ou de caprino e, por vezes, por uma trompa de corno de antílope.
2. A assistência, que se vai juntando no terreiro da aldeia e que se agrupa formando um largo corredor, onde o mascarado irá dançar, com os músicos num extremo e aberto no outro extremo para o dançarino entrar.

3. O dançarino, figura central, em redor da qual se desenrola toda a acção, com o corpo todo coberto por um fato de pano, obedecendo a preceitos próprios, um colete de corda com chocalhos e a máscara que lhe envolve a cabeça como um elmo.



4. O coro, formado por um grupo de mulheres e outro de homens, colocados frente a frente. Nos intervalos das actuações do dançarino, dançam e cantam cantigas provocatórias, quer provocando-se mutuamente, quer provocando os mascarados ou as populações das aldeias vizinhas.

O mapico é, realmente, o elemento aglutinador da cultura Maconde.

SILVA, José Santos, 2005, <http://mascarasdaafrica.com.sapo>, consultado a 12 de Setembro de 2011

LER – COMPREENDER

1. Compara o nyau e o mapico.
2. Explica, por palavras tuas, o ritual que acompanha o nyau e o mapico.

SABER MAIS

MODO DRAMÁTICO – CARACTERIZAÇÃO

O mundo inteiro é um palco
 Todos os homens e mulheres não passam de actores
 Têm as suas entradas e as suas saídas;
 E na sua vida um homem desempenha muitos papéis.

Shakespeare

“Acção,” em Grego, associa-se à representação teatral distinguindo-se, assim, da epopeia, a outra forma literária igualmente assente na imitação de acções.

1. História

O teatro nasceu quando o homem teve necessidade de comunicar por gestos, danças e pela modulação da voz o que sentia e pensava. É, pois, tão velho como o próprio homem.

A arte dramática é aquela que se encontra, portanto, mais ligada ao nosso dia-a-dia.

Durante a Antiguidade, o teatro dividiu-se em tragédia e comédia tendo sido Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes os seus maiores representantes.

Gil Vicente foi o primeiro dramaturgo português.

2. Modalidades

O género dramático compreende as seguintes modalidades:

2.1. Tragédia

É a representação de um acontecimento trágico. As personagens devem ser de elevada condição social (heróis, reis, deuses). A linguagem deve ser elevada e o final deve ser trágico (terminando, geralmente, com a morte). William Shakespeare, autor de *Romeu e Julieta*, *Hamlet* e *Otelo*, entre outros, foi o mais conhecido cultor desta modalidade.

2.2. Drama

Apresenta um conflito sem a grandiosidade da tragédia. Tem como tema os problemas do homem contemporâneo.

2.3. Comédia

É uma representação que faz uso do humor. É, actualmente, uma poderosa arma de crítica social, política e económica.

2.4. Farsa

A farsa, ao contrário da comédia, não tem preocupações com a verosimilhança, procura apenas o humor. É uma pequena peça teatral, centrada numa intriga simples inspirada, normalmente, em cenas familiares e do quotidiano.

2.5. Tragicomédia

Como o nome indica, é a mistura da tragédia com a comédia.

3. A Representação e a obra Teatral

“Para que uma peça seja representada, são necessários vários elementos, além do autor que escreveu o diálogo, criou as personagens e urdiu a acção. Esses elementos são: os actores, o guarda-roupa, o cenário, a iluminação, o som e a música. Com estes elementos consegue-se um espectáculo completo, capaz de levar o espectador a esquecer a realidade que o cerca e a transferir-se, por algum tempo, para uma atmosfera diferente, em convívio com personagens que a arte foi capaz de criar.”

CARVALHO, M. Leonor, *Dizer e Representar, Língua Portuguesa, 12.ª classe, Angola, Porto Editora*

4. O teatro Contemporâneo em Moçambique

O teatro, como já foi dito, faz parte da vida e em Moçambique, particularmente, está associado à dança. É um meio de comunicação social versando sobre os mais variados problemas que possam interessar ao homem no mundo de hoje.

4.1. Linguagem

A linguagem deve ser, tanto quanto possível, identificável com a do destinatário, acessível, portanto, a todas as camadas sociais do público. Deve-se ainda ter em atenção a interpretação dos factos da vida real para maior sensibilização das pessoas, procurando, inclusivamente, encontrar uma solução para problemas concretos.

4.2. O Teatro na Prevenção da Sida em Moçambique

O mundo possui cerca de 22 000 000 de pessoas infectadas pelo HIV. África tem a mais alta prevalência de taxa de HIV no mundo. Em Moçambique, estima-se que mais de 600 mil pessoas estejam infectadas com o HIV/SIDA e destes mais de 15 mil adquiriram já a doença. A rede escolar é ainda deficiente e, como consequência, o nível de analfabetismo é grande. Assim, a comunicação privilegia a dança, a mímica e o teatro.

O teatro tem, pois, prestado um grande apoio na mudança de comportamento da população, motivando-a a aceitar os conselhos divulgados pelas várias campanhas de combate ao HIV/SIDA.

Uma peça que teve grande aceitação intitula-se "Só a vida oferece flores". Inicialmente, o espectáculo começou em Maputo, apresentado pelo Mutumbela Gogo. Seguiu depois para Sofala, Manica e Tete. Foram feitas mais de 800 apresentações.

Foi, em 1997, transformada em fotonovela. Ela toca as emoções básicas, valorizando os valores da família e a auto-estima.

APLICAR

1. Comenta, por escrito, a citação de Shakespeare, presente no "Saber Mais" da página 214, apoiando-te na informação que te foi fornecida.
2. Faz o levantamento das companhias de teatro que conheces em Moçambique e, em seguida, resume uma das peças a que tenhas assistido, ressaltando a mensagem transmitida.

Como viste, anteriormente, uma importante forma de combate ao HIV/SIDA é o teatro. Propomos-te uma peça.

Texto E

Q

UÍLOA



NARRADOR – Nesta peça, as personagens centrais, Patrão Mateus e Quíloa, representam grupos da nossa sociedade. O Patrão Mateus é senhor de vida confortável, empresário reconhecido e proprietário do maior restaurante do Bairro Natite, e Quíloa, uma jovem linda, órfã, toma as rédeas da família ainda cedo, para sustentar três irmãos mais novos, avô e sobrinha órfã.

E ainda, nesta peça, o MAL INCONDICIONAL é representado pela PROSTITUIÇÃO e pela SIDA.

(PRIMEIRA CENA DO RESTAURANTE)

NARRADOR – Está Quíloa junto ao portão do restaurante. A elegância da jovem chama a atenção do Patrão Mateus. Este aproxima-se da jovem.

PATRÃO MATEUS (com ar delicado) – Que fazes por aqui, menina?...

QUÍLOA (tímida) – Estou a pedir alguns restos para comer. Posso lavar pratos, copos...

PATRÃO MATEUS – Calma, menina. Entra... Vem, entra! (Em tom de insistência). Como te chamas? (Pergunta puxando-a pela mão)

(Instantes depois de se apresentarem).

PATRÃO MATEUS – Fica à vontade. Vais comer tudo o que quiseres. Isto tudo me pertence!

QUÍLOA – Não, senhor... eu não quero tudo para mim, quero ajudar a minha família que já não come há dois dias. Tenho gente sem forças por cuidar.

PATRÃO MATEUS – Percebo... Olha, menina, a ti eu dou tudo o que quiseres, mas para a tua família... vais ter que pagar.

QUÍLOA – Eu já disse que não tenho como...

PATRÃO MATEUS – Ora, miúda, pagas com trabalho!

QUÍLOA – Sim, eu posso lavar a louça, lavar toalhas, limpar o chão...

PATRÃO MATEUS – Não, Quíloa, não! Sinto muito, mas já tenho trabalhadores que fazem tudo isso. E eles são tão carentes quanto tu... precisam do trabalho que fazem, percebes?

QUÍLOA – Ajude-me, senhor...

PATRÃO MATEUS – Mas eu quero ajudar-te... quero dar-te um emprego... mas o trabalho que tens que fazer é outro... bem, assim... diferente, percebes? Garanto-te que não custa nada.

QUÍLOA – Posso fazer, sim. Qual é?

PATRÃO MATEUS – Calma... Tu tens namorado, Quíloa?

QUÍLOA – Sim, senhor! Mas, o que isso tem a ver?...

PATRÃO MATEUS – Nada. Basta esqueceres-te dele quando estiveres por aqui. Assim ganhas muita comida boa, dinheiro... Tudo de bom, e nunca restos. Isso vai dar para a tua família engordar, ha, ha, ha...(Risos).

NARRADOR – Quíloa percebeu o trabalho que tinha de fazer. Era prostituir-se. Recusou-se e saiu correndo.

Passaram alguns dias. Quíloa não conseguiu comida alguma. Mal dormia. Pensava, pensava, pensava. Chegava o dia seguinte e nada encontrava. Voltou ao senhor do restaurante...

(SEGUNDA CENA DO RESTAURANTE)

QUÍLOA – Senhor, aceito o serviço... mas prometa, mais tarde, arranjar-me um trabalho de verdade...

PATRÃO MATEUS – (Muito sério) – Claro! Arranjo! Arranjo um bom trabalho com os meus amigos.

NARRADOR – A nossa rapariga passa a servir o Patrão Mateus. Mas é muito difícil encarar aquela situação, por isso fá-lo discretamente. Passaram dois meses, Quíloa descobre que está grávida.

(TERCEIRA CENA DO RESTAURENTE)

QUÍLOA – Senhor, estou grávida.

PATRÃO MATEUS – Menina, eu não te contratei para ter filhos! Não

55 soubeste controlar-te...

QUÍLOA – Mas...

PATRÃO MATEUS (Interrompendo-a com ar irónico) – Espero que não tenhas deixado o teu namorado...

QUÍLOA – O Nando? Ele soube desta história e não me quer ver.

60 PATRÃO MATEUS – Tu é que falhaste! Disse-te para seres discreta. Puseste a boca no trombone, o que esperavas? Hein? Que esperavas? Que o tal de Nandinho dissesse: “Boa, Quíloa, vamos dar o golpe?... (Soluços da Quíloa). Agora vai. Pára de choramingar. Diz a esse teu miúdo que esperas um filho dele. É tudo o que tens a fazer... vai, vai!

65 QUÍLOA – O quê?

PATRÃO MATEUS – O que ouviste. Tens aqui o pagamento do último trabalho que fizeste (tirando um volumoso maço de notas do bolso). Agora põe o rabo a mexer daqui. Eu não te conheço.

NARRADOR – Desesperada, Quíloa volta para casa. Passam três meses.
70 Já não tem dinheiro. A moça dirige-se, agora a casa do Sr. Mateus. D. Penélope, a esposa do Sr. Mateus, atende-a. Quíloa contou-lhe o sucedido. Aquilo não surpreendeu Penélope. A senhora leva a rapariga para a rua, longe de casa.

(CENA NA RUA)

D. PENÉLOPE – Menina, há quanto tempo estás assim?

75 QUÍLOA – Há mais ou menos quatro meses.

D. PENÉLOPE – Os exames, fizeste-os? Estás com saúde, tu e o bebé?

QUÍLOA – Fi-los todos. Por isso fiquei sem nenhum dinheiro. Quero uma ajuda.

D. PENÉLOPE – Perguntei se te saíste bem nos exames?

80 QUÍLOA – Estou bem, obrigada.

D. PENÉLOPE – Então procura o teu namorado, o tal Nando de que falaste.

QUÍLOA – Não...

D. PENÉLOPE – Vai. Procura-o. O filho que esperas só poderá ser dele. O meu marido é seropositivo. Eu também sou, há dez anos (deixando escapar
85 uma lágrima). Tu estás sã, o teu filho também. É provável que o Nando também esteja. (Quíloa sorriu, mas chorou pela má sorte de Penélope).

Toma. Leva este dinheiro. Faz um negócio para ti, para o bebé e para a tua família. Depois, mais tarde, podes devolver. Sei que serás capaz. Sê feliz. Não voltes a bater com a cabeça!

90 QUÍLOA – Deus lhe dará saúde! Eu sei.

NARRADOR – A história de D. Penélope convence Nando. Ele aplica o dinheiro no seu ofício. Meses depois, nasce a filhinha do jovem casal. Um ano depois, Nando torna-se no maior fabricante de mobílias da aldeia. Com tamanha quantidade de lucro, ele e Quíloa juntam o triplo do dinheiro da ajuda feita
95 pela D. Penélope para lhe devolver o empréstimo.

(CENA EM CASA DO PATRÃO MATEUS)

QUÍLOA – Posso falar com a tua mãe, a D. Penélope?

LIANORA – A minha mãe faleceu há um mês.

(Após uma pausa de choque, Lianora convida o casal a entrar)

100

QUÍLOA – Sentimos muito. E o teu pai?

LIANORA – Ah... Esse ninguém sabe onde anda. Fechou o restaurante, vendeu alguns bens... Apenas fiquei eu e alguns empregados cá de casa. É o fim da estrada...

105 QUÍLOA – Talvez não seja assim menina. Toma este dinheiro. É todo da tua mãe. Deu-mo para guardar. Aqui está. Assim podes reabrir o restaurante. Sei que és capaz.

LIANORA – Ah, mas... não sei se posso aceitar.

QUÍLOA – Claro que podes... deves. É agora uma ajuda minha, do meu esposo e da nossa filhinha Penélope.

GIVÁ, Carina (Inédito)

LER – COMPREENDER

1. Leste uma linda e comovente peça de teatro.
 - 1.1. Quais as mensagens que ela transmite?
2. Faz o levantamento das personagens da peça.
 - 2.1. Caracteriza cada uma delas quanto ao relevo na acção (principal, secundária e figurantes) e quanto à concepção ou formulação (modelada ou redonda e plana ou tipo).
3. Identifica o tempo representado e o tempo da representação.
4. Qual a intencionalidade do autor? Justifica.
 - a. Crítica;
 - b. satírica;
 - c. lúdica;
 - d. informativa;
 - e. didáctica.
5. Qual a espécie do género dramático em que se insere? Justifica.
 - a. Tragédia;
 - b. comédia;
 - c. farsa;
 - d. tragicomédia;
 - e. drama.
6. Analisa a linguagem utilizada por cada uma das personagens e faz um pequeno comentário

Moçambique tem uma grande tradição no campo da representação teatral. Muitas peças ainda não foram publicadas, tal como é o caso das peças de Santana Afonso. Apresentamos-te, no entanto, um excerto da peça "Pão Amargo" da autoria de Guilherme Afonso.

Texto **F**

TERCEIRO ACTO

INQUILINO – Exactamente!... E diz-me lá: achas que devemos deixar de criticar os corruptos, os oportunistas, porque não falta nunca, nestas coisas, especialmente quando assim convém, quem tome a parte pelo todo?

VISITANTE – Bom, bom... Parece-me que o melhor é não pensares mais em peças, ou, pelo menos, em peças que abordem questões tão sensíveis.. que metam Estruturas, e cooperantes, e governantes... Olha, pela parte que me toca, faz de conta que não te falei nunca em te armares dramaturgo.

INQUILINO – Com tudo isto, não quero dizer que não possa fazer-se alguma coisa. Ou melhor: que não deva fazer-se. Mas o certo é que é preciso pensar muito bem em todos os pormenores, os positivos e os negativos. Até porque uma peça de teatro não vive sem isso: é a acção e a contra-acção, ou reacção, digamos assim. Isto é, uma peça não vive sem os contrastes geradores da tensão dramática. Mas de maneira a sobressaírem sempre, no meu entender, os comportamentos positivos, naturalmente. Ou então, se a intenção for pro-
15 vocar no espectador um sentimento de rejeição, de repúdio, de asco, carregando nos negativos. Penso que também se poderá ir por aí.

VISITANTE (levantando-se) – Pronto, pronto... já chega de teatro... E vão sendo horas...

INQUILINO – Espera aí. Já agora, vais ficar a saber que isto de pensar
20 em escrever peças não nasceu hoje, por causa do concurso. Tenho aí algumas começadas. Mas nenhuma acabada, nem coisa que se pareça. Espera aí.

(O Inquilino abre uma gaveta de uma secretária. Tira de lá uma quantidade de papéis. Procura. Vai pondo algumas folhas de lado)

INQUILINO – Cá está. Isto é uma coisa assim a puxar para a comédia.
25 Mas, como vês (passa uma cópia para o visitante, ficando com a outra), está pouco mais que começada. De resto, creio que o assunto não dará para muito mais. Talvez ficasse bem era como um quadro numa peça de teatro ligeiro, esse a que também chamam de revista. Lê com atenção e prepara-te para representares um dos papéis.

30 VISITANTE – Oh!... Nem penses. Para actor é que eu não tenho mesmo jeito nenhum.

(Entra a mulher do Inquilino com uma garrafa de cerveja e dois copos e com qualquer coisa para acompanhar: amendoim torrado, castanha de caju, bolachas).

35 MULHER DO INQUILINO (colocando o que traz em cima de uma mesinha) – Foi o que se pôde arranjar.

INQUILINO (pegando na garrafa) – Sempre é um bocado melhor que chá sem açúcar.

VISITANTE – Mas para que estás tu a incomodar-te?

40 MULHER DO INQUILINO – Deixa-te disso. É pouco, mas é de boa vontade. Já trago mais uma garrafa.

(Após esta fala, a mulher do inquilino sai novamente. O inquilino e o visitante enchem os copos e bebem uns golos de cerveja)

INQUILINO (agarrando nas folhas de papel) – Vamos lá então a isto.

45 Agora até vai sair melhor, com a garganta molhada.

VISITANTE – Não insistas, pá... Já te disse que não tenho jeito nenhum para isso. Se há coisa que nunca me passou pela cabeça, foi ser actor.

INQUILINO – Qual história!... Actores somos todos nós na própria vida. Uns mais, outros menos, mas a verdade é que todos somos actores fora do palco... alguns grandes actores, até!... E, depois, sabes lá se tens jeito ou

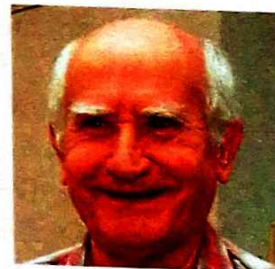
50 não... Já alguma vez experimentaste?

AFONSO, Guilherme, *Pão Amargo*, Alcance editores, Maputo, 2010

Guilherme Afonso (Moçambique) – Nasceu em Portugal em 1929. Veio cedo para Moçambique. Trabalhou no Instituto Nacional de Cinema até 1988, ano em que se aposentou. É autor dos seguintes livros:

Circuito (contos); *Memória inconsumível* (poemas), *Pão Amargo* (teatro), entre outras obras.

Recebeu prémios e menções honrosas pelas suas obras.



LER – COMPREENDER

1. O excerto que acabaste de ler aborda assuntos interessantes que têm a ver com:

- temática das peças de teatro;
- conceito de texto dramático e
- conceito de actor.

Explica, por palavras tuas e com base no texto, o que entendeste sobre os conteúdos acima apresentados.

2. E tu, concordas com as opiniões do autor? Justifica.

PRATICAR

Todos nós somos actores e, mais do que isso, todos somos capazes de escrever uma peça de teatro.

Em trabalho de grupo, escreve uma pequena peça, ensaia-a e representa-a, primeiro na turma e, depois para outros colegas de outras turmas. Bom trabalho!

Texto G

5 **T**amoda, muito novo, dirigiu-se à cidade de Luanda, onde viveu muitos anos. Nesta, trabalhava e estudava nas horas vagas, com os filhos dos patrões e com os criados do vizinho do patrão. Assim, conseguiu aprender a fazer um bilhete e uma cartinha que se compreendia.

No último emprego, na casa de um Doutor que vivia solteiro, quando o patrão se ausentava para o serviço, passava o tempo a decorar e a copiar os vocábulos do dicionário. Aqueles vocábulos que lhe soavam bem.

Já homem e na idade de casar, abandonou a cidade e o emprego e voltou 10 à sanzala que o viu nascer.

Quando desembarcou na estação dos Caminhos de Ferro, sobraçava dois volumes calhamaços e uma pasta de arquivo na mão. Duas maletas e um saco de pano cru branco que, além de outros volumes, foram levados pelos parentes, que, nesse dia, iam ao seu encontro.

15 Em casa, na presença daqueles que o iam saudar, abriu a mala que trazia muitos romances velhos, entre eles um dicionário usado e já carcomido, algumas folhas soltas de dicionários, cadernos garatujados com muito vocabulário, um livro de *Como Se Escrevem Cartas de Amor*; outro de *Manual de Correspondência Familiar* e alguns volumes de leis.



20 O novo intelectual, no meio de uma sanzala em que quase todos os seus habitantes falavam quimbundo e só em casos especiais usavam o português, achou-se uma sumidade da língua de Camões. Ao dicionário apelidava o *ndunda* – termo, aliás, também aplicado, em quimbundo, a qualquer livro volumoso e de consulta.

25 Nas reuniões em que estivesse com os seus contemporâneos, *bundava*¹, sem regra, palavras caras e difíceis de serem compreendidas, mesmo por aqueles que sabiam mais do que ele e que eram portadores de algumas habilitações literárias.

Quando em conversa com moças analfabetas e que mal pronunciavam uma palavra em português, o “literato”, de quando em vez, *lozava* os seus putos. Porém, alguns deles nem constavam nos dicionários da época.

Era um “etimologista” que tinha descido na sanzala!

Quem o aturou mais, nessa sua maneira de se expressar em putos caros, em público, foi a namorada Mufula, com quem mais tarde veio a casar-se.

30 Como da cidade trazia dinheiro e podia pagar a alguém que lhe fizesse o trabalho de obrigação a que certo “morador” estava sujeito a prestar nas lavras dos sobas e de outras autoridades, o “dicionarista” tinha tempo de exhibir os seus fatos, trazidos da cidade.

35 A exibição era feita pelo período da tarde, quando regressava da lavra dos seus pais, e na altura em que, geralmente, todos os lavradores estão de volta dos campos.

Granjeava bastante simpatia dos jovens estudantes. E é nesta classe de “moradores” que os seus putos tiveram terreno propício.

Aguardava pela passagem dos moços quando voltavam da escola. Os 45 garotos ouviam o “mestre” Tamoda com grande interesse. Alguns deles tomavam notas nas ardósias e nas capas dos cadernos do vocabulário que o “mestre” ia ditando. Nem sempre havia tempo de tirar o material para tomar nota dos apontamentos, o que os alunos faziam nas suas coxas ou nos antebraços negros como a cor da ardósia. O ditado era rápido.

50 Nas reuniões juvenis, cada garoto, para mostrar a sua capacidade intelectual, de vez em quando intercalava um vocábulo na conversa, quer tivesse ou não relação com o assunto. Porém, a confusão era tanta que cada um só sabia o que continha a sua folha. A fama do Tamoda, difundida pelos garotos, dominava as povoações, incluindo gente feminina, que, geralmente, não frequentava a escola.

55 Distribuía folhas soltas de dicionário, para serem decorados pelos miúdos e eram encaixadas com mais facilidade que o ditongo, sílaba e adjectivo do professor oficial.

O “mestre” era tão querido pelos petizes que, quando passava, todo ele 60 janota, vestido de calções e camisa bem brancas, meias altas e capacete também da mesma cor do fato, sapatos à praia com lixa, se ouvia o coro dos rapazes que tributavam ao Tamoda:

– *Lungula, Tamoda!... Lungula, Tamoda!*

Tamoda, na cadência das vozes e do sapato a chiar, ia marcando o ritmo com a cabeça e os ombros, muito esticada e sorridente, e *lungulava* como um

65 *kingungu-a-xitu:*

“... ié-ié, ié-ié, ié-ié (o chiar do sapato)... ié-ié, ié-ié...”, que era correspondido com a vozearia dos garotos: “*Lungula, Tamoda! Lungula, Tamoda! Lungula, Tamoda!*”

O “mestre” volteava-se cerimoniosamente para os seus fans com o sorriso a relancear-se-lhe na face, e repetia, pausadamente, em sua voz grossa, as 70 palavras gritadas:

“– *Lungula*, Tamoda!” – ao mesmo tempo que, com o capacete entre os dedos e mal pousado na cabeça, fazia com garbo uma vénia de diplomata.

Os garotos, radiantes com a saudação, mais gritavam:

75 – *Lungula*, Tamoda! *Lungula*, Tamoda!

Às vezes, os garotos acompanhavam o chio dos sapatos com o estribilho de “uá, uákala-uá! Dá-uá, uákala-uá *ngasumbike kiájakuké*...

Tamoda, com uma mão no kimokoto² e outra no capacete girava sobre si e encarava a rapaziada, todo radiante, ao mesmo tempo que estremecia o pé
80 e *cumbuacumbuava*³ sorrindo.

No lar e na rua, os resmungos dos miúdos eram feitos em português do Tamoda, o que criava dissabores aos “estudantes”. Porque os pais e manos que não compreendiam o significado da palavra interpretavam-na como asneira, o que se pagava com uns bons açoites.

85 – Mano Tamoda, a gente quer saber o feminino de muchacho! – perguntaram dois garotos duvidosos e na altura em que o “mestre” saía da cacimba de banho.

– O feminino de muchacho é “muchachala”! – respondeu prontamente o “mestre”, senhor de si e o único a quem se podia consultar nas dúvidas.

90 Os garotos, Kidi e Kuzela, saíram a correr, satisfeitos, para divulgarem o novo vocabulário, a acrescentar aos outros como:

– “Mucama, embasbacado, cavalgadura, cavalgadagem, mequetrefe, caviloso, sundeifulo, cara-baixa, bajoujo, gentiga, jocoso, grageu, vasca, zomorfo, zornar, lamecha, xucro, xéta caduco, panhonho, pacóvio, larápio, man-

95 ganhar, biltre, basbaque, vagabundo...”

Porém, o novo vocábulo de “muchachala” não vigorou muitos dias, porque é parecido com uma palavra em quimbundo: *muxaxala*, que significa sulco nadegueiro ou via rectal.

As rapariguinhas que eram tratadas por “muchachalas”, com o signifi-
100 cado de moça jovem, corriam para se queixarem aos pais, quando elas não podiam sovar os novos “académicos”. Os pais ou manos daquelas não tardavam a aparecer, para fazer contas com os discípulos do Tamoda.

Muxaxala uianhi, inn?! Ja Tamoda-zé!?! Kiene??...inquiriram os pais das garotas. Em seguida, puxãozinho de orelhas, palmadas e umas chicotadinhas bastavam para fazer esquecer o feminino de muchacho.
105

Os moços estavam tão interessados em decorar o dicionário que, na sanzala, as folhas soltas de *jindunda* eram procuradas a todo o custo.

Muitos pais ficaram com os dicionários incompletos, nesta gana de aprender, porque os filhos arrancavam as folhas para as trocar, por 50 a 100
110 castanhas de caju cada folha, com os outros que andavam à procura.(...)

Alguns rapazes, para se não esquecerem do novo vocabulário acabado de ouvir, monologavam baixinho: cachonda-cachondar... cachonda, cachonda, cachonda, cachonda, cachonda, donzela, ninfa, cachonda cachondear, ebiótica, etogenia.

115 – Mano Tamoda, a gente só queria dizer que português de “muchachala” está a dar porrada, então. Estão a dizer que é disparate e mesmo no dicionário não tem...

– Quem é que disse elevíssima patranhosa? – exclamou Tamoda, muito indignado e ofendido. – Vejam lá que muchacharia não está no dicionário?!
 120 Estes dicionários que andam por aí com esses basbaques são infíssima folhagem do ndunda do Doutor onde Tamoda se evidenciara!... Que descoco, que descoco? É chufa! É chufa! Estou metido no vulto de cavalgadas, cambadas de cameliformes!!!

– Vuua, que puto, Tamoda, é chufa, é chufa, grande puto de Tamoda, já
 125 Tamada da Kiá ndunda de Tamoda saiu! Kuene o puto: é chufa, é chufa – imitavam e gritavam os garotos numa algazarra de júbilo, por ouvirem a fluência do “dicionarista” (...)

Quando a professora entrou, sobraçando um volumoso dicionário ilustrado, o silêncio voltou a reinar na aula. A professora fazia a vez do marido,
 130 que se encontrava em Luanda para poucos dias.

– Então, ó Kidi, o que quer dizer *cachondear*?

– É cabecear, sô-psora – disse o garoto muito apreensivo.

– Quem te ensinou este português?

– Nós ouvimos ontem no *sungi*, sô-psora.

135 – De quem?

– Do mano Tamoda, sô-psora...

– Então, para te esqueceres dele, vais levar uma lição.



E o rapaz foi cruelmente apalmatoado e varado.

– Fiquem já avisados – dizia a professora, dirigindo-se para os alunos. –
 140 Não quero palavras do português do Tamoda cá dentro e nem lá fora. E todo o aluno que for denunciado que continua a usá-lo será castigado. E como exemplo está aí o vosso colega. – Kidi ainda choramingava e torcia-se.
 – Nada do português do Tamoda. Em vez de estudarem a matéria da escola passam o tempo a decorarem disparates!...

145 A seguir a esta prelecção, a professora, com a ajuda dos alunos mais crescidos, fez uma busca geral nos livros, pastas, carteiras e bolsos dos alunos. Conseguiu caçar folhas soltas de dicionários, além de cadernos completamente cheios de putos do Tamoda. A última parte da aula limitou-se a isso.

150 Da escola a casa, pelo caminho, os *fans* do Tamoda vinham a comentar a estupidez da professora e o ódio que o “povo-cavalgadagem”, nos dizeres do Tamoda, mostrava contra o “homem de ndunda”.

Nos cadernos que os pais compravam para exercícios, o professor, depois de regressar, encontrou vocábulos que não constavam em nenhum dicionário português. Eram de invenção de Tamoda, e muitos deles de signifi-

155 cação pornográfica.

O Curso do Tamoda foi encerrado. (...)

Uma ocasião, o “mestre do português novo” foi chamado pela autoridade para se identificar. Tinha sido denunciado como um mandrião e sem documentos. Também o facto de alcunhar os cipaios de verdugos ou fintilhos, 160 e os quimbares (regedores) de panaças, de pacaios, criara-lhe antipatia junto das autoridades.

Independentemente disso, os frisos de cabelos que introduzira na gente nova, para ter o cabelo igual ao seu, provocavam queimaduras na cabeça.

A afamada Kikema – processo de fazer frisos – estava tão propagada 165 que os pais, educadores e autoridades sanitárias se viram em apuros para impedi-lo. O culpado disso era o indesejável “professor de português”. (...)

– Senhor desculpa. A gente está a ver só pessoa que passa pessoa-vai, pessoa-que-passa, pessoa que-vai, mas cada veji pode ser nosso filho que não conhece mais a gente. O senhor favor dizer só, se você é de onde é?

170 – Sou cidadão Tamoda, que veio atender petição de Excelência Administrador e Juiz Instrutor, por causa da “facultagem” imponente da craveira sapiencial do Tamoda...

O velho que perguntara ficara na mesma. Apenas “abanava” a cabeça, admirado com a fluência com que o homem falava o português. Os cipaios e 175 outra gente que estavam enchendo a varanda aproximaram-se do homem-culto. Mas Tamoda, mal respondeu, deu de costas e voltou ao seu passeio, cheio de importâncias. (...)

– O senhor é o senhor Domingos João Adão?

– É o sumo Tamoda, criado de você...

180 – Você não, não admito. Eu está a chamar o senhor como é senhor, porque está me dizer Você!? – disse o cabo, muito ofendido.

– Espera, você não é disparatar, quer dizer Vossa Excelência. Ouvei dizer muitas vezes, nas casas dos Doutores que trabalhei você, vossemecê, vossa senhoria, portanto.

185 – Aqui em Catete é quente, o português tem de ficar ainda na trás, vamos o senhor Administrador chamou: mas esses livros não podem entrar com ele.

– Porquê? Desejo desassombrar, croniquizar, elucidar e esclarecer o senhor Administrador nestes livros (batia neles com os dedos, ao de leve).

– Não pode, lá no Luanda está bem, aqui em Catete a gente costuma 190 deixar os livros aqui no banco. Aqui não tem roubador.

Tamoda (este nome é alcunha e gostava muito dele, foi-lhe dado pela rapaziada quando garoto, sete anos, e poucos o conheciam por outro nome) não conseguiu levar o cabo. Pousou o capacete.

LER - COMPREENDER

1. Analisa os aspectos linguísticos e estético-estilísticos presentes.
2. Faz o levantamento dos aspectos cómicos e dramáticos.
3. Caracteriza o ambiente sócio-político em que decorre a acção.
4. Faz uma lista da gíria utilizada no texto.

ESCREVER

1. Intencionalmente, não te apresentámos a conclusão do conto.
 - 1.1. Escreve um pequeno texto que possa servir de conclusão ao conto. Inspira-te na linguagem de Tamoda para que o estilo seja semelhante.
2. Produz um texto dramático que tenha como tema os equívocos de linguagem.
 - 2.1. Encena-o na tua turma.
Essa peça poderá ser aproveitada para festas da tua escola.

Lê agora um excerto de um escritor guineense.

Texto H

Fixei o meu olhar naquele rapaz concentrado, sentado debaixo de um dos raros candeeiros públicos que ainda oferecia a bondosa criação da electricidade, por entre as trevas do Bairro da Sintra-Nema. A sua camisa branca tinha um remendo no ombro esquerdo que tinha sido cuidadosamente cerzido. Os botões eram de cores várias, envaidecendo o branco colarinho, desgastado pelo uso, mas limpinho, como toda a indumentária deste jovem com ar simples. As calças eram de um caqui militar, provavelmente oferecidas por um parente que as conseguiu por entre os monos da manutenção Militar. As sapatilhas não eram *Nike* nem *All Stars*. Provavelmente nem tinham marca, ou talvez fosse difícil identificá-las, tão velhas pareciam e com a sola de borracha completamente desgastada.



O rapaz, curvado sobre si próprio, com os olhos cheios de energia, escrevia desesperadamente, por cima dos seus joelhos, que, por pertencerem a membros bem desenvolvidos, se encontravam à altura ideal em relação aos caixotes contra os quais os pés assentavam a sua pressão. A rua onde se instalara o poste há muito
 15 que tinha deixado de ter alcatrão, mas também não havia que preocupar-se com a poeira, pois os carros tinham também desistido de aí passar devido aos buracos. O rapaz tinha colocado um saco plástico dos Armazéns do Povo debaixo das calças para não as sujar.

O Bairro de Sintra-Nema parecia enterrado na escuridão. Já eram dez da
 20 noite. Na feira de Bandim, distante, de certeza que já só sobravam vultos esfumando-se à volta dos poucos vendedores de cigarros, amêndoas e outras inutilidades, encadeados pela luz das velas de cera. Em Sintra-Nema, nem viva alma nas ruas, mas o som distante de um transístor repercutia as notícias da Radiodifusão Nacional. O quase absoluto silêncio ajudava a concentração do rapaz na escrita.
 25 Os incisivos mordiam o lábio inferior, num gesto elucidativo do momento. Nada parecia perturbar a determinação do que quer que estivesse a ser escrito. Lia assim:

“À Faculdade de Direito, À Atenção do Camarada Director, Nesta.

Assunto: Concurso de admissão para o ano lectivo 1996-97.

30 Conforme o solicitado a todos os candidatos à admissão no vosso ilustre estabelecimento de ensino, venho por esta apresentar as razões que, na minha modesta opinião, fazem de mim um excelente investimento para a Faculdade.

Sou conhecido como capaz de subir um muro de 5 metros sem escadas. A minha resistência física não tem limites. Jogo basquete e mantenho-me em
 35 campo para além do tempo regulamentar. E isto com uma bola de futebol. Todos os dias consigo bater a eficácia dos autocarros da Silô Diata. As minhas costas estão treinadas para dormir num colchão sem molas nem forro, ou seja, os de qualidade superior fabricados pela nossa Fábrica de espuma.

Consigo viver sem água potável e ajudar a carregar com garrações de
 40 dez litros de água numa distância de três quilómetros só para poder cozinhar. Lavo os dentes todos os dias com uma canequinha de água que se assemelha ao copo de chá dos mauritanianos. Consigo utilizar o mesmo tubo de pasta de dentes durante três meses e até vender de vez em quando umas doses aos amigos de passagem.

45 Os meus pais orgulham-se de eu já ter ido ao cinema três vezes na UDIB e ter conseguido arranjar uma cadeira normal para ver *Trinitá*, o *Cowboy Insolente*, que me inspirou para contar estórias sem fim aos miúdos do bairro. A minha capacidade descritiva é tão grande que consegui contar o mesmo enredo dez vezes sem cansar a audiência fiel, que me considera um herói. Sou
 50 capaz de traduzir os palavrões do inglês para o crioulo e até invento alguns, quando necessário.

Conseguí ser preso sem culpa formada, darem-me uma tarefa por uma malvadez que não cometi, passar um dia sem mastigar nem sequer cola, e ainda
 55 emprestar dinheiro e apresentar-lhes a minha irmã, que me pediram para lhes prestável para com os amigos.

Já trabalhei na estiva do Pindjiguiti e com o que me pagaram consegui fazer uma festa que me angariou dinheiro suplementar que utilizei para o clube de defeso
60 local. Toda a gente achou que o gesto era simpático e não entenderam por que não fui logo comprar umas calças *jeans*.

Gosto de ir à discoteca como todo o bissauense que se preza, mas o que merece ser lembrado é que já me
65 viram a dançar sem música quando a electricidade é cortada e que todos me sabem capaz de beber cerveja quente em quantidades que nem os outros conseguem quando está gelada.

O meu quarto está decorado com peças de automóveis que vendo a
70 quem lhes encontrar uso e a minha contabilidade é tão certa que por várias vezes descobri que as minhas contas eram mais correctas que as do banco. Se tiverem dúvidas, posso até mostrar como enganei a alfândega no cálculo do valor de uma mercadorias que um vendedor do Fuka Injai fez importar do Senegal. Claro que o fiz só para testar a minha inteligência.

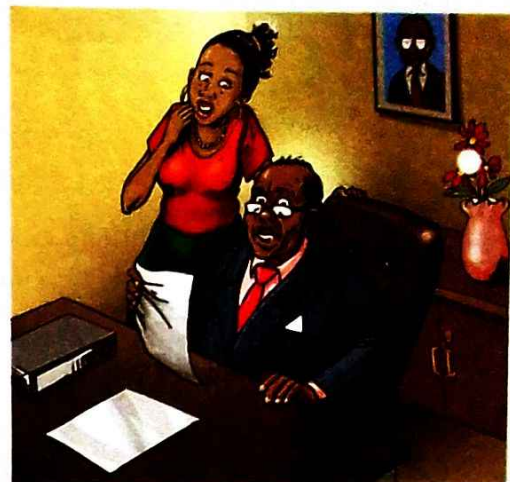
75 Vou todos os sábados ao aeroporto oferecer os meus serviços a quem precise deles e já sou conhecido pelos motoristas que querem que guarde os seus *Pajeros*. Uma vez, com a minha engenhice, consegui abrir sozinho e sem chaves a porta de um desses lindos carros. Também consegui pôr o motor a trabalhar e o carro a andar. Dei só uma voltinha até o avião da TAP chegar e voltei a estacionar
80 no mesmo sítio sem que o dono notasse. Ele até me ofereceu 1000 pesos.

Já andei à porrada sem me magoar, normalmente até escolho os opo-
nentes pois tenho uma capacidade enorme para controlar as situações. Uma vez, no liceu Kwame Nkrumah, escapei ileso por uma janela, sem ninguém perceber como, e nem sequer tive falta disciplinar. Isto porque sou muito
85 estudioso. Esse facto pode ser testemunhado por vários professores. Os que normalmente não estão de acordo são os que tiveram problemas comigo e andaram à batatada sem justificação.

Sempre que vou à Baiana tenho um molho de miúdas à minha volta. Elas consideram-me um intelectual porque escrevo poemas e levo sempre
90 comigo revistas velhas que me oferecem no Centro Cultural. Sou muito politizado. Sempre escolhi o partido único até ao dia em que deixou de o ser. Agora consigo estar de acordo com todos os meus amigos que são de partidos diferentes.

Só ando de táxi por absoluta necessidade. Já não como carne há dois
95 meses. Não conheço o gosto do iogurte de morango. Mas sou campeão de salto em altura. Já consegui saltar todas as peripécias da vida. Com sucesso! Mas ainda não tenho o curso de Direito..."

A luz radiante do poste onde o rapaz se encontrava encostado apagou-se. Corte na zona, pensou. Mas enganava-se o rapaz: era corte geral em toda a
100 cidade. Mais uma traição do Grupo IV da central eléctrica. Esse, visivelmente, precisava também de ser admitido no curso de Direito.



1. Carlos Lopes faz um retrato da Guiné Bissau após a independência, através do olhar e das atitudes de um jovem.
- 1.1. Carlos Lopes denuncia vários problemas que se vivem na Guiné. Faz o levantamento destes problemas.
 - 1.2. E em Moçambique, quais são os problemas que ainda afectam a juventude?
 - 1.2.1. Dá sugestões para acabar com esses problemas.

ESCREVER

Para que possamos viver num mundo melhor, é preciso serem vocês, os jovens, a lutar, usando a palavra, a ciência. Moçambique será assim o mundo maravilhoso que vocês construirão.

Inspirando-te neste jovem, escreve tu também uma carta dirigida a alguém imaginário, denunciando situações de injustiça e corrupção e dando sugestões para que o futuro seja melhor.

SABER MAIS

APRESENTAÇÃO DOS AUTORES:



Agostinho André Mendes de Carvalho é o nome de Uanhenga Xitu. Nasceu a 29 de Agosto de 1924, em Angola. Fez os estudos primários e secundários em Luanda, onde também tirou o curso de enfermagem. Mais tarde, tirou Ciências Políticas na Alemanha.

Foi preso em 1959 e enviado para o Tarrafal, onde permaneceu até 1970.

Após a independência, exerceu em Angola vários cargos, tais como Membro do Conselho da Revolução, Ministro da Saúde, Embaixador de Moçambique na Polónia. É membro da União dos Escritores Angolanos.

Escreveu: *Meu Discurso* (1974); *Mestre Tamoda* (1974); *Bola com Feitiço* (1974); *Vozes na Sanzala* (1976); *O Ministro* (1989); *Cultos Especiais* (1997).



Carlos M. Lopes nasceu em Canchungo, Guiné, em 1960. Doutorou-se em Estudos Africanos em Paris. Tem igualmente graus académicos em Sociologia, História e Planificação Estratégica. Foi assessor de Kofi Anan, anterior Secretário Geral das Nações Unidas. Trabalha actualmente no

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Corte Geral é a primeira obra de ficção de Carlos Lopes (1997).

15

Textos de Pesquisa de Dados

Objetivos Específicos

- Identificar os principais aspectos da pesquisa
- Elaborar uma ficha de leitura e um resumo de comentário

Compreender as principais características da pesquisa de dados e a importância da elaboração de uma ficha de leitura e um resumo de comentário para facilitar o acesso à informação e a análise crítica dos dados.



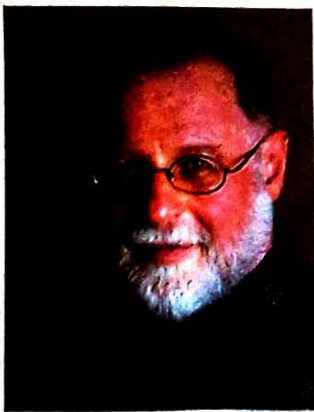
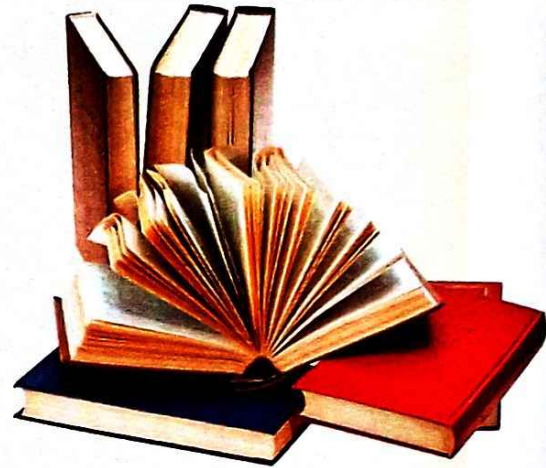
Texto A

P

ERFIL DE UM LEITOR

Há um par de anos, forçado a uma longa imobilidade domici-
liária, encontrei-me inteiramente disponível para fruir¹, de manhã à
noite, dois dos maiores prazeres da minha vida: ler, ler perdidamente,
e ouvir música, até que um zumbido de cansaço me impusesse a opção
5 pelo silêncio. Nesses dias de Inverno, entre as dezenas de livros que
devorei, houve um que em especial me fez companhia, que me serviu
de bordão e de conforto, que me alimentou a imaginação e reconci-
liou com a vida. Digamos que esse livro foi o meu cheque-espe-
rança para um futuro que se adivinhava incerto. Chama-se *Uma*
10 *história da leitura* e foi escrito por um argentino que a certa
altura resolveu naturalizar-se canadiano: o seu nome é Alberto
Manguel e, na semana passada, pelos acasos de uma comemoração
do Dia do Livro, conheci-o à conversa. A conversa foi sobre livros, evidentemente.

Manguel é um homem baixo, de olhar suave e dedos gordinhos. É brilhante, sem ser impo-
15 nente; amável, sem ser melíflu²; elegante, sem ser afectado; inteligente, sem ser ostensivo³. Quando
fala de livros e da leitura, é como se o mundo inteiro coubesse numa lombada, como se, fora desse
circuito iniciático que faz de um leitor um bibliófilo empedernido, quase nada houvesse. E, no
entanto, constantemente, através das suas reflexões sobre a leitura, passa uma visão do mundo e do
lugar que os livros ocupam nele. Não temos tempo para ler, diz, porque nos convenceram que a
20 brevidade é que conta, num mundo movido pelo mito da rapidez e da eficácia.



Recorda uma história hindu: a vida é como um pássaro que
atravessa, de uma ponta a outra, uma sala iluminada. O mundo
moderno tende a elogiar a velocidade do voo; para nós, só conta a
decepção por esse voo ser tão breve.

25 Manguel nasceu em Buenos Aires, em 1948. Aprendeu a ler antes
de ter sido ensinado; e a escrever, mais tarde, por volta dos 7 anos.
Como todos os grandes leitores, acredita, nem que seja por metáfora
poética, no que dizem os antigos textos hebraicos: que Deus criou o
mundo com dez algarismos e 22 letras, e que tudo o que está no mundo
30 pode ser lido e decifrado.

FERREIRA, António Mega, revista *Visão*, 2 de Maio de 2002

Vocabulário: ¹ fruir: gozar, desfrutar; ² melíflu: que corre como o mel, suave, doce, harmonioso; que é doce e agradável por interesse, por manha; ³ ostensivo: que se mostra propositadamente; que se exhibe com aparato.

1. Qual o efeito da leitura sobre o autor do texto?
2. Explica, por palavras tuas, a expressão "circuito iniciático" (l. 17)
3. O que entendes por "bibliófilo"?
4. Qual o argumento, segundo o texto, que é muito utilizado para justificar a falta de leitura?
 - 4.1. Concordas com esse argumento? Justifica a tua resposta.

LER - ESCREVER

Certamente que já foste muitas vezes a uma livraria ou a uma biblioteca. Imagina-te na situação que a seguir descrevemos.

1. Numa livraria ou numa biblioteca, deparas-te com este livro, cuja capa reproduzimos ao lado, que te desperta interesse. Observas a sua capa e identificas três informações presentes na capa do livro:

1. _____
2. _____
3. _____

Não sabes se hás-de ler o livro e tens pouco tempo para tomar uma decisão. Fazes, então, uma actividade de pré-leitura.



SABER MAIS

PRÉ LEITURA

Pré-leitura: recolha de informação, num curto espaço de tempo, sobre um livro, necessária para responder às seguintes questões; "De que trata o livro?"; "Qual é a sua estrutura?"; "Em quantas partes se divide?"

Passos para realizar a pré-leitura de um livro:

- 1.º Lê o título.
- 2.º Lê o subtítulo (se o livro o apresentar).
- 3.º Lê o prefácio (se houver).
- 4.º Lê o índice (ler o índice é tão fundamental como consultar um mapa antes de nos fazermos à estrada).

Prefácio: pequeno texto em que se expõem os motivos, circunstâncias e objectivos que estiveram na origem da redacção da obra.

Índice: listagem de partes de que se compõe uma obra, com indicação da página inicial respectiva, e por uma determinada ordem, que pode ser a da paginação.

5.º Na contracapa, lê o texto do editor que sumariza os pontos essenciais daquilo que é comunicado na obra. (Na contracapa, podemos encontrar também um pequeno excerto da própria obra).

6.º Finalmente, folheia o livro e lê alguns parágrafos ou páginas.

Ficaste interessado no livro e resolveste lê-lo. No final da leitura, vais fazer uma ficha de leitura.

SABER MAIS

1. Fichas de Leitura

1.1. São assim designadas as fichas em que se registam informações bibliográficas completas, anotações sobre tópicos da obra, citações directas, juízos de valor a respeito da obra, resumo, comentários.

Enquanto a ficha bibliográfica contém apenas as informações bibliográficas, necessárias à localização do livro, as fichas de leitura contêm todas as informações sobre um livro ou artigo.

1.2. Tipos

Analítica – contém uma análise sumária da obra ou do artigo, podendo referir, entre outros, estes elementos:

- campo do saber abordado;
- problemas tratados;
- conclusões alcançadas;
- contribuições especiais para o tema;
- métodos utilizados: indutivo, dedutivo, dialéctico, histórico, comparativo;
- recursos empregados: tabelas, quadros, gráficos, mapas.

Entre as suas qualidades contam-se as seguintes:

- brevidade;
- uso de verbos activos;
- ausência de repetições desnecessárias.

De citação – reproduz frases consideradas relevantes num trabalho, que:

- são colocadas entre aspas;
- refere a(s) página(s);
- transcreve textualmente (incluindo erros, que devem ser seguidos pelo termo sic, colocando entre parênteses rectos [sic]).
- indica a supressão de palavras, recorrendo também a parênteses rectos [...];
- completa a frase com elementos indispensáveis à sua compreensão, se for necessário (colocando o acrescento entre parênteses rectos).

De resumo ou de síntese – apresenta um resumo ou uma síntese das ideias principais ou dos aspectos essenciais. Tendo em conta a natureza destes exercícios, lembraremos que esta ficha:

- não é um sumário ou índice;
- não é uma transcrição de frases;
- não é longa;
- não precisa, no caso da síntese, de obedecer à estrutura da obra.

De comentário – é uma interpretação crítica das ideias do autor:

- sobre a forma;
- sobre o conteúdo;
- sobre a clareza ou a obscuridade do texto.

REIS, J. Esteves, *Redacção II*, Porto Editora

2. Resumo e Síntese

O Resumo é uma versão reduzida de um outro texto (fonte) sem alteração do sentido e estrutura.

A Síntese é, também, uma versão reduzida que pode incidir sobre um ou vários textos e apresenta um carácter mais subjectivo do que o resumo, uma vez que quem a elabora:

- selecciona o que, claramente, do seu ponto de vista, é mais significativo, independentemente da importância que lhe é atribuída no texto base;
- tece os comentários que entender necessários;
- ordena a informação como julga mais conveniente.

3. Citações

Podemos definir **citações** como uma forma breve de referência ao trabalho de alguém que nos serviu de modelo. Esta referência é fundamental, pois plagiar trabalhos dos outros é algo punido por lei.

As citações podem ser divididas em:

Citação Directa; Citação Indirecta e Citação de Citação.

• Citação Directa

É a transcrição ou a cópia de um texto, um parágrafo, uma frase ou uma expressão, usando exactamente as mesmas palavras do autor da obra citada.

• Citação Directa até três linhas

Deve ser inserida, no parágrafo, entre aspas. Há duas maneiras possíveis:

1.^a – Importamos o autor para o corpo do trabalho, empregando termos como: **segundo X, de acordo com X, X afirma, X relata, X descreve**, etc., seguido do nome e apelido do autor e, entre parênteses, a data da obra consultada e o número da página.

Exemplo: – O rondel compõe-se de duas quadras e de uma quintilha. Segundo Manuel do Carmo (1919, p.215), "presta-se o rondel aos conceitos galantes e madrigalescos, às gentilezas amorosas e aos sentimentos delicados".

2ª – Importamos a citação para o corpo do trabalho e informamos no fim da citação (entre parênteses).

Exemplo: “Presta-se o rondel aos conceitos galantes e madrigalescos, às gentilezas amorosas e aos sentimentos delicados.” (Manuel do Carmo, 1919, p.215)

• Citação Directa com mais de três linhas

A fonte da qual foi extraída a citação é indicada em nota de rodapé, no final da página, ou do artigo. A numeração no texto da citação deve ser feita de maneira única e consecutiva para todo o trabalho ou para cada capítulo.

A indicação dos dados, no rodapé, deverá estar situada na margem inferior da página, separada do texto por um traço contínuo e com caracteres menores.

Exemplo: CUNHA, Celso, *Gramática do Português Contemporâneo*, Editora Bernardo Alves S.A, Belo Horizonte, 1976, p. XX

• Citação Indirecta

É a transcrição livre do texto, isto é, usamos as nossas próprias palavras para expor a ideia do autor. Podemos, ainda, se o texto for muito longo, interpretar a ideia do autor e fazer uma síntese.

Nesse tipo de citação, não se utilizam as aspas, mas o autor, a fonte e a data da publicação devem ser citados.

Exemplo: Como lembra Martins (1989), o futuro desenvolvimento da informação está cada vez mais dependente de normas.

<http://www.recantodasletras.com.br>,
consultado a 8 de Setembro de 2011

APLICAR

Agora já és capaz de elaborar a ficha de leitura do livro *Corte geral*.

Não te esqueças de indicar nessa ficha:

- as referências bibliográficas;
- o assunto da obra (sumário);
- as informações sobre o assunto da obra (síntese da obra);
- o teu posicionamento em relação ao assunto retratado na obra (comentário).

BURROS & LIVROS

Chama-lhes “biblioburros”. Os animais são baratos, fiáveis, não precisam de gasolina e vão a quase todo o lado. Um homem leva livros em cima de asnos a aldeias porque acredita que, se houver bastantes pessoas a apaixonarem-se pelas histórias, poderá quebrar-se o ciclo de 40 anos de violência entre os guerrilheiros e as forças paramilitares.

Todos os fins-de-semana, Luís Soriano e dois burros carregados atravessam montes e vales no Norte da Colômbia, onde aldeias como El Dificil e El Tormento receberam estes nomes, e bem, porque a única forma de lá chegar é através de trilhos tortuosos.

A missão de Soriano é quixotesca e a carga dos burros é preciosa: caixotes com 160 livros destinados às aldeias isoladas, onde os residentes não têm virtualmente acesso à leitura, para além de alguns textos da escola primária, em folhas já marcadas por muitas dobras, e Bíblias.

Há cinco anos, esta biblioteca itinerante, a que Soriano chama “biblioburros”, é a única nesta pobre e remota zona rural.

“As pessoas daqui adoram histórias”, diz Soriano, de 32 anos, antigo livreiro de uma aldeia do estado da Magdalena. “E eu tento, à minha maneira, manter vivo esse entusiasmo.”

Soriano apaixonou-se pelos livros aos seis anos e licenciou-se em literatura Espanhola depois de ter estudado com um professor que se deslocava à aldeia duas vezes por mês. Esta paisagem rude, onde viveu toda a sua vida, poderá fazer despistar qualquer meio de transporte com rodas, enquanto os animais, penosamente, lá vão progredindo.

“Os animais são baratos, fiáveis, não necessitam de gasolina e podem ir praticamente a todo o lado”, observa.

Numa pasta vermelha, Soriano guarda uma lista dos títulos que os aldeãos pedem com maior frequência. Embora a sua biblioteca itinerante inclua romances, histórias e textos medicinais, os livros mais populares são as histórias infantis com acontecimentos incríveis, em locais improváveis, onde os animais se assemelham aos homens e são os heróis. Talvez seja por isso que Soriano e os seus burros se enquadram tão bem aqui.

Antes da sua volta semanal, à noite, Soriano coloca os livros em bolsas de plástico individuais, fechadas em capas de lona. Arruma as capas em pacotes do tamanho de pastas, aconchegando-as em caixotes de madeira que prende nas selas dos burros. Soriano tem apenas duas regras para quem quer livros:



40 lavar as mãos e não escrever nas páginas. Ele sabe quem levou este ou aquele livro, mas declara confiar mais no sistema da honestidade.

“Talvez seja uma das únicas bibliotecas do mundo onde as pessoas vêm com as suas mochilas e não são controladas à saída”, observa Soriano.

Antigamente, Soriano levava uma vida mais normal, pois era dono de
45 uma loja de abastecimento e tinha uma família para criar. Lia por prazer e tinha em casa uma biblioteca com cerca de 80 volumes. Depois, começou a emprestar os seus livros, vasculhando, pedindo e emprestando para obter mais. Acabou por aumentar a colecção para 4800 livros. A sua mulher, Diana, estava cada vez mais desesperada com falta de espaço para criar os três filhos. “Ela
50 costumava perguntar-me: O que vais fazer, comer livros com arroz?”, conta Soriano.

Há três anos, Soriano encontrou um patrocinador. Addis Marilyn, director da biblioteca municipal de Santa Marta, uma cidade a cerca de 300 quilómetros, situada na costa das Caraíbas, ouviu falar do que ele fazia e convidou-o para
55 trabalhar como uma sucursal sua. Aproveitando a ideia de Soriano, Marilyn patrocinou outros dois projectos de “biblioburros”. Actualmente, os três partilham um orçamento que ronda os sete mil dólares (5700 euros).

Soriano diz não ter tido sorte ao pedir ajuda às autoridades locais para montar uma biblioteca decente, mas o governo nacional interessou-se mais.
60 Ainda há pouco tempo, um senador propôs-lhe criar uma rede de bibliotecas transportadas por burros para todas as zonas rurais da Colômbia.

Para se preparar para esta viagem, uma jornada de três horas até à aldeia de las Planadas, além dos livros, Soriano embalou também 40 máscaras de porquinho que conseguiu obter com a ajuda de Marilyn. Pretende distribuí-las
65 às crianças da aldeia antes de estas lerem “Os três Porquinhos”. Como idealista que é, Soriano pensa que, se houver bastantes pessoas a apaixonarem-se pelas histórias, poderá quebrar-se o ciclo de 40 anos de violência entre os guerrilheiros e as forças paramilitares.

Os soldados paramilitares, que alegadamente usam os lucros da venda
70 de droga para financiar um sistema de intimidação e ameaças de morte, controlam grande parte das aldeias da região. Mas Soriano diz que ele e os seus burros se mantêm afastados de tudo isso e, em troca, os militares respeitam-no. Muitas das crianças não sabem ler, por isso, ele ensina-as frequentemente. Por vezes, também ensina os pais.

75 Alberto Mendoza, de 11 anos, ajoelha-se juntamente com os outros. A sua família, ao contrário das restantes crianças, tem um livro em casa. “Temos um livro”, declara. “A Bíblia”.

Numa visita anterior, Soriano mostrara a Alberto um livro ilustrado sobre um filhote de urso que passa uma tarde inteira a construir castelos na
80 areia e a regar um jardim cheio de flores com o seu avô. Hoje, esse mesmo livro encontra-se pendurado numa árvore. Quando Soriano termina a história e diz às crianças que podem escolher os livros que querem, Alberto corre para a árvore e agarra o livro do ursinho antes que alguém consiga lá chegar.

O texto refere-se a uma biblioteca diferente daquelas a que estás habituado.

1. Elabora um esquema com as diferenças e semelhanças entre as duas bibliotecas (a tradicional e esta).
2. Comenta o título desta reportagem.
3. Luís Soriano é o protagonista desta história.
 - 3.1. Indica três adjectivos que descrevem a sua personalidade.
 - 3.2. Ele é considerado um idealista.
 - 3.2.1. O que é para ti um idealista?
4. O texto termina com um pequeno episódio.
 - 4.1. Reconta-o.
 - 4.2. O que terá levado o jornalista a terminar a reportagem com este pequeno episódio?

FUNCIONAMENTO DA LINGUA

ORAÇÕES RELATIVAS E ORAÇÕES COMPLETIVAS

1. Orações subordinadas adjectivas relativas

1.1. Definição

São introduzidas por um pronome relativo e caracterizam (explicando ou especificando o sentido) um antecedente (substantivo ou pronome) presente na oração principal. Desempenham, pois, a função de atributo, própria de um adjectivo.

A) Explicativas

- são isoladas por vírgulas;
- podem ser retiradas da frase, sem alterarem o sentido da oração subordinante;
- funcionam como um parêntesis, uma informação adjacente relativamente ao antecedente.

Exemplo:

Os alunos, que eram estudiosos, foram ao passeio.

1.2. Tipos de orações adjectivas relativas.

1.2.1. Relativas Adjectivas Restritivas: estas orações limitam o sentido do antecedente e são indispensáveis ao sentido da frase, daí não serem isoladas por vírgulas.

Exemplo: As pessoas que são felizes não sabem o que têm.

Nota: A oração sublinhada pode ser substituída por um adjectivo ou por um participio adjectivo: As pessoas felizes não sabem o que têm.

1.2.2. Relativas Adjectivas Explicativas: estas orações fornecem informação acessória, daí que possam ser suprimidas sem que o sentido da frase se altere.

Exemplo: As pessoas, que eram simpáticas, foram ao teatro.
O aluno, que se chamava João, ganhou o prémio de leitura.

Nota: A supressão da oração "que se chamava João" não altera fundamentalmente o sentido à frase.

Orações subordinadas substantivas

Exemplo: Quem não gostou da atitude do João foi a professora.
A decisão foi tomada por quem se esperava.

Nota: Estas orações desempenham funções sintácticas próprias dos nomes: a 1.ª, a função de sujeito, e a 2.ª, de complemento agente da passiva, daí a designação de orações substantivas.

2.1. Orações subordinadas adverbiais

Exemplo: Um bom leitor chega aonde a imaginação o leva.

Nota: Esta oração desempenha funções sintácticas próprias dos advérbios, daí a designação de adverbial.

As orações subordinadas adverbiais podem dividir-se em:

- 2.1.1. Orações subordinadas adverbiais causais.
- 2.1.2. Orações subordinadas adverbiais temporais.
- 2.1.3. Orações subordinadas adverbiais finais.
- 2.1.4. Orações subordinadas adverbiais condicionais.
- 2.1.5. Orações subordinadas adverbiais concessivas.
- 2.1.6. Orações subordinadas adverbiais comparativas.
- 2.1.7. Orações subordinadas adverbiais consecutivas.

3. Orações subordinadas substantivas completivas

Estas orações completam o sentido da oração subordinante, são introduzidas por uma conjunção integrante e desempenham as funções sintácticas de complemento directo, sujeito ou outras.

Exemplo: A professora disse que iria projectar um filme. – complemento directo.
Seria importante que acabasse a guerra. – sujeito.

APLICAR

1. Nas frases seguintes, sublinha a oração subordinada e classifica-a.
 - a. O livro que me ofereceste era muito interessante.
 - b. O João disse que estava a estudar na biblioteca da escola.

BIBLIOGRAFIA

ÁFRICA 4 (1979), *Literatura, Arte e Cultura*, volume 1, n.º 4, revista trimestral, Abril-Junho, Lisboa, África Editora

ANDRADE, Mário de (1970), *Antologia Temática da Poesia Africana 2 (O canto armado)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora

AZEREDO, M. Olga *et alii* (2007), *Gramática Prática de Português*, Lisboa, Lisboa Editora

COELHO, Jacinto Prado (1979), *Dicionário da Literatura*, volume II, 3.ª edição, Porto, Figueirinhas

CRAVEIRINHA, José (1995), *Karingana ua Karingana*, 3.ª edição, Associação dos Escritores Moçambicanos, Maputo, Instituto Nacional do Livro e do Disco

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1994), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 10.ª edição, Lisboa, João Sá da Costa Editora

ECO, Humberto (1998), *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*, 7.ª edição, Lisboa, Presença

FERREIRA, Alzira Castro *et alii* (1986), *Seleção Temática de Poesia Angolana*, Maputo, Edição da Universidade Eduardo Mondlane

FERREIRA, Manuel (1985), *No Reino de Caliban III*, Lisboa, Plátano Editora

FERREIRA, Manuel (1986), *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, volume I, 2.ª edição, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve

LOPES, Victor da Silva (1988), *Iniciação ao Jornalismo*, 7.ª edição (actualizada)

PEREIRA, M. I. A. (2000), *Escrever em Português. Didácticas e Práticas*, Porto, ASA

REI, J. Esteves (1995), *Curso de Redacção I – A Frase*, Porto, Porto Editora

REI, J. Esteves (1995), *Curso de Redacção II – O Texto*, Porto, Porto Editora

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar (1996), *História da Literatura Portuguesa*, 17.ª edição, Porto, Porto Editora

EXAMES RESOLVIDOS

PORTUGUÊS 12^a CLASSE

- ✓ Provas oficiais de exame de 2000, 2001, 2002 e 2003
- ✓ Guias de correcção respectivos
- ✓ Cotações oficiais de cada questão

Edição autorizada pelo
Ministério da Educação

plural
editores

Exames Resolvidos – Biologia 12.^a classe

Com a publicação dos "Exames Resolvidos" pretendemos disponibilizar um instrumento que ajudará o aluno a preparar não só o exame de admissão à Universidade e os exames da 12.^a classe, como as avaliações que vai fazendo ao longo do ano. A resolução de exames é fundamental porque familiariza com a sua estrutura, bem como com o tipo de questões que os constituem. Permite avaliar o que o aluno sabe e ajuda-o a sistematizar os conhecimentos.



DICIONÁRIO LÍNGUA PORTUGUESA

Dicionário da Língua Portuguesa

O **Dicionário da Língua Portuguesa** é o dicionário recomendado para os estudantes do ensino secundário. Com mais de 55 000 definições de vocabulário actual e cerca de 3000 exemplos e frases idiomáticas, é uma ferramenta de trabalho e um auxiliar de estudo indispensável. É, sem dúvida, uma obra fundamental, editada pela Plural Editores/Porto Editora, especialista em Dicionários.

12.^a
classe

Língua Portuguesa

Maria Emília Morais
Filipe Macie

Outros títulos disponíveis para a 12.ª classe

- Matemática
- Biologia
- Física
- Química
- Geografia
- TIC
- Inglês
- História
- Introdução à Filosofia
- Francês

PLURAL
EDITORES

www.pluraleditores.pt

ISBN 978-998-611-247-9



09461.50

